HISTÓRIA da REFORMA

1

do SÉCULO DÉCIMOSEXTO

JEAN HENRI MERLE-D'AUBIGNÉ

Copyright © 2024. Empresa de Publicações Luz del Mundo.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, incluindo fotocopias, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto no caso de citações breves incorporadas em artigos e resenhas críticas. Consulte todas as perguntas pertinentes ao editor.

ISBN: 200-2-85533-777-2

Catalogação em Dados de Publicação

Editado por: Light of the World Publications Company Ltd.

Reproduzido em Torino, Italia

Impresso no: Light of the World Publications Company Ltd

P.O. Box 144, Piazza Statuto, Torino, Italia

"Lux Lucet in Tenebris"

A Luz brilha nas Trevas

Light of the World Publication Company Limited

A Luz do Mundo

P.O. Box 144 Piazza Statuto, Turin, Italy

Email: newnessoflife70@gmail.com

HISTÓRIA

DA

REFORMA

DO DÉCIMO SEXTO SÉCULO

POR J. H. MERLE D'AUBIGNÉ.

Chamo accessorio o estado das cousas desta vida caduca e transitoria. Chamo principal o governo espiritual no qual brilha soberanamente a providencia de Deus." ---

TEODOSIO DE BEZE

Primeiro Volume.

SÃO PAULO,

CASA EDITORA PRESBITERIANA

MDCCCCLI

Esta página foi intencionalmente deixada em branco.

PREÂMBULO

Esta edição foi reproduzida por Light of the World Publication Company Ltd. Este livro pretende esclarecer sobre as verdadeiras controvérsias em jogo, refletidas em contendas inabaláveis e múltiplos dilemas morais. O relato e as ilustrações são especialmente concebidos e incorporados para edificar o leitor sobre desenvolvimentos pertinentes nas esferas histórica, científica, filosófica, educacional, religioso-política, sócio-económica, jurídica e espiritual. Além disso, padrões e correlações claros e indiscutíveis podem ser discernidos onde se pode perceber o trabalho em rede, a interligação e a sobreposição de escolas de pensamento antitético, mas harmonioso.

A longa trajetória de coerção, conflito e compromisso da Terra preparou a plataforma para a emergência de uma Nova Era. Perguntas quentes assistem ao advento desta nova era antecipada, acompanhada das suas superestruturas, sistemas de governança, regimes baseados em direitos e ideais de liberdade e felicidade. Cheio de decepção básica, repressão estratégica e objetivos da nova ordem mundial, este e-livro conecta os pontos entre as realidades modernas, os mistérios espirituais e a revelação divina. Traça o progresso cronológico da catástrofe nacional para o domínio global, a destruição de um sistema antigo e a forja de um novo; sucintamente iluminando o amor, a natureza humana e até mesmo a intervenção sobrenatural.

Repetidas vezes, acontecimentos marcantes moldaram o curso da vida e da história, ao mesmo tempo prefigurando o futuro. Vivendo em tempos de grande turbulência e incerteza, o futuro tem sido pouco compreendido. Felizmente, este trabalho permite uma visão panorâmica do passado e do futuro, destacando momentos críticos do tempo que se desenrolaram em cumprimento da profecia.

Embora nascidos em condições pouco prometedoras, afligidos em cadinhos cansativos, vários indivíduos resolveram, perseveraram na virtude e selaram a sua fé, deixando uma marca inefável. As suas contribuições moldaram a modernidade e pavimentaram a estrada para uma maravilhosa culminação e mudança iminente. Portanto, esta literatura serve como inspiração e ferramenta prática para uma compreensão penetrativa e profunda por trás do manto do questões sociais, religião e política. Cada capítulo narra tanto sobre o mundo como sobre a condição humana, envolta em trevas, envolvida em confrontos aguçados e impulsionada por sinistras e ocultas agendas e segundas intenções. Aqui, estes estão expostos de forma desavergonhada à vista plana. No entanto, cada página irradia com resplandecentes raios de coragem, libertação e esperança.

Em última análise, é nosso desejo fervoroso que cada leitor experimente, cresça para o amor e aceite a verdade. Num mundo permeado de mentiras, ambiguidade e manipulação, a verdade permanecerá para sempre como o anseio quintessencial da alma. A verdade gera vida, beleza, sabedoria e graça; resultando num propósito renovado, com vigor e uma transformação genuína, embora pessoal, em perspetiva e vida.

INDICE

LIVRO I. ESTADO DE COUSAS ANTES DA REFORMA 10
CAPÍTULO I. 10
CAPÍTULO II 22
CAPÍTULO III 28
CAPÍTULO IV 35
CAPÍTULO V 41
CAPÍTULO VI 51
CAPÍTULO VII 63
CAPÍTULO VIII 71
CAPÍTULO IX 80
LIVRO II. JUVENTUDE, CONVERSÃO E PRIMEIROS TRABALHOS DE LUTERO. 1483 – 1517 88
CAPÍTULO I 88
CAPÍTULO II 97
CAPÍTULO III 103
CAPÍTULO IV 110
CAPÍTULO V 120
CAPÍTULO VI 124
CAPÍTULO VII 131
CAPÍTULO VIII. 136
CAPÍTULO IX 144
CAPÍTULO X 148
CAPÍTULO XI 153
LIVRO III. AS INDULGENCIAS E AS TESES. 1517 — MAI0 DE 1518 160
CAPÍTULO I 160
CAPÍTULO II 168
CAPÍTULO III 174
CAPÍTULO IV 177
CAPÍTULO V 183
CAPÍTULO VI 193
CAPÍTULO VII 201

CAPÍTULO VIII 207
CAPÍTULO IX 213
CAPÍTULO X 222
CAPÍTULO XI 227
LIVRO IV. LUTERO ANTE O LEGADO. MAIO A DEZEMBRO DE 1518 236
CAPÍTULO I 236
CAPÍTULO II 243
CAPÍTULO III 250
CAPÍTULO IV 257
CAPÍTULO V 262
CAPÍTULO Vl 270
CAPÍTULO VII 277
CAPÍTULO VIII 281
CAPÍTULO IX 286
CAPÍTULO X 295
CAPÍTULO XI 300

ÍNDICE DETALHADO

LIVRO I. ESTADO DE COUSAS ANTES DA REFORMA

CAPÍTULO I

O cristianismo — Dois princípios essenciais — Um novo poder de Roma' — Sua influência — Unidade da igreja — Unidade exterior — Primazia de.S. Pedro — Patriarcados — Cooperação dos princípios — Os 'bárbaros —Os Francos — Carlos Magno — As decretais — Desordens de Roma — Hildebrando — Celibato — Luta com o império — Cruzadas — Sujeição.

CAPÍTULO II

Corrupção da doutrina — A graça e a fé — O pelagianis-me — A salvação nas mãos dos padres — As peni-tencias — Tesouro supererogatório — Purgatório e tara — Jubileus Consequencias — Luz nas trevas.

CAPÍTULO III

Estado antes da reforma — Relíquias — Risadas da páscoa — Costumes — Os padres — Confusão — Bispos e papas — Uma família de papas — os Bárg:as Ignorancia Ciceronianos.

CAPÍTULO IV

Natureza imortal do cristianismo — Duas leis de Deus — Triunfo de Roma — Tríplice oposição — Reis e povos — Transformações da igreja — Descobertas dos reis —Frederico ❑ Sábio.

CAPÍTULO V

Descobertas dos povos — O império — Paz — Terceiro estado — A Alemanha e Roma — A paciência dos Germanos — Fermentação — Suiça Oposição nas cidades — As montanhas — Itália — Obstáculos — Espanha — Submissão à igreja — França — Francisco 1 — Países Baixos — Inglaterra — Escossia — O norte — Russia — Polonia — Boernia — Hungria.

CAPÍTULO VI

Teologia Escolástica — Restos de vida — Justificação pela fé — Cláudio — Os místicos — Os Valdenses — Valclo — Wicliff — H USS - Predições — O protestantismo no catolicismo Arnoldi — Utenheim — Martinho — Oposição de Roma — Conecte — Crayn Institoris — Savonarola — Justificação pela fé — Vitraire — Laillier — Wesalia — Goch Wessel — A Reforma antecipada — Os irmãos boêmios — Profecia de Proles — Profecia de Hilten.

CAPÍTULO VII

Terceira preparação — Renascimento das letras — Recordações da antiguidade na Itália — Influência dos humanistas — Cristianismo de Dante — Vala — Incredualidade na Itália — Filosofia Platónica — Começo de instrução na Alemanha — Jovens estudantes — Imprensa — Caracteristios da literatura Alemã — Os sábios e os escolásticos — Um novo mundo — Reuchlin — Reuchlin na Itália — Seus trabalhos — Sua influen-- cia na Alemanha — Misticismo — Contenda com os dominicanos,

CAPÍTULO VIII

Erasmo — Erasmo canonista em Paris — Seu genio — Sua influência — Cometimento popular — Encomio da Lou-cura — Motefos — Eclesiásticos — Santos, Loucura e os papas — Cometimento contra a ciencia — Princípios —Novo Testamento grego — Sua profissão de fé — Seus trabalhos e sua influência — Seus erros — Dois partidos — Reforma sem violencia — Seria isso possível? — Igreja não reformada — Sua timidez — Sua indecisão — Erasmo perde a influencia para com todos os partidos.

CAPÍTULO IX

Os nobres — Hütten — Cartas de alguns homens obscuros — Seu efeito — Fim de Hütten— Sickingen — Luta à espada — Cromberg --Literatura popular — Hans Sachs — Fermentação geral — Espectativa.

LIVRO II. JUVENTUDE, CONVERSÃO E PRIMEIROS TRABALHOS DE LUTERO. 1483 - 1517

CAPÍTULO I

Origem de Lutero — Seus pais — Seu nascimento — Po-breza — A casa paterna — Rigor — A escola — Miseria — Panem propter Deum — A Sunamites — Recordação Trebonius.

CAPÍTULO II

A universidade — Piedade de Lutero — Descobrimento da Bíblia — A Bíblia — Predição do velho padre — Lutero mestre em ciências — Morte do Aleixo — O raio — Nova direção — Entrada no convento.

CAPÍTULO III

Exasperação de seu pai — Trabalhos servis — Cum sacco per vicitatem — Sancto Agostinho — AEscritura Sagrada — Devoção — Angústias — A missa — Práticas inúteis — Lutero desfalecido.

CAPÍTULO IV

Homens piedosos nos conventos — Staupitz — Ele acha Lutero — Conversações — A graça de Cristo — O ver-dadeiro arrependimento — A eleição — A Providên-cia — A Bíblia — O velho frade — A emissão dos pecados — Consagração — O jantar — Festa do Corpo de Deus — Vocação para Wittemberg.

CAPÍTULO V

Wittemberg Escolasticismo e teologia — Ensino bíblico — Lutero receioso de pregar — Ele prega.

CAPÍTULO VI

Viagem a Roma — Os conventos da Itália — Chegada a Roma — Júlio II — Superstição e profanação — Lu-teroescandalizado — Aversão aRoma — Estados— Escadade Pilatos — A justificação pela fé — Declaração de Lutero — O artigo que permanece.

CAPÍTULO VII

Querem fazer a Lutero doutor — Lutero recusa — Juramento de Lutero à Escritura — deste juramento — A Palavra de Deus é da reforma — Guerra contra Aristóteles — Lutem e Reuchlin. Carlstcdt Influências o princípio Spalatin —

CAPÍTULO IX

Feldkirchen — O livrearbítrio e a graça — Viagem à Mis-fia e à Turingia — Perturbações e paz — Resultados da viagem — Trabalhos — Peste.

CAPÍTULO X

Relações de Lutero com o eleitor — Conselhos — O duque Jorge — Seu caráter — Lutero prega em Dresde — Um jantar na corte — Urna ceia em casa de Emser.

CAPÍTULO XI

O livre arbítrio — Teses — Natureza do homem — Racionalismo — Erfurt consultada — O doutor Eck — Regius — Remessa das teses a Eck — Modéstia de Lutero.

LIVRO III. AS INDULGENCIAS E AS TESES. 1517 — MAIO DE 1518

CAPÍTULO I

Os vendedores de indulgências Tezel — Suas pregações — Os compradores — Quatro graças por dinheiro --- Mercado — Penitência pública — Urna carta de indulgência — Contas e devassidões.

CAPÍTULO II

Cenas diversas — O sapateiro de Haguenau Micônio — Ele busca a indulgência — Ele suplica — Astúcia — Discurso — Censuras — Papel-moeda — Murmúrios.

CAPÍTULO III

Leão X — Suas necessidades — Alberto — Seu caráter — Franciscanos, Agostinhos ou Dominicanos?

CAPÍTULO IV

Tezel se aproxima — Lutero no confessionário — Lutero não forma nenhum plano — Fábula de rivalidade en-tre as ordens — Lutero prega — Sonho do eleitor — O frade e o leão — A pena.

CAPÍTULO V

Lutero corno teólogo —Afestade todososSantos — Teses— Aremissão livre dospecados — Força das teses —Moderação — Providência — Carta ao arcebispo — Admoestação — indiferença dos bispos — Disseminação das teses — A consciência pública.

CAPÍTULO VI

Reuchlin — Erasmo — Flek Bibra — O Imperador — O papa — Efeito das teses em Micónio — Sensação universal — Receios — Desaprovações — Defesa de Lutero Lutero só — Sua ânsia — Seus motivos.

CAPÍTULO VII

Ataque de Tezel — Resposta de Lutero — Apoios de Lutero — Spalatin — Estudo da Escritura — O secretá-rio de Nuremberg — Lutero pleiteia peio povo — Lie pede um hábito.

CAPÍTULO VIII

Contenda erre Francfort — Teses de Tezel — Oposição de Knipstro-u; — A questão do papa — Clamores gerais —Paz de Lutero — Teses de Tezel queimadas Pezar de Lutero — Colera do bispo.

CAPÍTULO IX

O censor romano — Aautoridade na igreja — Grosserias do censor — Sistema da reforma — Os príncipios da reforma — Roma — O monaquismo e a reforma — Lutero a Hochstraten — Eck — Os Obeliscos — Sentimentos de Lutero Os Asteriscos — Rompimento entre a velha e a nova ciência.

CAPÍTULO X

Escritos populares -- A oração — Pai nosso — O pão de Deus — Sermões sobre o arrependimento — O perdão vem de Cristo — Todo o fiel o pode anunciar.

CAPÍTULO XI

Viagem a Heidelberg — A pé e de carro — O castelo Palatino — Os Paradoxos — Controvérsia — Martinho Bucer — João Brenz Ehrhad Snepf — Trabalhos destes jovens doutores — Lutero animado — Seu antigo mestre.

LIVRO IV. LUTERO ANTE O LEGADO. MAIO A DEZEMBRO DE 1518

CAPÍTULO I

Explicação das teses — O papa — É preciso urna reforma — Lutero dirige-se a seu bispo — Lutero dirige-se ao papa — Aprova ou reprova Lutero ao vigário geral —O papa ao eleitor Lutero prega sobre a excomunhão — Influência de Lutero — Sua força.

CAPÍTULO II

Dieta de Augsburgo — O imperador ao papa; o eleitor a Rovere Lutero chamado a Roma — Intercessão da universidade — Ordens do papa — Excomu'nhão e desterro — Procedimentos iníquos — O papa ao eleitor —Conjuração.

CAPÍTULO III

O armeiro Sclztvarzed — Filipe Melancton — Seus estudos — A Bíblia — Chamada a Witemberg — Engano e admiração — Lutero e Melancton — Revolução no ensino — Influência mútua dos dois doutores.

CAPÍTULO IV

Sentimentos de Lutem e de Staupitz — Ordem de conparecer — Temores e intrepidez — Lutem parte a pé Lutero em Weimar — Lutero em Nuremberg — Chegada a Augsburgo.

CAPÍTULO V

O legado Tomaz de Vio, por apelido Cajetan, ou Caetano — Visita de Serra Longa — Dialogo — Visitas de amigos — Um salvo-conduto - Volta de Serra—Longa — O novo Erostrato — Debaixo do ceu — O salvo-conduto — Lutem e Melancton.

CAPÍTULO Vl

Primeiro comparecimento — Três artigos de Roma —Duas proposições a retratar — Sua importância para Roma — Debate entre Lutero e de Vio — Cólera do cardeal — Lutero retira-se — Staupitz desliga Lutero.

CAPÍTULO VII

Segundo comparecimento — Declaração de Lutero — O legado teme as formas — Volubilidade do legado —Apreensão de Lutero.

CAPÍTULO VIII

Teceiro comparecimento — Os merecimentos dos santos — A fé do justo — Lutero apela para a constituição —De Vio confuso — Retrata-te, ou não voltes mais.

CAPITULO IX

Perigo — O cardeal e Staupitz Staupitz e Lutero — Lutero a seus amigos de Wittemberg — Comunhão em Augsburgo — Entrevista. de Link e do legado -- Lutero ao legado — Condescendência — • Silêncio do legado — Despedida de Luteró ao legado — Partida

CAPÍTULO X

Fuga de Lutero — A Alemanha vingada — Volta a Witemberg — O legado ao eleitor — Lutero ao eleitor — Ele escolhe o desterro — O eleitor o protege.

CAPÍTULO XI

Lutero prepara-se para partir — A França — Refeição de despedida — Momendo crítico — Coragem de Lutero — Bula em favor das indulgências — Apelação para um concílio geral — Nova fase.

LIVRO I. ESTADO DE COUSAS ANTES DA REFORMA

CAPÍTULO I.

O cristianismo — Dois princípios essenciais — Um novo poder de Roma' — Sua influência — Unidade da igreja — Unidade exterior — Primazia de.S. Pedro — Patriarcados — Cooperação dos princípios — Os 'bárbaros —Os Francos — Carlos Magno — As decretais — Desordens de Roma — Hildebrando — Celibato — Luta com o império — Cruzadas — Sujeição.

O mundo enfraquecido desfalecia em suas bases quando apareceu o cristianismo. As religiões nacionais, que haviam sido suficientes aos pais, não satisfaziam já aos filhos. A nova geraçàò não podia conformar-se com as antigas formas. Os deus de todas as nações, concentradosem Roma, tinhamperdidoseusoráculos,assimcomo ospovossualiberdade. Postos frente a frente no Capitólio, destruiram-se mutuamente; as divindades desapareceram. Um grande vasió se notava na religião do mundo. Formou-se entre os homens, e o mundo, espantado, con-templou nos discípulos do Galileu uma pureza, uma abne-gação, uma caridade, um heroismo, de que até já tinha perdido a idéia.

Dois principias distinguiam sobretudo a nova religião de todos os sistemas humanos, que ela dissipava com sua presença. Um referia-se aos ministros do culto, o outro às doutrinas.

Os ministros do paganismo eram quase os deuses dessas religiões humanas. Os sacerdotes egipeios, gaulezes, germânicos, bretões, hindus, cruiaram os povos enquanto estesestiveramnaignorancia.. JesusCristo estabeleceu, semdúvida, umministério; mas não fundou um sacerdócio particular mediador entre Deus e o homem: ele destronou os sacerdotes, esses idolcis vivos das nações, destruiu uma gerarquia soberba, tirou ao homem o que este havia tirado a Deus, e pos a alma em contato imediato com a fonte divina da verdade, proclamando-se único Mestre, e único Mediador. "Cristo só é vosso Mestre, e todos vós outros sois irmãos". S. Matt. 23:8. Quanto à doutrina, as religiões humanas ensinaram que a salvação procede do homem. Assim as religiões da terra criaram uma salvação terrestre: disseram que o céu seria dado como um salário; fixaram-lhe o preço, e que preçol A religião de Deus ensinou que a salvação vem de Deus, que é uma dádiva celeste, que procede de uma anistia, de uma graça do Soberano. "Deus, disse ela, deu a vida eterna". 1 João 5:11.

É certo que o cristianismo não pode resumir-se nestes dois' pontos, porém eles parecem dominar o assunto, so-bretudo quando se trata da história [1]. E, na impossibilidade em que nos .achámos de acompanhar a oposição entre a verdade e o erro em todas as suas relações, temos que escolher as mais salientes. Estes dois eram pois os princípios constitutivos da religião que então tomava posse do império e do mundo. Com eles estamosnosverdadeirostermosdo cristianismo;

semelescristanismo desaparece. De sua conservação ou de sua perda dependia sua queda ou sua grandeza.

Um certo deismo, baldo de espirito e vida, flutuou por algum tempo sobre o abismo em que se haviam submergido as rigorosas superstições dos antigos; porém, assim como todas as crenças negativas, ele não podia conservar nem edificar cousa alguma. Bem depressa as nacionalidades mesquinhas cairarn com seus deuses. Os povos fundiram-se: na Europa, na Ásia, na África, não houve mais do que um império. O gênero humano começou a sentir sua universalidade e sua unidade. Então, o Verbo se fez carne.

Deus apareceu entre os homens e como homem, para salvar o que estava perdido. Em Jesus de Nazaré habitou corporalmente toda a plenitude da divindade.

Este é o maior acontecimento dos anais do mundo. Os tempos antigos o haviam preparado, os modernos dimanam dele. Ele é o seu centro, seu vinculo sua unidade.

Desde então, todas as superstições do mundo não ti-veram mais sentido algum, e os enfraquecidos restos, salvos do grande naufrágio da incredulidade, submergiram-se ante o sol majestoso da verdade eterna.

O Filho do Homem viveu trinta e três anos no mundo, cura -ido os enfermos, instruindo os pecadores, não tendo jamais um lugar onde repousasse a cabeça, e fazendo bri-lhar no meio deste abatimento uma grandeza, uma san-tidade, um poder, uma divindade, como o mundo jamais havia conhecido. Padeceu, morreu, ressuscitou e subiu ao céu. Seus discípulos, começando por Jerusalém, correramo impérioeo mundo,anunciando por toda a parte seu Mestre como "autor da salvação eterna". Do seio de um povo que rejeitava todos os outros saiu a misericórdia que os chamava e os reunia. Um grande número de asiáticos, de gregos e de romanos, conduzidos até então por sacerdotes aos pés dos ídolos mudos, creram no Verbo. Este iluminou repentinamente a terra como um raio do sol, disse Euzébio.

Um sopro de vida começou a mover-se sobre este vasto campo da morte. Um povo novo, uma nação santa,

Eles são intimamente unidos, porque não se pode elevar os sacerdotes da igreja ou as obras dos fieis sem abaixar Jesus Cristo em sua dupla qualidade de Mediador e de Redentor. Um destes princípios devia dominar a história da religião, e o outro sua doutrina. Ambos reinaram no princípio: vejamos como se perderam, seguindo antes de tudo o destino do primeiro. A igreja foi, em sua origem, um povo de irmãos guiado por irmãos. Todos recebiam a instrução de Deus, e tinham direito de chegar por si mesmos à fonte da divina luz. S. João 6:45. As epistolas, que então decidiam das grandes questões de doutrina, não traziam o nome pomposo de um só homem, de um chefe. As Santas Escrituras nos ensinam que .se liam simplesmente estas palavras; "Os apostolos, os anciãos e os irmãos, aos nossos irmãos". Atos 15:23. Mas

já os mesmos escritos dos apostolos nos anun-ciam que do meio destes irmãos se levantaria um poder que transtornaria esta ordem simples e primitiva. 2 Tess. 2.

Contemplemos a formação deste poder estranho à Igreja, e sigamos seu desenvolvimento. Paulo de Tharsis, um dos maiores apostolos da nova religião, chegou a Roma, capital do império e do mundo, pregando a salvação eterna que dimana de Deus. Formou-se uma igreja ao lado do trono dos Cesares. Composta primeiramente de alguns judeus convertidos, de alguns gregos e de alguns cidadãos romanos, foi ilustrada pelo ensino e pela morte do apóstolo dos gentios. Brilhou por muito tempo como uma luz pura colocada sobre uma montanha. Sua fé foi célebre em toda a parte, até [2] que afinal desviou-se de seu estado primitivo. Foi por debeis princípios que Roma duas vezes se encaminhou ao domínio usurpado do mundo.

Os primeiros pastores ou bispos de Roma dedicaram-se cedo à conversão de aldeias e cidades que cercavam esta capital. A necessidade em que se achavam os bispos e pastores da Campanha de Roma de recorrer em casos difíceis a um diretor entendido, e o reconhecimerito que deviam à igreja metropolitana, os obrigaram a ficar unidos a ela. Viu-se então o que sempre se tem visto em circunstancias análogas: esta união tão natural degenerou em dependencia. Os bispos de Roma olharam como um direito a superioridade que as igrejas vizinhas lhe haviam concedido. É de usurpações de poderes que a história se compõe em grande parte, sendo que a outra se forma da resistencia daqueles cujos direitos foram usurpados. O poderio eclesiástico não podia escapar à propensão que impele o que foi elevado a querer subir ainda mais. Ele seguiu esta lei da humanidade.

Não obstante; a supremacia do bispo romano limita-va-se à inspecção das igrejas que se achavam rios terri-tórios submetidos civilmente ao prefeito de Roma. Mas a graduação que esta cidade de imperadores ocupava no mundo, apresentava à ambição de seu primeiro pastor mais vastos destinos. A consideração de que gozavam no segundo seculo os bispos da cristandade era proporcionada à consideração da cidade em que residiam. Ora, ,Roma • era a maior, a mais rica e a mais poderosa cidade do mundo. Era a capital do império, a mãe dos povos: • "Todos os habitantes da terra lhe pertencem", disse Juliano, ° e Claudiano a proclamou "a fonte das leis".

Se Roma era a rainha das cidades do universo, por-que seu pastor não seria o rei dos bispos? Porque a igreja romana não seria a mãe da cristandade? Porque os povos não seriam seus filhos, é sua autoridade sua lei soberana? É facil ao coração ambicioso do homem fazer tais arrazoados, e a ambiciosa Roma os fez.

Assim, Roma pagã, ao cair, enviou ao humilde mi-nistro do Deus da paz, sentado em meio de suas ruivas, os titulos soberbos que sua invencivel espada havia conquistado sobre os povos da terra.

Os bispos de diversas partes do império, arrastados por aquela fascinação que Roma exercerahavia seculossobre todos os povos, seguiram o exemplo dos bispos da Campanha e deram as mãos a esta obra de usurpação. Comprazeram-se em oferecer ao bispo de Roma parte da honra que pertencia à cidade rainha do mundo. No princípio não havia nenhuma dependência nesta honra. Tratavam ao pastor romano de igual para igual. Porem os poderes usurpados engrossaram como as massas de neve. Os conselhos, que em princípio eram simplesmente fraternais, converteram-se bem depressa, na boca do pontífice, em ordens obrigatórias. O primeiro posto entre iguais, pareceu-lhes em breve um trono. Os bispos do ocidente favoreceram a empresa dos pastores de Roma, guiados talvez por ciume dos pastores do oriente, ou porque preferiam achar-se antes sob a autoridade de um papa, do que sob o domínio de um poder temporal.

Por outro lado, os partidos teológicos que despeda-çavam o oriente procuraram cada um por sua parte in-teressar Roma em seu favor. Eles esperavam seus triunfos do apoio da principal igreja do ocidente.

Roma registrava cuidadosamente aquelas suplicas e intercessões, e sorria-se vendo os povos lançar-se voluntariamente em seus braços. Não deixava passar ocasião alguma de aumentar e de estender seu poder. Elogios, adulações, cumprimentos exagerados, consultasde outrasigrejas, tudo se transformava, aseusolhose emsuasmãos, emtitulos e documentos de sua autoridade. Tal é o homem no trono: o incenso o embriaga e lhe transtorna o juízo. O que possue é, a seu modo de ver, motivo para obter mais.

A doutrina da igreja e da necessidade de sua uni-dade exterior, que principiou a estabelecer-se já no século terceiro, favoreceu as pretensões de Roma: A igreja é, antes de tudo, acongregaçãodossantificados, 1Cor 1:2, acongregação dosprimo-genitosque estão escritos nos céus. Heb. 12:23. Entretanto .a igreja do Senhor não é simplesmente interna e invisivel; é necessario que ela se manifeste externamente, e é em consequencia desta necessidade de se manifestar assim que o Senhor instituiu os sacramentos do Batismo e da Eucaristia. A igreja, vindo a ser externa, tem caracteres diferentes dos que a distinguem como igreja invisivel. A igreja invisível, que é o corpo de Cristo, é necessaria e perpetuamente uma. A igreja visivel participa, sem dúvida, desta unidade da Primeira; mas, considerada em si mesma, a multiplicidade é um carater que já lhe atribui a Escritura do Novo Testamento.

Porquanto, falando-nos de uma igreja de Deus, 1 Cor. 15:9 1 Tim. 3:15, ela menciona, quando trata desta igreja manifestada externamente "as igrejas da Galácia, as igrejas de Macedonia, as Igrejas da Judéia, todas as igrejas dos Santos". 1 Cor. 16: 1;2 Cor. 8:1; Gal. 1:22; 1 Cor. 14;33 Sem dúvida que podem estas diversas igrejas buscar até certo ponto uma união externa; mas, se esta lhe falta, não perdem por isso cousa alguma das qualidades essenciais da igreja de Cristo. O poderoso laço

que primitivamente unia os membros da igreja era a fé viva do coração, pela qual todos consideravam Cristo como seu chefe. Mas diversas circunstâncias contribuiram em breve a engrandecer e a desenvolver a idéia da urgencía de uma sociedade exterior. Certos homens afeitos aos laçose àsformaspolíticasde umaprática terrestre, transportaramparao reino espiritual e eterno de Jesus Cristo algumas de suas opiniões e alguns de seus costumes.

A perseguição, ineficaz para destruir e mesmo para comover esta nova sociedade, fez com que ela sentisse sua própria força e que se formasse em uma corporação mais compacta. Aos erros que nasceram nas escolas teosóficas, ou nas seitas, opos-se a universal e unica verdade recebida dos apóstolos e conservada na igreja. Isto era bem enquanto as igrejas invisível e es-piritual, e visivel e exterior, eram uma só. Mas começou logo um grande divorcio: as formas e a vida se se-pararam. A aparencia de uma organização identica e exterior foi pouco a pouco substituida à unidade interior e espiritual, que é a essencia de religião de Deus. Deixaram o incenso precioso da fé e ajoelharam-se ante o turíbulo em que estivera. Não se unindo mais os membros da igreja pela fé interior, procurou-se outro laço, e foram unidos por meio dos bispos, dos arcebispos, dos papas, das mitras, das cerimonias e dos canones. Achando-se a igreja vivente reduzida ao santuário de algumas almas solitárias, puseram em seu lugar outra igreja exterior, que disseram ser de instituição divina. Não dimanando já a salvação da Palavra, desde então escondida, estabeleceram que era transmitida por meio das formas que inventaram, e que pessoa alguma a receberia, e não ser por este canal. Ninguém, diziam, pode por sua própria fé obter a vida eterna. Cristo comunicou aos apóstolos, e estes aos bispos, a unção do Espírito Santo, e este Espírito não pode ser encontrado senão por estes trâmites! Primitivamente, quem tinha o Espírito de Jesus Cristo era membro da igreja: mas depois inverteram-se os termos e pretendeu-se que somente os membros da igreja possuem o Espírito de Jesus Cristo.

Ao mesmo tempo que se estabeleciam estas ideias, mais se marcava a distinção entre o clero e o povo. A salvação das almas não dependia unicamente da fé em Cristo, mas também, e muito particularmente, da união. com a igreja . Os representantes e os chefes da igreja recebiam umap arte da confiança que .somente é devida a Cristo; e tornavam-se verdadeiros mediadores para os fieis. A idéia do sacerdocio universal dos cristãos de-sapareceu pouco a pouco; comparou-se os servos da igreja de Cristo aos sacerdotes da antiga igreja judaica, e aqueles que se separa,rain do bispo foram postos na mesma condição que Coré, Dathan e Abiram. De um sacerdócio peculiar, tal como se formara na igreja antiga, a um sacerdócio soberano, tal como Roma o reclama, o passo era fácil.

E com efeito, desde que o erro da necessidade de uma unidade visivel da igreja foi estabelecido, viu-se nascer outro, qual o da necessidade de uma representa-ção exterior desta unidade. Ainda que não se encontre em parte alguma do Evangelho

nenhum vestígio da proeminencia de S . Pedro sobre os outros apóstolos; apezar de que só a idéia de primazia seja contrária às . relações fraternais que uniam os discípulos, e ao espírito mesmo da dispensação evangélica, que ao contrário chama todos os filhos do Pai a servirem uns aos 'outros, não reconhecendo senão um só mestre; e um só chefe; ainda que Jesus houvesse repreendido severamente a seus discípulos sempre que de seus corações carnais saiam idéias ambiciosas de proeminencia; apezar de .tudo isto, inventaram, e apoiaram em textos mal compreendidos, uma primazia de S . Pedro, e saudaram neste apóstolo, e em seu pre-tendido sucessor em Roma, os representantes visíveis da unidade visível, os chefes da igreja.

Aconstituição patriarcal contribuiu tambémparaaexaltação do papismo romanó. Jáeles haviam gozado de uma distinção particular. O concílio de Nicéa, em seu sexto cânone, assinala tres cidades cujas igrejas tinham, segundo ele, uma antiga autoridade sobre as das províncias das circunvizinhanças, as quais eram Alexandria, Roma e Antioquia . A origem política desta distinção se descobre mesmo pelo nome que primeiro deram aos bispos destas cidades: chamaram-os exascas, do título que tinham governadores políticos. ° Mais tarde deram-lhe o nome mais eclesiástico de patriarca. É no concílio de Constantinopla que o achamos empregado pela primeira vez, porém em sentido diferente do que recebeu mais tarde. Não foi senão pouco antes do concílio de Calcedonia que se o atribuiu exclusivamente aos grandes metropolitanos. O segundo concílio ecumênico criou um novo patriarcado, o de Constantinopla, da nova Roma, da segunda capital do império. A igreja de Byzancio, por tanto tempo obscura, gozou dos mesmos privilégios, e foi posta na mesma ordem de Roma, pelo concilio de Calcedonia . Roma participava então com aquelas tres igrejas da supremacia patriarcal. Porém quando a invasão de Maomé fez desaparecer as cadeiras de Alexandria e de Antioquia; quando decaiu a de Constantinopla, e ainda mais tarde se separou do ocidente

Roma só ficou em pé, e as circunstancias reuniram todas as igrejas ocidentais em torno de sua cadeira, que desde então tem estado sem rival.

Novos cumplices, mais poderosos do que os outros, vieram ainda em seu auxílio. A ignorância e a superstição apoderaram-se da igreja e a entregaram a Roma com os olhos vendados e os pulsos nas algemas ..

Contudo, aquele cativeiro não se efetuava sem _combates. Muitas vezes a voz da igreja proclamou sua independencia. Esta voz enérgica ressoou em toda África proconsular e no oriente.

Porém Roma achou novos aliados para sufocar os gritos da igreja. Certos príncipes, que as borrascas do tempo faziam vacilar em seus tronos, ofereceram-lhe seu apoio se, em troca, quisesse ela sustenta-los. Eles lhe cederam autoridade espiritual em permuta de poder secular. Fizeram-lhe. bom negócio de almas, na

esperança de que ela lhes faria outro tanto a respeito de seus inimigos . O poder hierárquico que subia, e o imperial que descia, uniram-se reciprocamente, e aceleraram por esta aliança seu duplo destino.

Roma não podia perder neste negócio. Um edito de Theodosio II e de Valentiniano III proclamou o bispo de Roma reitor de toda a igreja. Justiniano promulgou uma ordenança semelhante. Estes decretos não continham tudo quanto os papas pretendiam ter neles; mas nesse tempo de ignorância, lhes era facil fazer prevalecer a interpretação que lhes fosse mais favoravel. Vindo cada dia a ser mais vacilante o domínio dos imperadores em Itália, os bispos de Roma souberam aproveitar essa circunstancia para subtrair-se à sua jurisdição.

Porém já haviam saido das selvas do norte os enérgicos promotores do poder papal. Os bárbaros, que tinham invadido o ocidente e estabelecido nele seu domicílio, depois de se terem fartado de sangue e de rapina, deviam depor sua feroz espada ante o poder intelectual que encontraram . Novissimos na cristandade, desconhecendo a essencia espiritual da igreja, tendo na religião necessidade de um aparato exterior, prostarain-se, meio selvagens e meio pagãos, ante o grande sacerdote de Roma. Com eles tombem caiu-lhe aos pés o ocidente. Primeiro os Vândalos, logo os Ostrogodos, depois os Burginhões e os Alanos, mais tarde os Visigodos, e finalmente os Lombardos e os Anglo-Saxonios, todos viera mdobrar os joelhos ante o pontífice romano. Foram os robustos ombros dos filhos do norte idolatra, que acabaram de colocar sobre o trono supremo da cristandade um dos pastores das margens do Tibre.

Foi no princípio do século sétimo que estas cousas se efetuaram no ocidente, justamente na mesma época em que se elevou no oriente o poder de Maomé, prestes a invadir outra parte da terra.

Desde então o mal não cessou de crescer. Viu-se no século oitavo os bispos de Roma repelirem com uma das mãos os imperadores gregos seus legítimos soberanos, pretendendo expulsa-los da Itália, enquanto com a outra acariciavam os Mordomos de França, pedindo a este novo poder, que principiava a estender-se no ocidente, alguns dos despójos do império. Roma estabeleceu sua autoridade usurpada entre o oriente que repeliu e o ocidente que atraiu . Ela erigiu seu trono entre duas rebeliões. Amedrontada do grito dos Arabes, que, senhores de Espanha, jatavam-se de chegar à Itália pelas portas dos Pirineos e dos Alpes, e de fazer proclamar do alto das sete colinas o nome de Maomé; amedrontada da audácia de Astolfo, que à frente de seus lombardos, rugindo como leão e brandindo, sua espada ante as portas da cidade eterna, ameaçava degolar todos os romanos; ° Roma, vendo proxima à sua ruiva, volveu espavorida os olhos em torno de si e lançou-se nos braços dos Francos . Pepino, o usurpador, pede a Roma uma pretendida sanção para seu novo cetro: o papa lha concede e, em troca, obtém que ele se declare defensor da"República de

Deus".Pepino roubaaoslombardoso que estes haviamroubado ao imperador; mas, em vez de fazer uma restituição a este príncipe, depõe sobre o altar de S. Pedro as chaves das cidades que havia conquistado, erguendo as mãos e declarando em juramento que não foi por um homem que ele empunhou as armas, mas para obter de Deus a remissão de seus pecados. e fazer homenagem de suas conquistas ao chefe dos apóstolos . Deste :noclo a França estabeleceu o poder temporal dos papas .

Carlos Magno aparece: a primeira vez, sobe Basílica de S. Pedro, beijando devotamente' os degraus . A segunda vez que aparece, já é senhor de todos os povos que formavam o império do ocidente e da própria Roma. Leão III acredita dever .conferir o título a quem já tinha o poder, e no ano de 800, pela festa do natal, coloca sobre a cabeça do filho de Pepino a coroa dos imperadores de Roma.[3]' ° Desde então o papa pertence ao império dos Francos, e cessam suas relações com o oriente. Desprende-se de uma arvore apodrecida, que vai cair, para segurar-se a uma outra inculta e vigorosa. Entre as raças germanicas, a que se entrega, espera-o um futuro a que jamais teria ousado aspirar.

Carlos Magno não legou a seus débeis sucessores senão os restos de seu poder. No seculo nono, a desu nião enfraqueceu por toda a parte o poder civil, e Roma compreendeu que era chegado o momento oportuno de levantar a cabeça. Quando poderia a igreja ter ocasião mais oportuna de tornar-se independente do estado do que naquela época de decadencia em que se achava despedaçada a coroa de Carlos e seus fragmentos dispersos sobre o solo do antigo império?

Foi então que apareceram as falsas decretas de Isidoro. Nesta recompilação de supostos decretos dos papas, os bispos mais antigos, os contemporaneos [4]• de Tácito e Quintiliano, falam o latim bárbaro do seculo nono! Os costumes e as constituições dos Francos eram atribuidos com toda a seriedade aos romanos do tempo dos imperadores! Alguns papas citavam nas decretais a Bíblia pela tradução latina de S. Jerônimo, que viveu um, dois ou tres anos depois deles; e Vitor, bispo de Roma, no ano de 192, escrevia a Teófilo que foi arcebispo de Alexandria em 385! O impostor que fabricara aquela recompilação esforçava-se em estabelecer que todos biSpos recebiam sua autoridade do bispo de Roma, e que estr. a recebia imediatamente de Jesus Cristo. Não somente registrou todas as conquistas sucessivas dos pontífices, como as fez remontar aos tempos os mais antigos. Os papas não tiveram vergonha de se apoiar nesta invenção abjeta. Já em 865, Nicolau I escolheu armas para combater contra os príncipes e os bispos. Esta fábula imprudente foi durante seculos o 'arsenal de Roma.

Entretanto, os vícios e os crimes dos pontífices deviam suspender por algum tempo o efeito das decretais. O papismo assinalou seu acesso à mesa dos reis por orgias vergonhosas. Embriagou-se e perdeu a cabeça no meio do deboche. É naquele tempo que atradição coloca sobre o trono papal aumarapariga

chamadaJoana,refugiadaem. Roma com seu amante, e' cujo sexo foi descoberto, assaltando-lhe as dores do parto no meio de uma procissão solene. Os doutores de Roma pretendem que esta história seja uma fábula; . mas por nossa parte podemos também pretender que sejam seus preconceitos romanos os motivos - que os levam a rejeitar um fato cuja realidade histórica é muito verosimilhante, se não é in-contestavel. Em todo o caso, a corte dos papas expôs outras vergonhas. Naquela época reinaram em Roma mulheres dissolutas. Esse trono, que [5]• pretendia elevar-se sobre a majestade dos reis, afundou-se no lodaçal do vício. Teodora e Morazia instalavam e destituiam à sua vontade os pretendidos senhores da igreja de Cristo, e colocavam no trono de S. Pedro seus amantes, seus filhos e seus netos.

Roma tornou-se um vasto teatro de desordens, cuja possessão era disputada pelas famílias mais poderosas da Itália. Eram os condes de Toscana os que ordinariamente alcançavam a vitória. Em 1033 esta casa atreveu-se a colocar sobre o trono pontificial, com o nome de Benedito IX, urn. jovem educado nas orgias. Este menino de 12 anos, continuou como papa suas horríveis torpezas. Ou-tro partido elegeu em seu lugar a Silvestre III; e Benedito IX, com a consciencia carregada de adultérios e as mãos tintas do sangue deseushomicídios, vendeualfimotronode S.Pedro aumeclesiástico de Roma.

Os imperadores de Alemanha, indignados de tantas desordens varreram Roma com a espada. O império, fazendo valer seus direitos soberanos, tirou a tríplice coroa do lodaçal em que jazia e salvou o papismo dando-lhe homens decentes para chefes. Henrique III destituiu em 1046 os tres papas, e indicou com seu dedo, ornado como anel dos patrícios romanos, o bispo ao qual deviam ser entregues as chaves da confissão de S. Pedro. Sucederam-se quatro papas, todos alemães e nomeados pelo imperador. Quando falecia o pontífice de Roma, compareciam na corte imperial os deputados daquela igreja, como os enviados de outras dioceses, para pedirem um novo biipo.

O imperador viu mesmo com alegria os papas reformarem abusos, fortificarem a igreja, convocarem concílios, instituirem e destituirem prelados, adespeito dosmonarcasestrangeiros.. O papismo não fazia, com estas pretenções, senão exaltar o' 'poder do imperador, seu senhor feudal. Mas permitir tais jogos era expor-se a grandes perigos, porque as perdidas torças que os papas recobravampoucoapoucopodiamvoltar-sede repente contraoimperador.Deixarcrescer a víbora, é contar que ela morderá o peito em que for aquecida . E foi o que aconteceu.

Aqui começa uma nova época para o papismo. Ele levanta-se de sua humilhação e logo calça aos pés os príncipes da terra. Levantar-se é levantar a igreja é estender a religião, é assegurar ao espírito a vitoria sobre a carne ea Deus o triunfo sobre o

mundo. Tais são suas ma-ximas: a ambição encontra nelas seu proveito, e o fanatismo sua desculpa.

Toda esta nova tendencia personifica-se em um ho-mem: Hildebrando. Hildebrando, indiscretamente exaltado por alguns, por outros injustamente difamado, é o transunto fiel do pontificado romano em sua força e em sua glória; é uma daquelas aparições normais da historia, que encerram uma nova ordem de cousas como apresentaram em outra esfera Carlos Magno, Lutero e Napoleão.

Este frade, filho de um carpinteiro, educado em um convento romano, evadiu-se de Roma no momento em que Henrique III depos ali os tres papas, e refugiou-se em França, no austero convento de Cluny . Em 1848, Bruno, bispo de Toul, sendo eleito em Worms pelo imperador, que aí presidia à dieta germanica, vestiu as insignias pontificiais e tomou o nome de Leão IX. Porém o frade Hildebrando não quis reconhece-lo, porque dizia ele, era do poder secular que lhe provinha a tiara.[6] O Então Leão IX, cedendo ao poder irresistível de uma grande convicção, depôs seus ornamentos sacerdotais, e tomando o habito de um peregrino dirigiu-se a Roma com Hildebrando humildemente e com os pés descalços, diz um historiador, afim de ser legit4mamente eleito pelo clero epovo romano. Desde logo Hildebrando tornou-se a alma do papismo, até que ele mesmo veio a ser o papismo; egovernara a igreja em nome de muitos póntífices, antes de reinar por si com o nome .de Gregório VII.

Uma grande idéia apoderara-se deste grande genio: ele queria fundar uma teocracia Visível, da qual o papa, como vi domínio de Cristo, fosse o chefe. A lembrança do antigo domínio universal de Roma pagã perseguia sua imaginação e animava seu fervor. Queria devolver à Roma papal oque perdeu a Roma dos imperadores . O que Mario Cesar", lhe diziam seus aduladores, "não puderam fazer com torrentes de sangue, tu o farás comuma palavra.

Gregório VII não foi guiado pelo Espírito do Senhor. Este Espírito de verdade, de humildade e de doçura lhe era desconhecido. Sacrificava o que sabia ser verdadeiro, sempre que julgava necessario a seus desígnios; e foi isto o que fez particularmente no negócio de Berenger. Porémum espírito superior ao vulgar dos pontífices e umaconvicção íntima da justiça de sua causa o animavam sem dúvida. Audaz ambicioso inflexível em seus designios, mostrou-se ao mesmo tempo habil e dextro•[7] no emprego dos meios que deviam assegurar-lhe o bom êxito.

Seu primeiro trabalho foi constituir a milícia da igreja. Era preciso tornar-se forte antes de acometer o império. Um concílio congregado em Roma expulsou os pastores de suas famílias, e obrigou-os a devotar-se de todo à ierarquia. A lei do celibato, concebida e executada sob o domínio dos papas, fez do clero uma especie de ordem monastica. Gregorio VII pretendeu te rsobre todos os bispos e sacerdotes da cristandade o mesmo poder que um abade Cluny exercia sobre ã ordem. a que presidia. Os delegados de Hildebrando, que pessoalmente se cdmparavam aos pro-

consules da antiga Roma, percorriam as províncias para tirarem aos pastores suas legítimas esposas; e, quando era preciso, o mesmo papa sublevava a populaça contra os ministros casados. '

Mas Gregório propunha-se antes de tudo a eman-cipar Roma do império. É provavel que jamais houvesse tido a ousadia de conceber um designio tão atrevido se as discordias que turbavamamenoridade de Henrique IV,e se arebelião dospríncipesde Alemanhacontra este jovem imperador não lhe tivessem facultado a execução. O papa era então um dos magnatas do império. Unindo sua causa à de seus mais poderosos vassalos, tirou partido. dos interesses aristocráticos, e proibiu logo a todosos eclesiásticos de receber do imperador, sob pena de excomunhão, a investidura de seus cargos. Quebrou os antigos laços que uniam as igrejas e seus pastores à autoridade do príncipe, para liga-los ao trono pontifício. Pretendeu com poderosa mão encadeiar nesse trono os reis e os povos, e fazer do papa um monarca universal. Somente Roma devia ser temida pelos sacerdotes, e unicamente nela deviam fundar suas esperanças. Os reinos e os principados da terra deviam ser de seu domínio. Todos deviam tremer ante os raios que despedia o Júpiter da moderna Roma! Desgraçado do que resistisse! Os suditos eram desligados dojuramento de fidelidade; todo o país era ferido de interdito; cessavam os cultos; fechavam-sé os templos; emudeciam os sinos; os sacra-mentos no eram administrados; e a palavra de maldição alcançava os proprios mortos, aos quais, à voz de um pontífice soberbo a terra recusava a paz dos tumulos!

O papa,submetido nosprimeirosdiasde suaexisten-ciaaosimperadoresromanos, depois aos imperadores francos; e finalmente aos imperadores germânicos, ficou logo emancipado, e caminhou pela primeira vez como seu igual, senão como seu senhor. Entretanto, Gregório VII foi humilhado por seu turno. Roma foi tomada, Hildebrando teve de fugir, e morreu em Salerno dizendo: "Amei a justiça e detestei a iniquidade. É por isso que morro no exílio". Quem ousará taxar de hipócritas estas palavras pronunciadas nos umbrais da. sepultura?

Os sucessores de Gregório, semelhantês a soldados que chegam depois de alcançada uma vitória, arrojaram-se como vencedores, sobre as igrejas avassaladas. A Espanha arrancada ao Islamismo, e a Prússia aos ídolos, cairam nos braços do sacerdote coroado. - As cruzadas que se levantaram à sua voz, estenderam e aumentaram por toda a parte sua autoridade. Aqueles piedosos peregrinos, que acreditaram ver os anjos e os santos conduzir seus exércitos; que entraram humildemente e decalços dentro dos muros de Jerusalem, queimaram os judeus em suas sinagogas, regaram com o sangue de muitos' milha-res de sarracenos os lugares onde íam procurar os sagrados vestígios do Príncipe da paz, e proclamaram `no oriente o nome do papa que aí já não era conhecido desde que pela supremacia dos príncipes francos havia abandonado a dos príncipesgregos. Por outro lado, o que as armas de republica romana e as do imperio não puderamrealizar, o poder da

igreja realizou. Os alemães depuseram aos pés de um bispo os tributos que seus antepassados haviam recusado aos mais poderosos generais. Seus chefes, vindo a ser imperadores,acreditaram receberd os papas umacoroa, porém receberam em vez dela somente o jugo. Os reinos da cristandade, já submetidos ao poder espiritual de Roma, ficaram desde então seus tributarios e seus servos.

Assim, tudo mudou na igreja. No princípio era ela um pôvo de irmãos: agora uma monarquia absoluta estabeleceu-se em seu seio. Todos os cristãos eram sacrificadores do Deus vivo, Pedro 2:9, tendo por condutores humildes pastores. Mas do meio dos pastores levantou-se -uma cabeça soberba, uma boca misteriosa pronunciou discursos cheiàs d% orgulho, uma mão de ferro constrangeu tódos os hombns, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receber amarcade seupoder . Perdeu-se asantae primitiva igualdade dasalmasperante Deus. À voz de um homem, a cristandade dividiu-se em dois campos desiguais: de um lado, lima classe de padres que ousava usurpar o nome da igreja e que pretendeu achar-se revestida aos olhos do Senhor, de grandes privilégios; de outro, um rebanho servil, reduzido a uma cega e passiva submissão, um . povo açaimado, enfaixado e entregue a uma classe arrogante. Todas as tribus, línguas e nações dá cristandade se sujeitaram ao domínio deste rei espiritual que recebera o poder de vencer.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * História Ecc. 2. 3

[2] * Veja-se o concílio de Calcedonia, cânones 8 e 18.

[3] • Anastácio, Bibl. Vit. Pontif., p. 83. • Analista Lambecianus, ad. an. 801.

[4] * Veja-se a Ep. ad univer. Episc. Gall. Mansi 15.

[5] * Desiderius, abbade de Cassino, e depois papa Victor III. De miraculis a S. Benedicto, etc., lib. 3, init. Benizo bispo de Sutri, e depgisde Plassencia, líber. ad amicum.

[6] * Bruno de Segni, Vita Leonis.

[7] * Martene et Durand. Thesaurus nov. Anocd. 1.231.

CAPÍTULO II

Corrupção da doutrina — A graça e a fé — O pelagianis-me — A salvação nas mãos dos padres — As peni-tencias — Tesouro supererogatório — Purgatório e tara — Jubileus Consequencias — Luz nas trevas.

Ao lado do princípio que devia dominar a história do cristianismo achava-se outro que devia dominar a doutrina. Era a grande idéiado cristianismo, a idéia da graça; do perdão, da anistia, do dom da vida eterna. Esta idéia supunha que o pecado havia separado o homem de Deus, e que lhe era impossível entrar por si mesmo em comunhão com este . Ser infinitamente santo . A oposição entre a verdadeira e a falsa doutrina não pode resumir-se toda inteira na questão da salvação pela fé e da salvação pelas obras; entretanto, este é a assunto principal. Ainda mais: a salvação, considerada como pro'cedente do homem, • é o princípio criador de todos os erros e de todos os abusos. Foram os excèssos produzidOs por este erro fundamental que atrazaram a reforma; enquanto que pela profissão do princípio contrário ela foi realisada. É preciso- que este fato se note e seja saliente em uma introdução à história da reforma.

A salvação pela graça, tal era, pois, o segundo carater que distinguia essencialmente a religião de Deus de todas as 'religiões humanas. Mas que foi feito dela? A igreja guardou como um depósito precioso este grande e primordial pensamento? Continuemos a história.

Os habitantes de Jerusalem, da Asia, da Grécia e de Roma, no seculo dos primeiros imperadores, ouviram esta boa notícia: "De graça sois salvos pela fé, e isto não vem de vós porque é um dom de Deus". Efésios 2:8. E a esta voz de paz, a este Evangelho, a esta palavra pode-rosa, muitas almas culpadas creram, foram aproximadas d'Aquele que é a fonte da paz, e numerosas igrejas cristãs se formaram no meio das gerações degeneradas do seculo.

Mas bem depressa cometeu-se um grande erro sobre a natureza da fé que salva. A fé, segundo S. Paulo, é o meio peol qual todo o ser do crente, sua inteligencia, seu coração, sua vontade, entra em posse da salvação que a incarnação e a morte do Filho de Deus lhe adquiririam. Épelafé que se recebe aCristo,e desde então ele vemaser tudo pelohomem e no homem. Ele comunica urna vida divina à natureza humana, e o homem assim renovado, livre do poder do egoismo e do pecado, tem novas afeições e faz novas obras. A fé, diz a teologia para exprimir estas idéias, é a apropriação subjetiva da obra objetiva de Cristo. Se a fé não é uma apropriação da salvação, não tem valor algum, e então toda a economia cristã se acha transtornada, as fontes da vida nova fechadas, e o cristianismo destruido. em suas bases.

Foi o que aconteceu. Este lado prático da fé foi pouco a pouco olvidado. Bem depressa não foi mais do que o que ainda é para muitos, umato de inteligencia, uma simples submissão a uma autoridade superior.

Deste primeiro erro dimanou necessariamente outro. Despojada assim a fé de seu carater prático, tornou-se impossível dizer-se que só ela salva. Não vindo mais as obras em seu seguimento, força foi coloca-las a seu lado, e assim entrou na igreja a doutrina de que o homem é justificado pela fé e pelas obras. A unidade cristã que encerra sob o mesmo princípio a fé e as obras, a graça e a lei, o dogma e o dever, sucedeu esta triste dualidade, que faz de religião e da moral duas cousas inteiramente distintas;• erro funesto, que separando o que para viver deve achar-se unido, colocando a alma de um lado e o corpo do outro, causa a morte. A palavra do apóstolo, ressoando de seculo em seculo, diz: "Vos haveis começa-. do pelo espírito, e agora acabais pela carne".

Outro grande erro veio também alterar a doutrina da graça: foi o pelagianismo. Pelágio pretendeu que a natureza humana não decaiu; que não ha corrupção hereditária; e que, tendo o homem recebido o poder de. fazer o bem, não tem mais do que querer para executar. ° Se o bem consiste em. algumas ações exteriores, Pelágio tem razão. Porém se se atende aos princípios dos quais provem estes atos exteriores, então por toda a parte se encontra no homem o egoismo, o esquecimento de Deus, a leviandade, a insuficiencia. A doutrina pelagiana, repelida •da igreja por Agostinho, quando ela se apresentara a descobeho, bem depressa se representou disfarçada como semi-pelagiana e sob a mascara das formulas agostinianas. O erro espalhou-se pela cristandade com rapidez espantosa. O perigo deste sistema manifestou-se principalmente .em. que,- colocando-se o bem externa e' não internamente, deu-se grande importancia às obras exteriores, ,às observanCias legais, aos atos de penitencia. . Quanto mais se fazia destas. praticas, tanto mais se era santo; Com elas se ganhava o céu; e em breve açreditou-se que existiam.homen; (idéia assombrosissima por certo) que se santificavam alem .do necessário.

O pelagianismo, ao mesmo tempo que corrompeu a doutrina, fortificou a • jerarquia; com .a mão com que abaixou a gràça elevou a igreja; porque a graça é Deus e .a- igreja é o homem..

Quanto mais . reconhecemos que todos somos culpados perante Deus, tanto mais nos ligaremos a Jesus Cristo, como à unica fonte da graça. Como poderiamos, pois, colocar a igreja na mesma condiçáó que Êle, visto que ela não é:. senão 'uma sociedade de homens pecadores da qual só 'Êle é a justiça? Desde que atribuimos aó ho-mem - lima santidade propria, um mento. pessoal, tudo muda: 'Os eclesiásticos, os monges; são considerados como os meios os mais naturais para receber os dons 'de Deus. Foi o que aconteceu depois dos tempos de Pelágio. [1]

A salvação, tirada das mãos de Deus, caiu nas dos padres. Estes colocaram-se no lugar do Senhor, e as almas sequiosas de perdão não olharam mais para o céu, mas para a ,igreja, e muito principalmente para o seu pretendido chefe.O pontífice de Roma ocupou o lugar de Deus, segundo os espíritos vulgares. Daí a grandeza dos papas e abusos indizíveis. O mal foi ainda mais longe. O pelagianismo, estabelecendo que o homem pode atingir a uma santificação perfeita pretendeu também que o mérito dos santos e dos martires pode ser aplicado à igreja. Atribuiu-se mesmo uma virtude particular à sua intercessão. Dirigiram-se-lhes preces, invocou-se seu socorro em todas as aflições da vida, e uma verdadeira idolatria sucedeu deste modo à adoração de Deus vivo e verdadeiro.

Ao mesmo tempo, o pelagianismo aumentou os ritos e as cerimonias. O homem, imaginando que podia e que devia tornar-se digno da graça por boas obras, não viu nada mais propilo a merece-la do que os atos do culto. A lei cerimonial se multiplicou ao infinito, e foi bem de-pressa considerada como igual à lei moral. Assim, a consciencia dos cristãos foi novamente carregada de- um jugo declarado insuportavel no tempo dos apóstolos. Atos 15 : 10.

Mas, sobretudo, foi pelo sistema da penitencia, pro-vindo do pelagianismo, que o cristianismo foi desnatu-rado. No princípio a penitencia consistia em certos sinais publicos de arrependimento, que a igreja exigia daqueles que excluira por causa de escândalos, quando desejavam ser de novo recebidos em seu seio.

Pouco a pouco a penitencia estendeu-se a todos os pecados, ainda aos mais secretos, e foi considerada como uma especie de castigo ao qual era preciso submeter-se para adquirir a absolvição dos padres e o perdão de Deus.

A penitência eclesiástica foi por este modo confun-dida com o arrependimento cristão, sem qual não pode haver nem justificação nem santificação.

Em vez de esperar-se o perdão unicamente de Cristo pela fé, esperou-se alcança-lo com preferencia -da igreja pelas obras da penitência.

Deu-se extraordinária importância às demonstrações exteriores do arrependimento, às lagrimas, aos jejuns, às macerações, e olvidou-se a regeneração interior do coração, em que consiste unicamente a verdadeira conversão.

Como a confissão e as obras de penitência são mais fáceis do que a extirpação do pecado e o abandono do vício, muitos deixaram de lutar contra os desejos da carne, epreferiram satisfaze-los a preço de quaisquer flagelações.

Asobrasde penitência,substituidasàsalvação de Deus, multiplicaram-se naigrejadesde Tertuliano até o seculo decimo-terceiro. Era preciso jejuar, andar descalço, não vestir linho; ou então abandonar casa e pátria para viajar por terras longínquas; ou renunciar ao mundo eabraçar o estudo monástico.

No século decimo-primeiro ajuntaram-se a tudo isto as macerações voluntárias, as quais chegaram a ser na Itália, então violentamente agitada, uma verdadeira mania. Nobres e plebeus, moços e velhos, e até meninos de cinco anos, iam de dois em dois, por centenares, por milhares, por dezenas de milhares, atravessando aldeias, povoações ecidades, vestidos unicamente com um pano atado à cintura, e visitando as igrejas no mais rigoroso inverno. Armados de disciplinas açoitavam-se barbaramente, e as ruas retiniam de gritos e gemidos, que arrancavam lagrimas a quantos os ouviam.

Entretanto, muito antes que o mal tivesse tocado a tal extremo, os homens, oprimidos pelos padres, suspiraram pelo resgate. Os padres mesmo compreenderam que, se não dessem pronto remédio, perderiam o seu poder usurpado. Inventaram pois o célebre sistema do cambio, sob o nome de indulgencias. Disseram: Vós não podeis, ó penitentes, cumprir as penas que vos são impostas. Pois bem, nós, ministros de Deus e vossos pastores, tomaremos sobre nos este pesado fardo. Por um jejum de sete semanas", diz Regino abade de Prum, "o rico pagará vinte soldos; o que o for menos, pagará dez; o pobre, tres; e assim por diante, para o mais. ° Vozes energicas levantaram-se contra este comercio, mas em vão. [2]

O papa descobriu logo as vantagens que podia co-lher. A necessidade que tinha de dinheiro aumentava de dia em dia. Eis pois, um 'recurso fácil que, sob a apa-rcncia de urna contribuição voluntária, encheria seu erário. Mas descoberta tão prèciosa necessitava de fundamentos sólidos. Os chefes de Roma ocupavam-se, pois, com isto. O doutor irrefragável, Alexandre de Hales, inventou, no seculo decimo-terceiro, uma doutrina muito própria para assegurar ao papismo este vasto recurso; uma bula de Clemente VII a declarou artigo de fé. Jesus Cristo, disseram, fez mais do que era necessario para reconciliar os homens com Deus. Uma só gota de seu sangue bastava para tanto. Se Ele o derramou muito, foi com o fim dc fundar para sua igreja um tesouro que a mesma eternidade não poderá esgotar. Os meritos superrogatórios dos santos, e o preço das obras que fizeram além de suas obrigações, ainda aumentaram este tesouro. Sua • guarda e administração foi confiada ao vigário de Jesus Cristo sobre a terra. Ela aplica estes meritos de Jesus Cristo e dos santos a cada pecador, pelas faltas cometidas depois do batismo, segundo a necessidade, e na quantidade que seus pecados o exigem. Quem ousará atacar um uso de tão santa origem?

Desenvolveu-se e complicou-se logo esta incrível in-dústria. Os filósofos de Alexandria falaram de um fogo no qual os homens deviam ser purificados. Diversos doutores antigos adotaram a idéia. Roma declarou doutrina da igreja esta opinião filosófica. Por uma bula, o papa reuniu o purgatório ao seu domínio. Decidiu que o homem expiaria ali o que não tivesse podido expiar cá na terra; porém que as indulgencias podiamlivrar as almas deste lugar intermediario, onde seus pecados deviam rete-las. Thomaz de Aquino expor esta doutrina em sua famosa Suma

teológica. Não se omitiu cousa alguma para encher os espíritos de terror, e pintou-se com horríveis cores os tormentos que o fogo purificador faz sofrer aos que nele caem. Ainda em nossos dias se vêm quadros desses em muitos paises católicos, expostos nos templos e nas encruzilhadas, nos quais estão pobres almas invocando com angústia algum socorro, do meio das chamas ardentes. Quem poderá negar-lhes o dinheiro redentor que, caindo no tesouro de Roma, deve aliviá-las de tantos sofrimentos?

Pouco depois inventou-se, para regularizar este trá-fico (provavelmente no reinado de João XXII) a famosa e escandalosa "Tarifa das Indulgencias", da qual ha mais de quarenta edições. Ouvidos menos delicados se ofenderiam se relatassemos todas as infamias que se encontram nela. O incesto, se não é conhecido, custará cinco dracmas, e seis se é conhecido. Tanto custará o homicídio, tanto o perjurio, tanto o infanticídio, o adultério, o furto com arrombamento, etc. "O' vergonha de Roma!" exclamou Claudio d'Espense, teólogo romano; e nós acrescentaremos: "O' vergonha da humanidade!" porque não se pode fazer uma censura a Roma que não recaia sobre o próprio homem. Roma é a humanidade exaltada em algumas de suas más inclinações. Dizemos isto porque é a verdade, e porque é justo.

Bonifácio VIII, omais atrevido eomais ambicioso dos papas depois de Gregório VII, ainda soube fazer mais do que fizeram seus antecedentes. Publicou no ano de 1300 uma bula pela qual anunciou à igreja que, em cada cem anos, todos os que fossem a Roma obteriam uma indulgencia plenária. Da Itália, da Sicília, da Sardenha, da Córsega, da França, da Espanha,. da Alemanha, da Hungria, de toda a parte, correu-se apressado. Velhos de sessenta a setenta anos puseram-se a caminho; em um mês contou-se em Roma até duzentos mil peregrinos. Todos estes estrangeiros traziam ricas ofertas. O papa e os romanos encheram • seus tesouros.

Não tardou a cobiça romana em estabelecer jubileus a cinqüenta anos, depois a trinta, e finalmente avintee cinco. Emseguida, paramelhorcomodidade doscompradores e maior proveito dos vendedores, o jubideu e suas indulgencias foram estendidas de Roma a todos os pontos da cristandade. Já não era preciso sair de casa. O que outros tinham buscado além dos Alpes, cada um podia comprar à sua porta.

O mal não podia tornar-se maior.

O reformador ergueu-se então.

Já vimos em que veio dar o princípio que devia do-minar a história do cristianismo, e acabamos de ver em que deu o que devia dominar o doutrina; isto é, que ambos se perderam.

Estabelecer uma casta medianeira entre Deus e o homem, e fazer comprar por obras, por penitencia, e a preço de dinhcirc a salvação que Deus dá, eis o papismo .

Abrir a rodos, por Jesus Cristo, sem mediador humano, sem este poder que se chama a igreja, um acesso livre ao grande dom da vida eterna, que Deus faz ao homem, eis o cristianismo e -a reforma.O papismo é uma muralha imensa colocada pelo tra-balho dos seculos entre o homem e Deus. Se alguém quiser transpo-la, que pague ou que sofra; e mesmo assim não o conseguirá.

A reforma é o poder que destruiu esta muralha, que restituiu Cristo ao homem, e que abriu a este um caminho franco para chegar a seu Creador.

- O Papismo entrepõe a igreja entre Deus e o homem.
- O Cristianismo e a reforma fazem que Deus e o homem se encontrem face a face.
- O Papismo os separa. O Evangelho os une.

Depois de haver traçado assim a história da decadencia e do aniquilamento destes dois grandes princípios, que deviam distinguir a religião de Deus de todas as religiões humanas, vejamos alguns dos resultados desta imensa transformação.

Porém rendamos primeiro alguma honra a essa igreja da idade média, que sucedeu a dos apóstolos e dos pais, e que precedeu a dos reformadores. A igreja ficou sempre igreja, embora decaida e cada vez mais cativa. Queremos dizer que ela foi sempre a amiga mais poderosa do homem. Suas mãos, posto que atadas, puderam sempre abençoar. Grandes servos deJesus Cristo, qie, pelas doutrinas essenciais, foram verdadeiros protestantes, espalharam urna luz benéfica durante seculos; e no mais humilde convento, e na mais obscura paróquia, se encontraram pobres monf►es e pobres sacerdotes para mitigar grandes dores. A igreja católica não foi o papismo. Este teve o papel de opressor, e aquela o de oprimida. A reforma, que declarou guerra a um, veio salvar a outra. E, é preciso dize-lo, o mesmo papismo foi algumas vezes nas mãos de Deus, que do mal faz sair o bem, um contrapeso necessario ao poder e à ambição dos príncipes.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Velle et esse ad huntinem referenda sunt, guia de arbitrií fonte .deacendunt. Pelagius in Aug. de Grafia Dei, Cap. 4

[2] * Libri duo de Ecclesiasticis Disciplinis.

CAPÍTULO III

Estado antes da reforma — Relíquias — Risadas da páscoa — Costumes — Os padres — Confusão — Bispos e papas — Uma família de papas — os Bárg:asIgnoranciaCiceronianos.

VEJAMOS agora o estado da igreja antes da reforma.

O povo da cristandade não esperava mais de um Deus vivo e santo o dom gratuito da vida eterna. Ele devia pois, para a obter, recorrer a todos os meios que podia inventar uma imaginação supersticiosa, temerosa e alarmada. O céu encheu-se de santos e de mediadores, que deviam solicitar esta graça. A terra encheu-se de obras pias, de sacrifícios, de práticas e cerimônias, que deviam merece-la. Eis aqui o quadro que da

religião dessa época nos apresenta um homem que foi monge muito tempo, e que mais tarde foi companheiro de Lutero —

Os padecimentos e os merecimentos de Cristo eram considerados como história vã, ou como as fabulas de Homero. Não se falava da fé pela qual se obtém a justiça do Salvador e a herança da vida eterna. Cristo era um juiz severo, prestes a condenar todos os que não recorriam à intercessão dos santos ou às indulgencias dos Parlas- Em seu lugar figuravam como intercessores, primeiro a Virgem Maria, semelhante à Diana do paganis-

mo; em seguida os santos, dos quais os papas aumen-tavam o catálogo sem cessar. Estes mediadores não con-cediam suas orações senão aos que mereciam das ordens fundadas por eles. Para isto era preciso fazer, não o que Deus manda em sua Palavra, mas grande numero de obras inventadas pelos Monges e pelos padres, as quais produziam avultadas quantias. Eram Ave-Marias, orações de Santa Orsula, de Santa rígida. Era preciso cantar, gritar dia e noite. Havia tantos lugares de peregrinações como montanhas, florestas e vales. Mas com o dinheiro podiam-se comutar estas penas. Levava-se, pois, aos conventos e aos padres, gansos, patos, ovos, colmo, manteiga, queijo, etc. Então ressoavam os canticos, os sinos retiniam, o incenso enchia o santuario, ofereciam-se sacrifícios, as cozinhas regurgitavam, tocavam-se os copos, e as missas terminavam e cobriam todas estas obras pias. Os bispos não pregavam, porém consagravam os padres, os sinos, os frades, as igrejas, as capelas, as imagens, os livros, os cemitérios; e tudo aumentava o rendimento. Ossos, braços e pés eram conservados em relicários de prata ou de ouro; eram dados ao povo para beijar durante a missa, e também isto trazia grande lucro.

"Toda esta gente afirmava que o papa, ocupando o lugar de Deus, 2 Thess. 2:4, não podia enganar-se, e a este respeito não admitia contradição alguma." ° [1]

Na igreja de Todos os Santos, ,em Wittemberg, mos-trava-se um pedaço da Arca de Noé, um pouco de fer-rugem do forno em que foram lançados os Ires mance-bos, Dan. 3:23, um pedaço de madeira do presépio de Jesus- Cristo, oscabelos da barbado grande Cristovam, e dezenove mil outras relíquias de mais ou menos importância. Em Schaffhause mostrava-se o halito de São José, que Nicodemus recebera em sua luva. Em Wurtemburg encontrou-se um vendedor de indulgência dando sairias à suas mercadorias com a cabeça ornada de uma pena tirada da asa do arcanjo S. Miguel. Mas não era necessário ir tão longe buscar estas preciosas prendas. Os traficantes de relíquias percorriam o país. Eles as ven-diam pelas ruas, como mais tarde sé fez com as Santas Escrituras, e as traziam aos fieis em suas casas, para livra-los do incomodo da peregrinação. Expunham-nas com pompanasigrejas.

Estesmercadores ambulantespagavamumataxadeterminadaaosdonos das relíquias, e lhes davam um tanto por cento de seus lucros... O reino do céu tinha desaparecido: os homens o haviam substituido por um mercado vergonhoso.

Também um espírito profano tinha invadido a reli-gião: as reminiscencias mais sagradas da igreja, as épocas que chamavam mais os fieis ao recolhimento e ao amor, eram desonradas por chocarrices e profanações inteiramente pagãs. As "risadas da Páscoa" ocupavam um lugar distinto nos atos da igreja. Devendo celebrar-se com alegria a festa da ressurreição de Jesus Cristo, procurava-se nos sermões tudo quanto podia excitar as risadas do povo. Tal pregador cantava como um cuco; outro arremedava um ganso; um arrastava ao altar um leigo revestido de um hábito; este, recitava as histórias mais indecentes aquele contava as peças pregadas pelo apóstolo S. Pedro,' e entre outras, como em uma taverna enganou o taverneiro não pagando sua parte. O baixo clero aproveitava s a ocasião para ridicularizar seus superiores . Os templos eram convertidos em tablados e os padres em pelotiqueiro.

Se a religião era assim, o que não seriam os cos-tumes!

Sem dúvida que a corrupção não era universal. É preciso dize-lo, a equidade o exige. Da reforma viu-se sair abundância de piedade, de justiça e de força: a ação expontanea do poder de Deus foi a causa. Mas quem pode segar que Êle não tivesse com antecedência, disposto os germens desta nova vida no seio da , igreja? Se em nossos dias se ajuntassem todasasimoralidades,'todasastorpezasque se cometememumsó paísainda'estamassa de corrupção nos espantaria. Contudo o mal teve naquela. época um carater e uma generalidade cama não teve até então. E, sobretudo, a abominação desolava os lugares santos, como não lhe foi dado fazer depois do aparecimento da reforma. [2]

A vida decaiu com a fé. A notícia do dom da vida eterna é o poder de Deus para regenerar os homens. Tirai a salvação que Deus dá, e tirareis a santificação e as obras. Foi oque aconteceu.

A doutrina e a venda das indulgências arrastavam poderosamente ao mal um povo ignorante. verdade que, segundo a igreja, não podiam ser uteis senão aos que prometiam corrigir-se e cumpriam sua palavra. Mas o que esperar de uma doutrina inventada com o fim de lucro de especulação? Os vendedores de indulgências eram naturalmente tentados, para melhor vender suas mercadorias, a apresenta-las ao povo de modo próprio para atrai-lo e para seduzi-lo. Os mesmos sábios não compreendiam muito esta doutrina. Tudo o que a multidão percebia era que as indulgências permitiam pecar, e os vendedores não se' apressavam em dissipar erro' tão favoravel a seu negócio. Que esperança de renovação podia haver, quando já não havia comunicação entre Deus e o homem, e este, afastado de Deus, que é espírito e vida, não se movia senão no meio de pequenas cerimonias e de praticas grosseiras, em uma atmosfera de morte?

Os padres eram os primeiros submetidos a esta in-fluencia corruptora. Querendo elevar-se, tinham-se abaixado. Os anais daquela época abundam de escandalos. Em muitos lugares --compraziam-se de ver um padre em trato ilícito com uma mulher, afim de que as casadas estivessem menos expostas às suas seduções. Que cenas humilhantes apresentava então a casa de um pastor! O desgraçado sustentava a mãe e os filhos que esta lhe dava com o dízimo e as esmolas. Sua consciencia o acusava: ele se envergonhava ante o povo, ante seusdomesticas e ante Deus. Temendo a mãe cair na miséria, se o padre viesse a morrer, prevenia-se algumas vezes com antecipação e roubava em sua própria vida. Sua honra estava perdida, seus filhos eram para ela uma viva acusação. Estesdesprezados por todos, lançavam-se nas contendas e lu-xúria. Eis a casa do sacerdote... Estas cenas espantosas eram uma instrução de que o povo sabia aproveitar-se. ,[3]

Os campos foram convertidos em teatro de nume-rosos excessos. Os lugares onde residiam os eclesiásti-cos eram constantemente a guarida da depravação. Cornélio Adriano em Bruges, o abade Trinkler em Cappel, imitavam os costumes do oriente, e tinham seus serralhos. Havia padres que se associavam à gente má, e que frequentavam as tavernas, jogavam os dados e coroavam suas orgias com rixas e blasfêmias. [4]

O conselho de Schaffhause lhes proibiu a dançar em público, exceto em dias de núpcias, e de trazer duas especies dearmas; também ordenou que fossem despojados de seus habitos os que se encontrassem em casas de maus costumes. 0° No. arcebispado de Mayença eles saltavam á noite por cima dos muros, fazendo ruido, cometendo toda sorte de desordens nas pousadas e nas tavernas, e quebrando portas e fechaduras. [5]° Em muitos lugares o padre pagava áo bispo uma taxa pela mulher com a qual vivia, e um tanto por cada filho que tinha dela. Um bispo alemão, achando-se um dia em um grande festim, disse publicamente que em um ano apresentaram-se em sua casa onze mil padres para este fim. Ë Erasmo quem o refere.

Se subirmos mais alto na ordemda ierarquia,acha-remos que a corrupção não era menor. Os dignitarios da igreja preferiam os tumultos dos campos ao canto dos altares. Uma das primeirasqualidades•[6] dosbisposerasaber,delançaempunho,constranger àobedienCia os que os cercavam. Balduino, arcebispo de Treves, estava continuadamente em guerra com seus vizinhos e vassalos, arrasava seus castelos, construia fortificações, e não cuidavasenão de aumentar seu território.Certo bispo de Eichstadt, quando administrava justiça, trazia sob as vestes sa-cerdotais uma cota 'de malhas, e tinha na mão uma gran-de espada. Ele costumava dizer que desafiava a cinco Bavaros, contanto que não o atacassem traiçoeiramente. Por toda parte os bispos andavam em guerra com as cidades. Os paisanos pediam liberdade: os bispos queriam uma obediencia absoluta. Se estes saiam vitoriosos, castigavam a revolta imolando à sua vingança numerosas vítimas; mas a chama da independencia brilhava no ins-tante mesmo em que se pensava have-la extinguido.

E que espetaculo oferecia o trono pontifício nos tempos que precederam imediatamente à reforma! Roma, é preciso confessa-lo, jamais viu tanta desonra!

Rodrigo Borgia, depois de ter vivido com uma dama romana, continuou com uma filha desta, de nome Rosa Vanoza, o mesmo comercio ilegitimo, e teve dela cinco filhos. Ele era em Roma cardeal e arcebispo, vivendo com Vanoza e com outras ainda, frequentando as igrejas e os hospitais, quando a morte de Inocêncio VIII deixou vazia a cadeira pontifícia. Ele soube obte-la comprando cada cardeal por um certo preço. Quatro mulas carregadas de dinheiro entraram publicamente no palácio do cardeal Sforza, o mais influente de todos. Borgia foi eleito papa sob o nome de Alexandre VI, e alegrou-se de haver subido assim ao auge dos prazeres.

No diade suacoroação nomeou seu filho Cesar, mancebo de costumesferozese dissolutos, arcebispo de Valença e bispo de Pamplona. Depois celebrou no Vaticano as núpcias de sua filha Lucrécia, que foram solenizadas com comedias e canções obscenas, e às quais assistiu sua concubina Julia Bela. "Todos os eclesiásticos", diz um historiador, "tinham amázias, e todos os conventos da capital eram casas de prostituição". Cesar Borgia fez-se partidário dos Guelfes, e, quando com o concurso destes aniquilara os Gobelinos, voltou-se contra eles e os exterminou por sua vez. Queria que só a ele aproveitassem os despojos.

No ano de 1949, Alexandre deu a seu filho primogenito o ducado de Benévento. O duque desapareceu. Um comerciante de madeiras das margens dolibre, Jorge Schiavoni viu durante a noite, lançar um cadaver no rio, porém nada disse: era coisa trivial. Achou-se o cadaver do duque. Seu irmão Cesar. fora o autor de sua morte. Mas ainda não era bastante. Um cunhado lhe fazia sombra; um dia Cesar o mandou apunhalar na escada do palácio pontifício. Transportaram-no ensanguentado para seus aposentos: sua mulher, e sua irmã, não o deixaram mais, e, temendo o veneno

de Cesar, elas próprias lhe prepararam os alimentos. Alexandre colocou sentinelas à sua porta, porém Cesar zombava destas precauções, e, quando o papa foi visitar o genro, Cesar lhe disse: 'O que não se faz ao almoço faz-se ao jantar". Com efeito, um dia penetrou na câmara do convalescente, lançou fora a mulher e a irmã deste, chamou o seu verdugo Michilotto, único homem em quem depositava alguma confiança, e fez estrangular seu cunhado em sua presença. Alexandre tinhá um favorito chamado Perrotto, cujo favor incomodava o jovem duque. Este o perseguiu: Perrotto refugiou-se sob o manto pontifício, e enlaçou o papa com seus braços. Cesar o feriu, e o sangue da vitima saltou na cara do pontífice. "O papa, acrescenta a testemunha contemporanea destas cenas, "ama o duque seu filho, e muito teme por ele". [7]

Cesar foi o homem mais gentil e mais valente de seu século. Seis touros bravios caiam facilmente a seus golpes em um combate. Todas as manhãs apareciam em Roma pessoas assassinadas durante a noite. O veneno consumia aos que escapavam do punhal. Ninguém ousava mover-se nem respirar em Roma, temendo ver chegada a sua vez. Cesar Bárgia foi o herói do crime. Na terra não houve lugar em que a iniquidade chegasse a maior altura do que sobre o trono dos pontífices. Quanto mais o homem é dominado pelo genio do mal, tanto mais se aprofunda no abisrrio do inferno.

As festas dissolutas que o papa, seu filho Cesar e sua filha Lucrécia celebravam no palácio pontifício não se pode descrever, nem pensar nelas sem horror. Talvez ,que as selvas impuras da antiguidade não vissem semelhantes. Alguns historiadores acusam de incesto. Alexandre e Lucrécia; porém este ponto não nos parece suficientemente provado. Tendo o papa preparado veneno para um rico cardeal, em uma caixinha de doces, que devia ser servida depoisde um suntuoso banquete, o cardeal foi prevenido, subornou o mordomo, e sendo posta a caixinha com doce envenenado diante de Alexandre, este o comeu e morreu. r' "Toda a cidade correu pressurosa para ve-lo, e não se fartou de contemplar esta víbora morta".

Tal era o homem que ocupava a cadeira pontifícia no princípio do século em que rebentou a reforma.Assim o cleor tinha envilecido a religião e a si mesmo. Por isso uma voz poderosa bem podia exclamar: "O estado eclesiástico é oposto a Deus e à sua glória. O povo bem o sabe, porque assás o demonstram tantas canções, tantos provérbios, tantas zombarias contra os padres, que circulam entre a plebe; e todos estes retratos de frades e padres que se vêm pintados em todas as paredes, e até nas cartas de jogar: todos se desgostam de ver ou de ouvir a um eclesiástico". É Lutero quem fala assim.

O mal tinha-se estendido a todas as classes, uma "operação do erro" havia sido enviada aos homens, a corrupção dos costumes correspondia à corrupção da fé, e um mistério de iniquidade pesava sobre a subjugada igreja de Jesus Cristo.

Uma outra consequencia dimanava necessariamente -do esquecimento em que caixa a doutrina fundamental do Evangelho. A ignorancia do espírito era companheira da corrupção do coração. Os padres, tomando a seu car-go a distribuição de uma salvação que pertence a Deus, possuiam um titulo suficiente ao respeito dos povos. Que necessidade tinham eles de estudar as Santas Letras? Não se tratava de explicar as Sagradas Escrituras, mas. de dar cartas de indulgência. Para tal ministério não era necessarío adquirir a sabedoria à custa de muito trabalho. [8] Escolhiam-se para pregadores nos campos, diz Wim-pheling, miseraveis, anteriormente tirados da mendicida- 'de, e que tinhamsido cozinheiros,musicos,caçadores, moçosde estribarias,,e piorainda.

O mesmo clero superior achava-se submerso em gran' de ignorancia. Um bispo de Dunfield julgava-se feliz por não ter jamais aprendido o grego o hebraico. Os frades pretendiam que todas as heresias provinham destas linguás, e principalmente da grega.

"O Novo Testamento", dizia um deles, "é um livro cheio de serpentes e de espinhos. O grego", continuavam eles, "é uma nova língua recentemente inventada, da qual é preciso acautelar-se. Quanto ao hebraico, meus caros irmãos, é certo que todos os que o aprendem, tornam-se Judeus no mesmo instante". Heresbarich, amigo de Erasmo, escritor respeitável, refere estas palavras. Thomaz Linacer, sábio e célebre eclesiástico, nunca tinha lido o Novo Testamento. Em seus ultimos momentos (em 1524) ele mandou buscar um exemplar; mas imediatamente o arrojou para longe de si com juramento, por que, abrindo-o, deparou com estas palavras: "Mas eu vos digo que não jureis de nenhum modo". Ele eragrande jurador."Ou isto não é oEvangelho", disse ele, "ou então não somos cristãos". [9]

A mesma faculdade de teologia de Paris não temia de dizer perante o parlamento: "Se se consente o estudo do grego e do hebraico, acaba-se a religião".

Se em alguma parte havia algum conhecimento entre os eclesiásticos, não o era das Santas Escrituras. O cice-ronianos da Itália afetavam grande desprezo pela Bíblia, em razão de seu estilo. Certos pretendidos ministros da igreja de Jesus Cristo traduziam os escritos de homens santos, inspirados pelo Espírito Santo, no estilo de Virgílio -`e de Horácio, afim-de tornar sua leitura agradável aos ouvidos da boa sociedade. O Cardeal Bembus, em vez de Espírito Santo, escrevia: O sopro do Zefiro celeste em vez de perdoar os pecados: aplacar os manes e os deuses so-beranos:. em vez de Cristo, Filho de Deus; Minerva salda da cabeça de Jupiter. Encontrando um dia o respeitável Sadoleto ocupado em uma tradução da Epístola aos Romanos, lhe disse: Deixa essas criançadas; tais inépcias são próprias de um homem sério. ° [10]

Eis algumas das consequencias do sistema que então pesava sobre a cristandade. Este quadro torna evidente a corrupção da igreja e a necessidade de uma reforma.

Foi o que nos propusemos a demonstrar quando o esboçamos. As doutrinas vitais do cristianismo tinham quase que intei-ramente desaparecido, e com elas a vida e a luz, que cons-tituem a essencia da religiãode Deus. As forças do corpo da igreja haviam se dissipado. Ele se achava enfraquecido, prostrado e estendido quase sem vida sobre essa parte do mundo que o império romano tinha ocupada.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Hist. de la Reforrnation; e Seckendorff, Hist. du Lutheranisme. Müller's Reliquien, vol. 3, g. 22.

[2] * O Eeolamp., de risu paschali.

[3] * Nicol. De Clemangis, De praesulib. simoniaces.

Palavras de Seb. Stor., pastor de Lichstall in 1524.

Füssling Beytrage, 2.224.§ Metern. Nederi., Hist. 8

Hottinger, Hist. Eccl., 9.305.

Pastoral de 3 de março de 1517, de Hugo, bispo de Constancia.

[4] Müller's Relig., 3.251. Steubing. Gesch. der Nass. Oran. Lande.

Uno anno ad se delata undecin millia sacerdotum palam con-cubinariorum. Erasmi Op., tom. 9, p. 401. Schmidt, Gesh. der Deutschem, tom. 4.

[5] * Infessura.

[6]* Amazzo il fratello ducha de Gandia, e lo fa butar nel Tevere. S. M. C. de Capello, ambassad, à Roma en 1500, ext. par Ranke.

[7] * Intro in camera... fe uscir la moglie e sorella . e stranguló dette giovene. 8. M. C. de Cappello, ambassad. á Roma en 1500, ext. par Ranke.

Adeo il sangue l i salto in la faza dcl papa. Ibid.

[8]* E messe la scutola venenenata avante il papa. Sanato. Gordon, Tomasi, Infessura, Guicciardini, etc.

"Da man an alle Wende auf allerley Zeddel, zuletzt auch auf den Kartensipielen, Pfaffen und Monche malete." Luth. Ep. 2. 674.

[9] * Apologia pro Rep. Christ.

Müller's Relig., tom. 2, p. 253.

[10] * Fellcri, Mon. ined., p. 400.

CAPÍTULO IV

Natureza imortal do cristianismo — Duas leis de Deus — Triunfo de Roma — Tríplice oposição — Reis e povos — Transformações da igreja — Descobertas dos reis —Frederico o Sábio.

Os males que então afligiam a cristandade, isto é, a superstição, a ignorância, as vãs especulações, a corrupção dos costumes, frutos naturais do coração humano, não eram novos sobre a terra. Figuraram muitas vezes na história dos povos, e sobretudo atacaram no oriente diversas religiões, que haviam tido seus dias de glória. Estas religiões enervadas sucumbiram a estes males, caíram a seus golpes, e nenhuma jamais tornou a levantar-se.

Deve agora o cristianismo experimentar a mesma sorte? Perder-se-á como as antigas superstições dos povos? O golpe que a morte lhe descarregou será bastante forte para tirar a vida? Não haverá nada que •[1] salve? Estes poderes inimigos que o oprimem, e que já destruiram tantos cultos diversos, poderão firmar-se sem oposição sobre as ruivas da igreja de Jesus Cristo?

Não. Há no cristianismo o que não havia nessas re-ligiões nacionais. Ele não apresenta, como elas, certas idéias gerais, misturadas de tradições e de fabulas inventadas, para sucumbir cedo ou tarde sob os ataques da razão humana; ele contém uma verdade pura, fundada em fatos capazes de sustentar o exame de todo o espírito reto e esclarecido. O cristianismo não se propõe unicamente a excitar no homem certos vagos sentimentos religiosos,cujoprestígio,umavez dissipado, não poderenascer;eletemporfimsatisfazer, e realmente satisfaz, todas as necessidades religiosas da natureza humana, seja qual for o grau de desenvolvimento a que tenha chegado. Não é obra humana, cujo trabalho passa e acaba; é obra de Deus, que conserva o que criou, e tem por penhor de sua duração as promessas de seu Divino Chefe.

É impossível que a humanidade jamais se coloque acima do cristianismo; mesmo quando ela acreditou poder durante algum tempo passar sem ele, bem depressa ele lhe apareceu com uma nova mocidade e uma novavida, como unico remédio para curar as almas: então os povos degenerados voltaram-se com vivo ardor para estas verdades antigas, simples e poderosas, que haviam desdenhado na hora de seu atordoamento.

O cristianismo desprendeu,com efeito, no seculo decimo sexto, o mesmo poder regenerador que exerceu no primeiro. Depois de quinze seculos, as mesmas verdades produziram os mesmos efeitos. Nos dias da reforma, como no tempo de S. Paulo e S . Pedro, o Evangelho destruiu imensos obstaculos com uma força invencível. Do norte ao meio-dia, seu soberano poder mostrou sua eficácia entre

nações as mais diferentes em costumes, em carater e em desenvolvimento intelectual. Então, como no tempo de

Estevão e de S. Tiago, ele acendeu o fogo do entusiasmo e do sacrifício em nações cegas, e as levou até o martírio.

Como se cumpriu esta vivificação da igreja e do mundo?

Pode-se então observar duas leis, pelas quais 'Deus governa em todo o tempo.

Primeiramente ele prepara, com lentidão e ao longe, as coisas que quer realizar. Tem os séculos para as fazer

Depois, quando o tempo é chegado, realiza as maiores coisas pelos meios mais pequenos. Assim opera na na-tureza e na história. Quando quer fazer crescer uma ar-vore imensa, deposita na terra um pequeno grão; quando quer renovar a sua igreja, serve-se do mais mesquinho instrumento para efetuar o que os imperadores, os sábios e os homens eminentes da igreja não puderam fazer. Logo

descobriremos esta pequena semente que a mão divina depositou na terra no tempo da reforma. Devemos agora discernir e reconhecer os meios pelos quais Deus preparou esta grande revolução.

Na época em que a reforma estava prestes a rebentar, Roma parecia em paz e em segurança. Dir-se-ia que coisa alguma seria capaz de perturba-la em seu triunfo: grandes vitórias haviam sido conseguidas por ela. Os concílios gerais, estas camaras alta e baixa do catolicismo, tinham sido subjugados. Os Valdenses, os Hussitas, foram com-primidos. Nenhuma universidade, à exceção da de Paris, que algumas vezes elevara a voz quando seus reis lhe da-vam sinal, duvidava da infalibilidade dos oráculos de Roma. Cada um parecia partidário de seu poder. O alto clero preferia dar antes ao chefe, distante dele, a decima parte de seus rendimentos e consumir tranquilamente as outras nove, do que arriscar todaspor urna. independenciaque lhe custariacaroe lhe renderiapouco.O baixo clero, engodado pela perspectiva dos cargos brilhàntes que a ambição lhe fazia imaginar e descobrir no futuro, comprava, voluntario por um pouco de escravidão a lisonjeira esperança que acariciava. Por outro lado, acha:va-se por toda a parte de tal maneira oprimido pelos chefes da ierarquia, que apenas podia mover-se sob suas mãos poderosas, e de modo algum reerguer-se ousadamente e lhes fazer frente. O povo dobrava os joelhos ante o altar romano, e os próprios reis, que em segredo principiavam a desprezar o bispo de Roma, não ousavam fazer a seu poder uma agressão que o século apelidaria sacrilégio.

Mas, se a oposição parecia exteriormente amortecida, e ter mesmo cessado quando rebentou a reforma, interior-mente tinha crescido. Se de mais perto considerarmos o edifício, descobriremos mais de um sintoma que lhe pre-sagiava a

ruina. Osconcílios gerais, ao cairem, propagaram seus princípios na igreja, e suscitaram a discordia no campo de seus adversarios. Os defensores da gerarquia dividiram-se em dois partidos: o[2] que sustentava o domínio papal absoluto, segundo os princípios de Hildebrando; e o que queria um governo papal constitucional, oferecendo garantias e liberdade às igrejas.

Porém ainda havia mais: achava-se fortemente altera-da, em todos os partidos, a fé e a infalibilidade do bispo romano. Se não se levantou voz alguma para combate-la, é porque cada qual procurava reter comansiedade apoucafé que aindapossuía. Temia-se o maispequeno abalo, porque este derribaria o edifício. O cristianismo retinha a respiração para prevenir um desastre em meio do qual receiava morrer. Desde o momento em que o homem teme abandonar uma persuasão por muito tempo atacada, já não a possue. E mesmo não guardará por muito tempo a própria aparencia que quer conservar.

A reforma foi, pela providência de Deus, preparada pouco a pouco em tres mundos diferentes: no mundo po-lítico, no eclesiástico e no literário. Os reis e os povos, os cristãos e o teólogos, osliteratose ossábios, contrib.“- ramaconduzir arevolução do decimo-sexiT, et.:(Aio. Percorramos esta tríplice oposição, terminando pela das letras, que foi talvez a mais poderosa no tempo que imediatamente precedeu à reforma.

Primeiramente, quanto aos povos e aos reis, Roma tinha a seus olhos perdido o antigo crédito. A primeira causa era a igreja. Os erros e as superstições introduzidos por ela no cristianismo não foi propriamente o que lhe descarregou um golpe fatal. Seria preciso que a cristandade fosse colocada acima da igreja, quanto ao desenvolvimento intelectual e religioso, para poder julga-la a tal respeito. Havia nela, porém, uma ordem de cousas que chegava ao alcance dos leigos, e logo a igreja foi julgada. Ela tornara-se terrestre. Este império sacerdotal, que do- ,) minava os povos e que não podia substituir senão por meio das ilusões de seus vassalos, e pela aureola de que soubera cercar-se, tinha-se esquecido de sua natureza, deixado o céu e sua esfera de luz e glória, para mergulhar-se nos vulgares interesses dos cidadãos e dos príncipes. Os padres, nascidos representantes do Espírito, o haviam trocado pela carne. Tinham abandonado o tesouro da ciencia e o poder espiritual da palavra pela força bruta e pelo ouropel do seculo.

A coisa passou-se muito naturalmente. Era por certo a ordem espiritual que a igreja pretendeu defender primeiro. Mas, para protege-la contra a resistencia e os ataques dos povos, recorreu aos meios terrestres, às armas vulgares, das quais uma falsa prudencia levou-a a apoderar-se. Quando a igreja é posta uma vez a manejar semelhantes armas, já não tem sua espiritualidade. Seu braço não podia tornar-se temporalsemque seucoração oviesse asertambém. Logose viu emaparênciao contrario do que antes havia sido. Depois de ter querido empregar a terra para

defender o céu, ela empregou o céu para defender a terra. As formas teocráticas já não foram em suas mãos senão meios de realizar empresas mundanas. As oferendas que os povos vinham depositar ante o soberano pontífice da cristandade serviam para sustentar o luxo de sua corte e os soldados de seus exercitas. Seu poder espiritual servia-lhe de degrau para colocar a seus pés os reis e os povos da terra. O encanto caiu, e o poder da igreja perdeu-se desde que os homens daquele século puderam dizer: "Ela tornou-se como nós".

Os grandes foram os primeiros a examinar os títulos deste poder imaginário. c' Este exame seria talvez suficiente para derribar Roma. Mas, por felicidade dela, a educação dos príncipes se achava em toda a parte nas mãos de seus adeptos. Estes inspiravam a seus augustos discípulos sentimentos de veneração pelo pontífice romano. Os chefes dos povos cresciam no santuario da igreja. Os que eram de um alcance ordinário jamais sabiamsair inteiramente dele. Muitosmesmo não aspiravamsenão achar-se nele nahora de sua morte. Estimavam mais morrer sob um habito de frade do que sob uma coroa.

A Itália, este pomo da discórdia da Europa, foi talvez quem mais contribuiu para esclarecer os reis. Estes deviam entrar com os papas em alianças concernentes ao prín-cipe temporal dos Estados da Igreja, e não ao bispo dos bispos. Os reis espantaram-se de ver os papas prestes a sacrificarem os direitos que pertenciam ao pontífice para conservarem algumas vantagens de príncipe. Descobriram que estes pretensos orgãos da verdade recorriam a todos os pequenos ardis da política, ao engano, à dissimulação, ao perjurio. Então caiu a venda que a educação colocara nos olhos dos príncipes. Então o avisado Fernando de Aragão usou de astúcia contra astúcia. Então o impetuosoLuiz XII mandou cunharumamedalha comestainscrição:PerdamBabylonisnomen.°Eo honesto Maximiliano d'Austria, cheio de dor ao saber da traição de Leão X, disse abertamente: Este papa também não é para nós senão um celerado. Posso agora dizer que nenhum papa, em toda aminhavida, me cumpriu suafé e sua palavra... Espero, se Deuspermitir, que este será o último.

Os reis e os povos começavam então também a sentir com impaciencia o pesado fardo que os papas lhes im-punham. Eles pediam que Roma os livrasse dos dízimos, dos tributos, das anatas, que consumiam suas forças. Já a França tinha oposto a Roma a Pragmatica Sanção, e os chefes do império a reclamavam. Em 1511 o imperador tomou parte no concílio de Pisa, e teve mesmo por algum tempo a idéia dé monopolizar o papismo. Mas, entre os chefes dos povos, nenhum foi tão util à reforma como o dos estados em que ela devia começar.

De todos os eleitores, o mais poderoso era então Fre-derico de Saxe, denominado o Sábio. Chegado em 1487 ao governo hereditário de sua família, recebeu do imperador a dignidade eleitoral, e em 1493, tendo empreendido uma peregrinação a

Jerusalem, foi armado "Cavaleiro do Santo Sepulcro". A autoridade de que gozava, suas riquezas, sua liberdade e magnificencia, o elevavam acima dos seus iguais. Deus o escolheu para ser como uma arvore a cujo abrigo a semente da verdade pudesse brotar o seu primeiro renovo, sem ser arrancada pelas tempestades exteriores.

Ninguem era mais próprio para este nobre ministério. Frederico possuía a estima geral, e em particular gozava de toda a confiança do imperador. Era ele quem o substituis quando Maximiliano se achava ausente do impé;rio. Sua sabedoria não consistia nas práticas habeis de urna política astuciosa, mas em uma prudência esclarecida e previdente, da qual a primeira lei era a de jamais infringir por interesse as leis da honra e da religião.

Ao mesmo tempo sentia em seu coração o poder da Palavra de Deus. Um dia que o vigario geral Staupitz achava-se com ele, a conversa caiu sobre os que fazem vãs declamações ao povo. "Todos as discursas, disse o eleitor, que não são cheios senão de subtilezas e de tradições humanas são admiravelmente frios, sem nervos nem forças; visto que nada se pode avançar de sutil que não possa ser destruido por outra sutileza. A Santa Escritura por si só é revestida de tanto poder e majestade que, destruindo todas as sabidas regras de nosso raciocínio, nos impele e nos obriga a dizer: "Jamais homem algum falou assim". Staupitz tendo manifestado que se conformava inteiramente com este juizo, o eleitor lhe estendeu a mão cordialmente e lhe disse: "Prometei-me que sempre pensareis assim.

Frederico era precisamente o príncipe que se necessitava no princípio da reforma. Muita fraqueza por parte dos amigos desta obra teria permitido que fosse sufoca-

Muita precipitação teria feito rebentar a tempestade ciue principiou a formar-se contra ela desde sua origem. Frederico foi moderado, porém forte. Teve esta virtude cristã que Deus pede em todo o tempo aos que adoram seus caminhos: esperou em Deus. E pôs em prática este conselho de Camaliel: Se este designio é obra dos homens, se desvanecerá. Porém se é de Deus, não podereis destruir". Atos 5:8, 9. "As coisas", dizia este príncipe a um dos homens mais ilustrados de seu tempo, a Spengler de Nuremberg, "as coisas vieram parar a tal ponto que os homens já não podem remedia-las; Deus só deve operar. É por isso que deixamos em suas mãos poderosas este:, grandes acontecimentos, que são muito difíceisparanós-. AProvidênciafoi admirável naescolhaque fez de umtal príncipe para proteger sua obra nascente.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Eu destruirei o nome de Babilônia. Scultet, Armai, ad an. 1520.Adrien Baillet, Histoire des dérnêlés de Boniface VIII avee Philippe de Bel. Paris, 1708.

[2] Guicciardini, Hist. de Ital.

CAPÍTULO V

Descobertas dos povos — O império — Paz — Terceiro estado — A Alemanha e Roma — A paciência dos Germanos — Fermentação — Suiça Oposição nas cidades — As montanhas — Itália — Obstáculos — Espanha — Submissão à igreja — França —Francisco 1 --Países Baixos — Inglaterra — Escossia — O norte—Russia PoloniaBoernia — Hungria.

Já vimos os preparativos de Deus entre os príncipes, em relação à obra que ia realizar; vejamos agora quais foram eles entre seus vassalas. Seria pouco importante que os chefes estivessem predispostos sem que as nações o estivessem; porém não foi assim. Os mais sábios principiaram a habituar-se à idéia de que o bispo de Roma era um simples homem, e algumas vezes muito mau homem. Principiou-se a suspeitar que ele não era mais santo do que os bispos cujas reputações eram por demais equívocas. Os excessos dos papas indignaram a cristandade, e o ódio. do nome romano estabeleceu-se no coração das nações. [1]•

Ao mesmo tempo numerosas circuntâncias tornaram mais facil a libertação de diversas regiões do ocidente. Lancemos um golpe de vista sobre o que eram elas então.

O império era uma confederação de diversos estados que tinham por seu chefe um imperador; mas cuja soberania era exercida por cada um em seu próprio território.- A dieta imperial, composta de todos os príncipes, ou estados soberanos, exercia o poder legislativo por todo o corpo germânico. O imperador devia ratificar as leis, decretos e registras desta assembleia, que estava encarregada de sua aplicação e execução. Os sete príncipes mais poderosos tinham, sob o título de eleitores, o privilegio de julgar a coroa imperial.

O norte da Alemanha, habitado principalmente pela antiga raça saxonia, era o que gozava de mais liberdade. O imperador, atacado constantemente pelos Turcos em suas possessões hereditarias, devia contemporizar com aqueles príncipes e aqueles_ povos corajosos, que então lhe eram necessários. Algumas cidades livres, ao norte, a oeste e ao sul do império tinham chegado, por seu comércio, suas manufaturas e seus trabalhos em todos os generos, a um alto grau de prosperidade e de independencia. A poderosa casa d'Austria, que trazia a coroa imperial, tinha sob suas mãos a maior parte dos estados do meio-dia da Alemanha, e vigiava de perto todos os seus movimentos. Preparava-se a estender seu domínio a todo o império, e mais longe ainda, quando a reforma veio por um dique poderoso às suas invasões e salvar a independência européia.

Como a Judéia, onde nasceu o cristianismo, se achava em meio do antigo mundo, assim a Alemanha estava no centro da cristandade . Ela era contígua ao mesmo tempo aos Países-Baixos, à Inglaterra, à França, à Suiça, à Itália, à Hungria, à

Boemia, à Polonia., à Dinamarca e a todo o norte. Era no coração da Europa que devia desenvolver-se o princípio da vida,. e eram suas palpitações que haviam de fazer circular por todas as arterias deste grande corpo o sangue generoso destinado a vivificar todos os seus membros.

A constituição particular que o império havia recebido, conforme as disposições da Providencia, favorecia a propagação das novas idéias. Se a Alemanha tivesse sido urna monarquia propriamente dita, tal como a França ou a Inglaterra, a vontade arbitraria do soberano seria bas-tante para impedir por muito tempo o progresso do Evangelha. Porem era una confederação. A verdade com-batida em um estado podia ter aceitação em outro.

A paz interna que Maximiliano acabava de assegu-rar ao imperio não era menos favoravel à reforma . Durante muito tempo os numerosos membros do corpo germânico tinham se comprazido em despedaçar-se reciprocamente. Não se notava senão desordens, discordias, guerras, que incessantemente se reproduziam: vizinhos contra vizinhos, cidades contracidades, senhores contra senhores. Maximiliano deu solidas bases à ordem pública instituindo a camara imperial, chamada para julgar as desavenças entre os diversos estados. Os povos germanicos, depois de tantas desordens e inquietações, viam começar uma nova era de segurança e repouso. 'Entretanto a Alemanha oferecia ainda aosolhosdo observador esse movimento queagitao mar depoisde prolongadastormentas quando Lutero apareceu. A calma ainda não estava segura. O primeiro sopro podia fazer rebentar de novo a tempestade. A reforma, imprimindo um impulso todo novo aos povos germânicos, destruiu para sempre as causas antigas da agi-tação. Ela pôs termo a um sistema de barbaria que do-minara até então, e deu à Europa um outro.

Ao mesmo tempo a religião de Jesus Cristo tinha exercido na Alemanha uma influência que lhe é própria. O povo fazia aí rápidos progressos. Viam-se nos diferentes estados do império, e nas cidades livres principalmente, numerosas instituições próprias para desenvolver esta im-ponente massa popular. As artes floresciam. Os cidadãos entregavam-se com segurança aos trabalhos tranquilos e às doces relações da vida social. Eles tornavam-se cada vez mais accessiveis às luzes' Adquiriam assim de dia em dia mais consideração e autoridade. Não eram magistrados, chamados muitas vezes para fazer amoldar sua conduta às exigencias políticas; ou nobres, antes de tudo amadores da glória das armas; ou uni clero ávido e ambicioso, explorando a religião como sua propriedade exclusiva,que deviamfundar areformanaAlemanha. Eladeviaser obradaclasse media, do povo, da nação inteira .

O carater particular dos Alemães prestava-se especial-mente a uma reforma religiosa. Uma civilização falsa não o tinha deslavado. As preciosas sementes que o temor de Deus deposita em um povo não haviam sido lançadas ao vento. Ainda

subsistiam os antigos costumes. Encontrava-se na Alemanha esta retidão, esta fidelidade, este amor do trabalho, esta perseverança, esta disposição religiosa que ainda se lhe conhece, e que pressagia ao Evangelho maiores sucessos do que o carater ligeiro, zombador ou grosseiro de outros povos da Europa.

Os povos germânicos tinham recebido de Roma o gran-de elemento da civilização moderna, a fé. Cultura, conhecimentos, legislação, tudo,salvo suacorageme suasarmas,

lhe tinha vindo da cidade sacerdotal. Laços estrei-tos uniram desde então a Alemanha ao papismo. A primeira era uma conquista espiritual do segundo; e é sabido o que Roma sempre fez de suas conquistas. Os outros povos que possuiam a fé e a civilização antes que existisse o pontífice romano, ficaram-lhe em frente e na maior independencia. Porém esta sujeição dos alemães não devia servir senão para tornar a reação mais poderosa no instan-te de seu levantamento. Quando se abrissem os olhos da Alemanha, ela despedaçaria com indignação os laços em que, a conservaram por tanto tempo cativa. A sujeição que sofreu lhe aumentaria a necessidade da independeneia e da liberdade, e robustos campeões da verdade sairiam desta casa de força e de disciplina, onde desde tantos seculos o seu povo estivera encerrado.

Havia então na Alemanha alguma coisa que muito se parecia com o que a política de nossos dias chama "sistema de equilíbrio". Quando o chefe do império era de um carater forte, seu poder aumentava; quando, ao contrario, era fraco, crescia a influencia e a autoridade dos príncipes e eleitores. Estes jamais se sentiram mais fortes contra seu chefe do que no tempo de Maximiliano, na epoca da reforma. E tendo o chefe tomado partido contra ela, compreende-se quanto esta circunstancia foi favoravel à propagação do Evangelho. E, demais, a Alemanha estava cansada do que Roma chamava por ironia "a paciencia dos germanos". Estes mostraram com efeito muita paciencia desde o tempo de Luiz de Baviera. Desdeentão osimperadores haviamdeposto as.armas, e atiarase tinhaelevado sem contradições acima da coroa dos Cesares.

Entretanto, o combate apenas mudara de lugar. Descera algunsdegraus. Estas mesmas lutas, dadas em espetaculo ao mundo pelos imperadores e papas, renovaram-se bem depressa em ponto pequeno em todas as cidades da Alemanha, entre os bispos e os magistrados. A classe media apanhara a espada que os chefes do império haviam deixado cair. já em 1329 cidadãos de Frankfort-sobre o Oder haviam com intrepidez feito frente a todos os seus superiores eclesiás-ticos. Excomungadosporque permaneceramfieisao mar-graveLuiz, passaramvinte eoito anos sem missas, casa-mentos e sepultura eclesiástica. Quando voltaram os frades e os padres, eles riram-se disto como de uma farça e de uma comedia. Tristes desvarios, sem duvida, porem, dos quais o mesmo clero era o culpado. No tempo da

reforma tinha-se aumentado a oposição entre os eclesiásticos e os magistrados. A todo o momento os privilégios e as pretenções temporais do clero produziam encontros e cho-ques entre estes dois corpos.

Mas não era unicamente entre os burgomestres e os conselheiros das cidades que Roma encontrava adversarios. Nesse mesmo tempo a colera fermentava no povo. Ela fez explosão em 1502 nas comarcas do Reno, e os campônios, indignados do jugo que seus soberanos eclesiás-ticos faziam pesar sobre eles, formavam entre si o que se Chamou a "Aliança dos sapatos".

Principiaram a reunir-se de noite na Alsacia, por caminhos desconhecidos, 'sobre montes isolados, onde juraram não pagar, no futuro, senão os impostos em que consentissem livremente; abolir as portagens e os direi-tos do vinho; limitar o poder dos padres e saquear os judeus. Depois, colocando um sapato de camponês no alto de uma vara, à laia de bandeira, marcharam contra a cidade de Schelestadt, propondo-se a chamar em seu auxíilo a confederação livre dos Suiços: mas em breve foram dispersados. Assim, por toda a parte, tanto nas classes superiores como nas inferiores, ouvia-se um ruido surdo, precursor do raio prestes à rebentar. A Alemanha parecia preparada para a obra que devia realizar-se no século décimo-sexto. A providência, que marcha lentamente, tinha disposto tudo, e as mesmaspaixões que Deuscondenadeviamser transformadaspor suas mãos pode-usas em complemento de seus designfos.

Vejamos o que eram os outros povos.

Treze pequenas repúblicas, colocadas com seus alia-dos no centto da Europa, entre montanhas que são como cidadelas, formavam um povo simples e corajoso. Quem iria procurar nestes vales obscuros aqueles que Deus es-colhera para serem com os filhos dos Germanos os liber-tadores da igreja? Quem teria pensado que cidades pequenas e desconhecidas, apenas saidas do estado de barbaria, ocultas atras de montanhas inacessiveis, na extremidade de lagos que não tinham nome algum na história, excederiam, em relação ao cristianismo, à Jerusalem, Antioquia. Êfeso, Corinto e Roma? Entretanto assimo quisAquele que quer que umpedaço de terrasejamolhado pelachuva e que outro pedaço se conserve seco. Amos 4:7.

Outras circunstâncias pareciam ainda dever rodear de numerosos escolhos a marcha da reforma no seio dos povos helvéticos. Se em uma monarquia são para receiar os tolhimentos do poder, em uma democracia é para temer a precipitação do povo.

Mas a Suiça tinha feito também seus preparativos. Era como uma arvore selvagem, porém generosa, que se havia conservado no fundo dos vales para enxertar-se nela algum dia um fruto de grande valor. A Providência tinha espalhado entre este povo novo os princípios de coragem, de independencia e de liberdade

destinados a desenvolver todo o poder quando soasse a hora a luta com Roma. O papa havia dado aos Suíços o título de defensores da igreja. Porém eles pareciam tomar esta denominação hoEorífica emsentido muito diferente daquele que lhe dava o pontifice. Se seus soldados guardavam o papa junto do antigo capitólio, seus cidadãos, no seio dos Alpes, guardavam com cuidado suas liberdades religiosas contra os ataques do papa e do clero. Era proibido aos eclesiásticos o recurso a urna jurisdição estrangeira. A Carta dos Padres (Pfaffenbrief, 1370) era um energico protesto da liberdade suiça contra os abusos e o poder do clero. * Zurich distinguiu-se entre todos os estados por sua corajosa oposição às pertensões de Roma. Genebra, em outra extremidade da Suiça, lutava com seu bispo. Estas duas cidades assinalaram-se entre- todas na grande luta que nos propusemos descrever.

Mas se as cidades helvéticas, accessiveis a todos os melhoramentos, deviam ser as primeiras arrastadas no movimento da reforma, não devia ser o mesmo com os povos das montanhas. As luzes não tinham chegado até lá. Estes cantões fundadores da liberdade suiça, orgulhosos do papel que representaram na grande luta da independencia, não estavam dispostos a imitar facilmente seus irmãos das planícies. Porque trocar esta fé com a qual repeliram a Áustria, e que consagrara por altar-es todos os lugares de seus triunfos? Seus sacerdotes eram os únicos condutores ilustrados aos quais eles podiam recorrer; seu culto e suas festas divertiam-nos da monoto-nia de sua vida tranquila, e rompiam agradavelmente o silencio de seus aprazíveis retiros. Ficaram firmes às inovações religiosas.

Passando os Alpes, achamo-nos nessa Itália que era aos olhos de grande numero a terra santa da cristandade. Donde esperou a Europa o bem da igreja senão da Itália, senão de Roma? O poder que levava, uns após outros, tantos carateres diferentes sobre o trono pontificial não podia colocar um dia um pontífice que viesse a ser um instrumento de bençãos em relação à herança do Senhor? E quando mesmo se devesse desesperar dos pontífices, não haveriam bispos e concílios que reformariam a igreja? Nada de bom podia vir de Nazaré, mas sim de Jerusalem; mas sim de Romal... Tais tinham sido os pensamentos dos homens; porém Deus pensou inteiramente o contrario. Éle disse: "Aquele que se suja, suje-se ainda", Apocal. 22:11; e abandonou aItália às suas injustiças. Esta terra, de uma glória antiga, estava constantemente entregue às guerras intestinas e às invasões estarngeiras. Parecia que só os ardis da política, a violencia das facções e a agitação das armas deviam domina-la, e banir por muito tempo o Evangelho e sua paz.

Por outro lado a Itália, despedaçada, fraccionada, sem unidade, não era própria para receber um impulso comum. Cada fronteira era uma nova barreira onde a verdade tinha de parar.

E se a verdade devia vir do norte, como é que os italianos, de um gosto tão apurado, de uma vida social tão delicada a seus olhos, teriam consentido em receber

qualquer coisa dos bárbaros germanos? Os homens que admiravam mais a elegância de um soneto do que a ma-jestade e a simplicidade das Escrituras, poderiam ser um terreno propicio à semente da Palavra de Deus? Uma falsa civilização é, entre todos os diversos estados dos povos, o que mais repugna o Evangelho.

Enfim, seja o que for, para a Itália Roma sempre era Roma. Não somente o poder temporal dos papas fazia com que os diversos partidos italianos buscassem por todo o preço sua aliança e seu favor, como também o domínio universal de Roma oferecia mais de uma vantagem à avareza e à vaidade dos outros estados ultramontanos. Desde que se tratasse de emancipar de Roma o resto do mundo, a Itália se (ornaria romana: as contendas domesticas não prevaleceriam em favor do sistema estrangeiro, e seriam suficientes alguns desgostos causados ao chefe da familia peninsular para reanimar imediatamente as afeições e os interesses recíprocos por muito tempo adormecidos.

A reforma tinha, portanto, pouco que esperar por este lado. Apesar disso, acharam-se além dos montes almas preparadas para receberem a luz evangélica, e a Itália não fitou então inteiramente deserdada.

A Espanha possuis o que não havia na Itália: um povo serio, nobre e -de espirito religioso. Em todo o tempo este povo contou entre os membros de seu clero ho-mens piedosos e científicos, e se achava assás afastado de Roma para poder com facilidade sacudir seu jugo. Ha poucas nações onde mais razoavelmente se poderia esperar a renovação deste cristianismo primitivo, que a Espanha pretende ter recebido do próprio S. Paulo. E entretanto a Espanha não se elevou entre as nações. Ela foi destinada a cumprir estas palavras da sabedoria divina: Os primeiros serão os últimos. Diversas circunstâncias pre-pararam este triste resultado.

A Espanha, visto sua posição isolada e a distancia em que estava da Alemanha, não devia sentir senão fracos estremecimentos deste grande terremoto que agitou o império. Ela tinha, além disso, de ocupar-se ele tesouros assás difeerntes daqueles que a Palavra de Deus então apresentava ao povo. O mundo novo eclipsou o mundo eterno. Uma terra novíssima, que parecia ser toda de prata e ouro, inflamava todas as imaginações. Um ardente desejo de enriquecer não deixava lugar em um çoraçâc espanhol a pensamentos mais nobres. Um clero poderoso, tendo à sua disposição cadafalsos e tesouros, dominava na Península. O espanhol prestava voluntario a seus sacerdotes uma obediencia servil, que descarregando-o de toda a preocupação espiritual, deixava-o livre para entregar-se às suas paixões e para correr pelo caminho das riquezas, das descobertas e dos novos continentes. Vitorioso dos Mouros, ele tinha feito, à custa do seu maisnobre sangue,cair ameia-lua dosmurosde Granadae de outrasmuitascidades, e plantado em seu lugar a cruz de Jesus Cristo. Este grande zelo pelo cristianismo, que parecia dar vivas esperanças, voltou-se contra a verdaele. Como a católica Espanha, que tinha vencido a infidelidade, não se

levantaria contra a heresia? Como aqueles que haviam expulso Maomé de suas mais belas províncias deixariam Lutero penetrar nelas? Seus reis fizeram ainda mais: armaram esquadras contra a reforma, e, para vence-la, foram busca-la na Holanda e na Inglaterra. Porém estes ataques fizeram mais fortes as nações invadidas, e bem depressa seu poder esmagou a Espanha. Assim, estas regiões católicas perderam pela reforma, essa mesma prosperidade temporal que primeiro lhes fizera rejeitar a liberdade espiritual do Evangelho. Entretanto, era um povo generoso e forte o que habitava do outro lado dos Pirenéus. Muitos de seus nobres filhos, com o mesmo ardor, mas com mais. ilustração do que os que deram seu sangue ao ferro dos árabes, vieram depor a oferenda de suas vidas sobre as fogueiras da inquisição.

Em Portugal sucedia pouco mais ou menos o mesmo que na Tspanha . Manoel, o Ditoso dava-lhe um século de ouro que devia torna-lo pouco propicio às renuncias que o Evangelho exige. A nação portuguesa, precipitan-do-se pelos caminhos recentemente descobertos das Indias orientais e do Brasil, voltava costas à Europa e à reforma. Poucos países pareciam dever estar mais dispostos do que a França a receber a doutrina evangélica. Toda a vida intelectual e espiritual da idade média achava-se quase concentrada nela. Podia-se dizer que por toda a parte caminhos estavam abertos para uma grande mani-festação da verdade. Os homens os mais opostos, e cuja influencia havia sido a mais poderosa sobre os povos franceses, tinham alguma afinidade com a reforma. S. Ber- nardo tinha dado o exemplo desta fé do coração, desta piedade interna, que é o mais belo feito da reforma. Abe-lardo tinha sustentado no estudo da teologia este principio racional que, incapaz de construir o que é verdadeiro, é poderoso para destruir o que é falso. Muitos outros, denominados hereges, tinham feito reviver nos departamen-tos franceses as chamas da Palavra de Deus.

A universidade de Paris havia-se manifestado contra a igreja, e não se temia de combate-la. No princípio do decimo-quinto seculo os Glemangis e os Gersons falaram com audachi. A Pragmática Sanção foi um grande ato de independencia e pareceu ser o paládio das liberdades galicanas. Os nobres franceses, tão numerosos, tão ciosos de suas proeminencias, e que nessa época tinham visto arrebatar pouco apouco seusprivilegiasemproveito darealeza, deviamachar-se dispostosemfavor de uma revolução que lhes devolveria um pouco da independencia que tinham perdido. O povo, vivo, inteligente, susceptível de emoções generosas, era aceessível à verdade, tanto ou mais do que qualquer outro. Parecia que a reforma devia ser nestas regiões como o porto que coroaria os longos trabalhos de muitos séculos. Porém o carro da França, que depois de tantas gerações parecia precipitar-se neste sentido, voltou bruscamente no momento da reforma, e tomou uma direção inteiramente contrária.

Assiin o quis Aquele que conduz as nações e os chefes. O príncipe que então estava assentado no carro, que tinhaasredeas, que, amador dasletras, pareciaentre todososchefesdo catolicismo dever ser o primeiro a secundar a reforma, lançou seu

povo em outro caminho. Os sintomas de muitos seculos foram enganadores, e o impulso dado à França veio encalhar contra a ambição e o fanatismo de seus reis. Os Valois a privaram do que lhe devia pertencer. Talvez se teria tornado poderosa demais se tivesse recebido o Evan-gelho. Deus quis escolher povo mais fraco, e povo que ainda não existia, para faze-lo depositaria da verdade. A França depois de quase reformada, achou-se católico-ro-mana. A espada dos príncipes posta na balança a fez pender para Roma. Ah! um outro gládio, o dos próprios reformadores, consumiu a perda da reforma. As mãos que se haviam familiarizado com a espada não foram mais erguidas ao céu para a oração. Ê pelo sangue da-queles que o confessam, e não pelo de seus adversarias, que o Evangelho triunfa.

Os Países-Baixos eram então um dos reinos mais flo-rescentes da Europa. Achava-se neles um povo industrioso, instruido pelas numerosas relações que entretinha com as diversas partes do mundo, corajoso, apaixonado por sua independencia, seus privilegias e sua liberdade. As portas da Alemanha, ele devia ser um dos primeiros a sentir os ruídos da reforma . Duas partes bem distintas compunham estas províncias. Uma, mais ao Sul, era extremamente rica, ecedeu. Como todas estas manufaturas levadas ao mais alto grau de perfeição, como este imenso comércio por terra e por mar, como Bruges, este grande centro dos negocias do norte, como Antuérpia; esta rainha das cidades mercantis, teriam podido acomodar-se a uma luta longa e sangrenta por questões de fé? Ao contrario, as províncias setentrionais, defendidas por suas dunas, pelo mar, pelos lagos, e mais ainda pela simplicidade de seus costumes e a revolução de perder antes tudo do que o Evangelho, não só salvaram suas franquezas, seus privilegies e sua fé, como conquistaram sua independencia e uma gloriosa nacionalidade.

A Inglaterra não parecia prometer o que depois rea-lizou. Repelida do continente, onde por longo tempo se tinha obstinado em conquistar a França, começava a lan-çar suas vistas para o oceano, como para o reino que devia ser o objeto de suas conquistas, e cuja herança lhe estava reservada. Convertida por duas vezes ao cristianismo, a primeira no tempo dos antigos Bretões, e a segunda no dos Anglo-Saxônios, pagava muito devotamente a Roma o dinheiro de S. Pedro. Entretanto lhe estavam reservados altos destinos. Senhora do oceano, e presente ao mesmo tempo em todas as partes do globo, devia ser um dia, com um povo que nasceria dela, a mão de Deus para espalhar as sementes da vida nas ilhas as mais remotas, e nos mais vastos continentes. Ja algumas circunstancias preludiavam seu destino: grandes luzeiros tinhas brilhado nas Ilhas Britanicas e ainda restavam alguns clarões. Uma mutlidão de artistas estrangeiros, de negociantes e obreiros, vindos dos Países-Baixos, da Alemanha e de outros países, enchiam suas cidades e seus portos. As novas ideias religiosas seriam pois transportadas paraaí facile prontamente. Enfim, aInglaterratinhaentão como reiumpríncipe bizarro, que, dotado de alguns conhecimentos e de muita coragem, mudava a todo o momento de

projetos e de ideias, e tornava-se ora para este, ora para aquele lado, segundo a direção em que sopravam suas violentas paixões. Podia-se esperar que uma das inconsequeneias de Henrique VIII fosse um dia favoravel à reforma.

A Escóssia era então agitada pelos partidos. Um rei de cinco anos, urna rainha regente, nobres ambiciosos e um clero influente atormentavam em todo o sentido esta nação corajosa . Apezar disso, ela devia brilhar um dia no primeiro plano entre as que recebessem a reforma.

Os tres reinos do norte, a Dinamarca, a Suécia e a Noruega, achavam-se unidos sob um céptro comum. Estes povos, rudes e amadores das armas, pareciam ter pouca relação com a doutrina do amor e da paz. Entretanto, mesmo por sua energia, estavam talvez mais dispostos do que ospovosdo meio-diaareceber aforçadadoutrinaevangélica. Mas, filhos de guerreiros e de piratas, trouxeram, ao que parece, um carater muito belicoso para a causa protestante: defendeu-a mais tarde com heroísmo a sua espada.3

A Rússia, acantoada nos confins da Europa, poucas relações tinha com os outros estados. Demais pertenda ela à comunhão grega . A reforma que se efetuou na igreja do ocidente pouca ou nenhuma influncia exerceu sobre a do oriente.

Bem preparada para uma reforma parecia a Polonia. A vizinhança dos cristãos da Morávia e da Boemia a tinha disposto a receber o impulso evangélico que prontamente devia comunicar-lhe a vizinhança da Alemanha . Ja. em 1500 a nobreza da grande Polonia, apelando para os usos da igreja primitiva, tinha pedido o calice para o povo. A liberdade que em suas cidades se gozava e a independencia de seus senhores feudais a constituiam asilo seguro para os Cristãos perseguidos em sua pátria. A verdade que eles para aí traziam foi por grande numero de habitantes recebida com jubilo. Atualmente é um dos países em que ela tem menos confessores.

A flama de reforma, que, muito tempo havia, luzira na Boêmia, fora aí quase apagada em sangue. Entretanto relíquias preciosas, escapas do morticínio, subsistiam ainda para ver o grande dia que Huss tinha pressentido.

A Hungria tinha sido despedaçada por guerras intestinas, sob o governo de príncipes sem energia e sem experiencia, os quais chegaram ao extremo de fazer depender da Áustria a sorte do seu povo, alistando essa casa poderosa entre os herdeiros da sua coroa . Todavia grande numero de hungarosdeviamreceber o Evangelho e sofrer porcausadele dilatadas perseguições.

Tal era o estado da Europa no começo desse decimo-sexto século que tão poderosa transformação devia operar na sociedade cristã.

Se os houvesse então, para combater e derribar as outras todas. O ouro puro misturado com o chumbo vil no tesouro do Vaticano podia facilmente trazer a lume

a fraude. Verdade é que, se algum adversário corajoso de tal se lembrava, o crivo de Roma lançava imediatamente fora esse grão puro. Porém, mesmo estas condenações, só serviam para aumentar o caos.

Era ele imenso, e a pretendida unidade nada mais era que uma vasta desordem. Havia em Roma as dou-trinas da corte e as doutrinas da igreja. A fé da metro-pole diferia da das províncias. Nas províncias mesmo ia ao infinito a diversidade. Havia nelas a fé dos prín-cipes, a do povo e a das ordens religiosas. Distinguiam-se as opiniões de tal convento, de tal distrito, de tal doutor e de tal frade.

A verdade, para atravessar em paz os tempos em que Roma a teria de certo esmagado com seu cetro de ferro, fizera como o inseto que seus fios tece a crisálida em que se encerra, acautelado contra a má estação. E, coisa singular, os instrumentos, de que para tal fim se servira esta verdade divina, foram os tão desacreditados escolásticos. Estes industriosos operarios de pensamentos se tinham posto a desfiar todas as ideias teológicas; de todos estes fios urdiram urna teia sob a qual teria sido difícil mesmo a outros maisbabeisdo que os seus contemporâneos reconhecer averdade em sua primitiva pureza. Pode-se lastimar que o inseto cheio de vida, e por vezes ataviado das mais lindas cores, se vá encerrar, aparentemente inanimado, em seu casulo obscuro: mas este envoltório é que o salva. Aconteceu o mesmo com a verdade. Se nos dias do seu poder a política interessada e suspeitosa de Roma a tivesse encontrado em estado de completa nudez, te-la-ia sufocado, ou pelo menos intentado faze-lo. Disfarçada corno o foi pelos teólogos de então, sob argúcias e distinções intermináveis, os papas ou não deram fé dela, ou compreenderam que em tal estado lhes não podia ela prejudicar. Tomaram debaixo da sua proteção tanto os obreiros, como a obra. Mas a pri-mavera bem podia vir, em que a verdade escondida le-vantasse a cabeça, e arrojasse para longe de si os fios que a encobriam.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lat. Epp. • Erasmi Ep., lib. 12, p. 634.

CAPÍTULO VI

Teologia Escolástica — Restos de vida — Justificação pela fé — Cláudio — Os místicos — Os Valdenses — Valclo — Wicliff — H USS - Predições — O protestantismo- no catolicismoArnoldi — Utenheim — Martinho —Oposição de Roma — Conecte — CraynInstitoris— Savonarola — Justificação pela fé — Vitraire — Laillier — Wesalia — Goch Wessel — A Reforma antecipada — Os irmãos boêmios — Profecia de Proles — Profecia de Hilten.

Ternos descrito o estado do povo e dos príncipes: passamos agora às preparações da reforma que se achavam na teologia e na igreja.

O sistema singular de teologia que se tinha estabe-lecido na igreja devia poderosamente contribuir para abrir os olhos da nova geração. Feito para um seculo de trevas, como se devera subsistir eternamente, este sistema tinha de ser excedido e despedaçado por todos os lados desde que o século se elevasse em conhecimento. Foi o que acon-teceu. À doutrina cristãtinhamospapas acrescentado oraisto, oraaquilo. Só tinhamalterado ou suprimido aquilo que com a sua gerarquia se não podia enquadrar; o que não ia de encontro a seu plano consentiam que ficasse até segunda ordem. Doutrinas havia verdadeiras neste sistema, a redenção por exemplo, o poder do Espírito de Deus, das quais poderia lançar mão um teólogo habil,

Tendo na sua tumba aparente bebido novas forças, ver-se-ia nos dias da sua ressurreição alcançar vitória sobre Roma e seus erros. Essa primavera chegou. Ao passo que os envoltórios absurdos dos escolásticos caiam uns após outros sob bem dirigidos ataques, e às risadas de escárneo da nova geração, a verdade desprendia-se deles radiante de mocidade e de beleza.

Não era só dos escritos dos escolásticos que saiam poderosos testemunhos prestados à verdade. Tinha por toda a parte o cristianismo infiltrado alguma coisa de sua vida à vida do povo. A igreja de Cristo era um edifício derrocado; porém cavando-se, encontrava-se ainda em parte nos seus fundamentos a rocha viva sobre a qual tinha ele sido primitivamente levantado. Muitas instituições que datavam dos belos tempos da igreja subsistiam ainda e não podiam deixar de produzir em muitas almas sentimentos evangélicos opostos à superstição dominante. Os homens inspirados, os antigos doutores da igreja, cujos escritos se achavam em• muitas bibliotecas, aqui e ali faziam ouvir uma voz solitária. Esta voz foi ouvida em silêncio por mais de unia orelha atenta. Os cristãos — não duvidemos — e quão doce é este pensamento — tiveram muitos irmãos e irmãs nesses mosteiros onde por via de regra só se encontra a hipocrisia e a crápula.

A igreja tinha caido porque lhe tinha sido arreba- tada a grande doutrina da justificação pela fé no Salvador. Para que ela se levantasse era mister que lhe fosse restituiria essa doutrina. Estabelecida que fosse a ver-dade fundamental, todos os

erros e praticas que a tinham subrogado, toda essa multidão de santos, obras pias, pe-nitências, missas, indulgências, etc., tinham de desapare-cer. Uma vez que se reconhecia o unico mediador e o seu unico sacrifício, todos os outros mediadores e sacrifí-cios se sumiam. "Este artigo da justificação", disse um homem a quem se pode ter como esclarecido no assunto, é o que cria a igreja, que a nutre, que a edifica, que a conserva e que a defende. Ninguém pode ensinar na igreja, e nem tampouco resistir com sucesso a um adver-saria se a esta verdade não se ativer. É ela, acrescen- Lutéro a Brentius. ta o escritor que citamos, aludindo à primeira profecia, "é ela o calcanhar que esmaga a cabeça da serpente".

Deus, que preparava a sua obra, suscitou por todo o correr dos séculos uma longa série de testemunhas da verdade. Porém esses homens generosos que davam tes-temunho dessa verdade não tiveram dela um conhecimento bastante claro, ou, pelo menos, não a souberamexpor de umamaneira bastante distinta. Incapazesde levar acabo aobra, para prepara-Ia foram o que deviam ser. Cumpre-nos todavia acrescentar que, se eles não estavam preparados para a obra, tambem a obra não estava pronta para eles. Não se tinham ainda enchido a medida; não tinham os seculos complementado ainda o curso que lhes fora prescrito; a necessidade do remédio verdadeiro não se fazia ainda geralmente sentir. Apenas usurpou Roma o poder, formou-se contra ela uma oposição poderosa que atravessou a idade media.

O arcebispo Claudio de Turim, em o nono século; Pedro de Bruys, seu discípulo Henrique, Arnaldo de Brescia, no seculo duodecimo, em França e na Itália, procuraram restabelecer a adoração cie Deus em espirito e em verdade: porém eles, pela maior parte procuraram essa adoração simplesmente na supressão das imagens e das praticas externas.

Os místicos, que têm existido emquase todas as idades, procurando em silencio a santidade do coração, a justiça da vida e uma tranquila comunhão com Deus, lançaram olhares de tristeza e de espanto para as miserias da igreja. Abstinham-se cuidadosamente das disputas de escola e das discussões inuteis sob as quais soterrara-se a. verdadeira piedade. Esforçavarri-se por desviar os homens do oco mecanismo do culto externo e. da pompa das cerimonias, para leva-los ao intimo repouso de uma alma que busca em Deus toda a sua felicidade. Não o podiam fazer sem encontrar por toda a parte as opiniões acreditadas, e sem patentear as úlceras da igreja. Faltava-lhes ao mesmo tempo uma noção clara da justificação pela fé. Muito superiores aos mísiticos pela pureza da doutrina, formavam os Valdenses mina cadeia extensa de testemunhas da verdade. Homens matis independentes que o resto da igreja parece terem habitado as partes setentrionais da Itália e, em particular, as alturas dos Alpes

Piemonteses: cresceram em numero e depuraram-lhes as doutrinas os discípulos de Valdo. Do alto de suas serranias os Valdenses, por urna serie de seculos haviam

protestado contra as perseguições de Roma. "Combatem em prol da esperança viva que têm em Deus por intermédio de Cristo, em prol da regeneração e da renovação interna pela fé, esperança e caridade, em prol dos meritos de Jesus Cristo, e da plena suficiencia da sua graça e da sua justiça".

Entretanto essa verdade primaria da justificação do pecador, essa doutrina capital que, como o Monte Branco do seio dos Alpes, devia emergir do centro de suas doutrinas, não ensenhoreava bastanterriente todo o seu sistema. O cume dele não atingia ainda a elevação precisa.

Pedro Vaud ou Valdo, rico negociante de Lyão (1170), vendeu os seus bens e deu o seu produto aos pobres. Parece que ele e os seus amigos tiveram por alvo restabelecer na vida o cristianismo primitivo. Ele pois começou tambem pelos ramos, e não pelas raízes. Contudo foi poderosa a sua palavra, porquanto apelava para a Escritura, e assim a sua pregação abalava até aos fundamentos a gerarquia de Roma.

Em 1360 apareceu Wicliff na Inglaterra, e apela do papa para a palavra de Deus; mas a ulcera real da igreja foi apenas, a seu ver, um dos muitos sintomas do mal. Um seculo antes que Lutero se fizesse ouvir na Saxonia falou João Huss na Boemia. Mais profundamente do que os seus predecessores parece ele ter penetrado na essencia da verdade cristã. Ele pediu a Cristo que lhe concedesse a graça de só se glorificar em sua cruz e no opróbrio inestimavel dos seus sofrimentos. Ele porem ataca mais a vida escandalosa do clero do que os erros da igreja romana. Todavia ele foi, se é licito dizer-se, oJoão Batista da reforma. As chamas da sua fogueira atearam na igreja um lume que derramou no meio das trevas um brilho imenso, e cujos clarões não. tinham de ser tão prontamente extintos.

João Huss foi mais longe: palavras proféticas sairam do fundo do seu calabouço. Ele pressentiu que estava iminente uma verdadeira reforma da igreja . Ja, quando expulso de Praga, e obrigado a vaguear pelos campos da Boemia, onde lhe seguia os passos uma multidão ávida de suas palavras, tinha ele exclamado: "Os maus começaram por armar ao ganso ° pérfidas esparrelas. Porem se o ganso mesmo, que é apenas urna ave domestica, umvivente pacifico, ecujo voo se não eleva muito nosares, tempodido quebrar os seus laços, outras aves cujo surto se arrojará afoitamente para os céus, com força ainda maior os quebrarão. Em vez de um ganso debil, enviará a verdade, aguias e falcões de olhares penetrantes". *[1]

Esta predição foi cumprida pelos reformadores.

E quando este padre veneravel fora citado por ordem de Sigismundo para o concílio de Constança, quando fora mesmo metido na prisão, mais do que a sua defesa o ocupavam a capela de Selem, onde ele tinha anunciado o Evangelho, e os futuros triunfos de Cristo. Uma noite julgou o santo martir ver, do fundo do seu

ergástulo, apagadas pelo papa e pelos bispos as imagens de Jesus Cristo, que ele tinha mandado pintar nas paredes do seu oratório. Afligiu-o este sonho; mas no dia seguinte ele viu muitos pintores ocupados na tarefa de restaurar, em maior numero e com mais brilho, as imagens destruidas. Acabado o trabalho, os pintores, rodeados de muito povo, exclamam: Que venham agora papas e bispos! nunca mais as apagarão!" "E muitas gentes se regozijavam em Belem, e eu com eles", acrescenta João Huss. "Cuidai antes da vossa defesa que de sonhos", lhe disse seu fiel amigo, o cavalheiro de Chlum, a quem ele comunicara este sonho. "Eu não sou um sonhador", respondeu Huss, "mas tenho. por certo que a imagem de Cristo nunca ha de ser apagada. Eles a quiseram destruir; porem ela . ha 'de ser pintada de novo nos corações por pregadores que hão de valer mais do que eu. Regozijar-se-a a nação que ama a Cristo. E eu, despertando de entre os mortos, ressuscitando, por assim dizer, do sepulcro, estremecerei com grande jubilo. *[2]

Volveu-se um século, e o facho do Evangelho, reaceso pelos reformadores, aluminou verdadeiramente a muitos povos que se regozijaram na sua luz.

Mas não foi só entre os que a igreja de Roma tem na conta de adversarios, que se fez ouvir nestes séculos a palavra de vida. Mesmo a catolicidade, digamo-lo para consolação nossa, contou em seu seio numerosas testemunhas da verdade. O edifício primitivo fora consumi-doi mas um fogo generoso dormitava debaixo das cinzas e de tempos em tempos, viam-se escapar delas faisoas brilhantes.

Um erro crer que até á reforma O cristianismo só existiu sob a forma católico-romana, e que só foi nessa ocasião que uma parte da igreja tomou a forma do protestantismo.

Entre os doutores que precederam o decimo sexto século muitos houve sem dúvida que propenderam para o sistema que o concílio de Trento proclamou em 1562; porem muitos tombem se inclinaram para as doutrinas professadas em Augsburgo, em 1530, pelos protestantes: a maior parte delestalvez oscilaram entre estes dois poios.

Anselmo de 'Canturia estabeleceu como essencia do cristianismo as doutrinas da encarnação e da expiação; e, em um escrito que ele ensina a morrer, diz ao moribundo; "Atende unicamente ao mento. de Jesus Cristo". Com uma voz poderosa proclama S. Bernardo o misterio da redenção. "Se a minha culpa vem de outro", diz ele, "porque tambem me não será outorgada a retidão? E, na verdade, de mais proveito me é o ser-me ela dada, do que se me fosse inata". + Muitos escolásticos e tambem, mais tarde, o chanceler Gerson • combateram vigorosamente erros e abusos da igreja. Pensemos, porem, sobretudo nos milhares de almas obscuras e desconhecidas do mundo, que possuiram não obstante a vida real de Cristo. [3]

Cur Deus mamo?

Um monge por nome Arnoldi fazia quotidianamente na sua cela sossegada esta férvida suplica: "O meu Senhor Jesus Cristo, eu creio que só tu és a minha redenção e a minha justiça!"

Um piedoso bispo de Basiléa, Cristovão de Utenheim, mandou escrever o seu nome em um quadro pintado em vidro, o qual ainda hoje se ve naquela cidade, e o rodeou com este moto que queria sempre sob as vistas; "Minha esperança é a cruz de Cristo; procuro a graça e não as obras"..

Uru pobre cartuxo, frei Martinho, escreveu urna con-fissão comovedora em a qual disse: C) Deus misericor-diosissimo, bem sei que não posso me salvar, e nem sa-tisfazer à-,tua justiça, a não ser pela inocentissima paixão e multe de teu Filho muito amado... Compassivo Jesus, nas tuas mãos está a minha salvação. Não podes desviar de mim as mãos do teu amor; elas me crearam, me formaram, me resgataram. Misericordiosa e indelevelmente traçaste o meu nome com um estilete de ferro no teu lado, nas tuas mãos e nos teus pés, etc. Pôs em seguida a sua confissão em uma caixinha de pau, e depositou-a em um buraco que fez na parede da sua cela. A piedade de frei Martinho nunca teria sido conhecida, se, no dia 21 de Dezembro de 1776, não se tivesse achado a caixinha, ao demolir-se um lanço velho de casas, que tinha feito parte do convento de Basiléa. Que de conventos não terão ocultado preciosidades como esta!

Esta fé tocante tinham-na esses santos homens para si só, e não a sabiam comunicar aos outros. Vivendo retirados, podiam, pouco mais ou menos, dizer o que disse frei •Martinho no conteudo da sua caixinha. "Et si haec praedicta confiteri non possim linguâ, confiteor tarhen carde et scripto". "Se estas causas não as posso confessar com a língua, confesso-as ao menos por escrito e com o coração". A palavra de verdade existia no santuário de algumas almas piedosas; mas, para nos servirmos de uma expressão do Evangelho, ela não era propaganda. Contudo, se elas não confessaram sempre

Vide, para estas e outras que tais citações, Flacius, Catai. Fest. VeriratiN: Wolfi Lect. memorabiles; Reliquien, etc.

Em alta voz adoutrinade salvação, ao menosnão tinhammedo de protestar abertamente, no seio mesmo da igreja de Roma, contra os abusos que a desonravam.

Apenas encerraram-se os concílios de Constança e de Basiléa, em os quais tinham sido condenados Huss e os seus discípulos, começou de novo e com mais estrondo a nobre serie que temos mencionado de testemunhos contra Roma.

Homens de espírito generoso, indignados com as abominações da tiara, levantaram-se como os profetas do Velho Testamento, e fizeram trovejar coma elesuma voz esmagadora; tocou-lhes tambem a sorte deles: tingiram-se os cadafalsos com seu sangue, e foram as suas cinzas dispersas pelos ares.

Thomaz Conecte, frade carmelita, apareceu em Flandres. Declarou que em Roma se empapam de abominações, que a igreja exige reforma, e que, servindo-se a Deus, não ha que recear das excomunhões do papa". Flandres o ouviu com entusiasmo, Roma queimou-o em 1432, e os seus contemporaneos exclamaram que Deus a tinha sublimado ao céu".

André,. arcebispo de Crayn e cardeal, achando-se em Roma encarregado da embaixada do imperador, ficou trespassado de dor por ver que a santidade papal, em que tinha tão devotamente crido, não passava de uma fabula; e, na simplicidade do seu coração, dirigiu a Sixto IV admoestações .evangélicas. Responderam-lhe com o escarne° e com a perseguição. Então (1482) quis ele reunir em Basiléa um novo concílio. "Toda a igreja católica está abalada", exclamou ele, "por- divisões, heresias, pecados, vícios, injustiças, erros e males inumeraveis; de sorte que proxima está a ser engulida por um abismo devorador de condenação. + Proclamamos por consequencia urn concilio geral para a reforma da fé católica, e para a correção dos maus costumes". [4] Foi o arcebispo de Crayn metido em uma prisão de Basiléa, e nela morreu. O in-quisidor Henrique Institoris, o primeiro que contra ele se levantou, pronunciou este dito memoravel: "O mundo inteiro clama e pede um concílio; mas não ha poder humano que por meio de um concílio possa reformar a igreja. Um outro modo que nos é desconhecido, ainda que esteja ¡a à porta, servirá ao Altíssimo para reconduzir a igreja ao estado primitivo". Esta profecia notavel, pronunciada por um inquisidor na epoca mesmo do nascimento de Lutero, é a mais bela apologia da reforma.

Jeronymo Savonarola, pouco depois da sua entrada para a ordem dos dominicanos em Bolonha, no ano de 1475, entregou-se a orações constantes, a jejuns, a macerações, e exclamou: "Bom és tu, e em tua bondade ensina-me as tuas justificações". Chamado a Florença em 1489, pregou com muita força; sua voz vibrava, seu rosto estava animado, seus gestos tinham uma graça arrebatadora. "É de necessidade reformar-se a igreja!" E ele professou o grande princípio que era o unico que tinha o poder de lhe restituir a vida: "Deus", disse ele, "perdoa ao homem o pecado, e o justifica por misericordia. Quantos justos ha na terra, tantas mercês ha no ceu; por quanto, por suas proprias obras ninguém se salva. Ninguém se pode gloriar de si, e se em presença de Deus se perguntasse a todos os justos: Fostes vós salvos por vossa própria força? todos unanimemente exclamariam:[5] "Não nos seja dada glória a nós, mas sim a teu nome, Senhor! Portanto, ó Deus, eti imploro a tua misericordia, e não te apresento a minha justiça; quando porem por graça me justificas, então me pertence a tua justiça, porque - a graça é a justiça de Deus. Todo o tempo que não cres, homem, estás privado da graça por causa do pecado. O' Deus, salva-me por tua justiça, isto é, em teu Filho, unico de entre os homens, que foi achado justo! Assimregozijou-se o coração deSavonarolacomagrande esantadoutrina da- justificação pela fé. Em. vão se lhe opuseram os presidentes das igrejas: ele

sabia que muito acima da igreja visível estavam os oráculos de Deus, e que importava prega-los com o auxílio dela, sem ela, ou mesmo a despeito dela. "Fugi para longe de Babilonial" exclamava ele, e era Roma que ele assim designava. Não levou muito tempo para que Roma lhe respondesse segundo costumava. O infame Alexandre VI em 1197 lançou contra ele um breve, e em 1498 a tortura e as chamas terminaram a carreira deste reformador.

João Vitraire, frade franciscano de Tournay, cujo es-pírito monástico não parece ter sido de grande alcance, pronunciou-se todavia rigorosamente contra as corrupções da igreja. "Melhor seria", dizia ele, cortar a garganta de uma criança, do que dar-lhe uma religião não reformada. [6]° Se o vosso cura, ou qualquer outro padre tem em casa consigo uma mulher, deveis por força ou por outro meio ir tira-la para fora de casa. Alguns há que recitam orações da Virgem Maria, a-fim-de que a possam ver na hora da morte. Has de ver o diabo, e não a Virgem Maria. Exigiarm uma retratação, e o frade cedeu em 1498.

João Laillier, doutor da Sorbona saiu a campo em 1484 contra a tirânica dominação da gerarquia. Todo o clero", disse ele, "tem recebido de Cristo um 'poder igual. A igreja romana não é a cabeça das outras igrejas. Deveis guardar os preceitos de Deus e dos apóstolos: quanto aos mandamentos dos bispos e dos outros senhores da igreja... valem tanto como palha. Eles arruinaram a igreja com os seus manhosos rodeios. + Os padres da igreja oriental não pecam se casam, e eu creio que nós também na igreja ocidental não pecaríamos, se nos casassemos. Desde o tempo de Silvestre a igreja romana não é mais uma igreja de Cristo, porem uma igreja de estado, e urna igreja de ganhar dinheiro. Somos tão obrigados a crer nas lendas de santos como nas cronicas de França. [7]

João de Wesalia, doutor emteologiana cidade de Erfurt, homem distinto pela suaenergia e pelos seus talentos, impugnou os erros em que se estribava a gerarquia, e proclamou a Sagrada Escritura fonte unica da fé. "Não é a religião (isto é a vida monástica), que nos salva", disse ele aos frades, mas a graça de Deus. Desde toda a eternidade que foi por Deus estabelecido um livro em que ele escreveu os nomes dos seus eleitos. Quem aí não está inscrito nunca o ha de ser; quem, porem, ja o está, nunca será apagado. É só pela graça de Deus due se salvam os eleitos. Aquele a quem Deus, por um om da sua graça, quer salvar, ha de sér salvo, -intentem muito embora todos os padres do mundo condena-lo e excomunga-lo. Aquele a quem Deus quer condenar, ainda mesmo que todos o queiram salvar, ha de ser condenado. [8]• Com te audacia os sucessores dos apóstolos ordenam, não o que (Tristo prescreveu em seus santos livros, mas o que eles imaginam de si mesmos, levados como são pela sede de dinheiro, e pelo furor de governar! Eu desprezo opapa, a igreja e os concílios, e dou glória só a Cristo. Wesalia, tendo gradualmente chegado a estas convicções, professou-as atrevidamente do pulpito, e entrou em comu-nicação com

delegados dos Hussitas. Fraco, curvado pelos anos, devorado pelas enfermidades, arrimado a um bordão ecom passos mal seguros veio este nobre ancião compa-recer ante a inquisição, em cujos carceres morreu no ano de 1482.

Quase por esse mesmo tempo João de Goch, prior de Malinas exaltou a liberdade cristã como sendo a essencia de toda a virtude. Qualificou de pelagianismo a doutrina dominante, e chamou a Thomaz de Aquino — príncipe do erro. "Só as Escrituras canonicas", disse ele, têm direito a uma confiança segura, e a uma irrefragavel autoridade. Os escritos dos antigos padres só têm autoridade enquanto conformes com a verdade canonica. [9]° Este provérbio usual é verdadeiro: "Um frade põe por obra aquilo em que o mesmo Satanaz teria vergonha de pensar".

O mais notavel, porem, destes precursores da reforma foi sem dúvida João Wessel, cognominado Luz do Mundo, homem destemido e apaixonado pela verdade, o qual foi sucessivamente doutor em teologia em Colonia, em Lo- vaina, em Paris, em Heidelberg e em Groninga, e de quem disse Lutero: "Se mais cedo tivesse eu lido os seus escritos, bem poderiam crer os meus inimigos que Lutero tudo bebeu em Wessel, tão de acordo estão as nossas ideias". + S. Paulo e S. Thiago pregam doutrinas diversas, porem não contrarias. Ambos sustentam que — o justo vive da fé; — mas de uma fé que obra por caridade. O homem que, tendo ouvido o Evangelho, crê, deseja, confia nas boas novas, e ama Aquele que o justifica e abençoa, dá-se inteiramente a Ele, e não se atribui mérito algum, porquanto conhece que de si próprio nada tem. Deve a ovelha saber discernir as coisas de que se nutre, e rejeitar o alimento corrompido, ainda mesmo quando apresentado pelo pastor.

É obrigação do povo seguir o pastor às pastagens: deixando ele porem de guia-lo para elas, não é mais pastor, e visto como não cumpre os seus encargos, não está o rebanho adstrito a segui-lo. Coisa nenhuma opera tão eficazmente para a destruição da igreja como um clero corrupto. Todos os Cristãos, os mais humildes e mais simples mesmo, tem por obrigação resistir aos que estão destruindo a igreja. [10]° Carecemos de obedecer aos preceitos dos doutores e dos prelados, porem só conforme a medida estabelecida por S. Paulo, 1 Tes... 5:21, a saber: enquanto sentados na cadeira de Moisés, ensinam conforme Moisés. Somos servos de Deus, e não do papa, como foi dito; "Ao Senhor teu Deus adorarás, e a ele só servirás". Para si mesmo reservou o Espírito Santo a obra de renovar, vivificar, preservar e aumentar a unidade da igreja, e não a abandonou ao pontífice, que às mais das vezes não se importa com ela. O sexo mesmo não impede que uma mulher, contanto que seja fiel, prudente e tenha a caridade der-ramada no coração, possa sentir, julgar, aprovar e decidir por um juizo que Deus ha de ratificar.

Assim, ao passo que a reforma se aproximava, se iam multiplicando as vozes que proclamavam a verdade. Poder-se-ia dizer que a igreja tomara a peito mostrar que a

reforma já existia antes de Lutero. O protestantismo nasceu na igreja no dia mesmo que viu aparecerem os germens do papado; assim como no mundo político co-meçam a existir os princípios conservadores no momento mesmo em que o despotismo dos magnatas ou as desordens dos partidos levantam a cabeça. O protestantismo até chegou a ser algumas vezes mais forte do que o papado nos seculos que precederam de perto a reforma . E que podia Roma opor a todos as testemunhas que acabamos de ouvir, no tempo em que ecoavam as suas vozes por toda a terra? Alguns poucos frades sem instrução e sem piedade.

Acresce que a reforma não só tomara raízes entre os doutores, porem tarnbem entre as classes do povo. As doutrinas de Wickliff, saindo de Oxford, tinham-se espalhado por toda a Cristandade, e achado aderentes na Baviera, em Suabia, em Francônia e na Prússia. Na Boêmia, do seio mesmo da discordia e da guerra, tinha surgido uma comunidade tão cristã e tão pacífica que lembrava a igreja primitiva, e dava um poderoso testemunho ao grande princípio de oposição evangélica: "Cristo mesmo, e não Pedro e nem seu sucessor, é a rocha sobre a qual está fundada a igreja". Pertencendo tanto à raça esla-vênia como a germânica, estes singelos cristãos tinham enviado para o meio das muitas nações que falavam a sua língua missionarios que sem estrondo fossem ganhando seguidores para as suas opiniões. Nicolau Kuss, que duas vezes tinha sido por eles visitado em Rostock, começou em 1511 a pregar abertamente contra o papa. °

É importante que se faça menção de um tal estado de coisas. Quando a sabedoria de cima expuser, em um tom de VQZ ainda mais elevado, as suas doutrinas, por toda a parte ha de haver entendimentos e corações para escuta-las ansiosos. Quando o Semeador, que tem estado continuamente a percorrer a sua igreja, sair para estabelecer uma nova e maior sementeira, ha de o solo estar alqueivado para receber o globo . Quando a trombeta do anjo da aliança, a qual nem um só dia deixou de ser ouvida no mundo, fizer soar mais agudo clangor, muitos se aprontarão para a batalha. A igreja já tinha um pressentimento de que se estava aproximando a hora do combate. Se mais de um filósofo durante o último século anunciou de alguma maneira a revolução que o fechou, admirar-nos-emos nós de que nos fins do decimo-quinto tivessem previsto muitos doutores a reforma iminente que tinha de renovar a igreja?

André Procles, provincial dos Agostinhos, que por quase meio seculo presidiu aquela congregação, e que com inabalavel firmeza manteve na sua ordem as doutrinas de S. Agostinho, tinha por costume, quando, reunido com seus confrades no convento de Himmelspforte, perto de Wernigerode, ouvia ler a palavra de Deus, interromper o leitor e exclamar: "Irmãos! o cristianismo necessita de uma grande e corajosa reforma, e quer me parecer que eu já a vejo chegando". Acudiam então os frades: "Porque não começais vós mesmo essa reforma, e não contrastais tamanha nuvem de erros? Vós vedes, meus irmãos", respondia o velho provincial, que eu

vergo ao peso dos anos, que estou fraco de corpo, e que não tenho a ciencia, o talento e a eloquencia que tal cometi-mento requer: mas Deus ha de suscitar um heroi que pela idade, forças, talento, ciencia, engenho e eloquencia terá de ocupar o primeiro lugar. Ele começará a reforma, se oporá ao erro, e Deus lhe dará coragem para resistir aos poderosos do mundo. ° Um velho frade de Himmelspforte, que tinha frequentes vezes ouvido estas palavras, comunicou-as a Flácio. Na ordem mesma, de que era Procles provincial, tinha de aparecer o heroi por ele anunciado.

Um frade por nome João Hilten se achava no con-vento de franciscanos de Eisenach na Thuringia. Asprofeciasde Daniele o Apocalipse de São João eramobjeto de seusassíduos estudos. Ele chegou a escrever um comentário a esses livros, e censurou os abusos mais escandalosos da vida monástica. Os frades exasperados o meteram no carcere. A sua idade avançada e a imun-dicie do calabouço o fizeram cair perigosamente enfermo: mandou ele então chamar o guardião. Este, apenas chegou, rompeu, incendido em ira e sem o querer ouvir, numa amarga recriminação contra a sua doutrina que era, diz a cronica, adversaàcozinhadosfrades.O franciscano então,esquecendo amolestiae dando profundos suspiros, disse: "Sofro tranquilamente as vossas injurias por amor de Cristo; por quanto eu nada disse que pudesse abalar o estado monástico; apenas censurei os seus mais frizantes abusos. Mas", continuou ele conforme n8-lo refere Melancton na sua Apologia da Confissão de fé de Augsburgo), "outro homem ha de ser suscitado no ano do Senhor 1516; ele vos ha de destruir, e vós lhe não podereis resistir". [11]°

João Hilten, que tinha profetizado o fim do mundo para o ano de 1651, enganou-se menos designando aquele em que devia aparecer o futuro reformador. Este nasceu, bem pouco tempo depois, em urna aldeia, a pequena distancia do calabouço do frade: ele começou_ seus estudos ria mesma cidade de Eisenach, e empreendeu publicamente a reforma um ano só mais tarde do que o predissera o frade.

Apologia Confes. Aug. 13, De Votis monasticis.

Podia mais ser exercida sem oposição. Um formidavel an-tagonista tinha saido a terreiro para contrasta-la. A tendencia natural que tem o espírito humano a expandir-se, a examinar; a aprender, dera nascimento a esse novo poder. Abriam-se os olhos dos homens: eles queriam uma razão para cada passo do seu por tanto tempo venerado guia; enquanto tiveram os olhos fechados deixaram-se guiar em silencio. A infância das nações modernas européias tinha já passado; estava começando a virilidade. Ã ingênua e crédula simplicidade de outras eras sucedera um espírito de curiosidade, uma razão impaciente e inquieta que queria conhecer o fundamento mesmo das coisas. Inquiriam acerca do proposito de Deus em fazer uma revelação, e se era de justiça que homens se arvorassem em mediadores entre seus irmãos e Deus.

Uma só causa poderia ter salvado a igreja: era elevar-se ela ainda mais do que os povos. Ir com eles no mesmo nível não bastava. Aconteceu porem que ela ficou muito abaixo deles. Ao passo que subiam, encetava ela uma carreira descendente. Quando os seculares desprendiam o voo para as regiões da inteligencia, enxarcava-se o clero nas especulações terrestres e nos interesses humanos. Fenomeno é este que frequentes vezes se renova na história. Crescidas eram as asas ao filhote da águia: impedir que se remontasse não era mais empresa que mão de homem perfizesse.

Foi na Itália que começou o espírito humano a adejar para alem da terra.

As teorias escolásticas e a poesia romantica nunca aí tinham reinado em plena paz. Alguns restos da antiguidade tinham-se sempre conservado na Itália — restos que, pelos fins da idade media, reviveram com grande força, e deram novo impulso ao pensamento humano. Já no decimo-quarto século Danta e Petrarca tinham resuscitado os creditos dos poetas da antiga Roma: ao mesmo tempo o primeiro condenava ao "inferno"os papas mais pode.- rosos, e o segundo chamava afoitamente pela constituição primitiva da igreja. No princípio do seculo decimo-quinto João de Ravenna ensinava com grande fama em Pádua e em Florença a literatura latina; e Crisoloras interpretava em Florença e em Pavia os primores de arte do engenho grego.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Bertrand d'Argentré,Histoircde Bretaigne,Paris,1618,p. 788.* BaptismaMantuanus, De Beata vita, in fine.

[2] J.H. Hottingeri, Hist. Ecci. saec., 15, 347.

[3] ± De erruribus Abaelax-di, cap. 6.

[4] Alium modum Altissimus procurabit, nobis quidem 'pra nuns incognitum, licet heu prae foribus existat, ut ad pristinum statum Ecclesia redeat. Ibid., p. 413.

[5] * Batesius, Vitae Selectorum Virorum, Lond., 1681, p. 112. Meditationes in Psalmos; Prediche sopra ii Salmo; Quam bonus Israel, etc.; Sermones supra Archam Noe, etc.

Batesius, p. 118.

[6] * D'Argentré, Collectio judiciorum de novis erroribus, 2. 340.

Ibidem.

[7]* Et quem Deus vult ciamnare, si omnes vellent hunc salvare, adhuc istc demnareur. Paradoxa damnata, etc. Moguntiae, 1749.

[8] Adco spiritus utriusque concordat. Farago Wesseli, in praef. De Magnit. Passionis, cap. 46, Opera, p. 553.

[9] Eceles. Opp., p. 763.

[10] 4' Wolffi Lect. Memorab., 2, p. 27.

[11] Excitabit Dominus heroa, actate, viribus .Flacii Catal. testium veritatis, p. 848.

CAPÍTULO VII

Terceira preparação — Renascimento das letras — Recordações da antiguidade na Itália — Influência dos humanistas — Cristianismo de Dante — Vala — Incredualidade na Itália — Filosofia Platónica — Começo de instrução na Alemanha — Jovens estudantes — Imprensa — Caracteristios da literatura Alemã — Os sábios e os escolásticos — Um novo mundo — Reuchlin — Reuchlin na Itália — Seus trabalhos — Sua influen-- cia na Alemanha — Misticismo — Contenda com os dominicanos,

Assim príncipes e plebeus, membros vivos da igreja e teólogos estavam trabalhando, -cada qual na sua esfera, para aparelhar a obra que o decimo-sexto seculo ia levar a cabo. A reforma porem deviaachar um outroauxiliar, as letras. O espírito humano ia ganhando forças. Só esta circunstância devia operar a sua emancipação. Caía uma sementinha ao pe de uma muralha carcomida; crescendo a árvore, derruir se-á a muralha.

O pontífice de Roma tinha se constituído como tutor do povo, e essa tarefa lha tinha tornado facil a sua inteli-gencia superior. Por tempo longo tinha-os ele conservado em um estado de minoridade, agora porem sacudiam o jugo por todos os lados. Essa tutela veneravel que tinha por causa primaria os principies de vida eterna e de civilização que Roma comunicara às nações barbaras, não formadores. "Este reino" (o parais°), diz ele, "tem pela fft. verdadeira adquirido cidadãos. + A fé conforme o Evangelho é o principio de vida; é a faisca que, estendendo-se cada vez mais, torna-se em chama viva, e luz em nós como a estrela do céu . Sem a fé nada nos aproveita, nem obra boa nem vida honesta . Horríveis muito embora sejam os pecados, a bondade infinita tem braços tamanhos que estreita todo aquele que para ela se volta . Por maldição deles (dos papas e dos bispos) ninguem se perda a ponto tal que não possa voltar o amor de Deus enquanto ainda verdeja a. esperança em flor..[1] ° De Deus, só de Deus vem-nos a justiça pela -fé". E falando da igreja, exclama: "O' barca minha, quão mal carregada estás! Quanto mal engendrou, ó Constantino, não a tua conversão, mas a- oferenda que o rico padre recebeu então de til"

Um pouco mais tarde Lourenço Vala aplicou às opiniões da igreja o estudo da antiguidade; negou a autenticidade da correspondencia entre Cristo e o rei Abgaro; rejeitou atradição sobre aformação dosímbolo apostólico; eminouas bases da pretendida doação de Constantino aos papas. [2]°

Todavia esta grande luz que o estudo da antiguidade fez nascer no decimo-quinto século só servia para destruir, não para edificar. Nem Homero nem Virgílio podiam salvar a igreja. O renascimento das letras, das ciências e das artes não foi ainda o princípio da reforma. O paganismo dos poetas, revivendo na Itália, serviu antes

para confirmar o paganismo do coração. O ceticismo dos sectários de Aristóteles, e o desprezo em que se tinha tudo o que não concernia à filologia apoderaram-se de muitos letrados, e engendraram a incredulidade que, re-vestindo-se sempre de uma submissão afetada aos ditames da igreja, ia investindo com as verdades religiosas de maior momento. [3] Pedro Pomponácio, o mais afamado co-

Que teria pois acontecido, se de novo não tivesse aparecido no mundo o verdadeiro cristianismo, e se a fé não tivesse vindo de novo a saturar os corações com a sua santidade? A reforma salvou a religião, e com ela a sociedade. Se a igreja romana tivesse tomado a peito a glória de Deus e a prosperidade dos povos, teria saudado com jubilo a reforma. Masque importavam cousas tais a um Leão X?

Entretanto, não era possível que se ateasse um facho na Itália, sem que os clarões dele se projetassem para alem dos Alpes. Os negocios da igreja entabolavam uma relação contínua entre essa peninsula e as outras partes da cristandade. Os barbaros não tardaram a sentir a superioridade e o orgulho dos italianos, e começaram a envergonhar-se dos seus defeitos de linguagem e de estilo. Alguns mancebos nobres, como Dalberg, Langen e Spiegelbeig, ardendo em sede de conhecimentos, visitaram a Itália, e dai levaram para a Alemanha e repartiram com os seus amigos a ciência, a gramática e os autores clássicos que eles tanto desejavam. Bem depressa apareceuum homem de grande talento, Rodolfo Agrícola, cujo saber e engenho conquistaram tamanha veneração qual a que teria se vivera no século de Augusto, ou no de Péricles.

O ardor da sua inteligencia e as fadigas 'iterarias em breves anos minaram-lhe a existencia. Mas no seu trato intimo tinham-se formado nobres discípulos que derramaram por toda a Alemanha o fogo do mestre. Muitas vezes, reunidos em torno dele, deploraram as trevas da igreja, e perguntaram porque S. Paulo tanto repete que — os homens se justificam pela fé, e não pelas obras. + Aos pés destes novos ensinadores congregou-se logo um juvenil mas rustico bando de discipulos que viviam de esmolas, e estudavam sem livros: divididos em confrarias de padres de Baco, arcabuzeiros, e outras ainda, eles passavam, em chusmas desordenadas, de cidade para cidade, de escola para escola. Mas que importa? estes bandos estrambólicos eram o começo de um publico literato. [4]

Gradualmente foram os antigos primores de arte saindo dos prelos germanicos, e suplantando os escolásticos; e a imprensa, descoberta em 1440 na cidade de Maiença, multiplicava as vozes que bradavam energicamente con-tra as corrupções da igreja, e as não menos poderosas que chamavam a humanidade para novos caminhos de indagação.

O estudo da literatura antiga produziu na Aleman-nha efeitos inteiramente diferentes dos que teve na Itá-lia e em França: na Alemanha ele eracombinado com a fé. Os alemães procuraram logo na nova cultura literaria o proveito que dela

poderia auferir a religião. O que apenas produzira nos italianos um requinte de espírito, argucioso e estéril, acelerou toda a vitalidade dos alemães, inflamou-lhes o coração, e os preparou para uma mais brilhante luz. Os primeiros restauradores das letras em França e na Itália se tornaram notaveis pela leviandade do seu proceder, e tambem pela sua imoralidade. Os seus sucessores na Alemanha animaram-se pelo contrario de um sentimento profundo, e puseram-se zelosamente em busca da verdade.

A Itália, tornan-- do-se turiferaria da literatura e do saber profanos, viu nascer uma oposição cética. AAlemanha, absorvidaemprofundasquestõesteológicase dobradasobre si mesma, viu nascer uma oposição baseada na fé. Em um país minavam-se os alicerces da igreja; em outro eles se res-tabeleciam no seu verdadeiro fundamente. No império se formara uma notavel associação de homens liberais, generosos e doutos que, contando príncipes em seu número, intentavam tornar a ciencia proveitosa a religião. Alguns traziam para os estudos a fé singela das crianças; outros uma inteligencia iluminada e penetrante, inclinada talvez, a ultrapassar as raias da liberdade legitima e da crítica; porem tanto uns como outros contribuiram para que o átrio do templo fosse desembaraçado das superstições que o obstruiam.

Os teólogos fradescos deram fé do risco que cor-riam, e entraram a clamar contra os mesmos estudos que tinham tolerado na Itália e em França, e isto porque nesses países eles tinham caminhado de mãos dadas com a leviandade e com a dissolução. Formaram entre si uma conjuração contra a literatura e a ciencia: eles tinham percebido que na retaguarda de ambas vinha avançando a fé. Perguntou-se a um frade que prevenia uma pessoa contra as heresias de Erasmo, em que consistiam elas. Ele confessou que nunca tinha lido a obra de que estava falando, e nada mais alegou senão que "era escrita em latim puro de mais". A guerra declarou-se logo entre os discipulos da ciencia e os teólogos escolásticos.

Estes viam com susto o movimento que se dava nos reinos do intelecto, e eram de parecer que a imobilidade e as trevas eram as guardas mais seguras da igreja. Era para salvar Roma que se opunham ao renascimento das letras; porem nisso contribuíam para a sua queda. Roma mesma tomou grande parte em produzir-se esse resultado. Desvairada por momentos sob o pontificado de Leão X, ela pôs à banda os seus amigos velhos para estreitar nos braços os seus jovens adversarios. O papado e as letras formaram uma aliança que parecia tender a destruir os laços existentes entre o monasquismo e a gerarquia . Os papas, à primeira vista, não deram acordo de que aquilo que tinham tomado por um brinco, era na realidade uma espada que lhes podia trazer a morte. Assim também, no século último passado, viram-se príncipes acolherem em suas cortes reais tais princípios políticos- e filosóficos, que se eles fossem a suportar-lhes toda a influencia, teriam aterrado os seus tronos.

A aliança não durou por muito tempo. As letras foram por diante sem se embaraçarem com o que podia acontecer ao poder do seu padroeiro. Os frades e os escolásticos compreenderam que abandonar o papa era o mesmo que abandonar a si próprios. O papa, apesar do patronato passageiro que concedera às belas artes, não deixou, ao dar fé do perigo, de tomar medidas as mais opostas ao espírito do tempo. As universidades se eximiram, tanto quanto puderam, da invasão das novas luzes: Razio foi expulso de Colonia; Celtes de Leipzig; Herman von dem Busch de Rostock.

Entretanto os novos doutores e, com eles, os classicos antigos, auxiliando-os por vezes os príncipes, foram pouco a pouco se firmando nestas altas academias. Dentro"m pouco, a despeito dos escolásticos, sociedades de gramáticas e poetas se formaram nelas. Tudo teve de se converter em latim e grego, até mesmo o nome destes letrados. Pois admiradores de Sófocles e de Virgílio se haviam de chamar Krachenberger e Schwarzerd? Um bafejo de independencia espalhou-se, ao mesmo tempo, sobre todas as universidades. Não se viram mais os estudantes, à moda seminarista, de livros sobraçados irem acompanhando os seusmestres com moderação, com respeito e olhos baixos. A petulância de Ovídio e de Marcial passara para os novos alunos das Musas. Eles acolheram com transporte as zombarias e diterios que saraivavam sobre os teólogo-dialéticos; e até por vezes os chefes do movimento literario eram acusados como fautores e incitadores dos motins dos estudantes.

Assim um mundo novo, brotado da antiguidade, se formara no meio do mundo da meia idade. Os dois partizios não podiam deixar de vir às mãos. Iminente estava uma luta. O mais pacato campeão da literatura, um velho a terminar a sua carreira pacífica, foi quem deu o sina lde combate.

Para que triunfasse a verdade, era primeiramente ne-cessario que tirassem dos arsenais, onde por tantos seculos tinham jazido, as armas com que se tinha de alcançar a vitória. Eram estas armas as escrituras Sagradas do Velho e do Novo Testamento. Urgia serem reavivados na cristandade o amor e o estudo das letras santas gregas e hebraicas. João Reuchlinchamava-se o homemaquem, paraestatarefa, escolheraaprovidenciade Deus. Uma dulcissima voz infantil se fizera notar no coro da igreja de Pforzheim, e atraira a atenção do mar-grave de Baden: era a de João Reuchlin, rapazinho de maneiras atrativas e genio folgazão, filho de umhonesto burguesdessa cidade. O margrave concedeu-lhe logo privança especial, e escolheu-o em 1473 para acompanhar à universidade de Paris seu filho Frederico.

Transportado de alegria chegou com o príncipe o filho do bedel de Pforzheim a essa escolha, que era a mais famigerada do ocidente nesses tempos. Ali encontrou o Espartano Hermonimos e João Wessel, a luz do mundo, e teve assim ocasião de estudar com habeis mestres o grego e o hebraico; línguas de que não havia professor

algum na Alemanha, e cujo restauradortinhaele de serumdianapátriadareforma.O joveme indigentealemão copiava para os estudantes mais ricos as rapsodias de Homero e as orações de Isócrates, e ganhava dessarte com que ir avante nos estudos e com que comprar livros.

Outras cousas, porem, ouviu ele ditas por Wessel que o impressionaram profundamente: Os papas podem errar. Todas as satisfações huManas _são blasfemia contra Cristo que plenamente reconciliou e justificou a raça humana. Só Deus é quem pode dar absolvição geral. Não é necessario confessar os pecados ao padre. Não há purgatório a não ser Deus mesmo, o qual é um fogo devorador, e que purifica de toda a marcha. Tinha Reuchlin vinte anos apenas quando ensinou em Basiléa filosofia, grego e latim; e ouviu-se o que era um prodígio nesse tempo — um alemão falar grego.

Os partidarios de Roma começaram a se sentir pouco à vontade quando viram que espíritos generosos remexiam nos antigos tesouros. "Os romanos torcem o focinho", dizia Reuchlin, "e põem a boca no mundo, pretendendo que estes trabalhos literarios são contrarios à piedade romana, porque os gregos são cismaticos . O' quantos trabalhos e sofrimentos para trazer enfim a Alemanha à sabedoria e à ciencia!"

Pouco tempo depois, Eberardo, duque de Wurtemberg chamou Reuchlin a Tubinga para servir de ornamento a essa universidade nascente. Em 1483 levou-o consigo para a Itália. Chalcondilas, Aurispa e João Pico de Mirândola tornaram-se-lhe em Florença companheiros e amigos.

Em Roma, na ocasião em que o papa, rodeado dos seus cardeais, recebeu em audiência solene a Eberardo, Reuchlin pronunciou um discurso em latim tão castiço e elegante, que a assembléia, que tal não esperava de um barbaro alemão, ficou tomada de assombro, e o pontífice exclamou: "Este homem certamente que merece ser emparelhado com os melhores oradores de França e da Itália!"

Dez anos mais tarde Reuchlin foi obrigado a procurar refugio em Heidelberg, na corte do eleitor Filipe, para escapar da vingança do sucessor de Eberardo. Fi- lipe, juntamente com João de Dalberg, bispo de Worms, seu amigo e chanceler, esforçava-se por difundir a luz que começava a despontar por to' da a Alemanha . Dalberg fundara uma biblioteca, cujo Uso era franqueado a todos os sábios. Reuchlin deste ríovo teatro fez poderosos esforços para espancar a barbaria de seus compatriotas.

Tendo sido, no ano de 1949, mandado a Roma pelo eleitor em uma importante missão, empregou todo o tempo e dinheiro que podia poupar em aperfeiçoar-se na língua hebraica com o douto israelita Abdias Sforna, e em comprar todos os manuscritos gregos e hebraicos que lhe era possível encontrar, com o fito de

emprega-los como outras tantas tochas para aumentar no seu país a luz que ja ia aparecendo.

Argirópolos, grego ilustre, estava então em Roma, ex-plicando a um numeroso auditorio as antigas maravi-lhas da sua literatura nacional. O douto embaixador foi com a sua comitiva ter à sala onde esse doutor lecionava e, ao entrar saudou o mestre, deplorando a Grécia que então agonizava sob os golpes dos otomanos. O heleno, admirado, perguntou ao alemão: Donde vens tu? Sabes o grego? "Eu sou alemão, e não desconheço de todo a tua língua". A pedido de Argirópolos, ele leu e explicou um trecho de Tucidides que esse professor tinha então sob as vistas. Então Argirópolos, tomado de assombro e de dor exclamou: "Ai! ai! a Grécia expulsa, a fugitiva foi se esconder alem dos Alpes!"

Era assim que os filhos da rude Germania e da ve-tusta e douta Grécia se encontravam nos alcáceres de Roma; era assim que o oriente e o ocidente se aperta-vam as mãos neste emporio do mundo; que um derramava no seio do outro os tesouros intelectuais salvos apressuradamente da barbaria dos otomanos. Deus, quando seus desígnios o requerem, ajunta instantaneamente, por alguma grande catastrofe, o que parecia ter de estar eternamente separado.

Ao voltar para a Alemanha pode Reuchlin entrar em Wurtemberg. Foi então que levou a cabo os trabalhos que de tanta utilidade foram a Lutero e à reforma. Este homem que, como conde palatino, ocupava lugar distinto, no imperio; que, como filosofo, contribuiu para abaixar Aristoteles, e exaltar Platão, compôs um dicionário latino que desbancou o dos escolásticos; escreveu uma gramatica grega que muito facilitou o estudo dessa língua; traduziu e explicou os Salmos Penitenciais; corrigiu a Vulgata, e — o que constitui a sua principal gloria e merito — foi o primeiro a publicar uma gramática e um dicionário hebraicosnaAlemanha. Reuc.hlin,comestestrabalhos, reabriuoslivros,portanto tempo fechados, do antigo concerto, e exigiu assim "um monumento", corno disse ele proprio, "mais duravel que o bronze".

Mas não era somente escrevendo, mas pela maneira de viver, que Reuchlin procurava adiantar o reino da verdade. Alto de estatura, imponente de aspecto, afavel no acesso, ganhava logo a confiança daqueles que com ele tinham de tratar. A sua sêde de sair er só podia ser igualada pelo zelo que tinha de transmitir o que havia aprendido. Nem dinheiro e nem fadigas poupava ele para fazer chegar à Alemanha as edições dos classicos, à proporção que iam saindo dos prelos italianos; e assim o filho de um bedel fazia mais, para ilustrar sua pátria, do que ricas municipalidades, ou príncipes poderosos. Era grande a sua influência sobre a mocidade; e quem poderá avaliar o que, a esse respeito, lhe deve a reforma? Contentar-nos-mos com citar apenas um exemplo. Um mancebo, seu primo, filho de habil e afamado armeiro chamado Schwarzerd, veio residir • em casa de sua irmã

Isabel, para estudar sob a sua direção . Reuchlin, cheio de alegria por ver o engenho e a aplicação do seu jovem discípulo, o adotou como filho. Bons conselhos, presentes de livros, exemplo, nada poupou para tornar o seu parente proveitoso à igreja e à pátria . Gozava-se em ver prosperar sob os seus olhos a sua obra; e achando muito aspero o nome alemão Schwarzerd, traduziu-o, conforme o uso de então, na língua grega, e chamou Melanchton ao jovem estudante. Foi este o ilustre amigo de Lutero.

Os estudos gramaticais, porem, não podiam satisfa-zer Reuchlin . Imitando os doutores judeus, seus mes-tres, pos-se a estudar a mística da Palavra . "Deus é espírito", dizia ele, a Palavra é um sopro; o homem respira, Deus é a Palavra. Os nomes que ele deu a si proprio são um eco da eternidade. Ele pensava com os Cabalistas que o homem podia ascender de simbolo para simbolo, de formula para formula até à ultima e mais pura de todas as formulas — a que dirige o reino do espírito.

Foi quando Reuchlin se abismava nestas pacíficas eabstratas cogitações que ahostilidade dos -escolásticos oarrastou, de súbito e bem a pezar seu, ,a uma violenta disputa, que foi um dos préludios da refordia.

Havia em Colonia um rabino batizado, por nome Pfefferkorn que privava intimamente com o. inquisidor Hochstraten. Este homem e os dominicanos solicitaram eobtiveram do imperador Maximiliano, com excelentes intenções talvez, uma ordem em virtude da qual deviam os Judeus trazer todos os seus livros hebraicos (exceto a Bíblia) para a casa municipal do lugar em que residiam. Aí tinham eles de ser queimados. O motivo para isto alegado era que eles estavam crivados de blasfêmias contra Jesus Cristo. Cumpre reconhecer que, quando nada, eles estavam cheios de frioleiras, e que os judeus mesmos não teriam perdido grande cousa com a execução da medida proposta. O imperador convidou Rechilin a dar o seu parecer escrito. O doutor designou .expressamente os livros escritos contra o cristianismo, deixando-os entregues à sorte que se lhes preparava; porem tentou salvar os demais. "O melhor meio de converter os israelitas", acrescentou, "seria estabelecerem-se em cada universidade dois professores da língua hebraica que ensinassem aos teologos a ler a Bíblia no original, e a refutar assim os doutores desse povo". Em consequencia de tal parecer, obtiveram os judeus que • se lhes restituissem os livros.

O prosélito e o inquisidor, como abutres esfaimados que vê se lhe escapar a presa, levantaram furiosa grita. Escolheram diferentes passagens da obra de Reuchlin, torceram o sentido delas, declararam o autor herético, acusaram-no de propensão para o Judaismo, e o ameaçaram com os cárceres da inquisição, Reuchlin a princípio acovardou-se. Mas como esses homens se fossem tornando cada vez mais insolentes, e lhe prescrevessem condições vergonhosas, em 1513 fez ele sair à luz uma "Defesa

contra os seus detratores de Colonia" na qual pintou todo esse partido com as cores mais vivas.

Os dominicanos juraram vingança, e entenderam que com um rasgo de autoridade firmariam o seu poder enfraquecido.

Hochstraten organizou em Moguncia um tribunal contra Reuchlin, e os escritos do sábio foram en-tregues às chamas. Então os inovadores, os mestres e dis-cípulos da moderna escola, sentindo-se feridos na pessoa de Reuchlin, levantaram-se como um só homme. Os tem-pos estavam mudados: Alemanha e literatura não vinham ao mesmo conto que espunha a inquisição. Esse movimen-to literario tinha chamado à exitencia uma opinião publica. O alto clero mesmo estava quase totalmente ganho para essa causa. Reuchlin apelou para Leão X. Este papa, que não era muito inclinado aos ignorantes e fanáticos frades, encarregou de todo o processo o bispo de Spira, o qual declarou a Reuchlin inocente, e condenou os frades nas custas da devassa. Os dominicanos, arrimos valentes do papado, recorreram, cheios de colera, às decisões infalíveis de Roma:e Leão X, não sabendo como haver-se entre essas duas potencias adversas, passou um mandado de supersedendo.

A união das letras com a fé forma um dos característicos da reforma, e a distingue, não só do estabelecimento do cristianismo, mas ainda da atual renovação religiosa. Os cristãos coetâneos dos apóstolos tiveram contra si toda a ilustração do seu tempo; pouco mais ou menos acontece o mesmo com os de nossos dias. Com -os reformadores estava a maioria dos doutos: mesmo a opinião pública lhes era favoravel. A obra ganhou, é verdade, em extensão, mas talvez que perdesse em profundeza. Lutero, reconhecendo quanto fizera Reuchlin, escreveu-lhe pouco depois da sua vitória sobre os dominicanos: "O Senhor temobrado em ti para que a luz da Escritura Santa possa brilhar nessa Germânia, onde, desde tantos séculos, ai! ela estava não somente abafada, mas inteiramente extinta!" °[5]

CAPÍTULO VIII

Erasmo — Erasmo canonista em Paris — Seu genio — Sua influência — Cometimento popular — Encomio da Lou-cura — Motefos — Eclesiásticos — Santos, Loucura e os papas — Cometimento contra a ciencia — Princípios —Novo Testamento grego — Sua profissão de fé — Seus trabalhos e sua influência — Seus erros — Dois partidos — Reforma sem violencia — Seria isso possível? — Igreja não reformada — Sua timidez — Sua indecisão — Erasmo perde a influencia para com todos os partidos.

Um homem — o grande escritor da oposição no co- meço do decimo-sexto seculo — tinha ja aparecido; esse homem tomou como a ocupação principal da sua vida o combater a escolástica das universidades e dos conventos.

Não tinha ainda Reuchlin doze anos quando nasceu esse grande genio do século. Um homem cheio de viva- cidade e de espírito, por nome Gerardo, natural do Gouda nos Países-Baixos, se enamorara da filha de um medico, chamada Margarida. Os princípios do cristianismo não di- rigiam a vida de Gerardo, ou, pelo menos, a força das paixões os atabafaram nele. Seu pai e seus nove irmãos o apertavam para que abraçasse a vida monástica. Ele fu- giu da casa paterna, deixando em verpera deser mãe o ob- jeto da sua afeição, e foiter a Roma. A fragil Margarida deu àluz umfilho. Gerardo não foi informado disso; e pouca tempo depois recebeu de seus pais a comunicação de que ja não existia aquela a quem amara. Acabrunhado pela dor, entrou para o sacerdócio, e dedicou-se inteiramente ao serviço de Deus. Voltou para Holanda. Margarida estava viva! Ela não quis casar-se com outro, e Gerardo conservou-se fiel aos votos sacerdotais. Toda a afeição de ambos se concentrou no filhinho. A mãe tomara dele o mais terno cuidado; o pai, depois que voltou, mandou-o para a escola, embora tivesse apenas quatro anos. Não tinha ainda treze, quando o seu preceptor, Sintêmio de Deventer,. abraçou-o um dia num rasgo de entusiasmo, excla-mando: "Este menino há de chegar aos mais elevados pináculos da sabedoria!" Era Erasmo de Roterdam.

Por esse tempo morreu-lhe a mãe, e o pai, sucumbindo à dor, seguiu-a à sepultura. O jovem Erasmo, ° ficando então só, manifestou viva repugnância para a vida monástica, que lhe queriam impor seus tutores, e à qual ele era adverso, pode-se dizer, desde o berço. Persuadiram-no, afinal, a entrar para um colégio de conegos regulares; e nem bem o fizera, quando se sentiu vergar ao peso dos votos que proferira. Rocobrou um pouco de liberdade, e em breve o vamos encontrar na corte do arcebispo de Cambraia, e pouco depois na universidade de Paris. Aí prosseguiu nos estudos, em extrema penúria, porem com infatigável aplicação. Podendo arranjar algum dinheiro, ele o empregava, primeiro, em comprar livros gregos, e, , depois, vestuário. Por vezes solicitara em vão o indigente holandês os sentimentos generosos dos que o protegiam: daqui veio que, pelo correr da sua vida, tinha o

maior prazer em fornecer aos jovens e pobres estudantes os meios de subsistência. Aplicado sem inter-.missão a procurar a verdade e a ciencia, era com relutancia que assistia às disputas escolásticas, e arredava-se sempre do estudo da teologia, com receio de nela descobrir erros, e ser, em consequencia, denunciado como herético. Foi por esse tempo que começou Erasmo a ter consciencia do que era. No estudo dos antigos tinha adquirido.

Seu nome era verdadeiramente Gerardo, como o de seu pai. Ele traduziu este nome Flamengo em latin (Desiderius, deseja-do), e, depois, em grego (Erasmo).

Um estilo tão castiço e elegante que se colocara, por essarazão, acimados mais conspícuos escolares que havia em Paris. Começou a ensinar; isto angareou-lhe poderosos amigos; publicou alguns escritos; admiração e aplausos pagaram-lhe as fadigas. Compreendeu o gosto do publico, e sacudindo para longe de si os últimos ilames das escolas e do claustro, devotou-se todo à literatura, derramando em seus escritos observações cheias de finura, aquele espirito claro, vivido e iluminado que deleita ao passo que instrui. O habito de trabalhar, que nessa epoca contraiu, ficou-lhe por toda a vida: mesmo nas suas viagens, que eram ordinariamente a cavalo, não estava ocioso. Compunha pela estrada, cavalgando atraves dos campos, e quando chegava ao pouso escrevia o que meditara. Foi assim que levou a cabo o seu afamado Encômio da Er Loucura, em uma viagem da Itália para a Inglaterra. asma ad-quiriu bem depressa grande reputação para com os dou-tos; porem os frades raivosos lhe votaram um adio de morte. Procurado pelos príncipes, ele tinha uma mina ie-xaurível de desculpas para declinar os convites. Preferia ganhar a vida em corrigir livros com o impressor Frobênio, a viver cercado de luxo e de favores nas cortes esplendidas de Carlos V, Henrique VIII e Francisco I, ou a cingir a cabeça com o chapeu de cardeal que lhe fora oferecido.

Tendo Henrique VIII subido ao trono em 1509, Lord Mountjoy convidou Erasmo, que ja tinha estado em In-glaterra, a vir cultivar a literatura sob o cetro do Octóvio inglês. Em 1510 lecionou em Cambridge, entretanto, •come-o arcebispo Warham, João Colet, e Sir Thomaz More r lações de amizade que foram até à morte. Em 1516 visitou Basiléa, onde fixou residencia em 1521.

Qual foi a sua influência sobre a reforma? Por um lado foi essa influência exalçada de mais; por outro excessivamente depreciada. Erasmo não foi e nunca poderia ser um reformador; mas preparou o terreno para outros. Não somente derramou em seu seculo o amor da instrução e um espírito de indagação e exame

Sete edições desta obra venderam-se cm poucos meses. Epist. ad Pirck.

Que levou outros muito mais longe do que ele mePrnn foi; como soube ainda, sob a proteção de grandes prelados e poderosos príncipes desvendar e combater os vícios da igreja com as mais ferinas sátiras.

Erasmo de fato erremeteu contra os frades e contra os abusos correntes por duas vias diversas. A princípio adotou um metodo popular. Este homem baixinho e louro, cujos olhos azuis semicerrados observavam fina e penetrantemente tudo o que se passava, em cujos lábios pairava sempre um sorrizinho zombeteiro, cujos modos eram tímidos e acanhados, este homem, a quem um assopro, segundo a aparência, deitaria par terra. derramava de sua pena elegante e mordente, ondas de fel contra a teologia e a hipócrita devoção de seu tempo. A disposição natural de seu genio e os acontecimentos de sua vida tornaram-lhe habitual o sarcasmo. Nos escritos mesmo em que menos se podia esperar transparecia de repente o seu humor satírico, e os escolásticos e frades ignorantes a quem ele tinha declarado guerra, eram imolados com mil alfinetadas. Ha muitos pontos de contato entre Voltaire e Erasmo. Autores que o precederam ja tinham popularizado a ideiadesse elemento de loucuraque se teminfiltrado em todos os pensamentose em todos os atos da vida humana. Erasmo apanhou essa ideia: trouxe à cena a Loucura em pessoa, Maria, filha de Mut°, nascida nas Ilhas Afortunadas, criada na embriaguez e na impertinência, e soberana de um poderoso império. Ela mesma descreve os seus dominios. Pinta sucessivamente todos os estados do mundo que lhe pertencem, e espraia-se ao falar nos homens da igreja, que não querem reconhecer os seus benefícios, posto que ela os cumule de favores.

Acabrunha à forçade apodose motejoso labirinto de dialeticaemque se tinham abismado os teólogos, e os ex- travagantes silogismos com que pretendiam sustentar o Papado. Patenteia as desordens, a ignorancia, a sordidez e os absurdos irrisorios dos frades.

"É toda minha", diz ela, essa gente, cujo maior prazer consiste em relatar milagres, e ouvir maravilhosas patranhas, de que se servem de modo especial para distrair tedios alheios, e empanturar as bolsas próprias (eu falo com especialidades dos padres e pregadores)! No mesmo pé estão aqueles que alimentam a estulta porem doce persuasão de que, se conseguem por os oolhos sobre um pedaço de pau, ou sobre um registo que representa Polifemo ou Cristovão, não morrerão esse dia...

"Ail que de Loucuras", continua Moria; "eu mesma quase que me envergonho delas! Pois não se vê cada terra invocar o seu santo particular? Cada mazela tem seu santo, cada santo sua candeia. Este santo cura dor de dentes; este outro, assiste às parturientes; aquele, faz que se restituam as cousas furtadas; outro, é contra os naufragios, um quinto, guarda os rebanhos. Alguns há que têm muitas virtudes a um tempo, e particularmente aVirgem-mãe de Deus,emaqual o vulgo depositaaindamaisconfiançado que no próprio Filho. ° ... Se no correr de todas estas pataratas algum sabio se levantasse e, cantando em contra-partida, proclamasse as verdades seguintes: "Não morrereis mal, se bem viverdes; alcançareis remissão para os vossos pecados, se às vossas esmolas juntardes arrependimento, lagrimas, vigilias, orações, jejuns, e uma completa mudança do vosso modo de vida; tal santo

vos há de proteger se lhe imitardes a vida; se algum sabio, digo, lhes gritasse caridosamente aos ouvidos, ad moestando-lhes tais cousas, old de que felicidade lhes não defraudaria as almas, em que abismo os não mergulharial... De tal modo esculpida é a mente humana, que mais se deixa levar da impostura do que da verdade. Se algum santo houver mais apócrifo do que outro — um S. George, S. Christovão ou Sta. Barbara — esse vereis adorado com maior fervor do que S. Pedro, S. Paulo, ou do Cristo mesmo. [1]

Maria, porem, aqui não para. "Arremete contra os bispos que correm mais atras de ouro, do que atras de almas; e que julgam ter trabalhado bastante por Jesus Cristo quando complacentemente se repoltreiam nas suas cadeiras com pompa teatral, assim a modo de Padres Santos a quem se deve adoração; eles que abençoam ou anatgrnizam". A filha das Ilhas Afortunadas arrisca-se mesmo a dirigir os seus golpes contra a Curia Romana e contra o proprio para que, gastando o seu tempo em diverti-mentos, deixa os encargos do ministério a S. Pedro e a S . Paulo. "Poderá haver mais figadais inimigos da igreja do que estes imundos pontífices que, calando-se, deixam que Jesus Cristo seja esquecido; que o tolhem comleis questuarias; que o adulteramcom interpretações forçadas; que o degolam com uma vida pestilenta?"

Holbein anexou ao Encômio da Loucura as mais grotescas gravuras, em as quais figurava o papa com a sua tríplice coroa. Talvez que jamais tenha existido obra que, como esta, tão adaptada às necessidades do seu século. É, impossível descrever a impressão que este livrinho produziu na cristandade. Vinte e sete edições- saíram à luz em vida de Erasmo: foi traduzido em todos os idiomas da Europa, e serviu mais do que nenhum outro para firmar as tendencias anti-sacerdotais do tempo. Ao cometimento popular Erasmo ajuntou ainda o da erudição e da ciencia.

O estudo das letras gregas e latinas tinha aberto nova perspectiva ao genio moderno que começava a despertar na Europa. Erasmo acolheu calorosamente a ideia dos italianos de que as ciencias deviam ser estudadas na escola dos antigos, e de que, desprezando-se os impróprios e absurdos livros de que até então se tinha usado, se deveria passar a estudar geografia em Strabo, medicina em Iiipócrates, filosofia em Platão, mitologia em Ovídio, e história natural em Plínio. Mas ele deu um passo :vais; esse passo foi o de um gigante, e deviaimport,.:.radescobertade umnovomundo, demaior importânciaparaosinteresses da humanidade que aquele que Colombo juntara ao antigo. Erasmo, prosseguindo no mesmo principio, propôs que não se estudasse mais a teologia pelos livros de Scott e de Thomaz de Aquine, mas que se recorresse, para a aprender, aos padres da igreja e, sobretudo, ao Novo Testamento. Mostrou que os teólogos não se deviam restringir à Vulgata em que pululavam os erros; e prestou à verdade um serviço imenso, pubicando a sua edição critica do texto grego do Novo Testalmento, texto tão pouco conhecido no ocidente como o fora se nunca houvera existido. Esta edição apareceu em Basiléa em 1518,

um ano antes da reforma. Fez assim Erasmo pelo Novo Testamento o que pelo Velho fizeraReuchlin.Desde então, puderamosteólogos ler aPalavrade Deusnasínguas originais, e reconhecer mais tarde a pureza das doutrinas dos reformadores.

"É meu desejo", dizia Erasmo, "ao publicar o seu Novo Testamento, reconduzir à sua verdadeira fonte o frio logomaquista que se chama teolo gia. Oxalá que esta obra possa produzir para o cristianismo tanto fruto, quanto trabalho e aplicação me custou!" Esse voto foi atendido, Em vão gritaram os frades: "Ele entende corrigir o Espírito Santo!" O Novo Testamento de Erasmo deu um jato brilhante de luz. As suas paráfrases às Epístolas, e aos Evangelhos de S. Mateus e de S. João as suas edições de Cipriano e de Jerônimo; as suas traduções de Orí enes, de Atanásio e de Crisóstomos; a sua Razão da ver. dadeira teologia, [2]* o seu Ecciesiastes, + e os seus comentários a vários salmos contribuiram poderosamente para que se difundisse o gosto pela palavra de Deus e pela teologia pura. O resultado dos seus trabalhos foi ainda alem da sua expectativa. Reuchlin e Erasmo deram- a Bíblia aos sábios: Lutero, ao povo.

Erasmo fez mais: restaurando o Novo Testamento, restaurou o que a Revelação ensinava. "O alvomaissublimado no renovamento dosestudosfilosóficos", disse ele, "será obter-se o conhecimento do simples cristianismo biblico". Nobre pensamento? Prouverá a Deus que os orgãos hodiernos da filosofia compreendam assim a sua missão! "Estou firmemente resolvido", dizia ele, "a morrer estudando a Escritura: nela está a minha alegria e a minha paz". "A suma de toda a filosofia cristã", disse eles algures, resume-se nisto: Firmarmos todas as nossas esperanças em Deus só, o qual, livremente e de graça, sem que haja rnerito de nossa parte, tudo nos dá por Jesus Cristo; sabermos que pela morte de seu Filho somos resgatados; morrermos para as concupiscencias mundanas, e andarmos conforme o seu exemplo e d in outrina, não bem so-mente sem lesar a homem algum, mas ada fazendo a todos; sofrermos resignadamente as provas que nos enviar, tendo sempre os olhos na recompensa futura;

Não nos atribuirmos finalmente honra alguma por causa das nossas virtudes, e darmos graças a Deus por todas as forças que temos, e por todas as obras que fazemos. E isto deve ser tão reiteradas vezes representado á mente humana, que venha como que a ser uma segunda natureza. * [3]

Depois, levantando avoz contra a molede ordenações suntuarias daigreja, de regimentos sobre jejuns, festas, vo-tos, casamento, confissão, que oprimia o povo e enriquecia o clero, Erasmo exclama: Raras vezes se pensa nas igrejas em interpretar o Evangelho. Grande parte dos sermões se tem de compor ao agrado dos comissários de indulgências. Em proveito deles suprime-se ou perverte-se a doutrina santa de Cristo. Não ha mais esperança de cura, a não ser que Cristo mesmo

converta o coração dos príncipes e dos pontífices, e os excite a buscar a verdadeira piedade.

Os escritos de Erasmo se sucediam rapidamente. Ele trabalhava sem descanso, e as suas obras eram lidas mesmo como saiam da pena. Essa animação, essa energia natural, essa inteligencia tão rica, tão delicada, tão ousada e tão espirituosa, derramando-se, sem reserva em jorros copiosos sobre os seus contemporaneos, arrebatava e extasiava o imenso público que devorava as obras do filósofo de Ro-terdão. Dentro em pouco tornou-se ele o homem mais in-fluente da cristandade; de toda a parte choviam sobre sua cabeça coroas e tenças.

Se lançarmos nossas vistas sobre a grande revolução que mais tarde restaurou a igreja, não poderemos deixar de reconhecer que Erasmo foi uma ponte para muitos. Bas-tantes homens, que se teriam inquietado se as verdades evangélicas lhe fossem apresentadas em toda sua força e pureza, se deixaram atrair por ele e tornaram-se mais tarde os mais zelosos defensores da reforma.

Mas por isso mesmo que ele era bom para preparar, não o era para acabar. "Erasmo sabe muito bem assinalar os erros", disse Lutero, "mas não sabe ensinar a verdade".

O Evangelho de Cristo não foi a fornalha onde se abrasou e alimentou sua vida, o centro em redor do qual cintilou sua atividade. Era primeira que tuo sábio; cristão, somente depois. A vaidade exercia sobre ele excessivo poder para que tivesse sobre o seu século inflti èneia decisiva. Calculava com ansiedade as consequeneias que cada um de seus passos teria sobre sua reputação. Nada havia de que gostasse de falar mais que de si mesmo e de sua glória.

O papa", escreveu ele a um amigo intimo, com uma vaidade pueril, na época em que se declarou adversário de Lutero, "o papa me enviou um diploma cheio de be lência e de testemunhos dc honra. Seu secretário me afirma que isto é alguma cousa de extraordinario, e que o papa mesmo o ditou palavra por palavra.

Erasmo e Lutero são os representantes de duas gran-des ideias quanto a uma reforma, de dois grandes parti-dos no seu século e em todos os séculos. Um, composto de homens de uma prudência covarde, o outro de hoens de resolução 'e coragem. Estes dois partidos existiam m nessa epoca, e se personificaram nestes dois ilustres chefes. Os homens prudentes julgavam que a cultura das ciencias teolgicas produziria pouco a pouco e sem violência urna reforma na igreja. Os homens de ação pensavam que as ideias mais justas propagadas entre os sábios não fariam cessarcessar as -superstições do povo, e que corrigir abusos e pouca coisa se toda a vida da igreja não fosse renovada.

Uma paz desvantajosa", dizia Erasmo, "é ainda melhor que a mais justa guerra". Ele pinsava (e quantos Erasmos não Qi-ri vivido desde então, e não vivem ainda em

nossos dias!), ele pensava que uma reforma que abalasse a igreja corria risco de a destruir; via com assombro as paixões excitadas, o mal misturando-se por toda a parte ao pouco bem que se podia fazer, as tituissem instituições existentes destruirias sem que outras as subs, e a nau da igreja, fazendo agua por todos os lados, engolia no meio da tempestade. [4] Esses que fazem entrar o mar nas novas lagoazinhas", dizia ele, "fazem muitas vezes urna

****Elementos regeneradores e conservadores, estava demolido. "A relha do arado poderá também cuidar que prejudica a terra, pois que a rasga; porem ela não faz mais do que fecunda-la".[5]*

Se a reforma não tivesse aparecido, quem pode dizer a espantosa ruiva que a teria substituido? A sociedade, presa de mil elementos de destruiçã excessivamenteamente pertur-bada . Certamente teriam aceito uma reforma à maneira de Erasmo, e tal corno a querem ainda em nossos dias muitos homens moderados, mas tímidos, que têm transtor-nado a sociedade cristã. O povo, privado da luz e do amor que a reforma fez baixar até às classes mais obs-curas, abandonando às paixões violentas e a um espirito inquieto e desobediente, soltar-se-ia como um animal bra-vio, colerico e provocador, cuja furia nenhum freio pode reter.

A reforma nada foi senão uma intervenção do Espírito de Deus entre os homens, um princípio regulador que Deus colocou na terra. Ela podia, é verdade, agitar os elementos de fermentação escondidos no coração humano; mas Deus venceu . Adoutrina evangélica, a verdade de Deus, penetrando na massa dos povos, destruiu o que devia ser conservado. A reforma tem edificado no mundo; somente o preconceito pode dizer que ela tem

O grande principio de Erasmo era: "Iluminai, e as trevas desaparecerão por si mesmas". Este princípio é bom, e Lutero o seguiu. Mas qndo os inimigos da luz quando se esforçarem por apaga-la, ou em arrebentar o facho da mão que o leva, dever-se-á, por amor da paz, deixar que o façam? não se deverá resistir aos perversos?

A coragem foi o que faltava a Erasmo. Pois ela é mais precisa ainda para efetuar uma reforma que para tomar uma cidade. Ele tinha muita timidez. Desde sua mocidade, o nome somente da morte o fazia tremer. T i-nha um desvêlo incrível pela saúde. Todos acrifícestia io fazia para por-se longe do lugar onde reinasse mol contagiosa. O desejo de gozar as comodidades da vida era superior á sua mesma vaidade, e foi esta a razão que o fez rejeitar mais de uma oferta brilh ante.

Por isso não pretendia o papel de reformador. Se os habitas corrompidos da corte de Roma exigem algum grande o pronto remedio", dizia ele, "isto não é da minha conta nem daquelesque se parecemcomigo". Ele não tinhaforçade fé que animavaLutero.Enquanto este sempre estava pronto a dar sua vida pela verdade

Erasmo dizia sinceramente: "Que outros pretendam o martirio; por mim, não me julgo digno desta honra. [6]* Eu temo que, se acontecesse qualquer tumulto, imitasse Pedro em sua queda.

Por seus escritos, por suas palavras, Erasmo, mais que nenhum outro, havia preparado a reforma, e então, quando viu chegar a tempestade que ele mesmo tinha suscitado, tremeu. Teria dado tudo para fazer voltar a calma de outrora. Mas já não era tempo; o dique estava roto. Não se podia suspender a torrente que devia ao mesmo tempo limpar e fertilizar o mundo. Erasmo foi poderoso como instrumento de Deus: quando deixou de o ser, não foi mais nada.

Por fim Erasmo não sabia por qual partido se decla-rasse. Nenhum lhe agradava, temia a todos. "É perigoso falar", dizia ele, "e é perigoso guardar silencio". Em todos os grandes movimentos religiosos há destes caracttres va-cilantes, respeitaveis por algumas considerações, mas que prejudicam a verdade, e que, não querendo desagradar ninguem, desagradam a todos.

Que seria da verdade se Deus não suscitasse campeões mais corajosos? Eis que o conselho que Erasmo deu a Vigilius Zuichem, depois presidente da corte superior em Bruxelas, sobre a maneira por que devia comportar-se em frente dos setários (era assim que chamava já os reformadores): Minha amizade para contigo me faz desejar que te conserves bem afastado do contágio das seitas, e que não lhes forneças ocasião de dizerem que Zuichem é dos seus. Se aprovas sua doutrina, ao menos dissimula, e so-bretudo não argumentes com eles. Um jurisconsulto deve agir com subtileza com essa gente, corno certo moribundo com o diabo. O diabo perguntou-lhe: Que crês tu? O moribundo, temendo, se confessasse sua fé, ser surpreendido em alguma heresia, respondeu: "Aquilo que a igreja cré". O primeiro continuou: Que crê a igreja? Respondeu o outro: "Aquilo que eu creio". Diabo ainda uma veAz: ilE o que crês tu então? E o moribundo de novo: zuno que igreja crê. Também o duque Jorge de Saxe, inimigo mortal de Lutero, tendo recebido de Erasmo urna resposta equivoca a uma pergunta que lhe havia dirigido, disse: "Prezado Erasmo, lava-me a peliça e não a molhes". Se-gundo Curio, em uma de suas obras, descreve Erasmo nem num irem no outro; mas descobre-o movendo-se entre eles, sem cessar, em circulas sem fim. [7]

Tal foi Erasmo. Faltou-lhe a liberdade interior, que nos torna verdadeiramente livres. Quão diferente seria se tivesse abandonado a si mesmo para se entregar à verdade! Porem, depois de haver procurado fazer algumas reformas com a aprovação dos chefes da igreja, depois de haver abandonado a reforma para abraçar Roma, quando viu que estas duas coisas não podiam caminhar juntas, perdeu-se no conceito de todos. Por uma parte, suas palinódias não puderam conter a cólera dos partid es o as fa náticos do papismo. Estes sentiam o mal que lh h-via feito, e não o perdoavam. Os impetuosos frades o sobrecarregavam de injurias do alto dos

pulpitos. Chamavam-no um Segundo Luciano, uma raposa que havia devastado a vinha do Senhor. Um doutor de Constança tinha colocado o retrato de Erasmo em seu gabinete, afim de poder a cada instante cuspir-lhe na cara. Por outra parte Erasmo, abandonando o estandarte do Evangelho.. viu-se privado da afeição e estimados homens mais generosos dé seu tempo, e teve de renunciar sem duvida as consolações celestiais que Deus derrama nos corações da- queles que se comportam como bons soldados de Jesus arecem indicar essas lagrimas amargas, essas penosas vigilias, esse sono. perturbado, esses alimentos que se lhe tornavam insípidos, esse desgosto pelo estudo das musas, outrora sua unica alegria, esse semblante carregado, esse rosto palido, esse olhar triste e abatido, esse adio a uma vida que ele chamava cruel, e esses suspiros pela morte, de que fala a seus amigos. O Pobre Erasmo! [8]

(1) Cristo. E isto ao _menos o que p

Parece-nos que os inimigos de Erasmo foram alem da verdade quando exclamaram, no momento em que apareceu Lutero: "Erasmo pos o ovo, e Lutero o chocou". [9]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Encornium Moriac, Opp, 4, 444.

[2] Ecelesiastes, seu de Ratione concionandi. Ad Servatium.

[3] Ad Joh. Slechtam, 1519. Er. Epp. 1. 680. Armot. ad Matth. 11. 30.

[4] * Erasm. Ep•, 1. p- 953. *. . Eras. Ep., 1, p. 953.

[5] * Er. Ep., 1, p. 653.

[6] * Ega me non arbitrar hoc honore dignam. Ibid.

[7]* Erasmi Ep., 274.

[8]* Eras. Ep. 1, p. 1380.

[9]* As obras de Erasmo foram publicadas por João Le Clerc, em Liège, cm 1703, em dez volumes in-fólio. A respeito de sua vida, veja-se Burigny, Vida de Erasmo, Paris, 1757; A. Müller, Leben des Erasmus, Fiam., 1828, e a Biografia acrescentada por Le Clerc á sua Bibliothèque Choisie. Veja-se também o belo e consciencioso trabalho de M. Nisard (Revista dos Dois Mundos), que entretanto me parece ter-se enganado em sua apreciação de Erasmo e Lutero.

CAPÍTULO IX

Os nobres — Hütten — Cartas de alguns homens obscuros — Seu efeito — Fim de Hütten— Sickingen — Luta à espada — Cromberg --Literatura popular — Hans Sachs — Fermentação geral — Espectativa.

Os mesmos sintomas de regeneração que se viam entre os príncipes, os bispos e os sábios, achavam-se tambem entre os homens do mundo, os senhores, os cavalheiros e a gente de guerra. A nobreza alemã fez um papel importante na reforma. Muitos dos mais ilustres filhos da Alemanha formaram uma estreita aliança com os, literatos, e, inflamados de um zelo ardente e às vezes arrebatado, esforçaram-se por livrar seu povo do jugo de Roma.

Diversas causas contribuiram a suscitar amigos à reforma na classe dos nobres. Uns, havendo frequentado as universidades, tinham recebido em seu coração aquele fogo que animava os sábios. Outros, educados nos sentimentos

Evangelho tinham a alma aberta às belas doutrinas do Evangelho. Muitos encontravam na reforma um não sei que de cavaleiresco que os seduzia, e arrastava após ela.

Outros enfim, é preciso dize-lo, odiavam o clero, que havia contribuido poderosamente, no reinado de Maximilianu, a despoja-los de sua antiga independencia e subjuga-loa aos príncipes. Cheios de entusiasmo, consideravam a reforma como o preludio de uma grande renovação política; acreditavam ver o imperio sair desta crise com um novo esplendor, em melhor estado, e brilhando com a mais pura glória, prestes a estabelecer-se rio mundo, tanto pela espada dos cavaleiros cornopela Palavra de Deus.

Ulrich de Hütten, denominado o Demóstenes da Alemanha, por causa de suas filípicas contra o papado, forma como o anel que unia então os cavaleiros e os literatos. Ele tanto brilhava por seus escritos como por sua espada. Oriundo de uma antiga familia de Francônia, foi enviado na idade de onze anos ao convento de Fulda, onde o destinavam para frade. Mas Ulrich, que não tinha inclinação para este estado, fugiu do convento aos dezesseis anos, e foi para a universidade de Colonia, onde se entregou ao estudo das línguas e da poesia. Mais tarde seguiu uma vida errante; em 1513 achou-se no cerco de Padua como simples soldado; viu Roma e todos os seus escândalos, e aguçou aí as setas que mais tarde lançou contra ela.

Regressando à Alemanha, campos Hütten contra Roma e todos os seus escandalos, e aguçou a as setas que mais tarde lançou contra ela.

Regressando à Alemanha, compôs Hütten contra Roma um opusculo intitulado A Trindade Romaria. Aí descobre ele todas as desordem daquela corte, e mostra a necessidade de extinguir a sua tirania pela força. "Há", diz um viajante por nome

Vadiscus que figura no dito opusculo, "há três coisas que se trazem ordinariamente de Roma: uma má consciênea, um estômago estragado e uma bolsa vazia. Há três coisas em que Roma não crê: a imortalidade da alma, a ressurreição dos mortos e o inferno. E há três coisas de que Roma faz comércio; a graça de Cristo, as dignidades eclesiásticas e as mulheres". A publicação deste opúsculo obrigou Hütten a deixar a corte do Arcebispo de Mogúncia, onde se achava quando o compôs. [1]

A questão de Reuchlin com os dominicanos foi o sinal que eruniu todos os literatos, magistrados e nobres opostos aos frades. A derrota dos inquisitores, que, dizia-se, só tinham escapado a uma condenação definitiva e absoluta, à força de dinheiro e de intrigas, animou todos os seus adversarios. Conselheiros do imperio, cidadãos os mais consideraveis, Pirckheimer de Nuremberg, Peutinger de Augsburgo, Stuss de Colônia, pregadores distintos, tais como Capiton e OEcolampade, doutores em medicina, his-toriadores, todos os literatos, oradores, e poetas, à frente dos quais brilhava Ulrich de Hütten, formavam esse exército de Reuchlinistas, cuja lista foi até publicada.

A produção mais consideravel desta liga literaria foi a famosa satira popular intitulada: Cartas de alguns homens obscuros. Os principais autores desta obra foram Hütten e Crotus Robianus, um de seus amigos da universidade; mas é dificil dizer de qual dos dois nasceu a ideia, ou se mesmo ela não veio do sábio impressor Angst, e se Hütten trabalhou na primeira parte da obra. Muitos humanistas reunidos na fortaleza de Ebernbourg pareciam haver me-tido mãos a auxilia-la. Era um quadro feito a grandes traços, uma caricatura pintada algumas vezes de uma maneira grosseira, mas cheia de verdade e de força, de uma semelhança surpreendente e da cor de fogo.

O efeito foi imenso. Alguns frades, adversarios de Reuchlin, e auto-res supostos destas cartas, se entretem com os negocios do tempo e assuntos teológicos, a seu modo e em seu bárbaro latim. Dirigem a seu correspondente Ortuin Gratius, professor em Colonia, amigo de Pfefferkorn, as mais néscias e inuteis perguntas, e, com a maior simplicidade, dão as mais claras provas de sua crassa ignorancia, de sua incredulidade, de sua superstição, de seu espírito baixo e vulgar, da grosseria glotoneria, com a qual faziam de seu ventre um deus, e ao mesmo tempo de seu orgulho e seu zelo fanatico e perseguidor. Contam-lhe muitas de suas aventuras burlescas, de seus excessos, de sua dissolução, e diversos escandalos da vida de Hochstraten, de Pfefferkorn e de outros chefes de seu partido. O tom, ora hipocrita ora parvo, destas cartas tornavam sua leitura a mais jocosa possivel. E tudo era tão natural, que os dominicanos e franciscanos da Inglaterra receberam-na com grande aplauso, e acreditavam que elas estavam verdadeiramente escritas segundo os princípios de sua ordem e para sua defesa. [2]

Um prior de Brabante, em sua cre-dula simplicidade, comprou um grande número de exem-plares e enviou-os de presente ao mais distinto dos dominicanos. Estes, cada vez mais irritados, solicitaram do papa uma severa bula contra todos os que ousassem ler essas epistolas; porém Leão X negou-a. Tiveram de suportar a risada geral e devorar sua colera. Nenhuma obra deu tão profundo golpe nestas colunas do papismo. Porém não era com sátiras e motejos que o Evangelho devia triunfar. Se se tivesse continuado a marchar por esta estrada, se a reforma, em vez de atacar o erro com as armas de Deus, tivesse recorrido ao espírito escarnecedor do mundo, sua causa teria estado perdida. Lutero condenou altamente estas satiras. Tendo um de seus amigos lhe enviado uma com o titulo: O teor da petição de Pasquin, ele respondeu-lhes "As inepcias que tu me enviaste me parece que foram compostas por um espírito sem modestia . Eu as comuniquei a uma reunião de amigos, e todos foram da mesma opinião". [3]* E falando da mesma obra, ele escreve a um de seus correspondentes: "Esta petição me parece ter por autor o mesmo historiador que compôs as Cartas dos homens obscuros. Eu aprovo seus desejos, mas não posso aprovar sua obra; visto que não se abstem de injúrias e ultrajes". [4]° Esta sentença é severa, mas mostra que espírito se achava em Lutero, e como ele estava acima de seus contemporaneos. Resta acrescentar, entretanto, que ele nem sempre segciu tão sábias máximas.

Ulrich, obrigado a renunciar à proteção do arcebispo de Mogúncia, procurou a de Carlos V, que estava então agastado com o papa. Por conseguinte dirigiu-se a Bruxelas, onde Carlostinhasuacorte.Porem, longede obtercoisaalguma, soube queo papatinhapedido ao imperador, que o ensinasse a Roma, amarrado de pés e mãos. O inquisidor Hochstraten, perseguidor de Reuchlin, foi um daqueles a quem Roma havia encarregado de agarrá-lo, de-signado por terem ousado fazer tal pedido ao Imperador, Ulrich deixou Brabante.

Saindo de Bruxelas, ele encontra Hochstraten na estrada O inquisidor, amedrontado, cai de joelhos, e encomenda sua alma a Deus e aos santos. "Não", disse o cavaleiro, "eu não sujo a minha espada no teu sangue!" Deu-lhe algumas pranchadas, e o deixou em paz.

Hütten refugiou-se no castelo de Ebernbourg, onde Francisco de Sickingen oferecia asilo a todos os que eram perseguidos pelos ultrarnontanos. Foi ai que o seu zelo ar-dente pela liberdade de sua nação lhe ditou essas cartas tão memoraveis que ele dirigiu a Carlos V, a Frederico, eleitor de Saxe, a Alberto, arcebispo de Magúncia, aos príncipes e à nobreza, e que ele compôs todas essas obras destinadas a serem lidas e compreendidas pelo povo, e que derramaram em todas as comarcas germânicas o horror a Roma e o amor à liberdade. Dedicado á causa do reformador, seu desejo era excitar a nobreza a tomar as armas em favor do Evangelho, e arremessar-se de espada em punho sobre essa Roma que Lutero não queria destruir senão pela Palavra e pela força invencivel da verdade.

Entretanto, no meio de toda esta exaltação guerreira, é agradável o ver-se em Hütten sentimentosternosedelicados. Quando seuspaismorreramelecedeu aseusirmãostodos os bens da familia, posto que fosse o primogenito, e lhes suplicou que não lhe escrevessem de maneira nenhuma nem lhe enviassem dinheiro, com receio de que, apesar de sua inocencia, eles viessem a sofrer pela malícia de seus inimigos e caíssem com ele na cova.

Se a verdade não pode reconhecer em Hütten um de seus filhos, pois ela é sempre acompanhada de santidade de vida e de caridade do coração, ha de conceder-lhe ao menos uma menção honrosa como a um dos mais temiveis adversarias do erro. [5]

Outro tanto pode dizer-se de Francisco de Sickingen, seu ilustre amigo e protetor. Este nobre cavalheira, a quem muitos de seus contemporaneos julgavam digno da coroa imperial, brilha no primeiro lugar entre os guerreiros que foram antagonistas de Roma. Embora amasse o ruido das armas, era cheio de ardor pelas ciencias e de veneração para com aqueles que as cultivavam. Estando à testa de um exército que ameaçava o Wurtemberg, ordenou que, no caso de Stuttgart ser tomada de assalto, poupassem os bens e a casa do grande literato João Reuchlin. Depois o mandou chamar ao seu campo, abraçou-o, e ofereceu-lhe o seu socorro na questão que ele tinha com os frades da Colonia. Por muito tempo anobrezateve orgulhoemmensoprezar asletras.Masaépoca que agora descrevemos nos apresenta um novo espetaculo. Debaixo da pesada couraça dos Sickingens e dos Hüttens distinguia-se esse movimento das inteligencias que começava a se fazer sentir por toda a parte. A reforma deu ao mundo, por suas primícias, guerreiros amigos da ciência e da paz.

Hütten, em sua volta de Bruxelas, refugiado no cas-telo de Sickingen, convidou o valoroso cavaleiro a estudar a doutrina evangelica, e lhe explicou os fundamentos sobre os quais ela repousa. "E haverá alguem", exclama Sickingen todo maravilhado, "que se atreva a experimentar se pode derribar tal edificiol Quem o poderá?"

Muitos homens, celebres depois como reformadores, encontraram refugio em seu castelo; entre outros, Marti-nho Bucer, Aquila, Schwebel e OEcolampade, de sorte que Hütten com razão chamava Ebernbourg "A Hospedaria dos "justos". OEcolampade devia pregar todos os dias no castelo. Porem os guerreiros que aí estavam reunidos, acabaram por enfastiar-se de ouvir falar tanto das doces virtudes do cristianismo; os sermões lhes pareciam demasiado longos, por mais que EOcolampade se esforçasse por ser breve. Ë verdade que eles iam. quase todos os dias à igreja; mas isso era apenas para receberem a benção fazerem uma curta oração, de maneira que OEcolampade exclamou: "Ai de mim! a Palavra está semeada aqui sobre rochedos!

Daí a pouco Sickingen, querendo servir a causa da verdade à sua maneira, declarou guerraao arcebispo de TrAves, afim,diziaele, "de abrir umaportaao Evangelho".Lutero, que havia ja aparecido, em vão o dissuadia: ele atacou`Trèves com cinco mil cavaleiros e mil soldados de pé. O corajoso arcebispo, auxiliado pelo eleitor palatino e pelo landgrave de Hessen, o põe em retirada. Na primavera seguinte os príncipes aliados atacaram-o no seu castelo de Landstein. Depois de sanguinolento assalto, Si-ckingen, ferido mortalmente, foi constrangido a render-se. Os tres príncipes penetraram na fortaleza, percorreram-na, e por fim encontraram o indomavel cavaleiro em um sub-terraneo, prostrado em seu leito de morte. Ele estendeu a mão para o eleitor palatino, parecendo não fazer caso dos príncipes que o acompanhavam; mas estes o sobrecarregavam de perguntas e increpações: "Deixai-me em repouso", disse ele, "pois é preciso que me prepare agora para responder a um Senhor mais poderoso que vós!" Assim que Lutero teve noticia de sua morte, exclamou: "O Senhor é justo, mas admiravel! Não é com a espada que ele quer que se propague o seu Evangelho!"

Tal foi o triste fim de um guerreiro que como impe-rador ou eleitor poderia ter elevado a Alemanha a um alto grau de felicidade, mas que reduzido a um circulo apertado gastou inutilmenteas grandes forças com que fora dotado. Não era no espírito tumultuoso destes guerreiros que a verdade divina, descida do céu, devia vir estabelecer a sua morada. Não erapor suasarmasqueeladeviavencer; e Deus, reduzindoao nadaosprojetosinsensatos de Sickingen, confirmou de novo estas palavras de S. Paulo: "As armas de nossa malicia não são carnais; mas são poderosas pela virtude de Deus". 2 Cor 10:4.

Harmut de Cronberg, outro cavalheiro amigo de Hütten e de Sickingen, mostrava mais sabedoria e conhecimento da verdade. Escrveu com grande modéstia a Leão X, convidando-o a entregar o seu poder temporal àquele a quem pertencia, isto é, ao imperador. Dirigindo-se a seus povos como um pai, ele buscou faze-los compreender a doutrina do Evangelho, e exortou-os à fé, à obediencia e à confiança em Jesus Cristo, que, acrescentou ele, é soberano Senhor de todos nós". Ele resignou nas mãos do imperador uma pensão de duzentos ducados "porquanto", dizia ele, não desejava mais servir aquele que atendia aos inimigos da verdade". Em alguns de seus escritos encontram-se estas palavras, que nos parecem coloca-lo bem acima de Hütten e de Sickingen: O nosso doutor celeste, o Espírito Santo, pode, quando ele quer, ensinar em uma hora a fé que está em Cristo, melhor do que o ensinaria em dez anos a universidade de Paris.

Aqueles que não buscam os amigos da reforma senão nos degraus dos tronos, ° nas catedrais e nas academias, e que dizem que ela não os teve tambem entre o povo, laboram num grave erro. Deus, que estava preparando os corações dos sábios e dos poderosos, preparava tambem entre o povo muitos homens simples e humildes que haviam de vir a ser um dia os servos de sua Palavra . A historia dos tempos nos

mostra a fermentação que agitava então as classes inferiores. A tendència da literatura popular, antes da reforma, era diretamente oposta ao espírito dominante da igreja. Em Eulenspiegel, célebre poesia popular deste tempo, são escarnecidos sem cessar os padres, e chamados estupidos e glutões, que gostam da cama, dos cavalos elegantes, e cuja coiznha regurgita de iguarias; em Renard Reineke, as casas dos padres, onde se encontram criancinhas, representam umgrande papel; um outro escritor popular troveja comtodas as suas forças contra esses ministros de Cristo, que montam cavalos fogosos, mas não vão combater os infieis; e João Rosenblut, em um de seus divertimentos de carnaval, faz aparecer o imperador turco em pessoa para pregar oportunamente em todos os estados da cristandade.

Era verdadeiramente no seio do povo que fermentava então a revolução que devia em breve estalar. Não somente viam-se jovens criados sair de suas ocupações para ocupar depois os primeiros lugares na igreja, mas viam-se também homens que estiveram toda a sua vida entregues às profissões as mais humildes contribuir poderosamente para o grande acordar da cristandade. Recordaremos alguns rasgos da vida de um deles.

A 5 de Novembro de 1492 nasceu um filho a um alfaiate de Nuremberg de nome Hans Sachs. Este filho, chamado Hans (João), como seu pai, depois de haver feito alguns estudos, aos quais uma grave enfermidade o obrigou a renunciar, abraçou o oficio de sapateiro. O jovem Hans aproveitou a liberdade que este humilde ofício deixava a seu espírito para penetrar nesse mundo superior em que se deleitava sua alma. Desde que haviam cessado os cantos nos castelos dos valentes, parecia haverem procurado e encontrado um asilo entre os burgueses das alegres cidades da Alemanha. [6]

Na igreja de Nuremberg havia urna escola de canto. Estes exercícios, aos quais o jovem aprendiz assistia, abriram o coração de Hans às impressões religiosas, e contribuíram para excitar nele o gosto pela poesia e pela música. Entretanto o gênio do moço não podia estar por muito tempo encerrado entre as paredes de suaoficina. Queria ver por si mesmo esse mundo, do qual havia lido tantas cousas nos livros, do qual seus camaradas faziam tantas narrações, e que sua imaginação povoava de maravilhas.

Em 1511 previne-se de algumas coisas e parte, dirigindo-se para o sul. Em breve o jovem viajante, que encontra em sua jornada alegres camaradas, estudantes correndo o pais e bem perigosos atrativos, sente começar no seu interior um formidável combate. As concupiscências da vida e suas santas resoluções se acharam em luta. Temendo pelo resultado, foge, e vai ocultar-se na pequena cidade de Wetz, na Áustria (1513), onde viveu retirado e entregue à cultura das belas-artes. Passando o imperador Maximiliano por aquela cidade com um sequito brilhante, o jovem poeta se deixa arrebatar pelo fausto daquela corte. O príncipe o recebeu entre

seus monteiros, e Hans vacila de novo sob as abobadas ruidosas do palácio de Insbruck. Porém ainda desta vez, faz-se ouvir a voz de sua consciência. Imediatamente o jovem monteiro deixa seu brilhante uniforme de caça: sai, chega a Schwatz e depois a Munich:. Foi aí que ele, em 1514, na idade de vinte anos, compos o seu primeiro hino "à honra de Deus", com uma toada admirável. Foi coberto de aplausos. Por toda parte em suas viagens teve ocasião de ver muitas e tristes provas dos abusos sob os quais a religião estava sufocada.

Voltando a Nuremberg, Hans se estabeleceu, casou-se e teve filhos. Quando a reforma rebentou, ele deu-lhe ouvidos. Lançou mão daquela Santa Escritura que já lhe fora tão cara quando poeta, e pela buscava, não imagens e canto, mas a luz da verdade. E desde então consagrou sua lira a essa verdade. De uma humilde loja, situada diante de uma das portas da cidade imperial de Nuremberg, saem hinos que retinem em toda a Alemanha, que preparam os espíritos para urna nova era, e que tornam por toda parte estimada do povo a grande revolução que se efetuava. Os canticos espirituais de Hans Sachs e sua Bíblia posta em verso auxiliaram eficazmente esta obra . Seria talvez difícil dizer quem fez mais por ela, se o príncipe eleitor de Saxe, administrador do imperio, ou o sapateiro de Nuremberg.

Assim, pois, havia em todas as classes alguma coisa que anunciava urna reforma. Por toda a parte se viam sinais e se apressavam os acontecimentos que ameaçavam destruir a obra dos séculos das trevas, e trazar aos homens "um tempo novo". A forma hierarquica, que os esforços de muitos séculos tinham comunicado ao mundo, estava aluida e quase a desmoronar. As luzes que acabavam de ser descobertas haviam derramado em todos os países, com urna inconcebível rapidez, urna multidão de ideias novas. Em todos os ramos da sociedade via-se o movimento de uma nova vida. "O' seculo!" exclamava Hütten, "os estudos florescem, os espíritos acordam: é urna felicidade só viver". Os espíritos dos homens, adormecidos desde tantas gerações, parecem querer recuperar com sua atividade todo o tempo perdido. Deixá-los inativos, sem alimento, ou dar-lhes só aquele que mal havia con-servada por tanto tempo suas vidas lânguidas, seria des-conhecer a natureza do homem' Já o espírito humano via claramente o que era e o que devia ser, e media com olhar audaz o imenso abismo que separava aqueles dois mundos. Grandes príncipes ocupavam o trono; o antigo colosso de Roma vacilava debaixo de seu proprio peso; o velho espírito cavaleiresco desaparecia da terra, cedendo o lugar a um novo espírito, que soprava ao mesmo tempo nos templos do saber e nas choupanas dos pobres. A palavra impressa tinha tomado asas que a levavam, como o vento leva certas sementes aos lugares mais remotos. A descoberta das duas índias alargava o mundo... Tudo anunciava urna grande revolução.

Porem, donde virá o golpe que ha de derribar o an-tigo edifício, e fazer sair de suas ruivas um edifício novo? Ninguein o sabia. Quem teve mais sabedoria que Frederico? mais ciencia que Reuchlin? mais talento que Erasmo?

Mais espírito e estro que Hünter? mais valor que Sickingen? e mais virtudes que Cronberg? Mas nem Sickingen, mem Hütten, nem Cronberg . . . Os sábios, os príncipes, os guerreiros, a mesma igreja, todos haviam minado alguns alicerces; porem nada mais fizeram: e em parte nenhuma se via aparecer a poderosa mão, que devia ser o instrumento de Deus .

Entretanto todos tinham o pressentimento do que em breve devia aparecer . Uns diziam ter visto sinais certos dela nas estrelas . Outros, vendo o estado miserável da religião, anunciavam a próxima vinda do Anticristo. E outros, ao contrário, pressagiavam uma reforma iminente . O mundo esperava . Lutero apareceu.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] *Camer., Vita Melanchthonis.

[2] * Exercitus Reuchlinistarum.

[3] * Lut. Ep., 1, p. 37.

[4] * Lut. Ep., 1, p. 38.

[5] * As obras de Hütten foram publicadas em Berlim por Munchen, em 1822 a 1825, em cinco volumes in 89.

[6] * Veja-se Chateaubriand, Estudos Históricos.

LIVRO II. JUVENTUDE, CONVERSÃO E PRIMEIROS TRABALHOS DE LUTERO. 1483 – 1517

CAPÍTULO I

Origem de Lutero — Seus pais — Seu nascimento — Po-breza — A casa paterna — Rigor — A escola — Mi-seria — Panem propter Deum — A Sunamites — Re-cordação Trebonius.

DEUS, que prepara sua obra durante séculos, a efetua pelos mais débeis instrumentos quando a horj é chegada. Fazer grandes coisas com os mais pequenos meios, eis a lei de Deus. Esta lei, que se vê por toda a parte na natureza, encontra-se também na história. Deus foi buscar os reformadores da igreja onde tinha ido buscar os apóstolos. Escolheu-os de entre essa classe pobre que, sem ser a mais baixa do povo, não chega a ser a classe média. Tudo devia manifestar ao mundo que a obra era de Deus, e não do homem. O reformador Zwinglio nas-cei.' na cabana de um pastor dos Alpes; Melancton, o teó-logo da reforma, na tenda de um armeiro e Lutero, na cabana de uni pobre mineiro.

A primeira época da vida do homem, aquela em que ele reforma e desenvolve debaixo da mão de Deus, é sempre importante. A de Lutero o foi mais que nenhuma. Nela se ve toda a reforma. As diversas fases desta obra se passaram na alma dequele que foi seu instrumento, antes que ela se efetuasse no munodo. O conhecimento da reforma que se operou no coração de Lutero fornece a chave da reforma da igreja. Com o estudo da obra particular é que se adquire o conhecimento da geral. Os que se descuidam da primeira, não conhecerão mais que as formas e as exteriores da segunda. Poderão saber certos acontecimentos e resultados, mas não compreenderão a natureza intrínseca daquela renovação, poque não des-cobrem o princípio de vida que foi a sua alma. Estude-mos pois a reforma em Lutero, antes de faze-lo nos acontecimentos que mudaram a cristandade.

Naaldeiade Mora, junto dasflorestasde Turíngiae não longe doslugaresonde Bonifácio, o apóstolo da Alemanha, começou a anunciar o Evangelho, existia, sem dúvida, desde séculos, uma antiga e numerosa família, com o nome de Lutero. Os filhos primogenitos herdaram sempre a casa e os campos paternos, como era uso dos habitantes da Turíngia, enquanto que os outros iam procurar sua vida em qualquer parte. Um destes, João Lutero, casou-se com Margarida Lindemann, filha de um habitante de Neustadt, no bispado de Würzburgo. Os dois consortes deixavam os campos de Isenac e vieram estabecer-se na pequena cidade de Eisleben, em Saxônia, para ai ganharem o pão com o suor do seu rosto.

Diz Seckendorff, citando a Rebhan, superintendente de Isenac em 1601, que a mãe de Lutero, crendo não estar tão perto o tempo de dar à luz, foi à feira de Eisleben, e, contra sua espectativa, ai deu à luz um filho. Apesar da confiança que

merece Seckendorff, não parece certo este caso, porque nenhum dos antigos historiadores de Lutero fala disso e porque, havendo vinte e quatro leguas de Mora a Eisleben, no estado em que se achava a mãe de Lutero, não se anda facilmente tal distância para ir à festa; enfim o testemunho do mesmo Lutero parece inteiramente oposto a esta asserção. [1]

João Lutero era um homem reto, dedicado ao trabalho, franco, e de urna firmeza de carater que chegava á obstinação. Com um espírito mais cultivado que a maior parte dos homensde suaclasse, liamuito. Oslivroseramrarosentão; poremJoão nenhumaocasião perdia de adquiri-los. Eram o seu recreio nos intervalos de descanso que lhe deixava um trabalho rude e assiduo. Margarida possuía as virtudes que adornam as mulheres honestas e piedosas. Notavam-se principalmente o seu pudor, seu temor de Deus, e seu espírito de oração. Era considerada pelas mães de familia do lugar como um modelo que deviam imitar. ° [2]

Não se sabe positivamente desde quando estavam os dois consortes estabelecidos em Eisleben, quando a 10 de novembro, às onze horas da noite, Margarida deu à luz um filho. Melancton perguntou muitas vezes à mãe de seu amigo acerca da época do nascimento deste, e ela respondia: "Lembro-me muito bem do dia e da hora, mas do ano não estou certa". Porem Tiago, irmão de Lutero, homem honrado e integro, refere que, segundo a opinião de toda a família, Maninho nasceu no ano de Nosso Senhor de 1483, a 10 de novembro, vespera de S. Maninho, + e Lutero mesmo escreveu sobre um livro de salmos em hebreu, que ainda existe: "Nasci no ano de 1483". [3]§ A primeira ideia de' seus piedosos pais foi dedicar a Deus, segundo a fé que professavam, o menino que acabava de lhes dar. No dia seguinte, que era uma terça-feira, o pai levou seu filho à igreja de S. Pedro, onde recebeu o batismo. Deram-lhe o nome de Maninho, em memória desse dia.

Maninho não tinha ainda seis meses quando seus pais deixaram Eisleben para irem a Mansfield, que só dista cinco leguas dali. As minas de Mansfield eram então muito célebres. João Lutero, homem laborioso, pen-sando que teria talvez de sustentar familia numerosa, es-perava ganhar com mais facilidade o pão para si e seus filhos. Ali a inteligência e as forças do jovem Lutero tiveram o seu primeiro desenvolvimento, e ali começou tambem a mostrar-se sua atividade, e a pronunciar-se o seu carater em suas palavras e obras' As campinas de Mansfield e as margens do Wipper foram o teatro de suas primeiras folganças com os meninos do arredor.

Os princípios da residencia em Mansfield foram penosos para o honrado João e sua mulher. Viveramemgrande pobreza. "Meuspais", diz o reformador, "forammuito pobres. Meu pai era lenhador, e minha mãe carregou lenha muitas vezes, para ter com que nos sustentar. Ambos suportaram crueis trabalhos por nós". O exemplo dos pais, a quem respeitava, e os costumes que lhe inspiraram, acostumaram Lutero

desde a infância ao trabalho e à frugalidade. Quantas vezes não acompanhou ele sua mãe aos bosques para trazer tambem seu feixinho de lenha!

Ha promessas feitas ao trabalho do justo, e elas se realizaram no caso de João Lutero. Tendo adquirido alguns recursos, estabeleceu em Mansfield duas fornalhas. Foi junto destas fornalhas que o jovem Martinho cresceu, e foi com o produto do trabalho que seu pai pode prover-lhe meios para prosseguir os estudos. "Era de uma familia de mineiros", diz o bom Matesius, "que devia sair o fundido-r espiritual da cristandade: imagem do que Deus queria fazer limpando por ele os filhos de Levi e purificando-os em suas fornalhas como o ouro". [4]° Respeitado por todos por sua retidão, vida irrepreensivel e bom senso, João Lutero foi nomeado conselheiro de Mansfield, capital do condado deste nome. Uma extremamiseriateriapodido embotar o espírito do menino;aabundânciadacasapaterna dilatou seu coração e elevou seu caráter.

João aproveitou suanovasituação parabuscar asociedade que preferia. Tinhaemgrande estima os homens instruidos, e convidava muitas vezes à sua mesa os eclesiásticos e mestres de escola do lugar. Sua casa oferecia o espetáculo daquelas sociedades de simples particulares que honrava ma Alemanha no principio do século decimo-sexto. Era um espelho em que se refletiam as numerosas imagens que se sucediam na cena agitada daquele tempo. O jovem aproveitou-as. À vista daqueles homens, aos quais se tributava tanta consideração na casa de seu pai, excitou sem dúvida, no coração do menino Martinho o ambicioso desejo de chegàr um dia a ser mestre de escola ou sábio.

Logo que chegou à idade de receber alguma instru-ção, seus pais procuraram dar-lhe o conhecimento de Deus, inspirar-lhe Seu santo temor e amolda-lo às virtudes cristãs. Empregaram todo o seu desvelo nesta primeira eduçacão doméstica. [5]° Repetidas vezes o pai se ajoelhava junto do leito do menino e orava com fervor e em alta voz, pedindo que seu filho se lembrasse do nome do Senhor, e contribuisse um dia para a propagação da verdade. [6]° Esta oração de um pai foi graciosamente deferida.

Mas não se limitou somente a isto a terna solicitude dos pais de Lutero. Seu pai, desejando que ele adquirisse noções dos conhecimentos que tanto lhe agradavam a ele, invocou sobre seu filho a que de Deus e o en-viou à escola. Martinho era ainda muito criança. Seu pai, ou um moço de Mansfield por nome Nicolas Emler, o levavam frequentemente nos braços à casa de Jorge Emílio, e voltavam depois a busca-lo. Emler casou-se mais tarde com uma irmã de Lutero.

A piedade de seus pais, sua atividade, sua virtude austera, deram ao menino um impulso feliz, e formaram nele um espírito atento e grave. O sistema que empregava por principal movei os castigos e o temor prevalecia então na educação. Margarida, ainda que aprovava às vezes a conduta severa de seu marido, recebia com

frequencia a Martinho em seus braços maternais, e enxugava-lhe as lagrimas. Entretanto ela mesma excedia tambem os preceitos daquela sabedoria que nos diz: "Aquele que ama seu filho se apressa a castigá-lo".

O caráter impetuoso do menino dava lugar às correçõese reprimendas. "Meus pais", disse Lutero ao depois, "me trataram com dureza, o que me fizera muito medroso. Minha mãe me castigou um dia por causa de urna avelã até correr sangue. Ambos acreditavam de todo o coração que faziam bem; porem não sabiam distinguir os caracteres, o que entretanto é necessário, para saber quando, a quem, e como devem impor-se os castigos. [7]° É preciso castigar; mas", acrescenta Lutero, "é preciso saber colocar uma fruta gostosa .ao lado da vara".

O pobre menino sofria na escola tratamento não me-nos rigoroso. Seu mestre o açoitou quinze vezes em uma manhã. "É preciso", dizia Lutero referindo-se a este fato, "castigar os meninos, porem é necessario ama-los ao mesmo tempo". Com uma tal educação, Lutero aprendeu cedo a desprezar os prazeres de urna vida sensual. "O que quiser ser grande deve começar pequeno", observa com razão um dos seus mais antigos historiadores; se os meninos são ciados com demasiada delicadeza e mimo, ficam prejudicados para toda a sua vida.

Martinho aprendeu alguma coisa na escola. Ensinaram-lhe os capitulas do catecismo, os dez mandamentos, o credo dos apostolas, a oração dominical, alguns canticos, algumas orações, o Donato, gramática latina composta no seculo IV por Donato, mestre de S. Jeronimo, e que, aperfeiçoada no século XI por um frade francés de nome Remigio, gozou por muito de grande reputação em todas as escolas; estudou mais Cisio-Janus„ obra singular, composta no seculo X ou XI; enfim, ensinaram-lhe tudo o que se sabia na escola de Mansfield.

Mas parece que o menino não foi= ali encaminhado para Deus. O único sentimento religioso que manifestava então era o de temor. Cada vez que ouvia falar em Jesus Cristo, tremia de medo porque lho representaram só como um juiz irritado.

Este temor servil, que é tão longe da verdadeira religião, o preparou talvez para a boa nova do Evangelho, e para o gozo que experimentou mais tarde quando viera a conhecer aquele que é manso e humilde de coração.

João Lutero queria fazer de seu filho um sábio. A nova luz que começava a raiar por toda parte penetrou até à casa do mineiro de Mansfield, e originou ai pensamentos arnbicioso. As notaveis disposições e a constante aplicação de seu filho faziam conceber a João as mais belas esperanças. E pois, quando em 1497 Martinho chegou à idade de quatorze anos, seu pai resolveu separar-se dele e envia-lo a Magdeburgo, à escola dos franciscanos. Margarida teve de consentir nisso, e Martinho se dispôs a deixar o teto paterno.

Magdeburgo foi para Martinho como um mundo novo. No meio de muitas privações (pois que apenas tinha para viver), ele observava e escutava. André Proclés, provin-cial da ordem dos Agostinhos, pregava então com muito entusiasmo sobre a necessidade de reformar a religião e a igreja. Estes discursos semearam talvez na alma do jovem as primeiras sementes das ideias que se desenvolveram nele mais tarde.

Esta foi uma época de penosa aprendizagem para Lutero. Lançado no mundo aos quatorze anos, sem amigos nem protetores, tremia em presença de seus mestres, e nas horas de recreio buscava penosamente o alimento com moços tão pobres como ele. Eu pedia", diz ele, "com meus camaradas, alguns alimentos afim de satisfazer as nossas necessidades. UM dia, no tempo em que a igreja celebrava a festa do nascimento de Jesus Cristo, percorremos juntos as povoações vizinhas, indo de casa em casa, e cantando a quatro vozes os canticos usuais sobre o menino Jesus nascido em Belem.

Paramos no fim de um povoado, em frente de uma casa isolada, habitada por um lavrador. O lavrador, ouvindo-nos cantar os hinos do Natal, saiu com algumas provisões que queria dar-nos, e perguntou com voz forte e em tom aspero: "Onde estais, meninos?" Assustados com estas palavras, deitamos a correr. Não tinhamos motivo nenhum para assustar-nos, porque o lavrador nos ofereciade bom grado aquelesocorro; porém osnossos corações estavam sem dúvida intimidados pelas ameaças e tiania com que os mestres aterra-vam então seus discipulos, de sorte que um temor repen-tino se apoderou de nós. Afinal, continuando o lavrador a chamar-nos, paramos, sacudindo o medo, corremos a ele, e recebemos de sua mão o alimento que nos oferecia. 2: assim", acrescenta Lutero, "que trememos e fugimos quando nossa consciencia está culpada e assustada. Então temos medo até do socorro que nos oferecem, e dos amigos que nos querem fazer bem.

Apenas havia decorrido um ano, quando João e Mar-garida, sabendo quanta dificuldade encontrava seu filho para viver em Magdeburgo, o mandaram para Isenac, onde havia urna._ escola afamada e onde tinham muitos parentes. Eles tinhm outros filhos; e, ainda que seus recursos se houvessem aumentado, não podiam sustentar seus filhos em uma cidade estrangeira. As fornalhas e o trabalho assíduo de ojão Lutero não chegavam para sustentar mais do que a família de Mansfield. Ele supunha que Martinho acharia em Isenac mais facilidades para subsistir porem não aconteceu isso. Os parentes que viviam naquela cidade não fizeram caso dele, ou talvez não lhe pudessem ser uteis, sendo eles mesmos muito pobres.

Quando o estudante tinha fome, era preciso ajuntar-se com seus companheiros, corno em Magdeburgo, e can-tar com eles pelas portas das casas, para conseguir um pedaço de pão. Este costume do tempo de Lutero tem-se conservado até aos nossos

dias em muitas cidades da Me-manha; frequentes vezes as vozes de jovens estudantes entoam ali um cantico cheio de harmonia. Muitas vezes o pobre e humilde Martinho recebia duras palavras em lugar de pão. Então, acabrunhado de tristeza, derramava em silencio abundantes lagrimas, e pensava com horror no seu futuro. [8]

Um dia, entre outros, haviam-no repelido em tres casas, e voltava em jejum ao seu domicilio, quando ao chegar à praça de S. Jorge. se deteve imovel e submergido em tristes reflexões, em frente da casa de um honrado cidadão. Será possivel que, por falta de pão, renuncie aos estudos e vá trabalhar com seu pai nas minas de Mansfield?... De repente abre-se urna porta uma mulher aparece sobre a soleira: era a esposa de Conrado Cota, a filha do burgomestre de Isfeld. Chamava-se Orsula. As cronicas de Isenac chamam-na "a piedosa Sunamites", em memória daquela que constringiu com tantas suplicas o profeta Eliseu a comer pão em sua casa. A Sunamites cristã tinha visto mais de uma vez o jovem Martinho nas congregações dos fieis e a doçura de seu canto e sua devoção a haviam enternecido. Ela ouvira as palavras duras que haviam sido dirigidas ao pobre es-tudante; e, vendo-o tão triste diante de sua porta, veio em seu socorro, fez-lhe sinal que entrasse e lhe serviu com que satisfazer a sua fome.

Conrado aprovou a boa obra de sua mulher; gostou tanto das maneiras do jovem Lutero, que alguns dias depois o tomou para sua casa. Desde aquele momento os seus estudos estavam garantidos. Não era mais obrigado a voltar às minas de Mansfield, e sepultar o talento que Deus lhe havia confiado. Quando já não sabia o que seria de si, Deus lhe abriu o coração e a porta de uma família cristã. Este sucesso dispôs sua alma a essa confiança em Deus que as maiores adversidades não puderam jamais abalar.

Lutero encontrou na casa de Cota urna vida bem di-ferente daquela que tinha conhecido até então. Ali gozou de uma existência doce, isenta de cuidados e necessidades; seu espírito se tornou mais sereno, seu caráter mais alegre, seu coração mais aberto. Todo o seu ser se inflamou aos benéficos raios da caridade, e começou a folgar de vida, de alegria e de felicidade. Suas orações foram mais ardentes, aumentou-se-lhe o desejo de saber, e fez rápidos progressos.

As letras e às ciências uniu o encanto das artes, pois estas tambem se adiantavam na Alemanha. Os homens que Deus destina a influir sobre seus contemporaneos são arrastados ao princípio pela corrente do século. [9]

Lutero aprendeu a tocar a flauta e alaude. Acompanhava muitas vezes com este segundo instrumento a sua bela voz de contralto; deste modo alegrava seu coração nos momentos da tristeza. Comprazia-se tambern em manifestar, com suas harmonias, sua viva gratidão à sua mãe adotiva, que amava muito a música. Ele mesmo amou esta arte até à velhice, e compôs a letra e a música de alguns dos mais

belos hinos que a Alemanha possue. Muitos deles tem sido vertidos para outras linguas.

Tempos felizes para o jovem estudante nunca se re-cordava deles sem emoção. Alguns anos depois, tendo vindo um filhode Conrado a Wittemberg para aí estudar, quando o pobre estudante de Isenac era já doutor, este o recebeu com alegria em sua casa e à sua mesa, querendo assim retribuir em parte ao filho o que havia recebido do pai e da mãe. Lembrando-se da mulher cristã que lhe havia dado pão quando todo o mundo o repelia, escreveu estas belas palavras: "Nada há mais doce sobre a terra do que o coração de uma mulher onde habita a piedade".

Nunca Lutero se envergonhou do tempo em que, apertado pela fome, mendigava tristemente o pão necessario à sua vida e a seus estudos. Bem longe disso, pensava com reconhecimento naquela extrema pobreza de sua juventude, a qual considerava como um dos meios de que Deus se tinha servido para fazer dele o que chegou a ser, e lhe rendia graças. Os meninos pobres que eram obrigados a seguir a mesma vida enterneciam seu coração. "Não desprezeis", dizia ele, os meninos que, cantando pelas portas, buscam panem propter Deum, pão por amor de Deus; eu tambem hei feito o mesmo. É verdade que mais tarde meu pai me sustentou com muito amor e bondade na universidade de

Erfurt, mantendo-me com o suor de seu rosto; contudo hei sido um pobre mendigo. E agora, por meio de minha perna, tenho chegado a tal altura, que não quereria trocar a fortuna com o mesmo Grão Turco. Ainda mais, quando mesmo amontoassem todos os bens da terra, não os aceitaria em troca do que tenho. E entretanto não teria chegado ao ponto em que me acho se não tivesse ido ê escola e aprendido a escrever. Desta maneira o grande homem acha em seus primeiros e humildes princípos a origem de sua gloria. Não tem receio de re-cordar que aquela voz, cujos acentos fizeram estremecer o imperio e o mundo, pediu outrora um pedaço de pão nas ruas de uma pobre cidade. O cristão se compraz com estas recordações, porque elas o advertem que em Deus é que se deve gloriar.

A força de sua inteligência, a vivacidade de sua ima-ginação, a excelência de sua memória, o levaram logo adiante de todos os seus companheiros de estudos. ° Fez principalmente rápidos progressos nas línguas antigas, na eloquência e na poesia. Escrevia discursos, e fazia versos. Alegre, complacente, tendo o que se chama um bom coração, era querido de seus mestres e companheiros.

Entre seus professores, afeiçou-se particularmente a João Trébonius, homem sábio, de maneiras agradaveis, e que tinha para com a juventude essas atenções que são tão próprias para lhe dar animação. Martinho havia notado que, quando Trébonius entrava na aula, descobria-se para saudar os estudantes. Grande condescendecia naqueles tempos pedantescos! Isto surpreendeu o jovem estudante. Compreendeu que ele também valia alguma cousa. O respeito do mestre havia

elevado o discipulo a seus proprios olhos. Havendo os colegas de Trébonius, que não tinham o mesmo costume, manifestado um dia sca admiração por esta extrema condescendencia, ele lhes respondeu, (e isto não supreendeu menoso jovemLutero): "Entre estesmeninoshahomensdosquais Deusfará, um dia, burgomestres, chanceeres, doutores e magistrados. E posto que não os vejais ainda com as insignias de suas dignidades, é justo, contudo, que os respeiteis".

O jovem estudante ouviu sem dúvida com prazer estas palavras, e acreditou tavez ter ja em sua cabeça um barrete de doutor ensinado as regras mais doces e mais pacíficas da verdadeira filosofia, isto teria moderado e aplacado a veemência de sua natureza. O novo discipulo dedicou-se pois a estudar a filosofia da idade média nas obras de Occam, de Scott, Boaventura e Thomaz de Aquino. Mais tarde, toda esta escolástica lhe causou horror. Ele tremia de cólera quando pronunciavam em sua presença o nome de Aristóteles, e chegou até a dizer que, se Aristóteles não fosse um homem, o tomaria pelo proprio diabo. Porem seu espírito, ávido de ciência, tinha necessidade de melhores alimentos; começou a estudar os belos monumentos da antiguidade, as obras de Cícero, Virgílio e outros clássicos. Não se contentava, como a maior parte dos estudantes, em decorar as produções daqueles escritores; procurava sobretudo aprofundar seus pensamentos, penetrar-se do espirito que os animava, apropriar-se de sua sabedoria, comprender o objeto de seus escritos, e enriquecer sua inteligencia com suas graves sentenças e brilhantes imagens. Interrogava a miudo os seus professores, e adiantava

muito os seus condiscípulos. ° Dotado de memória fácil e de imaginação ardente, retinha para sem-tudo o que ouvia ou lia; era como se ele mesmo o tivesse visto. "Assim brilhava Lutero desde suajuventude. Todaauniversidade admirava seu talento", diz N.,lelancton.

Mas já nessa época o moço de dezoito anos não trabalhava somente em cultivar o seu espírito; ele tinha aquela gravidade de pensamento, aquela elevação de alma que Deus concede aqueles que destina para seus mais zelosos servos. Lutero sentia que dependia de Deus: simples e poderosa convicção, que é ao mesmo tempo origem de profunda humildade e de grandes ações. Ele invocava com fervor a benção divina sobre os seus trabalhos. Aoração eraoseuprimeirocuidado pelamanhã; emseguidadirigia-se àigreja; depois entregava-se ao estudo. e não perdia um momento em todo o dia. "Orar bem", costumava ele dizer, "é mais de meio estudo feito". "

O jovem estudante empregava na biblioteca da uni-versidade todos os momentos que lhe deixavam os tra-balhos acadêmicos. Os livros eram então raros, e era para

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Mel. Vit. Luth.

[2] Luth. Ep., 1, P. 390. Mel., Vita Lutheri. -÷ Ibid.

[3] § Armo 1483 natus ego. Livro dos Psalmos da biblioteca dc Dantzig.

[4] *Darum musste dieser geistliche Schmelzer. Mathesius, Histo-rien, 1565, p. 3.

[5]Ad. agnitionem et timorem Dei.. . domeltica instituione diii-genter adsuefecerunt Melanchth., Vita Lutheri.

[6]• Conrad Schlüsselburg, Oratio de vita et morte Lutheri.

[7] Lutheri Opera (Walch.), 22, p. 1785. Mathesius, Hist., p. 3.

[8] Lutheri Opera (Walch.), 2, p. 2347. Luth_ Ep., 1, p. 390.

[9] Lingk's Rcisegcsch. Luth. Mathesius, p. 3.

CAPÍTULO II

A universidade — Piedade de Lutero — Descobrimento da Bíblia — A Bíblia — Predição do velho padre — Lutero mestre em ciências — Morte do Aleixo — O raio — Nova direção — Entrada no convento.

Lutero tinha chegado à idade de dezoito anos. Havia saboreado as doçuras das letras; ardia em desejos de aprender; suspirava por uma universidade, e desejava ír a um daqueles mananciais de todas as ciências, onde pudesse matar sua sêde de saber. Seu pai queria que ele estudasse o direito. Cheio de esperança nos talentos de seu filho, queria que os cultivasse e patenteasse. Via-o ja desempenhar honrosos cargos entre seus concidadãos, ganhar o favor dos príncipes e brilhar no teatro do mundo. Resolveu-se que o jovem fosse a Erfurt.

Lutero chegou aquelauniversidade no ano de 1501. jodocus, apelidado o doutor de Isenac, lecionava aí a filosofia escolástica com muito aplauso. Melancton sente que não se ensinasse então em Erfurt mais do que uma dialética cheia de dificuldades. [1]

Pensa que se Lutero houvesse encontrado ali outros professores, se lhe houvessem ele grande privilegio poder aproveitar os tesouros reuni-dos naquela vasta coleção. lim dia (havia já dois anos que estava em Erfurt, e tinha vinte de idade), ele abria muitos livros da biblioteca, um após outro, afim de conhecer seus autores. Um dos volumes em que acabava de pegar chamou sua atenção. Até então não tinha visto nenhum igual. Lê o [2] título; é uma Bíblia! livro raro, desconhecido naqueles tempos. + Seu interesse foi vivamente excitado; ficou cheio de admiração ao encontrar ali outras coisas alem dos fragmentos de Evangelhos e epistolas que a igreja escolhe para ler ao povo nos templos, cada domingo do ano. Tinha acreditado até então que aquilo era toda a aPlavra de Deus. E eis-aqui tantas páginas, tantos capítulos, tantos livros, de que não tivera ideia! Tendo em suas mãos toda esta Escritura divinamente inspirada, seu coração se agitou. Percorreucomavidez ecomindizíveissentimentostodasessasfolhas de Deus.Aprimeira página sobre aqual suaatenção se fixou contava-lhe ahistoriade Anae do jovemSamuel. Leu-a, e sua alma não podia conter a alegria de que es-tava traspassada. [3]

Este menino, que seus pais ofereciam ao Eterno por todos os dias de vida; o cantico de Ana, no qual ela declara que o Eterno levanta o pobre do po e tira o indigente do lodo para o fazer sentar entre os potentados; este menino Samuel que cresce no templo na presença do Eterno: esses sacrificadores, filhos de Eli, homens péssimos, que vivem na devassidão como tantos padres romanos, e fazem o povo de Deus pecar, toda essa história, toda essa Palavra que ele havia descoberto, lhe fazem experimentar sensações que jamais conhecera. Voltou para casa com o coração cheio. "Oh!" dizia a si mesmo, "se Deus quisesse alguma vez dar-me um

livro como aquele!" Lutero não sabia ainda o grego nem o hebraico. Era pouco provável que pudesse estudar estas linguas durante os dois ou tres primeiros anos de sua estada na universidade. A Bíblia que o havia transportado de alegria era em latim. Voltou daí a pouco à biblioteca para tornar a ver o seu tesouro. Leu e releu, e depois, cheio de admiração e alegria, voltou a ler ainda. Os primeiros raios de uma nova verdade nasciam então para ele. [4]

Deste modo Deus o fez achar a sua Palavra. Ele tinha descoberto o livro do qual devia uni dia dar a seu povo essa tradução admirável em que a Alemanha há três séculos lè os oráculos de Deus. Pela primeira vez, talvez, uma mão tirou o precioso volume do lugar que ocupava na biblioteca de Erfurt. Este livro, depositado sobre as estantes desconhecidas de uma sala escura, vai tornar-se olivro da vida para um povo inteiro. Naquela Bíblia es-tava escondida a reforma.

Isto aconteceu em 1503, pouco depois que Lutero obteve o primeiro grau acadêmico — o de bacharel.

Os trabalhos excessivos a que se tinha entregue para sustentar seus exames o fizeram cair perigosamente en-fermo. A morte parecia aproximar-se dele. Graves pen-samentos ocupavamseu espírito.Criaque suaexistênciaterrestre iaacabar. Compadeciam-se dele.

É pena, diziam, ver tantas esperanças desvanecidas tão depressa. Muitos amigos foram visitá-lo em seu leito de dor. Entre eles foi um padre, ancião venerável, que havia seguido com interesse o estudante de ivlansfeld em seus trabalhos evida acadêmica. Lutero não pode ocultar-lhe o pensa-mento que o dominava. "Em breve", disse ele, "serei chamado deste mundo". oPrém o velho respondeu-lhe com bondade; "Meu querido bacharel, tende ânimo! vós não morrereis desta enfermidade. Deus nosso Senhor fará ainda de vós um homem que, por sua vez, consolará a muitos. [5]° Pois Deus carrega com sua cruz aquele a quem ama, e aqueles que a levam com paciencia adquirem muita sabedoria". Estas palavras fizeram impressão no jovem enfermo. Foi quando se achava tão proximo da morte que ouviu a voz de um padre recordar-lhe que Deus, como ohavia dito a mãe de Samuel, levanta o miserável. O velho havia derramado uma doce alegria em seu coração; haviareanimado seu espirito; ele não o esquecerájamais. "Aquelafoi aprimeira predição. que o Sr. doutor ouviu", diz Mathesius, amigo de Lutero, que nos conta este fato. Compreende-se facilmente em que sentido Mathesius chama a estas palavras urna predição.

Quando Lutero se achou restabeelcido, notou-se ciue havia nele alguma mudança. A Bíblia, sua enfermidade, e as palavras do velho padre, pareciam haver-lhe dirigido um novo convite. Entretanto, em seu espirito não havia nada determinado. Ele apoiava-se ainda nas criaturas; uma nova circunstancia o veio demonstrar. Eram chegadas as festas da Páscoa, provavelmente no ano de 1503. Lutero tinha ido passar algum tempo com sua familia, e levava urna espada,

segundo o costume do tempo. Bateu com um dos pés nesta arma, a lâmina saiu da bainha e cortou-lhe urna das principais artérias. Um amigo que o acompanhava correu com presteza a buscar socorros; Lutero, ficando só, deitou-se de costase calcou osdedossobre acortadura; maso sangue corriaapesar dosesforços. Vendo a morte aproximar-se, gritou: O' Maria! so-corre-me!" Troweram-lhe em fim um cirurgião de Erfurt, que o tratou; mas à noite, tornando a abrir-se a ferida, Lutero desfaleceu, invocando de novo a Virgem. 'Teria morrido confiando em Maria", disse mais tarde. Daí a pouco devia ele aprender que não ha senão um mediador entre Deus e os homens. 1 Timot. 2:5. "Durante todo o tempo que estive em Erfurt", disse depois, "não compreendi urna s6 lição, uma só pregação cristã".

Continuou seus estudos. Em 1.505 foi feito mestre em ciencias, e doutor em filosofia. A universidade de Erfurt era então a mais celebre da Alemanha. Em comparação com ela asoutrasnãoerammaisdo queescolasinferiores. Acerimoniasefez compompa,segundo o costume. [6]• Uma procissão com tochas veio render homenagem a Lutero. A festa foi soberba. Reinava a alegria em todos. Lutero, animado talvez com estas honras, se dispôs a dedicar-se inteiramente à jurisprudência, conforme a vontade do pai.

Mas Deus tinha outra vontade. Enquanto Lutero se ocupa de diversos estudos, enquanto começava a ensinar a física e a moral de Aristóteles, e outros ramos da filosofia, seu coração lhe gritava que a piedade era a única coisa necessaria, e que, antes de tudo, ele devia estar seguro de sua salvação. Sabia com que odio Deus olha para o pecado; recordava as penas que sua Palavra denuncia ao pecador, e perguntava a si mesmo com temor se estava seguro de possuir o favor divino. Sua consciencia lhes respondia: Não. Seu carater era pronto e decidido: resolveu fazer o que pudesse assegurar-lhe uma esperança firme da imortalidade. Dois acontecimentos vieram, um atras do outro, comover sua alma e precipitar sua determinação.

Entre seus amigos da universidade havia um, cha-mado Aleixo, com quem estava intimamente unido. Uma manhã divulgou-se em Erfurt a noticia de que Aleixo havia sido assassinado. A perda tão repentina de seu amigo o agitava, e a pergunta que fez asi mesmo: "que seria de mim se fosse tão repentinamente chamado?" encheu sua alma de vivos terrores. [7]•

Isto se passava no verão do ano de 1505. Lutero, que se achava livre pelas férias ordinárias da universidade, resolveu fazer uma viagem a Mansfeld, para ver os lugares queridos de sua infância, e abraçar os pais. Talvez quisesse tambem abrir seu coração a seu pai, consulta-lo sobre o desígnio que começava a formar-se em seu espírito, e obter o seu consentimento para seguir outra vocação. Previa todas as dificuldades. A vida preguiçosa da maior parte dos sacerdotes desgotava ao ativo mineiro de Mansfeld. Por outro lado, os eclesiásticos eram pouco estimados no

mundo; na maior parte só gozavam de uma mesquinha renda; e o pai, que havia feito tantos sacrifícios para sustentar seu filho na universidade, que o via ensinar publicamente, na idade de vinte anos, em uma escola celebre, não se achava disposto a renunciar ás esperanças de que se nutria seu orgulho.

Ignoramos o que se passou durante a estada de Lu-tero em Mansfeld. Pode ser que a vontade pronunciada de seu pai o houvesse dissuadido de abrir-lhe seu coração.

Deixou de novo a casa paterna para ir sentar-se nos bancos da academia. Já estava perto de Erfurt, quandofoi surpreendido por violentatempestade, tal como se vêmemitasvezes nessas montanhas. O raio estalou e caiu a seus pés. Lutero ajoelhou-se. Sua hora era talvez chegada. A morte, o julgamento e a eternidade o cercaram com todos os seus terrores, e lhe fizeram ouvir uma voz à qual :não pode mais resistir. "Rodeado de angustias e de medo da morte", como ele mesmo disse, [8]° fez voto de abandonar o mundo e entregar-se inteiramente a Deus, se o Senhor o tirasse deste perigo. Depois de se ter levantado do chão, vendo sempre diante de siaquela morte que devia alcançá-lo mais dia, menos dia, ele se examina seriamente e pergunta a si mesmo o que devia fazer. + Os pensamentos que havia pouco o tinham perturbado se lhe apresentam com mais força.

Tem procurado, é ver-dade, cumprir todos os deveres. Mas qual o estado em que se acha sua alma? Pode, com um coração impuro, aparecer diante do tribunal de um Deus tão terrível? Era preciso que se tornasse santo. Tinha agora sêde de santidade, como havia tido séde de ciência. Mas onde acha-la? Como adquiri-la? A universidade lhe tinha fornecido os meios de satisfazer seus primeiros desejos.- Quem aplacará aquela angustia, quem apagará o ardor que o consome? A que escola de santidade se dirigirá? Irá a um clautros: avida monástica o salvará. Quantasvezes tem ouvido contar a eficácia daqueles asilos para transformar um coração, para santificar um pecador, para tornar um homem perfeito! Entrará em uma ordem monástica . Chegará a ser santo. Assegurará assim a vida eterna. [9]°

Tal foi o acontecimento que mudou a vocação e o destino de Lutero. Reconhece-se aqui o dedo de Deus. Foi sua mão poderosa que derribou na estada pública o jovem mestre em ciências, o pretendente ao foro, o futuro jurisconsulto, para dar à sua vida uma. direção toda nova. Rubianus, um dos amigos de Lutero na universidade de Erfurt, escrevia-lhe mais tarde:

A Providencia Divina descortinava o que devias ser um dia, quando, em teu regresso da casa paterna; o fogo do céu te fez cair por terra, qual outro Paulo, perto da cidade de Erfurt, e, separando-te de nossa sociedade, te introduziu na seita de Agostinho. Circunstancias análogas hão assinalado a conversão dos dois maiores orgãos de que a Providencia Divina se tem servido nas duas maiores revoluções que ela tem operado sobre a terra: S. Paulo e Lutero. +

Lutero volta a Erfurt. Sua resolução é invariavel, não obstante custar-lhe muito romper vinculas que lhe são caros . A vinguem comunica seu designio. Porem uma tarde convida seus amigos da universidade a um banquete alegre, mas frugal. A musica vem recreiar tambem esta reunião intima. E a despedidaa que Lutero faz ao mundo. Daí em diante, em lugar daqueles amaveis companheiros de prazer e de trabalho, os frades; em lugar daquelesentretenimentosalegrese espirituosos, o silencio do claustro; emlugar daqueles cantos festivos, as graves entoações da tranquila igreja. Deus o exige; é preciso tudo sacrificar. Entretanto, uma última vez ainda, as alegrias de sua juventude!

A refeição excita seus amigos. Lutero mesmo os anima. Porem no momento em que se entregavam com abandono à alegria, o jovem professor não pode reter por mais tempo os graves pensamentos que ocupavam seu coração. Fala... Descobre seu designio a seus amigos atonitos. Estes procuram dissuadi-1,o; porem em vão. Na mesma noite, Lutero, temendo talvez solicitações importunas, abandona seu aposento. Deixa aí toda a roupa e os seus livros, só levando consigo Virgílio e Platão (não tinha ainda a Biblia). Virgílio e Platão! a epopeia e a comedia! singular representação do espirito de Lutero! Com efeito houvera nele uma completa epopeia, um belo, grande e sublime poema; mas de um carater propenso à alegria, ao gracejo e à zombaria, misturou-se mais de um rasgo familiar ao fundo grave e magnifico de sua vida.

Alguns historiadores dizem que Alexo foi morto pelo raio que aterrou Lutero; mas dois contemporâneos, Mathesius, p. 4, e Sel-necer (in Orat. de Luth.), distinguem aqueles dois acontecimentos; e ainda poderia acrescentar-se à sua autoridade a de mdancton, que diz: 1Sodalem nescio que casu interfectum. Vita Lut.

Munido daqueles dois livros, caminha, só, nas trevas, para o convento dos Ermitães de S. Agostinho. Pede que o recebam. A porta abre-se e fecha-se. Ei-lo separado para sempre dos pais, de seus companheiros de estudo e do mundo! Era 17 de agosto de 1505, Lutero tinha então vinte e um anos e nove meses.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Cochloeus, Acta Lutheri, p. 1. -+- Vit. Luth.Fleissig Gebet, ist über die Helfft studirt. Mathesius, p. 3.

[2]* Auff eine Zeyt, wie er die Bücher fein nacheinander besieht

[3]•.. k.ombt er über die lateinische Biblia. Ibid.

[4]•M. Adami Vit. Luth., p. 108.

[5] M. Adami Vit. Luth., p. 108.

[6] Luth. Op. W., 22, p. 2229.

[7] * Cochloeus, p. 1.

[8] Lutheri Ep., 2, p. 101. Cochi., p. 1.

[9] Mel. Vita Luth.

CAPÍTULO III

Exasperação de seu pai — Trabalhos servis — Cum sacco per vicitatem — Sancto Agostinho — AEscritura Sagrada — Devoção — Angústias — A missa — Práticas inúteis — Lutero desfalecido.

Enfim estava ele com Deus. Sua alma estava em se-gurança. Aquela santidade tão desejada, ele a tinha fi-nalmente encontrado. À vista deste jovem doutor, os frades estavam admirados, e exaltavam sua coragem e seu desprezo do século. [1]° Lutero, entretanto, não se esquecia de seus amigos. Escreveu-lhes cartas, com a roupa que havia usado até então, e seu anel de mestre em ciencias, que remeteu à universidade, para não conservar lembrança nenhuma do mundo que abandonara.

Seus amigos de Erfurt ficaram consternados. Será possível que um gênio tão eminente vá sepultar-se, na-quela vida monástica que é uma semi-morte; + Penetra-dos da mais viva dor, apressaram-se a ir ao convento, com a esperança de fazer Lutero desistir de determina-ção tão deploravel; durante dois dias eles rodearam o mosteiro; tudo foi inutil; as portas lhes permaneceram fechadas. Uru mes inteiro se passou sem que ninguem pudesse ver nem falar ao noviço. [2]

Lutero tinha-se apressado tambem em comunicar aos pais a grande mudança que acabara de operar-se em sua vida. Seu pai ficou consternado. Ele tremia por seu filho, nos diz o mesmo Lutero na dedicatória de seu livro sobre os votos monásticos, dirigido a seu pai. Sua fragilidade, sua juventude, o ardor de suas paixões, lhe faziam receiar que, passado o primeiro momento de entusiasmo, a ociosidade do claustro fizesse o jovem precipitar-se na desesperação ou em algum grande pecado. Sabia que aquele modo de vida tinha já sido a perdição de muitos. Por outra parte, o conselheiro mineiro de Mansfeld tinha outras vistas a respeito de seu filho. Queria fazer-lhe contrair um casamento rico e honroso. E eis todos os seus ambiciosos projetos destruidos em urna noite por aquela ação imprudente.

João escreveu a seu filho uma carta cheia de exasperação, na qual o tratava de tu, nos diz ainda Lutero, enquanto que o havia tratado de vossa merce desde que tinha recebido o grau de mestre em ciencias. Retirou-lhe todo o seu favor, e o declarou deserdado da afeição paternal. Em vão os amigos de João Lutero, e sem dúvida sua mulher, procuravam tranquiliza-lo; em vão lhe diziam: "Se vós quereis sacrificar alguma coisa a Deus, sacrificai-lhe o que tiverdes de melhor e de mais caro, vosso filho, vosso Isaac:" o inexorável conselheiro de Mansfeld não queria ouvir nada.

Entretanto algum tempo depois (é ainda Lutero que o diz em um sermão pregado em Wittemberg a 20 de Janeiro de 1544), sobreveio a peste, e roubou a João Lutero dois filhos. E ao mesmo tempo foram dizer ao pai, cuja alma estava despedaçada pela dor: O frade de Erfurt é morto tambem!... Aproveitaram esta ocasião para

restituir ao noviço o coração de seu pai. "Se é falsa esta notícia", disseram-lhe seus amigos, "santificai ao menos a vossa aflição consentindo de boa vontade que vosso filho seja frade!" "Assim seja, pois!" respondeu João Lutero com o coração despedaçado mas ainda meio rebelde, "e permita Deus que ele seja be msucedido!" Mais tarde, quando Lutero, reconciliado com seu pai, contou-lhe o sucesso que o havia impelido a lançar-se nas ordens monásticas: ',Deus queira, respondeu o honrado mineiro, "que não tenhais tomado por um sinal do ceu o que não era senão uma ilusão do diabo!" [3]*

Não havia então em Lutero aquilo que devia fazer dele mais tarde o reformador da igreja. Sua entrada no convento é a prova. Era uma ação conforme a tendeu-eia do século, da qual ele em breve contribuiria a fazer sair a igreja. Aquele que devia chegar a ser o doutor do mundo era ainda seu servil imitador. Foi acrescentada uma pedra ao edifício das superstições pelo mesmo que devia destrui-lo. Lutero buscava sua salvação em si mesmo e nas práticas e observâncias humanas: ele não sabia que a salvação vinha unicamente de Deus. Queria sua própria justiça e sua glória, desconhecendo a justiça e a glória do Senhor. Porém o que ignorava ainda, aprendeu pouco depois. Foi no clautro de Erfurt que se operou aquela imensa transformação que substituiu em seu cora-ção o mundo e suas tradições, Deus e sua sabedoria, da qual foi ele o mais célebre instrumento. Ele condena mais tarde a sua entrada no convento; mas acrescenta: "De todos estes erros, de todos estes pecados, Deus fez sais admiráveis benefícios".

Martinho Lutero, quando fez sua profissão, mudou de nome, e foi chamado Agostinho.

Os frades o tinham recebido com alegria. Não era pequena satisfação para seu amor próprio o ver uma casa de sua ordem preferida à universidade por um de seus doutores mais estimados, que a abandonara. Isto não obstante o trataram com dureza, e lhe impuseem os trabalhos mais baixos. "Sie tibi, sic rnihi!" disseram-lhe, "faze como nós!" Queriamhumilharo doutor emfilosofia,e ensinar-lhe que suaciêncianão o faziasuperior a seus irmãos. E' queriam tambem desta maneira impedir que se entregasse a estudos dos quais o convento não tirava nenhum proveito. O antigo mestre em ciências devia exercer as funções de guardião, abrir e fechar as portas, dar corda ao relogio, varrer a igreja, limpar as celas. [4]

E quando O pobre frade, que era ao mesmo tempo por-teiro, sacristão e criado do convento,haViaacabado seutrabalho:"Cumsacco per civitatem!comOsaco pelacidade!" gritavam os frades; e, com suas alforjas ao ombro, corria todas as ruas de Erfurt, mendigando de casa em casa, obrigado talvez a apresentar-se à porta daqueles que haviam sido seu amigos ou inferiores. Navolta devia, ou encerrar-seem uma cela estreita e baixa donde não avistava senão um pequeno jardim de alguns pés quadrados, ou recomeçar suas humildes ocupações. Mas ele suportava tudo.

Inclinado por seu carater a dedicar-se inteiramente ao que empreendia, chegou a ser frade de todo coração. Como poderia cuidar em poupar o corpo ou atender aquilo que pudesse satisfazer á carne? Não poderia assim adquirir aquela humildade e santidade que tinha-ido buscar entre as paredes do claustro!

O pobre frade, sobrecarregado de trabalhos, esforçava-se por tirar vantagens para estudar a ciencia em cada instante que podia subtrair a estas vis ocupações. Com todo o gosto procurava o retiro para entregar-se a seus estudos queridos; mas logo os frades o descobriam, cercavam-no, murmurando contra ele, e arrancando-o de suas aplicações diziam: "Vamos! vamos! não se precisa estudar, mas mendigar pão, trigo, ovos, peixe, carne e dinheiro, para se tornar útil ao convento". Lutero obedecia; deixava seus livros e tomava o saco. Longe de arrepender-se de haver aceito tal jugo, queria leva-lo até ao fim. Foi então que começou a desenvolver-se em sua alma a inflexível perseverança com que prosseguiu sempre as reso-luções..quehaviauma vezformado., Aresistência que opunha' aos duros assaltos que sua alma experimentou deram uma forte têmpera à sua vontade. Deus o exercitava nas pequenas cousas, para que aprendesse a ser firme nas grandes. Por outraparte,parapoder livraroseuséculodas,miseraveissuperstiçõesemquegemia, era preciso que passasse por elas. Para esvasiar o copo, era mister que o bebesse até às fezes. [5]

Esta aprendizagem não foi, porém, tão longa como Lutero houvera podido receiar. O prior do convento, a pedido da universidade de que Lutem era membro, o dispensou das baixas ocupações que lhe haviam imposto. O jovem frade se entregou então ao estudo com novo ardor. As obras dos santos padres da igreja, principalmente as de Agostinho, a trairam-lhe a atenção. A exposição que aquele ilustre doutor fez dos Salmos, e seu livro Da Letra e do Espirito, eram suas leituras favoritas. Nada lhe fazia tanta impressão como os sentimentos daquele padre sobre a corrupção da vontade do homem, e a graça divina. Sentia por sua própria experiência a realidade desta corrupção e a necessidade dessa graça. As palavras de Agostinho simpatizavam com seu coração: se ele houvesse podido pertencer a outra escola que não a de Jesus Cristo, teria sem dúvida pertencido à do doutor de 1-1i-pona. Sabia quase de cor as obras de Pedro d'Ailly e de Gabriel Biel. Ficou abalado com o que disse o primeiro, que, se a igreja não se houvesse decidido pelo contrário, seria preferível admitir que se recebesse verda-deiramente a santa ceia o pão e o vinho, e não simples acidentes.

Estudou tambem com cuidado os teologos Occarn e Gerson, que falam com tanta liberdade sobre a autoridade dos papas. A estas leituras acrescentava outros exercícios. Nas discussões públicas desenredava os argumentos mais complicados, e saia de labirintos em que outros se teriam perdido, deixando admirado todo o auditoria.

Porem não foi para adquirir a reputação de grande gênio que ele entrara para o convento; e sim para buscar ai o alimento espiritual. Por isso não considerava os seus estudos senão como uma distração.

Gostava, sobre todas cousas, de beber a sabedoria no manancial puroda Palavra de Deus. Achou no cenvento uma Bíblia, presa numa corrente. Compreendia pouco a Palavra; mas ela era a sua mais doce leitura. Sucedia às vezes ficar um dia inteiro meditando sobre urna só palavra. Outras vezes aprendia de cor pedaços dos profetas. Desejava sobretudo que os escritos dos apostolos e dos profetas o fizessem conhecer bem a vontade de Deus, aumentassem o temor que lhe inspirava seu nome, robustecessem sua fé com os firmes testemunhos da Palavra.

Ao que parece, foi nesta epoca que ele começou a estudar as Escrituras nas linguas originais, e a lançar assim ofundamento da mais perfeita e mais útil de suas obras, a tradução da Bíblia. Serviu-se de um dicionário hebraico de Reuchlin, que acabava de aparecer. Um irmão do convento, versado no grego e no hebraico, a quem teve sempre intima amizade, João Lange, deu-lhe provavelmente as primeiras direções. [7]° Fazia tambem grande uso dos sábios comentários de Nicolas Lira, morto em 1340. Isto fez dizer a Pflug, que foi depois bispo de Naumbourg: "Se Lira não tivesse tocado a lira, Lutero não teria jamais pulado. Si Lyra non lyrasset, Lutherus non saltasset".

O jovem frade estudava com tanta aplicação e zelo, que lhe aconteceu muitas vezes, durante duas ou tres semanas, não rezar as suas horas. Depois assustava-se, pensando em haver transgredido as regras de sua ordem. Então encerrava-se para reparar seu descuido. Repetia escrupulosamente todas as horas que havia deixado de rezar, sem pensar em comer nem beber. Uma vez mesmo deixou quase de dormir durante sete semanas.

Abrasado do desejo de alcançar aquela santidade que tinha vindo buscar no convento, Lutero entregou-se a toda a austeridade da vida devota. Procurava crucificar a carne com jejuns, macerações e vigílias. Encerra-do em sua cela como em um carcere, lutava sem cessar contra os maus pensamentos e más inclinações de seu coração. Um pouco de pão e um mirrado arenque era muitas vezes seu unico alimento. É certo que ele era naturalmente muito sobrio; tanto que seus amigos o viram mais de uma vez, no tempo em que ainda não pen-sava ganhar o ceu com abstinencias, contentar-se com mui poucos alimentos, e ficar mesmo quatro dias seguidos sem comer nem beber. [8]

É uma testemunha digna de ser acreditada, é Melancton que o diz; daqui se pode julgar a nenhuma importância das fábulas que a ignorância e a parcialidade hão espalhado sobre a intemperança de Lu-tero. Nada lhe era custoso, na epoca de que falamos, para ser santo, para ganhar o ceu. Nunca a igreja romana teve um frade mais devoto. Nunca convento algum viu uma aplicaço mais sincera e mais

infatigável para conseguir felicidade eterna. + Quando Lutero chegou a ser reformador e disse que o ceu não se compra, sabia bem o que dizia. "Eu fui verdadeiramente", escrevia ele ao duque Jorge de Saxônia, "um frade piedoso, e segui as regras de minha ordem com mais severidade do que posso dizer. Se jamais houve frade que entrou no ceu por sua fradaria, eu de certo poderia entrar. E todos os religiosos que me hão conhecido podem dar testemunho. Se aquilo houvera durado mais tempo, eu me tivera martirizado até à morte, ã força de vigílias, de orações, de leituras e de outros trabalhos". +

Estamosnaepoca emque Lutero foifeito homem, novo chegando aconhecer aimensidade do amor de Deus, epodendo já anunciá-la ao mundo.

Lutero não encontrou de maneira alguma, na tran-quilidade do claustro e na perfeição monacal, aquela paz que fora buscar. Queria ter a segurança de sua salvação; esta. era a grande necessidade de sua alma. Sem ela não achava descanso. Os temores que o haviam agitado no mundo o perseguiam na cela. AI aumentaram ainda mais: omenor grito de sua consciência retumbava com fôrça sob as abobodas sielnciosas do claustro. Deus para aí o havia conduzido para que aprendesse a se conhecer a si mesmo, e a desconfiar de suas próprias fôrças e de sua própria virtude. Sua consciência, iluminada pela Palavra divina,

lhe diziao que eraser santo; porem estavacheio de . espanto, não achando emseu coração nem em sua vida aquela imagem de santidade que havia contemplado com admiração na Palavra de Deus. Triste descobrimento que faz todo homem sincero! Não possuía a justiça interior nem a exterior; por toda parte omissão, pecado, impureza... Quanto mais ardente era o carater de Lutero, tanto mais forte era a resistencia secreta e constante que a natureza do homem opõe ao bem; de sorte que caiu quase na desesperação.

Os frades e os teólogos daquele tempo o exortavam a fazer obras meritórias para satisfazer a justiça divina. Mas que obras, considerava ele, poderão sair de um coração como o meu? Como poderei eu, com obras manchadas em sua mesma origem, subsistir diante da santidade de meu Juiz? "Eu me achava excessivamente pecador em presença de Deus", diz ele, "e não acerditava que me fosse possível aplacá-lo com meus merecimentos".

Estava agitado e triste com tudo isso, e fugia das fúteis e grosseiras conversações dos frades. Estes, não podendo compreender os combates que agitavam sua alma, o contemplavam com pasmo, [9]• e lhe censuravam o ar ta-citurno e silencioso. Um dia em que celebravam a missa na capela, refere Cochloeus, Lutero, triste, angustiado e sus-pirando, se achava no coro entre seus irmos. Já o sacerdote se havia abaixado, o altar tinha sido insensado, o Gloria estava cantado, e lia-se o Evangelho, quando o pobre frade, não podendo mais conter o seu tormento, gritou com um tom lamentavel, caindo de joelhos; "Não sou eu! não sou eu!"

Todos ficaram pasmados, e a solenidade foi por um momento interrompida. Talvez que parecesse aLuteroouvir algumaincrepação,achando-seinocente;talvez elese declarasse indigno de entrar no numero daqueles a quem a morte de Jesus Cristo oferecia a vida eterna. Cochloeus diz que lia-se ento a história do homem mudo, do qual Nosso Senhor expeliu um demônio. Se é verdade o que diz Cochloeus, pode ser que o grito de Lutero se referisse aquela circunstancia, e que mudo como .aquele homem, ele com seu grito protestava que o seu silêncio vinha de urna outra causa, e não da possessão do demônio. Com efeito Cochloeus nos comunica que os frades atribuíam às vezes as angustias de seu companheiro a um comércio oculto com o demônio, e da mesma opinião era esse escritor.

UmaconscienciamelindrosainduziraLutero acon-siderar amenor faltacomo umgrande pecado. Apenas descobria alguma, esforçava-se por expiá-la com as maih severas mortificações; mas isso não servia senão para lhe fazer reconhecer a inutilidade de todos os remédios hu-manos. "Eu me atormentei até à morte", diz ele, "afim de alcançar, para meu coração turbado e minha consciencia agitada, a paz de Deus; mas, rodeado de trevas espantosas, não encontrei a paz em parte alguma".

As práticas da santidade monacal, que adormeciam tantas consciências, e às quais havia recorrido em suas an-gústias, lhe pareciam já inúteis remédios de uma religião de charlatanismo e impostura. "Sendo frade, quando me sentia assaltado por alguma tentação, dizia no meu inte-rior: estou perdidol... e imediatamente buscava mil meios para apaziguar os gritos da consciência' Confessava-me todos os dias, porem de nada me servia. Assistia à missa e orava com grande devoção, mas vindo ao altar com dúvidas, com dúvidas saía dali. Velava, jejuava, mal-tratava meu corpo; nada conseguia com isso. Então, pros-trado de tristeza, atormentava-me com a multidão de meus pensamentos. Vel gritava comigo mesmo, és ainda invejosn, impaciente, colérico!... Então de nada te serviu, oh infeliz, o teres entrado nesta sagrada ordem..." [10]

E contudo Lutero, imbuido dos preconceitos de seu tempo, desde a sua juventude tinha considerado como re-médio seguro para as enfermidades da alma as práticas cuja ineficácia experimentava agora. O que pensar desta extraordinaria descoberta que acabava de fazer na solidão do claustro? Então pode-se habitar no santuário e trazer dentro de si um homem de pecado!... Lutero tinha recebido outra vestimenta, mas não outro coração. Suas es-peranças se frustraram. A que se decidirá? Todas as regras e observâncias não serão invenções dos homens? Seme-lhante suposição lhe parecia às vezes uma sedução do diabo, e outras vezes uma irresistivel verdade. Alternativamente em luta com a santa voz que falava a seu coração, e com , as instituições veneráveis que os séculos haviam sancionado, Lutero passava sua vida em contínuo combate. O jovem frade, qual um espectro, se arrastava nos compridos corredores do claustro, fazendo-os retinir com seus tristes gemidos. Seu corpo se consumia, suas forças o abandonavam; chegava às vezes a ficar como morto. [11]°

Uma vez, oprimido de tristeza, encerrou-se em sua cela, e durante muitos dias e noites não permitia que alguem entrasse. Um de seus amigos, Lucas Edemberger, inquieto pelo desgraçado frade, e tendo algum pressentimento do estado em que se achava, foi, com alguns moços acostumados a cantar nó coro, chama-lo à porta da cela. Ninguem respondeu nem abriu. O bom Edemberger, mais assustado ainda, derriba a porta. Lutero estava estendido no assoalho, sem sentidos e não dando sinal de vida. Seu amigo busca em vão fazê-lo tornar; sempre a mesmo imobilidade. Então os moços começaram a cantar um suave cântico. As vozes puras operaram como um encanto no pobre frade, para quem a música foi sempre um dos maiores recreios; pouco a pouco recobrou as forças, o conhceimento e a vida. [12]° Porém se a música pode dar-lhe um pouco de serenidade por alguns instantes faltava-lhe outro remédio mais poderoso para curá-lo radicalmente; faltava-lhe aquele som doce e sutil do Evangelho, que é a voz do mesmo Deus. Ele o sabia bem. Por isso suas dores e aflições o levaram a estudar com novo zelo os escritos dos apóstolos e dos profetas.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Cochloquc, 1.

[2] Melch. Adami Vita Luth., p. 102.

[3] Luth. Ep., 2, p. 101.

[4] M. Muni Vita Luth., p. 103.

[5] * Selnecceri Orat. ae Luth. Mathesius, p. 5.

[6] Mchmeth., Vit. Luth.

[7] *Gcsch. d. dcutsch. Bibelthervetzung. -1- Melanet., Vita Lut.

[8] •Cochiocus, 1.

[9] * Cochloeus, 1. Cochloeus, 1. Ex occulto aliquo cum daemone commercio. Ibid.

[10] *Melanchth., Vita Luth.

[11] *Seekend., p. 53.3 Reis (Almeida I Reis) 19 : 12

[12] * Melanehth., Vita Luth.

CAPÍTULO IV

Homens piedosos nos conventos — Staupitz — Ele acha Lutero — Conversações — A graça de Cristo — O ver-dadeiro arrependimento — A eleição — A Providên-cia — A Bíblia — O velho frade — A emissão dos pecados — Consagração — O jantar — Festa do Corpo de Deus — Vocação para Wittemberg.

Lutero não era o primeiro frade que passara por se-melhantes combates. Os claustros ocultavam com frequencia na obscuridade de seus muros vícios abomináveis, que teriam feito estremecer toda a alma honesta se se houvessem patenteado; porem tambem encerravam a miudo virtudes cristãs que se praticavam no silêncio, e que, mani-festadas ao mundo, teriam excitado a sua admiração. Os que possuíam aquelas virtudes, vivendo sé consigo mesmos e com Deus, não chamavam a atenção, e eram desconhecidos muitas vezes até do humilde convento onde estavam encerrados: suas vidas não eram conhecidas senão de Deus. Em algumas ocasiões aqueles humildes solitários caiam nessa teologia mística, triste enfermidade das mais nobres almas, que fez noutro tempo as delicias dos primeiros frades nas margens do Nilo, e que consome inutilmente os espíritos de que se apodera.

Entretanto, quando algum daqueles homens era cha-mado a um posto eminente, desenvolviam-se nele virtudes cuja saudavel influencia estendia-se longe e por largo tem-po. A vela estava acesa, alumiava toda a casa, e sua luz despertava a muitos. Assim propagavam-se aquelas almas devotas de geração em geração; viam-se brilhar como fachos solitários, nos mesmos tempos em que frequentemente os claustros nada eram senão receptaculos impuros da mais profunda ignorancia.

Um jovem fez-se notável deste modo em um dos con-ventos da Alemanha. Chamava-se João Staupitz, e era descendente de uma nobre familia da Mísnia. Desde a infpncia amou as ciências e a virtude.[1]° Sentia a necessidade do retiro para dedicar-se às letras. Em breve conheceu que a filosofia e o estudo da natureza não podiam contribuir muito para a salvação eterna. Entregou-se pois a estudara teologia. Mas aplicava-se principal-mente a unir a pratica à ciencia. Com efeito, disse um de seus biógrafos, é em vão que alguém faz alarde do nome de teólogo, se não confirma este belo titulo com a vida. O estudo da Bíblia e da teologia de Santo Agostinho, o conhecimentode si mesmo, os combates que teve que sofrer, como Lutero, contra os ardis e a concupiscencia de seu coração, o conduziram ao Redentor. Achou a paz de sua alma na fé em Cristo. A doutrina da eleição da graça se tinha especialmente apoderado de seu espirito. A retidão de sua vida, a profundidade de sua ciência, a eloqüência de sua palavra, não menos que seu exterior distinto e suas maneiras cheias de dignidade, o recomendavam a seus contemporâneos.

O eleitor de Saxônia, Frederico, o Sábio, foi seu amigo, empregou-o em várias embaixadas, e fundou debaixo de sua direção a universidade de Wittemberg. Aquele discípulo de S. Paulo e de S. Agostinho foi o décano da faculdade de teologia daquela escola, de onde havia de sair um dia a luz que iluminasse as escolas e igrejas de tantos povos. Assistiu ao concilio de Latrão em nome do arcebispo de Salzburgo, chegou a ser provincial de sua ordem na Turíngia e na Saxônia, e mais tarde vigário geral dos Agostinhos de toda a Alemanha.

Staupitz se condoía da corrupção dos costumes, e dos erros de doutrina que afligiam a igreja; mas considerava o primeiro destes males como mais grave que o segundo. Seus escritos sobre o amor de Deus, sobre a semelhança da morte do justo com a de Cristo, e o testemunho de Lutero, o acreditam. Mas, por outro lado, a afabilidade e indecisão de seu cara ter, e seu desejo de não sair do círculo de ação em que se julgava encerrado, o faziam mais próprio para ser o restaurador de um convento do que o reformador da igreja. Tínha querido não colocar nos empregos de alguma importancia senão homens distintos; mas, quando não os encontrava, se resignava a empregar outros. Devemos lavrar", dizia ele, com cavalos, e se não os houver, com bois".

Já temos visto as angústias e lutas interiores que Lutero padeceu em seu convento de Erfurt. Naquele tempo anunciou-se a visita do vigário geral. Staupitz chegou com efeito, para fazer sua inspeção ordinaria. O amigo de Frederico, o fundador da universidade de Wittemberg, o superior dos Agostinhos, manifestou sua benevolência àqueles frades que estavam sob sua autoridade. Imedia-tamente um dos frades chamou sua atenção; era um jovem de estatura mediana, a quem o estudo, a abstinencia e as vigílias haviam emagrecido tanto, que se podiam contar todos seus ossos. Seus olhos, que mais tarde foram comparados aos do falcão, estavam então abatidos; seu andar era triste, seu olhar indicava uma alma agitada, entregue a mil combates, porem não obstante forte e propensa à resistência. Havia em todo ele alguma coisa de grave, de melancólico e solene. Staupitz, que tinha uma larga experiencia dos homens, descobriu facilmente o que se passava nessa alma, e distinguiu este jovem frade de entre os que o rodeavam. Sentiu-se atraído para ele, previu seus grandes destinos, e experimentou paracom seu subordinado um interesse todo paternal. Ele podia mostrar-lhe o caminho da paz que havia encontrado. [2]

O que soube das circunstancias que levaram o jovem A gostinho ao convento, aumentou sua simpatia. Recomendou ao prior que o tratasse com mais suavidade, e aproveitou as ocasiões que seu emprego lhe ofereciam para ganhar a confiança do jovem frade. Aproximando-se dele com te-oura, procurou dissipar sua timidez, aumentada pelo respeito e acanhamento que devia inspirar-lhe um homem ocupando uma posição tão elevada como a de Staupitz.

O coração de Lutero, que havia estado fechado até então pelos duros tratamentos que experimentara, se abriu por fim, e dilatou-se aos doces raios da caridade. "Como nas aguas corresponde rosto a rosto, assim o coração do homem ao homem". Prov. 27:19. O coração de Staupitz correspondia-se com o de Lutero. O Vigario geral o compreendeu, e o frade sentiu para com ele uma confiança que ninguém lhe havia inspirado até então. Descobriu-lhe a causa de sua tristeza, comunicou-lhe os horríveis pensamentos que o agitavam; e então tiveram lugar no claustro, de Erfurt conferencias creias de sabedoria e de instrução. Até então ninguém havia comprendido Lutero. Um dia em que estavam à mesa, o jovem frade, triste, mudo, tocava apenas na comida. Staupitz, que o observava com atenção, disse-lhe por fim: "Por que estais tão triste, frei Martinho?" "Ah!" respondeu ele, soltando um profundo suspiro, "eu não sei o que ha de ser de mim!" "Essas tentações que vos oprimem", replicou Staupitz, "eu não as conheço; mas, se não me engano, elas vos são mais necessarias que a comida e a bebida!" Noutra ocasião Lutero abriu-se a um outro: "Essas angústias, "respondeu-lhe o frade, "ninguem as tem senão tu!" Desgraçado que eu sou! exclamou ele, e tornou-se mais melancólico e mais pálido. Contudo, Staupitz e Lutero não ficaram nisso; eles tiveram daí a pouco, no silencio do claustro, conversações intimas que contribuiram poderosamente para tirar das trevas o futuro reformador.

É em vão", dizia com abatimento Lutero a Staupitz, "que faço promessas a Deus; o pecado é sempre mais forte.

O' meu amigo", respondia-lhe o vigário geral aludin-do a si mesmo, "eu tenho jurado mais de uma vez a nosso santo Deus a viver santamente, e não tenho cumprido jamais. Agora não quero mais jurar, pois sei que não o cumpriria. Se Deus não me conceder sua graça, por amor de Cristo, e me permitir sair com felicidade desta terra, quando chegar a hora, não poderei, comtodasasminhaspromessase boasobras, subsistir emsuapresençaSerá mister que pereça–.

O jovem frade assusta-se com a ideia da justiça divina. Expõe ao vigario geral todos os seus temores. A santidade indizível de Deus e sua soberana majestade o espantam. "Quem poderá suportar o dia de sua vinda? Quem poderá subsistir quando Ele aparecer?" Mal. 3:2.

Staupitz torna a tomar a palavra. Ele sabe aonde encontrou a paz, e quer mostra-la ao jovem. "Por que te atormentas", lhe disse, com todas estas especulações e estes altos pensamentos? Olha para as chagas de Jesus Cristo e para o sangue que derramou por ti: é aí que a graça de Deus te aparecerá. Em lugar de te martirizares por tuas faltas, lança-te nos braços do Redentor. Confia nele, na justiça de sua vida, na expiação de sua morte. Não retrocedas; Deus não está irritado contra ti, és tu que estás irritado contra Deus. Escuta o Filho de Deus. Ele se fez homem para dar-te a segurança de seu divino favor.

Ele te diz: Tu és minha ovelha; ouves minha voz; ninguém te arrancará de minha mão. e

Mas Lutero não acha em si o arrependimento, que crê ser necessário para sua salvação; e dá a resposta que ordinariamente dão as almas angustiadas e tímidas: "Como poderei atrever-me a crer no favor de Deus enquanto nãn estiver verdadeiramente convertido? Ë mister que eu mude para que Ele me aceite".

Seu venerável guia mostra-lhe que não pode haver verdadeira conversão enquanto o homemtemer aDeuscomo o umjuizsevero."Que direisentão", exclamaLutero, "atantas consciências às quais se prescrevem mil regulamentos insuportaveis para ganhar o ceu?." [3]

Então ouviu esta resposta do vigario geral, mas não lhe parecia voz de homem, e sim uma voz que baixava do ceu: "Não ha", disse Staupitz, arrependimento verdadeiro senão o que começa pelo amor de Deus e da justiça. Aquilo que muitos imaginam ser o fim e o complemento do arrependimento, não é outracoisasenão o seu começo. Paraque abundes em amor ao bem, é preciso que primeiro abundes em amor a Deus. Se queres converter-te, não te entregues a todas essas macerações e a todos esses martírios. Ama a quem primeiro te amou!

Lutero escuta, e não se farta de escutar. Aquelas consolações o enchem de um gozo desconhecido, e lhe dão uma nova luz. "É Jesus Cristo", pensava ele em seu coração; "sim, é Jesus Cristo mesmo que me consola tão admiravelmente com estas doces e salutares palavras". [4]°

Estas palavras penetraram realmente até ao fundo do coração do jovem frade como a frecha aguda despedida por um braço vigoroso. [5]° Para se arrepender é preciso amar a Deus! Iluminado com esta nova luz, põe-se a conferir as Escrituras. Examina todas as passagens_ que falam de arrependimento e de conversão. Estas palavras, que até então lhe causaram tanto temor, para empregar suas proprias expressões, são agora para ele um jugo agra-dável e a mais doce recreação. Todas as passagens da Escritura que o assustaram, lhe parecem já afluir de todas as partes, sorrindo, saltando-lhe ao redor, e brincando com ele.[6]

"Anteriormente", exclama ele, ainda que eu dissimu-lasse com cuidado diante de Deus o estado de meu coração, e me esforçasse a mostrar-lhe um amor forçado e fingido, não havia para mim na Escritura nenhuma palavra mais amarga que a de arrependimento. Porem agora não ha nenhuma que me seja mais doce e agradavel. § [7]

Oh! como são doces os preceitos de Deus, quando se Icem não somente nos livros, mas tambem nas preciosas chagas do Salvador!

Contudo Lutero, consolado com as palavras de Stau-pitz, recaia às vezes no abatimento. O pecado se mostrava de novo à sua consciencia temerosa, e então á ale-gria da salvação sucedia toda a antiga tristeza. "Oh pecado! pecado! pecado!" exclamou um dia o jovem frade, empresençado vigario geral, notommaisdoloroso. "Eque!queriasnão ser pecador senão em pintura?" replicou este, "e tambem não ter senão um Salvador em pintura? E Staupitz acrescentou imediatamente, com autoridade: "Sabe que Jesus Cristo é Salvador, mesmo daqueles que são indubitavelmente os maiores pecadores, e dignos de toda a condenação, que têm blasfemado, cometido adulteria e assassinado. Quando Deus abandonou seu Filho por nós, não foi por pouca coisa. [8]

O que agitava Lutero não era somente o pecado que achava em seu coração; às perturbações da consciência se juntavam as da razão. Se os santos preceitos da Bíblia o assustavam, algumas doutrinas do divino Livro aumentavam ainda seus tormentos. A verdade, que é o grande meio pelo qual Deus dá a paz ao homem, deve necessariamente começar por despoja-lo da falsa segurança que o perde. A doutrina da eleição perturbava sobretudo o jovem, e o lançava em um campo dificil de viajar. Deveria crer que é o homem quem escolhe a Deus, ou que é Deus quem escolhe ao homem? A Bíblia, a história, a experiência diária, os escritos de Agostinho, tudo lhe havia mostrado que era mister sempre e em todos os casos remontar-se. em último resultado à vontade soberana, pela qual tudo existe, e da qual tudo depende. Porem seu espirito ardente houvera querido ir mais longe; houvera querido penetrar no conselho privado de Deus, descobrir os mistérios, ver o invisível e compreender o incompreensível. Staupitz o deteve. Aconselhou-o que não pretendesse sondar ao Deus oculto, mas que se contentasse com o que se nos manifesta em Cristo. Olha para as chagas de Cristo", lhe disse, "e verás resplandecer nelas o conselho de Deus para com os homens. Fora de Jesus Cristo não se pode compreender a Deus. Em Cristo vós achareis o que eu sou e o que exijo, tem dito o Senhor. Não o achareis em nenhuma outra parte, nem no ceu nem sobre a terra. [9]

O vigario geral fez mais ainda. Fez reconhecer a Lutero o desígnio paternal da providencia de Deus, permitindo aquelas tentações e aqueles diversos combates que sua alma devia sustentar. Fez-lhe considerar tudo isso debaixo de um aspecto próprio e reanimar seu valor. Deus prepara por tais provas as almas que destina a alguma obra importante. É preciso experimentar o navio antes de lançá-lo ao vasto mar. Se há uma educação geral para todo o homem, há outra particular para aqueles que devem operar sobre sua geração. Foi isto o que Staupitz expôs ao frade de Erfurt, "Não é em vão", disse-lhe, "que Deus te exercita com tantos combates; tu o verás; ele se há de servir de ti em grandes coisas, como ministro seu". [10]

Estas palavras, que Lutero escutou com assombro e humildade, o encheram de valor, e lhe fizeram reconhe-cer em si forças que não havia suspeitado que tivesse. A sabedoria e a prudência de um amigo instruido revelavam pouco a pouco ao homem

forte o que ele valia. Staupitz não se limitou a isto. Deu-lhe um bom plano para estudos. Exortou-o a aprender daí em diante toda a teologia na Bíblia, deixando de parte todos os sistemas das escolas. "Que o estudo das Escrituras", disse-lhe, "seja a vossa ocupação favorita". Jamais conselho tão bom foi mais bem seguido. Porem o que regozijou sobremaneira Lutero foi o presente de uma Bíblia latina, encadernada em couro encarnado, que pertencia ao convento, e que era todo o seu desejo possuir e poder levar consigo para onde quisesse, cujas folhas conhecia tão bem e sabia onde encontrar qualquer passagem. Não obstante possuis enfim o maior dos tesouros. Desde então estudou a Escritura, principalmente as epistolas de S. Paulo, com um zelo cada vez mais ardente. Não ajuntava ao estudo da Bíblia senão o de S. Agostinho.

Tudo o que lia ficava gravado em sua memoria. Os combates tinham preparado seu espirito a compreender a Palavra. A terra havia sido lavrada profundamente; a boa semente arraigava-se nelacomvigor. Quando Staupitz deixou Erfurt, umanovaluz tinha raiado para Lutero.

Porem a obra não estava concluida. O vigario geral a tinha preparado: Deus reservava para um instrumento mais humilde a completá-la. A consciência do jovem Agostinho ainda não tinha achado o descanso. Seu corpo sucumbiu por fim aos esforços de sua alma. Foi acometido de uma enfermidade que o levou às portas da morte. Era o segundo ano de sua residencia noconvento. Todas as suas angústias e terrores se despertaram ao aproximar-se a morte. Suas impurezas, e a santidade de Deus, turbaram de novo sua alma. Um dia em que o desespero o acabrunhava, um frade velho entrou em sua cela e

lhe dirigiu algumas palavras consoladoras. Lutero abriu-lhe seu coração, e lhe manifestou os temores que o agitavam. O respeitavel ancião era incapaz de compreender, como Staupitz, as dúvidas que atormentavam aquela alma; porem sabia o Credo, e tinha encontrado nele com que consolar seu coração. Aplicou, pois o mesmo remedio ao jovem irmão. Recordando-lhe esse simbolo das apostolos, que Lutero tinha aprendido em sua infância na escola de Mansfeld, o velho frade recitou com sinceridade o seguinte artigo: Creio na remissão dos pecados. Estas simples palavras, que o devoto frade pronunciou com candura, naquele momento decisivo, derramaram uma grande consolação na alma de Lutero. "Eu creio", repetiu ele imediatamente com a mesma sinceridade, sobre o seu leito de dor, "creio na remissão dos pecados!" "Ah!" disse-lhe o frade, "não basta crer que os pecados são perdoados a David ou a Pedro: isso até os demónios crêm. O mandamento de Deus diz que creiamos que nos são perdoados a nós mesmos".° Quão doce pareceu este mandamento ao pobre Lutero! "Eis-aqui o que diz S. Bernardo em seu discurso sobre a anunciação", acrescentou o velho frade: "O testemunho que o Espirito Santo deposita em teu coração é este: Teus pecados te são perdoados".

Desde aquele momento brilhou a luz no coração du jovem frade de Erfurt. A palavra da graça tinha sido pronunciada, e ele a tinha crido. Renuncia a merecer a salvação, e entrega-se com confiança à graça de Deus em Jesus Cristo. Não alcança logo as consequencias do principio que tem admitido; porque se acha ainda agarrado sinceramente à igreja, e entretanto não tem mais necessidade dela, pois que já recebeu a salvação diretamente do mesmo Deus, e desde então está virtualmente destruido nele o catolicismo romano. Procura adiantar-se; investiga nos escritos dos apostolos e dos profetas tudo o que pode robustecer a esperança que enche seu coração. Todos os dias implora o socorro do alto, e tambem todos os dias se aumenta a luz em sua alma. "Oh!" dizia ele, "se a consolação do Evangelho de Cristo não me houvesse salvo, eu não teria tido dois anos de vida!"

A saude que seu espirito havia achado restituiu a do corpo. Levantou-se do seu leito. Tinha recebido duplicadamente uma vida nova. As festas do Natal, que chegaram pouco depois, fizeram-lhe desfrutar com abundancia todas as consolações da fé. Tomou parte naquelas santas solenidades com doce emoção; e quando, no meio das pompas deste dia, se cantaram as palavras: "O beata culpa, quae talem meruisti Redemtoresl" [11]* disse Amen com toda a alma, e estremeceu de alegria.

Lutero estava no convento havia dois anos, e devia ser consagrado sacerdote. Quis aproveitar-se da cerimônia que ia efetuar-se para obter completa reconciliação com seu pai. Convidou-o para assistir a ela, e rogou-lhe que ele mesmo marcasse o dia. João Lutero, que ainda não estava inteiramente apaziguado com seu filho, aceitou entretanto o convite, e indicou o domingo 2 de maio de 1507.

Entre os amigos de Lutero se achava o vigário de Isenac, João Braun, que havia sido para ele um conse-lheiro fiel durante a sua estada naquela cidade. Lutero escreveu-lhe a 22

de abril. É esta a mais antiga carta do reformador, e tem o sobrescrito seguinte: "A João Braun, santo e veneravel sacerdote de Cristo e de Maria". Não é senão nasduasprimeiras cartas de Lutero que o nome de Maria se encontra.

"O Deus que é glorioso e santo em todas as suas obras", disse o aspirante ao sacerdocio, "havendo-se dignado elevar-me magnificamente, a mim infeliz e indigno pecador de todas as maneiras, e chamar-me, por sua só e mui liberal misericordia, a seu sublime rninisterio, devo, para testemunhar meu reconhecimento a urna bondade tão divina e tão magnifica, (ao menos tanto como pode faze-lo o pó), cumprir de todo o meu coração o ofício que me está confiado". [12]

Finalmente chegou o dia. O mineiro de Mansfield não falhou à consagração de seu filho. Deu-lhe alem disso uma prova não equivoca de afeto e generosidade, fazendo-lhe, nessa ocasião, um presente de vinte florins.

A cerimonia teve lugar. Foi Jeronimo, bispo de Brandebourg, quem oficiou. No momento em que conferia a Lutem o poder de celebrar a missa, pôs-lhes nas mãos o calíx, e lhe disse estas solenes palavras: "Accipe protesta-tem sacrificandi provivis et mortuis" — recebe o poder de sacrificar pelos vivos e pelos mortos. Lutero escutou então tranquilamente estaspalavras, que lheconcediamo poder defazer amesmaobrado Filho de Deus; mas ele, estremecendo, disse mais tarde: "Se a terra não nos enguliu então a ambos, não foi porque não o merecessemos, mas pela grande paciencia e longanimidade do Senhor". [13]

O pai, em seguida, jantou no convento com seu filho e os frades. Na conversaão falou-se sobre a entrada de Martinho para o convento. Os frades a louvavam excessivamente como uma ação das mais meritórias. Então o inflexipcl João, voltando-se para seu filho, disse-lhe: "Não tens lido na Escritura que se deve obedecer a seu pai e à sua mãe." Estas palavrastranspassaramo jovemsacerdote; elasapresentavam-lhe debaixo de umaspecto muito diferente a ação que o havia conduzido ao seio do convento, e ecoaram ainda por muito tempo em seu coração.

Conforme o conselho de Staupitz, ele fez, pouco de-pois de sua consagração, pequenas viagens a pé aos curatos e conventos dos arredores, já para distrair-se e procurar a seu corpo o exercicio necessário, já para acostumar-se à pregação.

A festa do Corpo de Deus devia celebrar-se com pompa em Eisleben. O vigario geral devia ali achar-se. Lutero apresentou-se tambem; ele tinha ainda necessidade Staupitz, e buscava todas as ocasiões de encontrar-se com aquele condutor instruido que guiava sua alma pelo caminho da vida. A procissão foi numerosa e brilhante. O mesmo Staupitz levava o santo sacramento. Lutero seguia, revestido do habito sacerdotal. A ideia de que era o mesmo Jesus Cristo o que o vigário geral levava, a crença de que o Senhor estava ali em pessoa diante dele, veio de improviso ferir a imaginação de Lutero, e enche-lo de um tal assombro, que apenas podia andar; o suor corria-lhe gota a gota; cambaleou, e acreditou que ia morrer de angústia. Por fim terminou o procissão. Aquele sacra-mento, que havia despertado todos os temores do frade, foi depositado solenemente no altar-mor; e Lutero, achando-se só com Staupitz, se lançou em seus braços e confessou-lhe o seu susto. Então o bom vig;rio geral, que conhecia há muito tempo aquele misericordioso Salvador que não quebra a cana deprimida, lhe disse com doçura: "Isso não era Jesus Cristo, meu irmão; Jesus Cristo não assusta: consola somente".

Lutero não devia permanecer encerrado em um obscuro convento. Era chegado para ele o tempo de ser transportado para um mais vasto teatro. Staupitz, com quem conservou sempre intimas relações, conhecia bem que o jovem frade tinha uma alma demasiadamente ativa para estar encerrada em um circulo tão pequeno. Falou dele a Frederico, eleitor de Saxônia; e este principe ilustrado nomeou Lutero,

em 1508, provavelmente quase no fim do ano, como professor da universidade de Witemberg era o campo no qual ele devia travar violentos combates. [14]

Lutero reconheceu que ali se achava a sua vocação. Avisaram-lhe que fosse prontamente para o seu novo posto; acudiu pois sem demora ao chamado, e, na precipitação de sua partida, nem teve tempo de escrever aquele a quem chamava seu mestre e seu amado pai, o cura de Isenac, João Braun. Porem o fez alguns meses depois. "Minha saida foi tão repentina", escreveu-lhe, "que mesmo aqueles com quem vivia quase o ignoraram. Estou longe, eu o confesso; porem a melhor parte de mim mesmo aí ficou juta de ti". [15]

Lutero havia estado Ires anos no convento de Erfurt.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Melch. Adami Vita Staupizii.

[2] * Lut. Op. (W.), 5.1219.P. Monsellani Epist.

[3] * Luth. Op. (W.), 8. 2725.

[4]* Lut. Op. (W.), 2, 264

Luth. Ep., 1.115, ad Staupitzium, de 30 de Maio de 1518.

Pcenitentia vero non est, nisi que ab amore justhe De¡ incipit, etc. Ibid.

Lut. Ep., 1. 115, ad Staupitzium, de 30 de Mai de 1518.

[5] Ad hoc tuum in me sicut sagitta potentis acuta. Ibid.

[6]Ecce jucundissimum ludum verba undique mihi colludebant, pia-negue }mie sententhe arridebant et assultabant. Ibid.

[7]Nunc nihil duucius aut gratius mihi sonet quam pcenitentia, etc. Ibid.

[8] Lut. Ef., 1. 115.

[9] Luth. Op. (W.), 22, p. 489.

[10] Seckend., p. 52.

[11] * Mathesius, p. 5.

[12] Op. (W.), 16. 1144.

[13] LUt. Ep., 2. 101.

[14] Lut. Op. (W.). 22, p. 513 e 724.

[15] * Lut. EL 1, p. 5 (de 17 de março de 1509).

CAPÍTULO V

Wittemberg - Escolasticismo e teologia — Ensino bíblico — Lutero receioso de pregar — Ele prega.

Foi no ano de 1502 que o eleitor Frederico fundou em Wittemberg uma nova universidade_ Frederico tinha declarado no decreto pelo qual havia confirmado aquela grande escola, que ele e seus povos a considerariam como um oráculo. Não pensava, então, que aquelas palavras seriam maravilhosamente justificadas. Dois homens per-tencentes à oposição que se tinha formado contra o sistema escolástico, Polich de Melerstadt, doutor em medicina, em direito e em filosofia, e Staupitz, haviam tido uma grande influência na fundação desta academia. A universidade declarou que tomava S. Agostinho por seu padroeiro; esta escolha era muito significativa. Gozando de grande liberdade, e considerada como um tribunal ao qual, nos casos dificeis, pertencia a suprema decisão, esta nova instituição estava própria para ser o berço da reforma, e com efeito ela contribuiu poderosamente para o desenvolvimento de Lutero e de sua obra. [1]

Chegado que foi a Witemberg, Lutem dirigiu-se ao convento dos Agostinhos, onde lhe estava destinada uma cela; visto que, ainda que professor, ele não deixava de ser frade. Fora nomeado para ensinar a fisica e a dialé-tica. Haviam pensado sem dúvida designando-lhe estas fun-ções, nos estudos filosoficos que ele havia feito em Erfurt, eno grau de mestre em ciências de que estava revestido. Assim Lutero, que Unha então fome e sede da Palavra de Deus, se via obrigado a entregar-se quase exclusivamente ao estulo da filosofia escolástica de Aristóteles. Ele tinha necessidade do pão da vida que Deus dá ao mundo, edevia ocupar-se das sutilezas humanas. Que constran-gimento! quantas suspiros não soltaria! Estou bem, pela graça e Deus", escrevia a Braun, "a não ser que tenho de estudar com todas as minhas forças a filosofia . Desde minha chegada a Witemberg tenho desejado vivamente trocar este estudo pelo da teologia, mas (acrescenta ele, para que não se cresse que falava da teologia daquele tempo), falo daquela teologia que busca o fruto da noz, a polpa do trigo e o tutano do osso.Seja como for,

Deus é Deus (continua com aquela confiança que foi a alma de sua vida): o homem engana-se quase sempre em seus juizos; porem este é nosso Deus. Ele nos conduzirá com bondade ao seculo dos seculos. Os trabalhos em que Lutero se viu então obrigado a ocupar-se foram-lhe de grande utilidade para combater depois os erros dos escolásticos. [2]

Não podia, porem, ficar nisto. O desejo de seu coração devia cumprir-se. Aquele mesmo poder que alguns anos antes havia impelido Lutero a passar do fôro à vida religiosa, o impelia agora a passar da filosofia à Bíblia. Entregou-se com ardor ao estudo das linguas antigas, so-bretudo á grega e à hebraica, a fim de adquirir a

ciencia ea doutrina nas mesmas Fontes donde saem. Toda sua vida foi infatigável ao trabalho.Alguns meses depois de sua chegada á universidade requereu o grau de bacharel em teologia, e o obteve a 9 de março de 1509, com ofim especial de entregar-se à teologia bíblica.

Todos os dias, à uma hora da tarde, Lutero era chamado a falar sobre a Bíblia: conferencias preciosas para o professor e seusdiscípulos, que os faziam compreender cada vez mais o sentido divino daquelas revelações há tanto tempo perdidas para o povo e para a ciência!

Foi nestas meditações que a luz da verdade entrou em seu coração. Retirado em sua tranquila cela, consagrava horas ao estudo da Palavra divina, aberta diante de si. Um dia, chegando ao verso 17 do 1.0 capitulo da Epistola aos Romanos, leu a seguinte passagem do profeta Habacuc 2:4: mas o justo viverá da fé". Esta doutrina lhe fez impressão. Logo, há para o justo outra vida que não é a do resto dos homens: e essa vida é a que dá fé. Aquelas palavras, que recebeu em seu coração como se Deus mesmo as houvesse depositado aí, lhe descobriram o mistério da vida cristã, e aumentaram nele esta vida. Muito tempo depois, no meio de seus numerosos trabalhos, acreditava ainda ouvir esta voz: "mas o justo viverá da fé. [3]

As preleções de Lutero, dispostas assim, pouco se pareciam com o que se tinha ouvido até então. Não era um retórico eloquente ou um escolástico pedante quem falava; era um cristão que haviaexperimentado o poder dasverdadesreveladas,que asextraiadaBíblia, as tirava do tesouro de seu coração, e as apresentava cheias de vida a seu auditorio assombrado. Não era ensino de homem, era um ensino de Deus.

Estaexposição daverdade, inteiramente nova, causourumor;anotíciaespalhou-se longe, e atraiu à universidade recentemente fundada uma multidão de jovens estudantes estrangeiros. Muitos professores mesmo assistiam às preleções de Lutero, entre eles Melerstadt, chamado frequentemente à luz do mundo, primeiro reitor da universidade, que já em Leipzig, onde tinha estado antes, havia vivamente combatido as ridículas doutrinas do escolasticismo, negado que "a luz criada no primeiro dia fosse a teologia", e sustentado que o estudo das letras devia ser a base desta ciência. "Entre frade", dizia ele, "derrotará todos os doutores; introduzirá uma nova doutrina e re-formará toda a igreja; pois ele se funda sobre a Palavra de Cristo, e vinguem no mundo pode combater nem destruir esta Palvra, ainda quando a atacassem com todas as armas da filosofia, dos sofistas, dos scotistas, dos albertistas, dos tomistas, e com todo o inferno!"

Staupitz, que era a mão da Providência para manifes-tar os dons e tesouros escondidos em Lutero, o convidou a pregar na igreja dos Agostinhos. A esta proposição, o jovem professor hesita. Queria restringir às funções aca-dêmicas; tremia ao pensamento de ajuntar a elas a pre-gação. Em vão Staupitz lhe pedia: "Não, não", respondia ele, "não é pequena cousa falar aos homens em lugar de Deus".

+ Tocante humildade deste grande reformador da igreja! Staupitz insistia. Mas o engenhoso Lutero achava,diz um de seus historiadores, quinze argumentos, pretextos e escusas para eximir-se aquela vocação. Porém continuando o chefe dos Agostinhos a insistir sempre: "Ah! senhor doutor", disse Lutero, "fazendo isso me tirais a vida. Eu não poderia resistir tres meses". "Muito embora", respondeu o vigario geral; "que seja assim mesmo em nome de Deus! porque Deus nosso Senhor tem tambem necessidade lá em cima de homens dedicados a habeis". Lutero teve de ceder. [4]

Junto ao convento dos Agostinhos havia uma antiga capela de madeira, de trinta pés de comprimento e vinte de largura, cujos compartimentos, sustentados por todos os lados, ameaçavam ruina. Um velho pulpito, feito de ta-buas, de tres pes de altura, esperava o pregador. Foi naquela pobre capela que começou a pregação da reforma. Deus queria que aquilo que devia restabelecer a sua gloria tivesse o mais humilde nascimento. Tendo-se apenas colocado os alicerces da igreja dos Agostinhos, e enquanto se estava construindo, serviam-se destes mesquinho templo. "Este edifício", acrescenta o contemporaneo de Lutero que nos refere estas circunstancias, ° pode muito bem ser comparado à mangedoura onde Cristo nasceu. [5]

E é neste misero recinto que Deus ha querido fazer nascer segunda vez seu Filho arnado. Dentre essas mil catedrais e igrejas paroquiais de que o mundo está cheio, nenhuma escolheu Deus então para a pregação gloriosa da vida eterna; foi urna pobre capela, toda arruinada, a que ele escolheu.

Lutero prega: no novo pregador tudo entusiasma. Sua figura cheia de expressão, seu ar nobre, sua voz pura e sonora, prendiam o auditório. Antes dele, a maior parte dos pregadores haviam buscado primeiro aquilo que pu-desse divertir seus ouvintes, e não o que pudesse converte-los. A imensa gravidade que dominava nas prega-ções de Lutero, e a alegria de que o conhecimento do Evangelho havia feito o seu coração transbordar, deram ao mesmo tempo à sua eloquência urna autoridade, um calor e urna unção que não tiveram seus antecessores. "Dotado de um espirito pronto e vivo", diz um de seus adversários, ± "de uma memória feliz, e servindo-se com uma facilidade extraordinária da sua língua materna, Lu-teto não cedia em eloquência a nenhum de seu tempo. Discorrendo do alto do púlpito como se estivesse agitado por forte paixão, acomodando a ação às palvras, arrebatava de maneira surpreendente os espíritos dos que o ouviam, e, como uma torrente, os levava aonde queria. Tanta fôrça, tanta graça e eloquência se viam raramente nos povos do Norte". "Ele tinha", diz Bossuet, uma eloqueneia viva e impetuosa, que arrastava a gente e a extasiava. °

Em breve a pequena capela não podia conter já os ouvintes que acudiam em tropel. O conselho cio Wittem-berg convidou Lutero a pregar na igreja da cidade, "e o menino Jesus", disse um de seus amigos, "foi levado da mangedoura para o

templo". A impressão que ai produziu foi ainda maior. A força de seu genio, a eloquencia de seu estilo e a excelencia das doutrinas que anun-

Hist. dcs variai_ 1. 19. ciava maravilhavam igualmente a todos os circunstantes. Sua fama estendeu-se para longe, e o mesmo Frederico, o Sábio veio uma vez a Wittemberg para o ouvir. [6]

Uma nova vida tinha começado para Lutero. À inercia do convento havia sucedido uma grande atividade. A liberdade, o trabalho, a ação viva e constante a que podia entregar-se em Wittemberg, acabaram de restabelecer nele a harmonia e a paz. Agora estava no posto, e a obra de Deus devia começar em sua majestosa marcha.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] *Lut. Ef., 1. 16_

[2] Pallavicini, Hist. Cone. Trid., 1. 16. Seckend., p. SS.

[3] *Melch. Adami Vita Lutheri, p. 104.

[4] *Fahricius, Centifol. Lutheri, p. 33. Mathesius, p. 6.

[5] •Myconius.Florirnond Rémond, Hist. hEeres., c. 5.

[6] Myçonius, Hist_ Ref., p. 24.

CAPÍTULO VI

Viagem a Roma — Os conventos da Itália — Chegada a Roma — Júlio II — Superstição e profanação — Lu-teroescandalizado — Aversão aRoma — Estados— Escadade Pilatos — A justificação pela fé — Declaração de Lutero — O artigo que permanece.

Lutero ensinava tanto na sala acadêmica como no templo, quando foi interrompido em seus trabalhos. Em 1510, e segundo alguns em 1511 ou 1512, o enviaram a Roma. Sete conventos de sua ordem estavam, sobre certos pontos, em divergência com o vigário geral. A vivacidade de espírito de Lutero, a autoridade de sua palavra, e seu talento para a discussão, fizeram com que fosse escolhido para representar os sete conventos junto ao papa . [1]° Esta direção divina era necessária a Lutero. Convinha que ele conhecesse Roma. Cheio dos preconceitos e das ilusões do convento, ela lhe estava sempre representada como a sede da santidade, e ele esperava achar nesses lugares sagrados, a consolação e paz de que sentia de novo mais necessidade _ [2]

Parte. Atravessa os Alpes. Mal tinha descido para as planícies da rica e voluptuosa Itália, encontrou a cada passo motivos de admiração e escândalo. O pobre frade alemão foi recebido em um rico convento de Beneditinos, situado à margem do Pó, na Lombardia. Este convento tinha trinta e seis mil ducados de renda; dozemil ducados eram destinados para a mesa, doze mil para os edifícios, e doze mil para as outras necessidades do frades. O esplendor dos aposentos, a riqueza dos hábitos, a delicadeza dos manjares, tudo admirava Lutero. O mármore, a seda, o luxo debaixo de todas as suas formas; que novo espetáculo para o humilde frade do pobre convento de Wittembergl Ele assombrou-se e calou-se; porem chegou a sexta-feira, e que surpreza! viandas abundantes cobriam ainda a mesa dos Beneditinos. Então resolveu-se a falar: "A igreja e o papa", lhes disse ele com doçura, "proibem tais cousas". Os Beneditinos se indignaram com aquela lição do

grosseiro germano. Mas tendo Lutero insistido, e talvez ameaçado a expor suas irregularidades, alguns decidiram que o mais simples era desfazerem-se de seu importuno hóspede. O porteiro do convento o advertiu de que ele corria perigo se permanecesse ali mais tempo. Fugiu pois daquele convento sensual, e chegou a Bolonha, onde caiu gravemente enfermo. [3]+ Alguns pretenderam ver nesta enfermidade os efeitos de um envenenamento. É mais natural supor que a mudança de vidaafetou o frugal frade de Wittemberg, acostumado a ter por principal alimento arenques e pão. Aquela enfermidade não devia causar-lhe a morte, mas contribuir para a glória de Deus. A tristeza e o abatimento que lhe eram naturais, se apoderaram dele. Morrer assim, longe da Alemanha, debaixo daquele ceu ardente, em terra estranha, que destino! As angústias que havia sofrido em Erfurt se renovaram com força. O sentimento de seus pecados o transtornou. A perspectiva do

julgamento de Deus amedrontou-o. Mas, no momento em que esses terrores haviam chegado a seu auge, aquelas palavars de S. Paulo, que o haviam ja co-

Lutero, mesmo dentro dos muros de Roma, que aquilo que é mais forte aos olhos dos homens, pode ser facilmente destruido pelo sopro do Senhor.

Mas com as cinzas profanas eram misturadas tambem cinzas santas: ele o sabia. As sepulturas dos mártires não estavam longe das dos generais de Roma e de seus ven-cedores. Roma cristã, com suas dores, tem mais poder no coração do frade saxônio, que Roma pagã com sua gloria. Foi aqui mesmo que se recebeu aquela carta na qual Paulo escreveu: "Mas o justo viverá da fé". Achava-se Lutero perto da praça Ápiu e das Tres-Vendas. Atos 28:15. Ali estava a casa de Narciso, aqui o palácio de Cesar, onde o Senhor livrou o apostolo da boca do leão. 01 como estas lembranças fortificam o coração do frade de Wittemberg! [4]

Roma apresentava então mui diferente aspecto. O belicoso Julio II ocupava a cadeira pontifical, e não Leão X, corno dizem, sem dúvida por descuido, alguns historiadores distintos da Alemanha. Lutero tem referido muitas vezes uma passagem na vida daquele papa. Quando lhe deram a notícia de que seu exercício acabava de ser derrotado pelos franceses diante de Ravena, estava reci-tando suas horas: arremessou o livro ao chão, e, apostro-fando Deus, disse, com um horrivel juramento: "Então! eis — aí te tornaste francês!... É assim que tu proteges tua igreja?" Depois, escolhendo outro salvador, voltou-se para o lado do país a cujas armas pensava recorrer, e disse: "Santa Suiça! intercede por nós!" ÷ A ignorância, a leviandade e a dissolução, um espirito profano, o despreso de tudo o que é sagrado, um infame comércio com as cousas divinas, eis o espetaculo que oferecia aquela desgraçada cidade. Entretanto o piedoso frade permaneceu por algum tempo ainda em suas ilusões.

Lutero ouvia os Romanos repetir por toda parte um provérbio comum entre eles: "Ditosa é a mãe", diziam, "cujo filho diz uma missa em S. João de Latrão!" "Oh! eu quero fazer minha mãe ditosa!" dizia Lutero. O devoto filho de Margarida tratou pois de celebrar uma missa naquela igreja; mas não pode: a concurrência era muito grande.

Fervoroso e pacífico, visitava todas as igrejas e cape-las; acreditava todas as mentiras que se pregavam nelas, e cumpria com devoção as práticas de santidade que estavam ordenadas, contente de poder fazer tantas obras pias de que seus compatriotas estavam privados. "Oh! quanto sinto", dizia a sí mesmo o piedoso alemão, "que meu pai e minha mãe vivam ainda! Que prazer não teria eu em livrá-los do fogo do purgatório com minhas missas, minhas orações, e tantas outras obras tão admira veis!" [5]+ Havia entrevisto a sua luz; as trevas de seu entendimento estavam longe de ser dissipadas inteiramente. Seu coração estava convertido; porem seu espirito ainda não estava iluminado; tinha a fé e o amor, porem não a ciência.

Não era pouca coisa o.sair daquelas profundas trevas que desde tantos seculos cobriam a terra.

Lutero celebrou muitas vezes a missa em Roma. Ele ofez com toda a unção e dignidade que um tal ato lhe parecia requerer. Mas que aflição apoderou-se do coração do frade saxônio vendo o triste e profano mecanismo dos padres romanos na celebração do sacramento do altar! Os padres, por sua parte, riam-se de sua simplicidade. Um dia em que oficiava, reparou que no altar vizinho tinham-se dito ja sete missas enquanto elé ainda não havia acabado uma. Anda! anda!' gritou-lhe um dos padres, "devolve depressa à Nossa Senhora seu filho!" fazendo assim uma alusão impia à transubstanciação do pão no corpo esangue de Jesus Cristo. Em outra ocasião Lutero es-tava ainda no Evangelho, quando o sacerdote que se achava a seu lado, e tinha já acabado a sua missa, gritou-lhe: "Passa, passa! despacha, despacha! acaba de uma vez!"

Sua admiração foi maior ainda quando viu nos digni-tários do papismo aquilo que tinha observado nos simples padres; fizera melhor conceito deles.

Era moda na corte papal atacar o cristianismo, e não podia passar por homem instruido quem não tivesse algu-ma opinião errônea ou herética sobre os dogmas da igreja .[6]+ Quiseram provar a Erasmo, com passagens de Plínio, que não há diferença entre a alma dos homens ea dos animais, e alguns jovens cortezãos do papa pre-tendiam que a fé ortodoxa era o produto das invenções astuciosas de alguns santos. §[7]

A qualidade de enviado dos Agostinhos da Alemanha que tinha Lutero, o fez ser convidado a muitas reuniões de eclesiásticos distintos. Um dia, entre outros, achou-se à mesa com vários prelados, os quais se mostravam ingênuamente em seus costumes. chocarreiros e conversações ímpias, e não se vexaram de fazer em sua presença mil ridicularias, crendo-o sem dúvida do mesmo espírito que eles. Entre outras coisas, rindo e fazendo alarde, disseram que quando celebravam a missa, em lugar das palavras sacramentais que deviam converrbr o pão eo vinho em carne e sangue do Salvador, pronunciavam esas ridículas palavras: "Panis es, et panis manebis; vinum es, et vinum manebis" — tu és pão, e pão ficas sendo; tu és vinho, e ficas sendo vinho. Depois, continuaram eles, elevamos a hóstia e o calix, e todo o povo adora. Lutero mal podia acreditar o que ouvia. Seu espirito, vivo e alegre na sociedade de seus amigos, era muito grave quando se tratava de cousas santas. As zombarias de Roma o escandalizaram. "Eu era", disse ele, "um jovem frade grave e devoto. Semelhantes palavras me afligiam vivamente. Se se fala assim em Roma. à mesa, livre e publicamente, pensava eu comigo mesmo, o que será se as ações correspondentes às palavras, e se todos, papa, cardeais e cortezãos, disserem assim a missa?! E eu que devotamente os vi celebrar tantas missas, COMO me enganava!" outra parte senão debaixo de Roma; esta é o abismo donde saem todos os pecados. [8]

Aquele espetáculo fez muita impressão no ânimo de Lutero, a qual aumentou mais tarde. "Quanto mais al-guem se aproxima de Roma, tanto maior é o numero de maus cristãos que encontra", dizia ele poucos anos depois. Comumente se diz que aquele que vai pela primeira vez a Roma, busca ali um tratante; na segunda vez o encontra; e à terceira o leva consigo quando sai. Mashoje hátantahabilidade, que se fazem asIresviagensnuma só". Um dos gênios mais tristemente célebres, porém também dos mais profundos da Itália, Maquiavel, que vivia em Florença quando Lutero por ali passou dirigindo-se a Roma, fez a mesma observação: "O mais grave sintoma", disse ele, -da proxima ruiria do cristianismo (ele confundia o cristianismo com o catolicismo romano), é que quanto mais alguem se aproxima da capital da cristandade, tanto menos espirito cristão acha. Os exemplos escandalosos e os crimes da corte de Roma são a causa de ter a Itália perdido todo o principio depiedade e todo osentimentoreligioso.Nóseoutros,italianos, "continua o grande historiador, "somos devedores principalmente à igreja e aos sacerdotes, de nos havermos feito ímpios e mal-vados". Lutero conheceu depois todo o valor daquela viagem: "Ainda que me dessem cem mil florins", dizia, "não quisera ter deixado de ver Roma". §[9]

Aquela viagem lhe foi tambem muito vantajosa res-pectivamente à ciencia. Da mesma maneira que Reuchlin,Lutemsoube aproveitar-se de suaestadiaemItáliaparaadiantar-se mais na inteligencia da Santa Escritura. Tomou ali lições de hebraico com um celebre rabino chamado Elias Levita. Ai adquiriu em parte o conhecimento daquela Palavra divina, debaixo de cujo poder Roma devia sucumbir. [10]

Porem aquela viagem foi sobretudo muito importante para Lutem a outro respeito. Não só se rasgou o veu e se manifestou ao futuro reformador o riso sardonico e a incredulidade que se ocultavam de trás das superstições romanas, como tambem fortificou-se poderosamente a fé viva que Deus havia depositado nele.

Já temos visto corno se entregou desde o princípio a todas as vãs práticas por meio das quais se expiam os pecados segundo a igreja romana. Um dia, querendo ganhar urna indulgência concedida pelo papa aos que subissem de joelhos aquilo que eles chamavam escada de Pilatos, o pobre frade saxônico trepava humildemente aqueles degraus, que lhe disseram haverem sido milagrosamente levados de Jerusalem a Roma. Mas, quando estava no meio desta obra meritória, pareceu-lhe ouvir como uma voz de trovão que bradava no fundo do coração, como em Wittemberg e em Bolonha: "Mas o justo viverá da fél" Aquelas palavras, que já por duasvezes otinham abalado como a vozde anjo de Deus, retiniam incessantemente e com força no seu interior. Parou, espavorido, sobre os degraus onde arrastava o corpo; horrorizou-se de si mesmo; ficou envergonhado de ver até que ponto a superstição o tinha aviltado. Fugiu para longe do lugar de sua loucura.

Estas poderosas palavras tinham alguma cousa de mis-terioso na vida de Lutero. Foram palavras criadoras para o reformador e para a reforma: foi por elas que Deus disse então: Haja luz: e houve luz.

Muitas vezes convém que uma verdade se apresente com freqüência em nosso espírito para que produza o efeito que deve ter, Lutero tinha estudado muito a Epistola aos Romanos, e entretanto nunca a justificação pela fé, que nela se ensina, havia sido tão clara para ele. Compreendia agora aquela justiça que é a única que subsiste preendia agora aquela justiça que é a unica que subsiste diante de Deus; agora recebia por si mesmo da mão de Cristo a obediência que Deus concede gratuitamente ao pecador, desde que ele lance humildemente suas vistas sobre o Homem-Deus crucificado. Estamos ja na epoca decisiva da vida interior de Lutero. Aquela fé, que o havia salvado dos terrores da morte, era já a alma de sua teologia, a sua fortaleza em todos os perigos, o poder de suas palavras, a força de sua caridade, o fundamento de sua paz, o estímulo de seus trabalhos, e sua consolação na vida e na morte. [11]

Porém aquela grande doutrina da salvação que emana de Deus e não de homem, não foi somente o poder de Deus para salvar a alma de Lutero; foi tambem o poder de Deus para reformar a igreja: arma eficaz que os apóstolos manejaram; arma por longo tempo desprezada, porém tirada por fim, em seu primitivo brilho, do arsenal do Deus forte. No momento em que Lutero se levantou em Roma, agitado por aquelas palavras que Paulo havia dirigido quinze séculos antes aos habitantes daquela metrópole, a verdade, até então tristemente cativa e atada na igreja, se levantou também para não tornar a cair

Preciso agora ouvir a ele mesmo: "Posto que eu fosse um frade santo e irrepreensivel", diz ele, "minha consciencia não obstante estava cheia de temores e angústias. Eu não podia suportar aquela palavra: "Justiça de Deus. Eu não amava ao Deus justo e santo que castiga os pecadores. Estava cheio de urna secreta cólera contra ele; aborrecia-o, porque, não contente de nos espantar com a lei e as misérias da vida a nós-outros, pobres creaturas ja perdidas pelo pecado original, aumentava ainda o nosso tormento com o Evangelho. Porém quando, pelo Espirito de Deus, compreendi aquelas palavras, quando aprendi que a justificação do pecador provem da pura misericordia do Senhor, por meio da fé então me senti renascer como um homem novo, e entrei a portas abertas no mesmo paraiso de Deus. Desde então vi tambem a querida e Santa Escritura com olhos inteiramente novos. Percorri toda a Bíblia e achei grande numero de passagens que me ensinavam o que era a obra de Deus. E assim como aborreci antes de todo meu coração esta palavra: "Justiça de Deus," comecei desde então a estima-la e a ama-la como a palavra mais doce emais consoladora. Com toda a certeza esta palavra de Paulo foi para mim a verdadeira porta do paraiso. [12]

Foi assim que, sempre que era chamado em ocasiões solenes a confessar aquela doutrina, Lutero recobrava logo seu entusiasmo e sua impetuosa energia. "Eu vejo", disse ele em um momento importante, que o diabo ataca sem cessar este artigo fundamental, por meio de seus doutores, eque não pode desistir nem descansar a este respeito. Pois bem, eu, o doutor Martinho Lutero, indigno evangelista de nosso Senhor Jesus Cristo, confesso este artigo:

ohomem é justificado pela fé, sem as obras daLei, e declaroque o imperador dos Romanos, e o dos Turcos, o imperador dos Tartaros e o dos Persas, o papa, todos os cardeais, os bispos, os curas, os frades, as freiras, os reis, os príncipes, os senhores, todo o mundo, e todos os diabos, devem deixar em pé o dito artigo e permitir que permaneça para sempre. Que, se quiserem empreender combater esta verdade, atrairão sobre si as chamas do inferno. Este é o verdadeiro e santo Evangelho, e esta minha declaração, a declaração do doutor Lutero, segundo as luzes do Espírito Santo... Não há mais ninguém que morresse por nossos pecados senão Jesus Cristo só, o Filho de Deus. Eu o digo ainda uma vez, ainda

Que o mundo e todos os diabos rebentem de furor que nem por isso é menos certo o que acabo de dizer. E sendo Jesus Cristo o único que tira os pecados, é claro que nós-outros não podemos tira-los com as nossas obras. Porem as boas obras saem da redenção como o fruto sai da arvore. Eis aqui a nossa doutrina, eis o que o Espirito Santo ensina, com toda a santa cristandade. Nós a conservamos em nome de Deus. Amen.

Foi assim que Lutero achou o que faltava, ao menos até certo ponto, aos doutores e 'reformadores, ainda os mais ilustres. Foi em Roma que Deus lhe deu aquele claro conhecimento da doutrina fundamental do cristianismo. Foi à cidade dos pontifices buscar a solução de algumas dificuldades concernentes a urna ordem monástica, e voltou com a salvação da igreja em seu coração.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Cochloeus, 2.

[2] Quod csset ater ingenio et ad contradicendum audax et vehemens. ibid.

[3] * Luth. Op. (W.) , 22, p. 1468. Matth. Dresser, Hist. Lutheri.

[4] * Luth. Op. (IV.), Dedicatoria do Psa. 117, vol. 6, L. g. -i-- Ibid.

[5] * Luth. Op. (W.), 19, von der Winkelmesse. Mathesius, 6.

[6] + Caracciola, Vit. msc. Paul IV, citado em Ranke. Burigny, Vida de Erasmo, 1. 139.

[7] • Paul Canensius, Vita Pauli II.

[8] • Lut_ Op. (W.), 19, von der Winkelmesse.

[9] •ibid., 2377.

Disser!. sobre a prim. déc. de Tico

[10] •100,000 gulden. Luth. Op. (W.), p. 2374.

[11] Seckend., p. 56.

[12] * Luth. Op. lat., in Prime.

Comentários sobre o edito imperial, 1531. Luth. Op. (1.-.), tom. 20.

CAPÍTULO VII

Querem fazer a Lutero doutor — Lutero recusa — Juramento de Lutero à Escritura — deste juramento — A Palavra de Deus é da reforma — Guerra contra Aristóteles — Lutem e Reuchlin.Carlstcdt Influências o princípio Spalatin —

Lutero saiu de Roma e voltou a Wittemberg com o coração cheio de tristeza e de indignação. Apartando a vista- com desgosto da cidade pontificial, fixava-a com esperanças nas Santas Escrituras e nesta nova vida que a Palavra de Deus parecia prometer então ao mundo. Esta Palavra ganhava em seu coração tudo o que a igreja perdia nele. Separou-se de uma para entregar-se à outra. Toda a reforma consistiu naquela mudança. Ela colocou Deus nos corações onde anteriormente estavam os padres.

Staupitz e o eleitor não perdiam de vista o frade que haviam chamado à universidade de Wittemberg. Dirse-ía que o vigário geral teve um pressentimento da obra que tinha de fazer-se no mundo, e que, achando a carga muito pesada para si, queria empurra-Ia para Lutero. Nada mais notavel nem talvez mais misterioso que esta personagem, que se achava em toda parte para conduzir o frade ao caminho a que Deus o chamava, e depois ia ele mesmo acabar tristemente seus dias em um convento. A pregação do jovem professor havia feito impressão no principe; ele tinha admirado a fcrça de seu espirito, o vigor de sua eloquência e a excelência das coisas que expunha, °

O eleitor e seu amigo, querendo adiantar a um homem que dava tão grandes esperanças, resolveram fazer-lhe aceitar o alto grau de doutor em teologia. Staupitz foi ao convento. Conduziu Lutero ao jardim do claustro, e ai, a sós com ele, debaixo de uma arvore que Lutero se comprazia ao depois em mostrar a seus discipulos, o veneravel padre disse: "Agora é mister, meu amigo, que sejas doutor da Santa Escritura". Lutero resistiu àquela proposta. Uma honra tão eminente o assustava: "Buscai outro mais digno", respondeu ele. Por minha parte não posso consentir nisso". O vigário geral insistiu: "O Senhor Deus tem muito que fazer na igreja, e tem necessidade agora de jovens e vigorosos doutores.

Estas palavras foram ditas talvez gracejando, acrescenta Melancton; entretanto o acontecimento as justificou; porque ordinariamente muitos presságios precedem as grandes revoluções. [1]+ Não é necessário supor que Melancton fala aqui de profecias milagrosas. O século próximo passado, o mais incrédulo de todos, viu verificada esta sentença. Quantos presságios anunciaram, sem que tivesse havido milagre, a revolução que o terminou!

"Porém eu sou débil e doente", replicou Lutero; "e não posso viver muito tempo. Buscai um homem forte". "O Senhor", respondeu o vigario, "tem trabalho no ceu e na terra; e, morto ou vivo, Deus necessita de vós em seu conselho".

Só o Espirito Santo pode criar um doutor em teologia", [2]§ exclamou então o frade, cada vez mais amedrontado. "Fazei o que o vosso convento vos pede", disse Staupitz, "e o que eu mesmo, vosso vigário, vos mando; porque haveis prometido obedecer-nos". "Porem a minha pobreza?" replicou o frade; "eu não tenho com que pagar as despesas que urna tal promoção exige". "Não vos inquieteis", disse-lhe seu amigo: "o principe vos faz a graça de encarregar-se ele mesmo de todososgastos. Apertado por todososlados, Lutero acreditou que devia render-se.

Isto era pelo fim de verão do ano de 1512. Lutero partiu para Leipzig, afim de receber dos tesoureiros do eleitor o dinheiro necessario para a sua promoção. Mas, segundo o costume das cortes, o dinheiro não chegara. O frade, aflito, quis partir; a obediencia monacal o deteve. Esfim a 4 de outubro recebeu de Pfeffinger e de João Doltzig cinquenta florins. Passou-lhesrecibo.Neste recibo não deuasi outro titulosenão odefrade. "Eu,Martinho", disse ele, "frade da ordem dos ermitões". O Lutero apressou-se a voltar a Wittemberg.

André Bodenstein, da cidade de Carlstadt, era então decano da faculdade de teologia, e sob o nome de Caris-tadt é que aquele doutor é principalmente conhecido. Chamavam-no tambem o A, B, C; foi Melancton quem primeiro assim o denominou, por causa das tres iniciais de seu nome. Bodenstein aprendeu em sua patria os primeiros rudimentos das letras. Era de carater grave, em sua patria os primeiros rudimentos das letras. Era de carater grave, sombrio, talvez propenso à inveja, e de um espírito inquieto, porém cheio do desejo de aprender e dotado de grande capacidade. Frequentou diversas universidades para aumentar seus conhecimentos, e estudou teologia na mesma cidade de Roma. Voltando da Itália para a Alemanha, estabeleceu-se em Witemberg, onde foi nomeado doutor em teologia. "Naquele tempo" disse êle mesmo mais tarde, "eu ainda não tinha lido a Santa Escritura". [3]° Esta passagem dá uma idéia muito justa do que era então a teologia. Carlstadt, além de suas funções de professor, era cônego e arcediago. Era este o homem que devia mais tarde dividir a reforma. Ele não via então em Lutero mais do que um inferior; porém o Agostinho bem depressa chegou a ser para ele um objeto de inveja. "Não quero ser menos que Lutero", dizia ele um dia. Muito longe então de prever a grandeza a que era destinado o jovem professor, Carlstadt conferiu a seu futuro rival o primeiro grau da universidade s piritual, que até então se havia manifestado em seu inte-rior, estendeu-se por todo seu exterior. Esta foi a terceira época de seu desenvolvimento. [4]

A entrada para o convento fez dirigir os seus pensamentos para Deus; o conhecimento da remissão dos pecados e da justiça da fé tinha emancipado sua alma; e o juramento de doutor lhe deu aquele batismo de fogo pelo qual chegou a ser reformador da igreja.

Suas idéias se estenderam em breve de uma maneira geral sobre a reforma. Em um discurso que tinha escrito, ao que parece, para ser pronunciado pelo abade de Lietz-kau no concilio de Latrão, ele afirmava que a corupção do mundo provinha de que os padres, em lugar de pregarem a pura Palavra de Deus, ensinavam um sem número de fá-bulas e tradições. A Palavra da vida, segundo ele, era a única coisa que tinha o poder de efetuar a regeneração espiritual do homem. Por conseguinte, já então era do res-tabelecimento da santa doutrina, e não de uma simples reforma de costumes, que ele fazia depender a salvação do mundo. Lutero não estava inteiramente de acordo consigo mesmo; nutria ainda opiniões contraditórias: porém um espírito vigoroso respirava em todos os seus escritos; ele despedaçou corajosamente as cadeias com que os sistemas das escolas prendiam os pensamentos dos homens; por toda a parte passou além de todos os limites que os séculos antigos tinham profundamente esquadrinhado, e seguiu caminho por novas veredas. Deus estava com ele.

Os primeiros adversários que atacou foram aqueles famosos escolásticos que ele mesmo havia estudado tanto, eque reinavam então como soberanos em todas as aca-demias. Ele os acusou de pelagianismo; e, levantando-se com impetuosidade contra Aristóteles, o filósofo da escola, econtra Thomaz de Aquino, empreendeu derribar a am-bos do trono donde eles regiam, um a filosofia e o outro a teologia.' [5]

"Aristóteles, Porfírio, os teólogos das sentenças;" (os escolásticos), escrevia ele a Lange, "são os estudos corrup-tos de nosso século. Nada desejo com mais ardor do quedar a conhecer a muitos esse comediante que tem escarnecido da igreja cobrindo-se com uma máscara grega, e mostrar a todos a sua ignominia.' Em todas as discussões públicas ouviam-no repetir: "Os escritos dos apóstolos e dos profetas são mais certos e mais sublimes do que todos os sofismas e toda a teologia da escola." Semelhantes palavras eram novas; mas pouco a pouco se acostumavam a elas. Quase um ano depois, pode escrever com triunfo: "Deus opera. Nossa teologia e S. Agostinho avançam admiravelmente, e reinam em nossa universidade. Aristóteles declina; e está ameaçando sua próxima e eterna ruína. As lições sobre as sentenças causam grande aborrecimento. Ninguém pode conseguir ouvintes, se não professa a teologia bíblica. Ditosa a universidade da qual se pode dizer outro tanto... [6]

Ao mesmo tempo que Lutero atacava Aristóteles, to-mava o partido de Erasmo e da Reuchlin contra seus ini-migos. Entrou em relação com aqueles grandes homens e com outros sábios, tais como Pirekheimer, Mutiano, e Hütten, que pertenciam mais ou menos ao mesmo partido. Contraiu também naquela época outra amizade, que foi de grande importância para toda a sua vida.

Um homem notável por sua sabedoria e sinceridade se achava então na corte do eleitor: era Jorge Spalatin. Nascido em Spalatus ou Spalt, no bispado de Eichstadt, havia sido ao princípio cura da povoação de Hohenkirch, perto dos bosques da

Turingia. Foi depois escolhido por Frederico, o Sábio, para seu secretário, capelão, e preceptor de seu sobrinho João Frederico, que devia um dia possuir a coroa eleitoral. Spalatin era um homem simplesno meio dacorte; pareciatímido àvistados grandesacontecimentos, circunspecto e prudente, como seu mestre,*[7] em presença do ardente Lutero, com quem vivia em correspondência diária. Como Staupitz, era mais próprio para tempos tranqüilos. Homens como aqueles são necessários; são como as matérias delicadas com que se envolvem as jóias e os cristais para preservá-los dos abalos da transportação. Parecem inúteis; entretanto, sem eles, todas essas preciosas jóias quebrar-se-iam e seriam perdidas.

Spalatin não era um homem próprio para fazer grandes coisas; porém desempenhava fielmente e sem ruído a tarefa de que estava encarregado. Foi ao princípio um dos principais ajudantes de seu mestre para recolher as relíquias de santos a que Frederico foi por largo tempo muito afeiçoado. Porém, pouco a pouco, ele e o príncipe voltaram-se para a verdade. A fé, que tornava então a aparecer na igreja, não o arrebatou tão fortemente como a Lutero: foi conduzido por maneiras mais vagarosas. Tornou-se amigo de Lutero na corte, o ministro pelo qual passavam todos os assuntos entre o reformador e os príncipes, o mediador entre a Igreja e o Estado. O eleitor honrava a Spalatin com uma grande intimidade; em viagem iam sempre juntos na mesma carruagem. Com tudo isso, o ar dacorte sufocavamuitasvêzeso bomcapelão; profundastristezaso acome-tiam; houvera querido deixar todas aquelas honras e tornar a ser simples pastor nos bosques da Turingia. Porém Lutero o consolava, e o exortava a permanecer firme no seu posto. Spalatin adquiriu a estimação geral. Os príncipes e os sábios de seu tempo lhe testemunharam as mais sin-ceras considerações. Erasmo didia: "Eu inscrevi o nome de Spalatin, não somente entre os de meus principais amigos, mas também entre os de meus protetores mais ve-nerados, e isto, não no papel, mas no meu próprio coração."° [8]

A questão de Reuehlin e dos frades fazia então muito ruído na Alemanha. Os homens mais piedosos viam-se fre-qüentemente indecisos a respeito do partido que deviam abraçar; porque os frades queriam destruir os livros ju-daicos em que se achavam blasfêmias contra Cristo. O eleitou encarregou a seu capelão de consultar a este res-peito o doutor de Wittemberg, cuja reputação era já grande. Eis a resposta de Lutero; é a primeira carta que dirigiu ao pregador da corte: "Que direi eu? Estes frades pretendem lançar fora Belzebu; porém, não com o dedo de Deus. E não cesso de queixar-me. Nós outros cristão começamos a ser cordatos exteriormente, e no interior estamos faltos de juízo. Em todos os lugares de Jerusalém há blasfémias cem vêzes piores que as dos judeus, e tudo ai está cheio de ídolos espirituais. Nós deveríamos, cheios de um santo zelo, arre-batar e destruir esses inimigos interiores. Porém negligen-ciamos aquilo que urge, e o mesmo diabo nos persuade a abandonar o que é nosso, ao mesmo tempo que nos impede de corrigir o que é dos outros." [9]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] *Melancht. Vita. Luth. *Melanchthon.

[2] *Luth. Op. (W.), 16. p. 2061. Mathesius, p. 7.

[3] * Luth. Ep., 1, p. 11

[4] * Weismann, Hist. Eccl., p. 1416

[5] * Ep., I. 15 (8 de fevereiro de 1516).

[6] * Ep., I. 57 (18-5-1517).

[7] * Weismann, Hist. Eccl., 1. 14434. Ibid.

[8]* Corpus Reformatorum, 1. 33.

[9]* Pallavicini, 1. 16.

CAPÍTULO VIII.

A santificação vem da fé — Os ter da instrução de Lutero Teologia alemã — Carta da dança — Lutero e Erasmo — Obras do homem.

Lutero não se envolveu nesta questão. A fé viva em Cristo era o que principalmente ocupava o seu coração. Dizia ele, "Reina somente, e somente deve reinar, a fé em meu Senhor Jesus Cristo, que é o único principio, o meio e o fim de todos os pensamentos que ocupam o meu espírito, noite e dia."

Todo o seu auditório o ouvia com admiração falar daquela fé em Jesus Cristo, quer na cadeira de professor quer no templo. Seu ensino difundia luz. Todos admiravam-se de não terem conhecido antes as verdades que pareciam evidentes na sua boca. O desejo de se justificar a si mesmo é a origem de todas as angústias do coração," dizia ele. "Porém aquele que recebe a Jesus Cristo como Salvador tem a paz, e não só a paz, mas a pureza do coração. Toda a santificação do coração é fruto da fé; porque a fé é em nós uma obra divina, que nos muda, e nos dá um novo nascimento que emana do mesmo Deus. A fé mata em nós a Adão, e, pelo Espirito Santo que se nos comunica, nos dá um novo coração e nos faz homens novos. Não é por vãs especulações," bradava ele, "mas por este modo prático, que se pode obter um conhecimento salutar de Jesus Cristo.

Pracf. ad

Naquele tempo Lutero pregou sobre os Dez Mandamentos discursos que têm chegado àsnossasmãoscomotitulo deDeclamaçõespopulares. Semdúvidaaí se encontramainda erros: Lutero não se ilustrava senão pouco a pouco. "Porém a vereda dos justos é como a luz res-plandescente, que indo vai, e alumia até o dia perfeito". Prov. 4:18. Mas quanta verdade nesses discursos! quanta simplicidade, quanta eloqüência! Como se compreende bem o efeito que o novo pregador devia produzir em seu auditório e no seu século! Não citaremos senão uma passagem, tomada do princípio.

Lutero sobe ao púlpito de Witemberg e lê estas pa-lavras: "Não terás deuses estrangeiros diante de mim." Depois dirigindo-se ao povo que enchia o templo, disse: "Todos os filhos de Adão são idólatras e criminosos contra este primeiro mandamento." [1]

Sem dúvidas aquela estranha proposição surpreendeu todos os que o ouviam. Era preciso prová-la; o orador prossegue: Há duas espécies de idolatria, urna exterior, e outra interior.

A exterior é aquela em que o homem adora a madeira, a pedra, os animais e as estrelas.

A interior é aquela em que o homem, por temor do castigo ou para satisfazer seus apetites, não rende culto à criatura, mas ama-a interiormente e confia nela... [2]

Que religião é esta?! Vós não dobrais o joelho perante as riquezas e as honras, porém lhe ofereceis o vosso coração, a parte mais nobre de vós mesmos... Ah! vós adorais a. Deus com o corpo, e a criatura com o espírito.

Esta idolatria reina em todos os homens, até que sejam curados gratuitamente pela fé que se acha em Jesus Cristo.

E como se efetua esta cura?

Deste modo: A fé em Cristo vos tira toda a con-fiança em vossa sabedoria, em vossa justiça e em vossa força; e vos ensina que, se Cristo não houvesse morrido por vós e não vos houvesse salvo assim, nem vós nem nenhuma outra criatura teriam podido fazê-lo. Então aprendeis a desprezar todas estas cousas, que vos são inúteis.

Não vos resta mais de que jdSUS, Jesus só, Jesus que basta plenamente para vossa alma. Não esperando mais nada de todas as criaturas, não tendes mais do que Cristo, de quem esperais tudo, e a quem amais sobre todas as coisas.

"Então, Jesus será só, o único, o verdadeiro Deus. Quando vós o tiverdes por Deus, não tereis mais outros deuses." [3]

É desta maneira que Lutero mostra como a alma é dirigida Deus, seu soberano bem, pelo Evangelho, segundo csra palavra de Cristo: "Eu sou o caminho, a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim". S. João 16:6. O homem que assim fala a seu século, não trata somente de extirpar alguns abusos; quer primeiro que tudo estabelecer a verdadeira religião. Sua obra é positiva, antes de ser negativa.

Lutero dirige depois seu discurso contra as supers-tições que cobriam então a cristandade, contra os sinais e caracteres misteriosos, as observâncias de certos dias e meses, os espíritos familiares, os fantasmas, a influência dos astros, os malefícios, as metamorfoses, os ineubos e sucumbos, o padr9ado dos santos, etc.; atacou um após outro todos aqueles ídolos, e derribou vigorosamente esses falsos deuses. [4]

Mas era principalmente na academia, em presença de uma juventude instruída e ansiosa de verdade, que Lutero expunha todos os tesouros da Palavra de Deus. De tal maneira explicava as Escrituras," diz seu ilustre amigo Melancton, "que, segundo a opinião de todos os homens piedosos e ilustrados, parecia que um novo dia raiava para a doutrina, depois de longa e profunda noite. Ele fazia ver a diferença que há entre a Lei e o Evangelho. Refutava o erro, que dominava nas igrejas e nas escolas, que os homens merecem por suas próprias obras a remissão dos pecados, e são justificados diante de Deus por uma disciplina exterior. Conduzia assim os corações dos homens ao Filho de Deus.°[5] Como João Batista, mostrava o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo; fazia compreender que os pecados

são perdoados gratuitamente por amor do Filho de Deus, e que o homem recebe este benefício pela fé. Não fez nenhuma mudança nas cerimônias.

Pelo contrário, a disciplina estabelecida não tinha um observador e defensor mais fiel na sua ordem. Porém esforçava-se mais e mais em fazer compreender a todos aquelas grandes e essenciais doutrinas da conversão, da remissão dos pecados, da fé, e das verdadeiras consolações que se encontram na cruz. As almas piedosas estavam arrebatadas e comovidas na doçura daquela doutrina, e os sábios a recebiam com júbilo...Dir-se-ia que Cristo, os apóstolos e os profetas saiam das trevas e de um calabouço imundo.' [6]

A firmeza com que Lutero se apoiava na Escritura, dava ao seu ensino grande autoridade. Mas outras circunstâncias aumentavam ainda a sua força. Sua vida era conforme as suas palavras. Sabia-se qut2b seus discursos não nsciam de seus lábios. + Emanavam do coração, e eram postos em prática em todas as suas obras; e, quando mais tarde rebentou a reforma, muitos homens influentes, que viam com grande dor os distúrbios da igreja, prevenidos já a favor do reformador pela santidade de seus costumes e beleza de seu gênio, não somente não se lhe opuseram, mas abraçaram também a doutrina que suas obras confirmavam.

Quanto mais amavam as virtudes cristãs, mais se inclinavam para o reformador. Todos os teólogos hon-rados eram a seu favor. § Eis o que disseram aqueles que o conheceram, e em particular Melancton, o homem mais sábio de seu século e Erasmo, o ilustre adversário de Lutero. A inveja e os preconceitos têm o atrevimento de imputar-lhe desregramentos. Wittemberg estava transfor-mada por aquela pregação da fé, e essa cidade chegou a ser o fóco da luz que devia em breve iluminar a Alemanha e derramar-se sobre toda a igreja.

Foi em 1516 que Lutero publicou uma obra de um teólogo místico anônimo (provavelmente Eblanc, sacerdote, de Francfort), intitulada Teologia Alemã, na qual o autor mostra como o homem pode chegar à perfeição pelos três meio da purificação, iluminação e comunhão. Lutero não se lançou nunca na teologia mística; mas dela recebeu impressão salutar: ela o fortificou no desgosto que lhe inspirava o árido ensino dos escolásticos, em seu desprezo pelas obras e práticas tão elogiadas pela igreja, na convicção em que estava da incapacidade espiritual do homem e da necessidade da graça, e na sua aplicação à Bíblia. "Eu prefiro aos escolásticos", escrevia ele a Staupitz "os místicos e a Bíblia," colocando assim estes últimos doutores ao lado dos escritores sagrados. Talvez também a Teoiogia Alemã o ajudasse a formar uma idéia mais reta dos sacramentos, e principalmente da missa; porque o autor insiste em que a eucaristia dá Cristo ao homem, porém não oferece Cristo a Deus. Lutero acompanhou esta publicação com um prefácio no qual declarava que não tinha jamais encontrado livro algum, onde tivesse aprendido sobre Deus, Cristo, o homem, e todas as coisas, como na Bíblia e em S. Agostinho.

Já alguns doutores falavam mal dos professores de Wittemberg, e os acusavam de inovação. Dir-se-ia," con-tinua Lutero, "que não tem jamais havido homens que te-nham ensinado como nós. Sim, verdadeiramente, tem ha-vido. Porém a ira de Deus, que nossos pecados hão me-recido, tem impedido que nós os víssemos e os entendessemos. Desde muito tempo as universidades têm ali rada para um canto a Palavra de Deus. Que leiam esse livro, e que me digam se a nossa Teologia é nova, visto que esse livro não é novo. +[7]

Porém se Lutero tirou da teologia mística o que podia haver de bom, desprezou o que nelahaviademau.Ogrande errodo misticismo é desconhecer asalvação gratuita. Vamos ver um exemplo da pureza de sua fé.

Lutero, dotado de coração afetuoso e terno, desejava que as pessoas a quem amava possuíssem a luz que o havia guiado nas veredas da paz. Aproveitava-se das oca-siões que tinha como professor, pregador e frade, e também de sua vasta correspondência, para comunicar aos outros o seu tesouro. Um de seus antigos irmãos do convento de Erfurt, frei Jorge Spenlein, se achava então no convento de Memmingem, depois de haver passado algum tempo em Wittemberg. Spenlein havia encarregado ao doutor de vender diversos objetos, a saber: uma túnica de pano de Bruxelas, uma obra de um doutor de Isenac, e um capuz. Lutero cumpriu cuidadosamente a comissão. Tendo obtido, disse ele a Spenlein em uma carta escrita a 7 de abril de 1516, um florim pela túnica, meio pelo livro, e um pelo capuz, entregou tudo ao padre vigário, a quem Spenlein devia três florins. Porém Lu teto passou imediatamente desta conta de objetos monacais a outro mais importante. Eu quisera saber," disse a frei Jorge, "qual é o estado de tua alma. Não está cansada de sua própria justiça? não respira enfim, e não confia na justiça de Cristo? Em nossos dias, o orgulho seduz a muitos, principalmente aos que se empenham com todas as forças em ser justos. Não compreendo a justiça de Deus, que nos é dada gratuitamente em Jesus Cristo, querem subsistir diante dele com seus merecimentos. Porém isso não é possível. Quando tu vivias conosco, estavas neste erro, e eu o estava também. Mas agora o combato sem cessar, e ainda não tenho triunfado inteiramente.

"Oh querido irmão! aprenda a conhecer a Cristo! a Cristo crucificado! Aprende a cantar-lhe um novo cântico, a desesperar de ti mesmo e dizer-lhe: "Tu, Senhor Jesus, és minha justiça, e eu sou teu pecado. [8]

. Tu tomaste o que é meu, e me deste o que é teu.[9] ° O que não fôste te fizeste; para que eu fôsse o que não era! Toma cuidado, meu querido Jorge, que não pretendas uma pureza tal, que não queiras reconhecer-te pecador. Cristo não habita senão nos pecadores. Ele desceu do céu onde habitava com os justos, a fim de habitar também com os pecadores. Medita com atenção neste amor de Cristo, e desfrutarás inefável consolação. Se nossos trabalhos e aflições pudessem dar-nos a

tranqüilidade da consciência, para que teria morrido Cristo? Tu não acharás a paz senão nele, perdendo toda a confiança em ti e em tuas obras, e aprendendo com que amor Cristo te abre os braços, tomando sobre si todos os teus pecados, e dando-te toda a sua justiça.

Deste modo a poderosa doutrina que havia salvado o mundo no tempo dos apóstolos, e que devia salvá-lo segunda vez no tempo dos reformadores, era exposta por Lutero com energia e clareza. Passando por cima de numerosos séculos de ignorância e superstição, dava a mão a S. Paulo.

Spenlein não foi o único a quem ele procurou instruir. A pouca verdade que achava a este respeito nos escritos de Erasmo o inquietava. Importava esclarecer um homem de tão grande autoridade e tão admirável talento. Porém como fazê-lo? Seu amigo da corte, o capelão do eleitor, era respeitado de Erasmo: foi a ele que Lutero se dirigiu. "O que me desagrada em Erasmo, este homem de tanta erudição, meu caro Spalatin", lhe escreveu ele, é que pela justiça das obras ou da lei, de que fala o apóstolo, entende o cumprimento da lei ceremonial. A justificação da lei não consiste somente nas ceremônias, mas em todas as obras do Decálogo. Quando elas se cumprem fora de fé em Cristo, podem, é verdade, fazer Fabricius, Regulus, e outros homens perfeitamente íntegros aos olhos do mundo; porém nesse caso merecem tão pouco ser chamados justiça, como o fruto de uma nespereira merece ser chamado figo.

Pois que não chegamos a ser justos, como pretende Aristóteles, fazendo obras de justiça; mas sim fazemos tais obras quando já somos justos. E preciso que em primeiro lugar seja mudada a pessoa, e depois as obras. Abel foi primeiro agradável a Deus, e depois o foi seu sacrifício. Heb.. 11:4.

Lutero continua: "Eu vos suplico que cumprais o dever de um amigo e de um cristão, fazendo conhecer estas cousas a Erasmo." Esta carta é datada assim: "À pressa, no canto de nosso convento, em 19 de outubro de 1516." Ela faz ver ai relações de Lutero com Erasmo. Mostra o sincero interesse que tinha por aquilo que acreditava ser verdadeiramente útil àquele ilustre escritor. Mais tarde, a oposição de Erasmo à verdade o obrigou sem dúvida a combatê-lo abertamente; porém não o fez senão depois de haver procurado esclarecer seu antagonista. [10]

Ouvia-se então, por fim, expor idéias ao mesmo tempo claras e profundas sobre a natureza do bem. Afinal proclamavam o princípio — que o que faz a bondade real de uma obra não a sua forma exterior, mas sim o espírito em que está feita. Isto era dar um golpe mortal em todas as práticas supersticiosas qce desde tantos séculos sufocavam a igreja e impediam a que crescessem e prosperassem nela as virtudes cristãs.

"Eu leio Erasmo", escrevia ainda Lutero, porém de dia em dia ele perde crédito em minha opinião. Gosto de vê-lo censurar com tanta ciência e firmeza a crassa ignorância dos padres e frades; porém receio que não preste grandes serviços à doutrina de Jesus Cristo. Prevalecem mais nele as cousas humanas do que as divinas. ° Vivemos em tempos perigosos. Ninguém é bom e inteligente cristão por saber o grego e o hebráico. Jerônimo, que sa- bia cinco línguas, -é inferior a Agostinho, que só compre- endia uma, ainda que Erasmo pense o contrário. Eu escondo com grande cuidado a minha opinião a respeito de Erasmo, com receio de dar -ganho de causa a seus adver- sários. Pode ser que o Senhor o ilumine a seu tempo. + A incapacidade de homem, e a onipotênciz' de Deus, tais eram as duas verdades que Lutero queria restabelecer. [11]

Ë uma funesta religião e uma funesta filosofia que entrega o homem à suas forças naturais. Os séculos hão ensaiado estas forças tão preconizadas; e o homem, con-quanto tenha chegado por si mesmo a coisas admiráveis no que diz respeito à sua existência terrestre, não tem podido dissipar as trevas que ocultam a seu espírito o conhecimento do verdadeiro Deus, nem mudar urna só propensão de seu coração. O mais alto grau de sabedoria a que tem chegado as inteligências ambiciosas, ou as almas ardentes e desejosas da perfeição, tem sido o desesperar de si mesmas. É portanto uma doutrina generosa, consoladora e soberanamente verdadeira aquela que nos descobre a nossa incapacidade, para anunciar-nos o poder de Deus, pelo qual podemos todas as coisas. Grande é a reforma que reivindica na terra a glória do céu, e que advoga entre os homens os direitos do Deus Onipotente.

Ninguém conheceu melhor do que Lutero a aliança íntima e indissolúvel que une a salvação de Deus e as obras livres do homem. Ninguém mostrou melhor que êle, que é só recebendo tudo de Cristo que o homem pode dar muito a seus irmãos. Apresentava sempre no mesmo quadro estas duas ações, a de Deus e a do homem. E depois de haver assim mostrado ao irmão Spenlein qual é a justiça que salva, acrescenta: "Se tu crês firmemente estas coisas, como deves (porque maldito é o que não crê), acolhe teus irmãos ainda ignorantes e errantes, como Jesus Cristo te acolheu a ti mesmo. Suporta-os com paciência; toma sobre ti os seus pecados; e se tens alguma coisa de bom faze-os participantes. "Portanto recebei uns aos outros," diz o apóstolo, "como também Cristo nos recebeu para glória de Deus. Rom. 15:7. Triste justiça é a que não quer suportar aos outros, porque os acha maus, e que não pensa senão em buscar a solidão do deserto, em lugar de fazer-lhes bem com a paciência, a [12]

Que! é possível não pecar? perguntou Epictéte, 4. 12, 19. É im-possível! respondeu ele.oração e õ bom exemplo. Se tu és o lírio e a rosa de Cristo, sabe que tua morada é entre os espinhos. Somente vigia para que, por tua impaciência, teus juizos temerários e teu orgulho secreto, não te convertas tu mesmo em espinho.

Cristo reina. no meio de seus inimigos. Se Éle só tivesse querido viver entre os bons, e morresse somente pelos que o amam, pergunto-te: entre quem teria vivido, e por quem teria morrido?

Tocante ver-se como Lutero punha em prática aqueles preceitos de caridade. Um Agostinho de Erfurt, frei Jorge Leifer, achava-se em grandes tribulações. Lutero o soube, e, dentro de oito dias depois de haver escrito a — carta a Spenlein, compadecido dele, disse-lhe: "Sei que es-tais agitado por muitas tempestades, e que vosso espírito é impelido duma e doutra parte pelas ondas... A cruz de Cristo está dividida por toda a terra, e a cada um toca sua parte. Portanto não rejeiteis aquela que vos tocou por sorte. Recebei-a antes como uma relíquia santa, não em vaso de ouro ou prata, mas, o que é muito melhor, em um coração de ouro, em um coração cheio de doçura. Se o lenho da cruz há sido de tal modo santificado pela carne e sangue de Cristo, que o consideramos como relíquia tão angusta, como não devem ser ainda mais augustas e mais santas relíquias para nós as injúrias, as perseguições, os padecimentos e o ódio dos homens? pois que não foram somente tocados pela carne de Cristo, mas também abraçados, beijados e benditos por sua imensa caridade!" [13]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Melanct., Vita Lut.

[2] * Melanct., Vita Lut.

[3]* Quasi ex tenebris, carcerc, squalore educi Christum, prophctas, apostolos. Melanct., Vita Lut.

[4]* Oratio non in labris nasci, sed in pectore. Ibid.

[5]* Eique propter auctoritatem, quam sanctitate morum antea pepererat, adsenserunt. Ibid.

[6]§ Puto et hodie theologos omnes probos favere Luthero. Erasmi Ep., J. 625.

[7] * Lut. Ep., 1. 107

[8]* Die Deutsche Theologie; Strasburgo, 1519; prefácio.

[9] * Lut. Ep., 1, p. 17.

[10]* Lut. Ep., 1, p. 17.

[11]* Humana praevalent in eo plus quam divina.

[12] Lut. Ep., 1, p. 52.

[13] * Lut. Ep., 1. 18.

CAPÍTULO IX

Feldkirchen — O livre arbítrio e a graça — Viagem à Mis-fia e à Turingia — Perturbações e paz — Resultados da viagem — Trabalhos — Peste.

O ensino de Lutero poduzia fruto. Muitos de seus discípulos se sentiam inclinados a professar publicamente as verdades que as preleções do mestre lhes havia revelado. Entre seus ouvintes se achava um jovem sábio,. Bernardo de Feldkirchen, professor da física de Aristóteles na universidade, e que, cinco anos depois, foi o primeiro eclesiástico evangélico que abraçou o estado de casado.

Lutero desejou que Feldkirchen sustentasse, debaixo de sua presidencia, certas teses emque estavamexpostosseusprincipos.AsdoutrinasprofessadasporLutero adquiriram assim nova publicidade. A controversia teve lugar em 1516.

Foi este o primeiro ataque de Lutero contra o reinado dos sofistas e contra o papismo, como ele mesmo o diz . Este ataque, ainda que fraco, lhes causou mais de uma inquietação. "Eu consinto que se imprimam estas proposições", disse, muitos anos depois, publicando-as em suas obras, principalmente a-fim-de que a grandeza de minha causa e o sucesso com que Deus a tem coroado não me tornem orgulhoso; porque elas manifestam minha ignomínia, quero dizer, a enfermidade e a ignorância, o temor e o tremor com que comecei. a luta . Eu estava só; e tinha-me lançado imprudentemente naquele negocio. Não podendo retroceder, concedi ao papa muitos pontos importantes, e ainda o adorei. ° [1]

Eis algumas das ditas teses ou proposições:

O homem velho é a vaidade das vaidades; é a vaidade universal; e torna vãs as demais criaturas, por boas que sejam.

O homem velho é chamaao a carne, não somente porque é conduzido pela concupiscencia dos sentidos, senão Lambem porque, ainda quando fosse casto, prudente e justo, não. é nascido de novo, de Deus, pelo Espirito.

Um homem que vive fora da graça de Deus não pode observar o mandamento de Deus, nem se prepa-rar no todo ou em parte para receber a graça, fica necesa-riamente debaixo do pecado.

A vontade do homem sem a graça não é livre, mas sim escrava e o é de seu proprio gosto. Jesus Cristo, nossa força, nossa justiça, e que sonda os corações e os rins, é o único escrutador e juiz de nossos merecimentos. "Pois que tudo é possível por Cristo àquele que crê, é supersticioso buscar outros auxílios, seja na vontade humana, ou seja nos santos". [2]

Este. debate fez grande [3]*alvoroço, que sempre se con-siderou como o principio da reforma.

Aproximava-se o momento em que esta reforma ia rebentar. Deus se apressava em preparar o instrumento de que queria servir-se. O eleitor, havendo feito construir em Wittemberg uma nova igreja, à qual deu o nome de igreja de Todos os Santos, enviou Staupitz aos PaisesBaixos para recolher as reliquias com que queria adornar o novo templo. O vigario geral encarregou Lutero de o substituir ,durante sua ausência, e em particular de fazer a visita aos quarenta conventos da Misnia e da Turíngía .

Lutero dirigiu-se logo à Grima, onde pela primeira vez ouviu falar de Tezel, e daí foí a Dresde. Por todas as partes se esmerava em estabelecer a verdade e em instruir os membros de sua ordem . Não vos ligueis a Aristóteles nem a outros doutores de uma filosofia er-rônea", dizia aos frades; "mas lede assiduamente a Palavra de Deus. Não busqueisavossasalvação emvos-sasforçaseboasobras, masnosmerecimentosde Cristo e na graça divina". "'[4]

Um frade Agostinho de Dresde tinha fugido do convento e achava-se em Mogúncia, onde foi recebido pelo prior dos Agostinhos. Lutero escreveu a este prior + pedindo-lhe aquela ovelha desgarrada; e acrescentou estas palavras cheias de verdade e de caridade: Eu sei que é necessário que haja escândalos. Não é milagre que o homem caia; mas o é que o homem sé levante e se mantenha em pé. Pedro caiu para que soubesse que era

homem. Ainda hoje se vêem cair os cedros do Líbano. E, o que excede toda a imaginação, os anjos mesmo hão caido no ceu, e Adão no Paraiso. Porque, pois, admirar-se se um caniço é agitado pelo tufão, e se um pavio fumegante se apaga?

De Dresde, Lutero dirigiu-se a Erfurt, e apareceu de novo, para cumprir as funções de vigário geral, na-quele mesmo convento onde, onze anos antes, havia dado corda ao relogio, aberto a porta e varrido a igreja. Nomeou prior do convento a seu amigo o bacharel João Lange, homem sábio e piedoso, porem severo: e o exortou à afabilidade e à paciência. "Revesti-vos", escreveu-lhe pouco depois, "de um espirito de doçura para com o prior de Nuremberg; isto é conveniente, visto que o prior se acha revestido de um espirito aspero e amargo. O amargor não se lança fora com o amargor, isto é, o diabo com o diabo; mas o doce dissipa o amargo, o dedo de Deus afugenta os demonios". [5]

Deve-se talvez sentir que Lutero não se tivesse lembrado deste excelente conselho em varias ocasiões. Em Neustadt sobre o Orla não havia senão discórdias. As contestações e as brigas reinavam no convento. Todos os frades estavam em guerra contra seu pior. Assaltaram Lutero com suas queixas. O prior, manifestou por sua parte ao doutor todas as suas angústias. "A paz! a paz!" dizia ele. "Vós buscais a paz,"respondeu Lutero, "porém buscais a paz do mundo, e não a paz de Cristo. Ignorais então que o nosso Deus tem colocado a sua paz no meio da guerra? Não tem paz aquele que por ninguém é incomodado. Porém aquele que, inquietado

por todos os homens e por todas as cousas da vida, suporta tudo tranquilamente e com alegria, esse tal possui a verdadeira paz. Vós dizeis com Isr"ael: A paz! A paz! e não há paz. Dizei antes com Cristo: A cruz! a cuz! e não haverá cruz porque a cruz deixa de ser cruz desde que se diz com amor: O' bendita cruz! não há lenho semelhante ao teu! + Lutero, querendo por fim a estas dissenções, permitiu aos frades que elegessem outro prior.[6]

Lutero voltou a Witemberg depois de uma ausência de seis semanas. Estava magoado por tudo o que tinha visto; porem aquela viagem o fez conhecer melhor a igreja e o mundo, lhe deu mais segurança em suas relações com os homens e lhe ofereceu muitas ocasiões de fundar escolas; de adiantar esta verdade funda-mental, que "é somente a Santa Escritura que nos mos-tra o caminho do céu"; e de exortar os imãos a viverem juntos, santa, casa e pacificamente. [7]° Não há dúvida que abundante semente foi espalhada nos diversosconventosagostinhosdurante estaviagemdo reformador. Asordens monásticas, que haviam sido por muito tempo o apoio de Roma, fizeram talvez mais pela reforma do que contraela.Isto é verdade, especialmente quanto àordemdosAgostinhos.Quase todos os homens piedo-sos, de um espirito livre e elevado, que se achavam nos conventos, voltaram-se para o Evangelho.

Um sangue novo e generoso circulou imediatamente naquelas ordens, que eram como as arterias do catolicismo alemão. Quando em público se sabia alguma coisa das novas idéias de Agostinho de Witternberg, ja isso era o objeto principal da conversação nos capítulose mosteiros. Maisde umconvento foi destamaneira transformado emseminario de reformadores. No momento em que os grandes golpes foram dados, homens piedosos e fortes sairam de sua obscuridade, e abandonaram. o retiro da vida monacal, para entrarem na carreira ativa de ministros da Palavra de Deus. Naquela inspeção .'de 1516, Lutero despertou com suas palavras muitos espiritas adormecidos. Por isso foi chamado aquele ano "a estrela matutina do dia evangélico".

Lutero voltou às suas ocupações ordinarias. Naquela epoca estava sobrecarregado de trabalho: não só era professor, pregador e confessor, mas estava também encarrega-do de um grande .número de ocupações temporais relativas à sua ordem e a seu convento. "Eu tenho necessidade quase continuamente", escrevia ele, de dois secretários; porque, com raras exceções, não faço outra coisa durante todo o dia, senão escrever cartas. Sou pregador do convento, orador do refeitório, pastor e pregador da paróquia, diretor dos estudos, vigário do prior (isto é, onze vezes pior-I, inspetor das lagoas de Litzkau, advogado das pousadas de Herzberg. em Torgau, leitor de São Paulo, comentador dos Salmos... Raras vezes tenho tempo para rezar minhas horas e cantar- sem falar do combate contra a carne e a sangue, contra o diabo e o mundo... Saberás por isto que homem desocupado eu sou_... [8]

Por aquele tempo se declarou a peste em Wittem-berg. Uma grande parte de estudantes e doutores aban-donou a cidade. Lutero ficou. "Eu não sei", escrevia ele a seu amigo de Erfurt, se a peste me permitirá concluir a epistola aos Cálatas. Rápida e desabrida, ela faz gran-des estragos, principalmente entre a juventude. Vós me aconselhais que fuja. Para onde fugirei eu? Espero que o mundo não se desmoronará se o frade Martinho cair. °Se apeste faz progressos, dispersarei osirmãospor todososlados; porem eu estou posto aqui; a obediência não me permite fugir, até que aquele que me chamou me torne a chamar. Não que eu não tenha medo da morte (porque não sou o apostolo S. Paulo, sou somente seu comentador); mas espero que o Senhor me livrará do medo-. Tal era a firmeza do doutor de Wittemberg_ Aquele a quem a peste não pode fazer recuar um passo, recuará diante de Roma? Cederá ante o terror dos suplicias?

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Op. lat., 1, p.

[2]* Lut. Op. (L.), 17, p. 142, e, nas obras latinas, tom. 1, p. 51.

[3]* Lut. Op. (L.), p. 142; e, nas obras latinas, tom., 1, p. 51.

[4] * Hilcher's Luther's Anwesenheit in Alt-Dresden., 1728. + 19 de Maio de 1516, Ep., 1, p. 20.

[5]* Lut. Ep., p. 36.

[6]* Ep., 1, 27.

[7]* Heiliglich, friedlich und züuchtig. Mat., p. 10.

[8]* Ep., 1, p. 41, a Langc, em 26 de outubro de 1516. Ep., 1, p. 42.

CAPÍTULO X

Relações de Lutero com o eleitor — Conselhos — O duque Jorge — Seu caráter — Lutero prega em Dresde — Um jantar na corte — Urna ceia em casa de Emser.

O mesmo valor que Lutero mostrou em presença dos males mais terríveis, patenteou diante dos poderosos do mundo. O eleitor estava muito satisfeito com o vigário geral. Este havia feito nos Países-Baixos uma boa colheita de reliquias. Lutero deu conta a Spalatin. É uma coisa singular este assunto de relíquias, que se discute no momento em que a reforma ia Começar. Seguramente que os reformadores ignoravam até onde deviam chegar. Um bispado parecia no eleitor ser a unica recompensa digna do vigário geral. Lutero, a quem Spalatin escreveu sobre isto, desaprovou muito esta ideia. "Ha causas que agradam a vosso principe", respondeu ele, "e que não obstante desagradam a Deus. Eu não nego que ele seja hábil nas coisas do mundo; porém naquilo que diz respeito a Deus e à salvação das almas, o tenho por sete vezes cego, assim como a Pfefinger seu conselheiro. Não digo isto ocultamente, como um ca-luniador: não lho oculteis, porque eu mesmo estou pronto, e em toda a ocasião, para o dizer em face a um e outro. Por que quereis vós", contínua ele, -rodear esse homem Staupitz) de todos os turbilhões e de todas as tempestades dos cuidados episcopais?

O eleitor não se ofendeu com a franqueza de Lu-tem. "O príncipe", lhe escreveu Spalatin, "fala de vós a miudo e com muita consideração".Frederico .enviou ao frade um finíssimo pano para fazer um hábito. "Seria excessivamente bom", disse Lutero, "se não fosse um presente de príncipe. Eu não sou digno de que ninguem se lembre de mim, e muito menos ainda um principe, e um tão grande príncipe. Os que me são mais úteis são os que tem pior opinião de mim. Agradecei ao nosso principe. seu favor; porem, sabeis que desejo não ser elogiado nem de vós nem de nenhum homem, porque todo o louvor do homem é vão, e o louvor que vem de Deus é o unico verdadeiro". [1]

O excelente capelão não queria limitar-se às suas funções da corte. Desejava tornar-se util ao povo; po-rem, como outros muitos em todos os tempos, queria ser sem ferir os espíritos, sem irritar alguém, e ganho a estima geral. "Indicai-me", escrevia ele a Lutero, "alguma obra para traduzir em língua vulgar, mas uma obra que agrade geralmente e que ao mesmo tempo seja útil". "Agradável e útil!" respondeu Lutero: semelhante pedido me surpreende. Quanto melhores são as coisas, tanto menos agradam. O que há de mais salutar que Jesus Cristo? E contudo ele é para a maior parte um cheiro de morte. Vós me direis que não quereis ser útil senão aos que amam o que é bom. Então fazei somente ouvir a voz de Jesus Cristo; sereis agradável e útil, não o duvideis, porém ao menor número; porque as ovelhas são raras nesta região de lobos. +[2]

Lutero recomendou, entretanto, a seu amigo os ser-mões do dominicano Tauler. "Não tenho jamais visto", disse ele, nem em latim nem na nossa língua, uma teo-logia mais sã e mais conforme ao Evangelho.

Experimentai-a pois, e vereis quão doce é o Senhor, porem depois que houverdes primeiro experimentado e visto quão amargo é tudo o que nós somos.

Foi no correr do ano de 1517 que Lutero entrou em relação com o duque Jorge de Saxônia . A casa de Saxônia tinha então dois chefe, dois principes, Ernesto e Alberto, arrebatados, em sua juventude, do castelo de Altemburgo por Kuntz de Kaufungen, chegaram a ser, pelo tratado de Leipzig, os fundadores das duas casas que conservam ainda o seu nome. O eleitor Frederico, filho de Ernesto, era, na época o chefe do ramo Ernestino; e seu primo ,o duque Jorge, era o do ramo Albertino. Dresde e Leipzig se achavam nos estados do duque, e ele reisdia na primeira destas cidades. Sua mãe, Sidônia, era filha do rei de Boemia, Jorge Podiebrad. [3]

A longa luta que a Boemia havia sustentado contra Roma, desde os tempos de João Huss, teve alguma influência sobre o príncipe de Saxônia. Este se havia mostrado muitas vezes desejoso de uma reforma. Este desejo lhe vem de sua mãe, diziam; ele é por natureza inimigo do clero. [4]* Atormentava de muitas maneiras os bispos, os abades, os conegos e os frades; e seu primi, o eleitor Frederico, teve de intervir mais de uma vez em favor deles.Pareciaque o duque Jorge deviasr o maisardente partidário de umareforma. O devoto Frederico, ao contrário, que havia pouco antes calçado, no santo sepulcro, as esporas de Godefroy, que havia cingido a grande e pesada espada do conquistador de Jerusalem, e prestado o juramento de combater pela igreja como aquele valente cavaleiro de outro tempo, parecia dever ser o mais ardente campeão de Roma. Porém, quando se trata do Evangelho, todas as previsões da sabedoria humana se enganam muitas vezes. Sucedeu o contrario do que se podia esperar. [5]

O duque achava prazer em humilhar a igreja e seus membros, em abater os bispos, cujo luxo asiatico eclipsava o seu; porem receber no coração a doutrina evangélica que devia humilhá-lo, reconhecer-se pecador, culpado, e incapaz de se salvar a não ser [6]• por mera graça, era inteiramente outra coisa. Com todo o gosto houvea reformado os outos; mas não se inquietava em reformar-se a si mesmo. Houvera talvez metido mãos à obra para obrigar o bispo de ?vfogúncia a contentar-se com um só bispado, e a não ter mais de quatorze cavalos em suas cavalariças, como ele o disse de uma vez; ° porem quando viu aparecer outro reformador, quando viu um simples frade empreender esta obra, e a reforma ganhar numerosos seguidores entre a gente do povo, o orgulhoso neto do rei hussita declarou-se o mais violento adversário da reforma, depois de haver sido seu partidário.

No mes de julho de 1517 o duque Jorge pediu a Staupitz que lhe enviasse um pregador sábio e eloquente. Este lhe enviou Lutero, recomendando-o como homem

de grande ciência e de conduta irrepreensível. O príncipe o convidou a pregar em Dresde, na capela do castelo, no dia de S. Tiago o Maior.

O duque e seu séquito foram. à capela para ouvir o pregador de Witemberg. Lutero aproveitou com alegria a ocasião para dar testemunho da verdade diante de tal assembleia. Tomou por texto o Evangelho do dia: "Então se chegou a ele a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos", etc. S. Mat. 20: 20-23. Pregou sobre os desejos e rogos insensatos dos homens; depois falou com energia sobre a segurança da salvação. Ele a fez repousar sobre este fundamento: que aqueles que ouvem com fé a Palavra de Deus são os verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, eleitos para a vida eterna. Em seguida tratou da eleição gratuita; mostrou que esta doutrina, apresentada em sua união com a obra de Cristo, tem uma grande força para dissipar os terrores da consciencia, de sorte que os homens, em lugar de fugirem para longe do Deus santo, à vista de suas indignidades, são impelidos com doçura a buscar nelerefugio. Por fim referiu uma parábola de tres virgens, da qual deduziu instruções edificantes.

A Palavra da verdade fez profunda impressão nos ouvintes. Duas pessoas principalmente pareciam prestar particular atenção ao discurso do frade de Witemberg. A primeira era uma senhora de exterior espeitavel, que se achava nos bancos da corte, e em cujas feições ter-seia podido ler emoção profunda. Chamava-se 'Madame de la Salle, e era camareira-mor da duquesa. A outra, era um licenciado em direito canônico, secretário e conselheiro do duque, Jeronimo Emser. -Era dotado 'de talento e de vastos conhecimentos. Cortesão e habil politico, pretendia contentar juntamente dois partidos opostos; ser con-siderado em Roma como defensor do papado, e ao mesmo tempo brilhar na Alemanha entre os sábios do seculo. Porém, debaixo deste espirito flexível se ocultava um carater violento. Ele e Lutero encontraram-se pela primeira vez na capêla do castelo de Dresde, sem pensarem que mais tarde deviam quebrar mais de uma lança.

Soou a hora do jantar para os moradores do cas-telo, e logo se acharam reunidas na mesa a familia ducal e as pessoas chegadas à corte. A conversação versou naturalmente sobre o pregador da manhã. Que tal vos pareceu o' sermão?" disse o duque a Madame de la Salle. "Se eu pudesse ouvir ainda um discurso igual a esse", respondeu ela, "morreria em paz". "E eu", respondeu Jorge cheio de colera, "daria grande soma de dinheiro para não o ter ouvido, pois tais discursos não são bons senão para fazer a gente pecar com segurança.

Assim que foi conhecida a opinião do amo, os cor-tezãos manifestaram sem rebuço sua desaprõvação. Ca-da um tinha a sua censura pronta de improviso. Alguns pretenderam que, na sua parábola das três virgens, Lu-tero tinha feito alusão a tres damas da corte; sobre o que houve intermináveis murmurações. Divertiam-se à custa das três damas que o frade de Wittemberg,segundo

elesdiziam,tinhaassimdesignado. umignorante,diziam uns; é um frade orgulhoso, diziam outros. [7]

Cada um comentava o sermão a seu modo e fazia o pregador dizer o que lhe agradava. A verdade tinha caído no meio de uma corte pouco preparada a recebèla. Cada qual a despedaçava com prazer. Porém, ao passo que a Palavra de Deus era assim uma pedra de escândalo para muitos, para a camareira-mor foi um rochedo de elevação. Um mês depois, adoeceu; abraçou com toda a confiança a graça do Salvador, e morreu cheia de júbilo. +[8]

Quanto ao duque, não foi talvez em vão que ele ouviu dar testemunho da verdade. Qualquer que haja sido sua oposição à reforma durante sua vida, sabe-se que na hora de sua morte declarou não ter esperança senão nos merecimentos de Jesus Cristo.

Era natural que Emser fizesse as honras a Lutero em nome de seu amo. Convidou-o a ceiar. Lutero recu-sou; porém Emser insistiu e o obrigou a vir. Lutero pensava não encontrar senão alguns amigos; porém percebeu logo que lhe haviam armado um laço.° Um mestre em artes de Leipzig e muitos . dominicanos achavam-se em casa do secretário do príncipe. O mestre em artes, cheio de alta idéia de si mesmo e de ódio contra Lutero, o saudou com ar amigável e melífluo; porém logo se encolerizou e principiou a gritar com todas as suas forças. Travou-se. a peleja. A questão girou, diz Lutero, sobre as parvoíces de Aristóteles e de S. Tomás. [9]+ Por fim, Lutero desafiou a mestre em artes a que definisse com toda a erudição dos Tomistas em que consistia o cumprimento dos mandamentos de Deus. O mestre em artes, embaraçada, contudo mostrou firmeza. "Pagai-me os meus honor:-ários", .disse, estendendo a mão, "da pastum." Dir-se-ia que queria começar a dar uma lição formal, tomando os convidados como seus discípulos. A esta extravagante resposta, acrescenta o reformador, nos pusemos todos a rir, e depois nos apartamos.

Durante esta conversação, um dominicano esteve es-cutando à porta. Tinha a intenção de entrar e cuspir na cara de Lutero. [10]§ Conteve-se entretanto; porém ao depois

se vangloriou. Emser, encantado de ver seus con-vidados contenderem, e querendo mostrar-se neutro, des-fazia-se pedindo mil desculpas a Lutem pela maneira par que tinha acabado a ceia. Este voltou para Wittemberg.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lutheri, Ep., 1. 25.

[2]* Lutheri, Ep., 1. 45.

[3] Lut. Ep., 1. 45.

[4] Ibid., 1. 46.

[5] Lut. Op. (W.), 22, p. 1849.

[6] Lut. Op. (W.), 22, p. 1849.

[7] * Lut. Ep., 1. 85.

[8]+ Keith, Leb. Luth., p. 32. Lut. Ep., 1. 85.

[9]+ Ibid.

[10] § Ibid.

CAPÍTULO XI

O livre arbítrio — Teses — Natureza do homem — Racionalismo — Erfurt consultada — O doutor Eck — Regius — Remessa das teses a Eck — Modéstia de Lutero.

Lutero voltou ao trabalho com ardor. Preparava seis ou sete jovens teólogos que deviam em breve fazer o exame para obterem licença de ensinar. O que mais o alegrava era que esta promoção devia ser para opróbrio de Aristóteles. Eu quisera o mais depressa possível multiplicar seus inimigos, dizia ele. A este respeito publicou então algumas teses que merecem a nossa atenção. [1]

A liberdade foi o grande objeto de 'que tratou. Já o havia feito ligeiramente nas teses de Feldkirchen; ago-ra aprofundava mais a matéria. Desde o princípio do Cristianismo tem havido uma luta mais ou menos sensível entre as duas doutrinas da liberdade do homem e de sua sujeição. Alguns escolásticos hão ensinado, como Pelágio e outos doutores, que o homem possuía de si mesmo a liberdade ou o poder de amar a Deus e de fazer o bem. [2]

Lutero negou essa liberdade, não para privar dela o homem, mas, ao contrário, para fazer que ele a obtivesse. Nesta questão, a luta não é portanto de .nenhuma sorte, como ~ ordinariamente se diz, entre a liberdade e a sujeição: é entre a liberdade que provém de Deus. Os que se chamam partidários da liberdade, dizem ao homem: "Tens o poder de fazer o bem, e não necessitas Maior liberdade." Os chamados partidários da sujeição, lhe dizém, ao contrário: "Falta-te a verdadeira li-berdade, e Deus a oferece no Evangelho." Uns falam de liberdade para conservar a sujeição; os outros falam da sujeição para dar a liberdade: tal foi a luta no tempo de S. Paulo, no tempo de Agostinho, e no tempo. de Lutero. Os que dizem: "Não mudeis nada!" são os campeões da sujeição. Os outros que dizem: "Quebrai vossas cadeias!" são os camp'eões da liberdade. [3]

Porém enganar-nos-íamos se quiséssemos resumir toda a reforma nesta questão particular. Ela é uma das muitas doutrinas que o doutor de Wittemberg sustentou: eis tudo. Sobretudo seria uma extravagante ilusão o pretender que a reforma fôsse um fatalismo, uma oposição à liberdade. Ela foi e é magnífica emancipação do espírito do homem. Rompendo os numerosos laços com que a hierarquia havia ligado o pensamento humano; e restabelecendo as idéias de liberdade, de direito e de livre exame, a reforma emancipou o seu século, a nós mesmos e a posteridade mais remota. E que não se nos diga que a reforma libertou o homem de todo despotismo humano, mas que o escravizou, proclamando a soberania da graça. Não há dúvida que ela quis' unir de novo a vontade humana com a divina„ submeter plenamente aquela a esta, e estabelecer uma conformidade entre ambas; po-rém qual o filósofo que não saiba que a plena confor-midade comavontade de Deusé

aúnica, asoberanae aperfeitaliberdade, e queo homem será verdaleira-mente livre só quando a suprema kustiça e a eterna Verdade somente reinarem nele?

Eis algumas das noventa. e nove proposições que Lutero apresentou à igreja , contra o racionalismo pelagiano da teologia escolástica:

É verdade que o homem, que se tem tornado uma má árvore, não pode senão querer e fazer o que é mau.

É falso que a vontade deixada a si mesma possa fazer tanto o bem como o mal, visto que ela não é livre, mas cativa.

Não está no poder da vontade do homem querer ou não querer tudo o que se lhe apresenta.

O homem por sua natureza não pode querer que Deus seja Deus. Prefiriria ser ele mesmo Deus, e que Deus não fôsse Deus.

A excelente, a infalível, a única preparação à graça, é a eleição e a predestinação eterna de Deus.

É fáo dizer que, se o homem faz tudo •o que pode, destrói os obstáculos à graça.

Em uma palavra, a natureza não pciui nem razão pura nem vontade boa. ° [4]

Da parte do homem são há nada que preceda à graça a não ser a insuficiência e a rebelião.

Não há virtude moral sem orgulho nem sem tristeza, isto é, sem pecado.

Desde o princípio até o fim, não somos senhores de nossas ações, mas escravos.

Não chegamos a ser justos fazendo o que é justo senão que, sendo já justos, fazemos o que é justo.

Aquele que diz que um teólogo não é lógico é um herege e um aventureiro, sustenta uma proposição aven-tureira e herética.

Não há forma de raciocínio (de silogismo) que con-corde com as cousas de Deus.

Se a forma do silogismo pudesse aplicar-se às comuns divinas, saber-se-ia o artigo da Santíssima' Trindade e não se creria.

Numa palavra, Aristóteles é para a teologia o que a escuridão é para a luz. [5]

O homem é mais inimigo da graça de Deus do que da mesma lei.

Aquele que está fora da graça de Deus peca sem cessar, ainda quando não mate, não roube, nem cometa adultério. [6]

Peca, porque não cumpre a lei espiritualmente.

Não matar, não cometer adultério, só exteriormente e quanto às ações, é a justiça dos hipócritas.

A lei de Deus e a vontade do homem são dois ad-versários que, sem a graça de Deus, não podem estar de acordo.

O que a lei quer, a vontade nunca quer, a não ser que por temor ou por amor ela finja querer.

A lei é o verdugo da vontade; porém esta não recebe por amo senão o Menino que nos nasceu. Isaías 9:5.

A lei faz abundar o pecado porque irrita e repele a vontade.

Mas a graça de Deus faz superabundar a justiça por Jesus Cristo, que paz amar a lei.

Toda obra da lei parece boa no exterior; porém é pecado no interior.

Quando a vontade se volta para a lei, sem a graça de Deus, é só por seti próprio interesse.

Malditos são todos aqueles que fazem as obras da

Benditos são todos aqueles que fazem as obras da graça de Deus. [7]

A lei que é boa e na qual se tem a vida, é o amor de Deus derramado em nossos corações pelo .Espírito Santo. Rom. 5:5.

A graça não é concedida para que a obra se faça mais freqüente e facilmente, mas porque sem a graça não se pode fazer nenhuma .obra de amor.

"Amar a .Deus, é aborrecer-se a si mesmo e não saber nada fora de Deus." [8]

Desta maneira Lutero atribui a Deus todo o bem que o homem pode fazer. Não se trata de refazer, de remendar, se assim se pode dizer, a vontade do homem; é necessário dar-lhe uma vontade inteiramente nova. Só Deus pode dizer isto, porque só Deus o pode cumprir. Eis urna das maiores e' mais importantes verdades que o espírito pode reconhecer.

PorémLutero, ao proclamar ainsuficinêciadoho-mem, não caíano extremo contrário. Na oitava propo-sição, disse: Não resulta disto que a vontade seja má por sua natureza, isto é, que sua natureza seja o mesmo mal, corno os Maniqueos o ensinaram. [9]° A natureza do homem foi em sua origem essencialmente boa: ela se apartou do bem, que é Deus, e se inclinou para o mal. Entretanto existe sua santa e gloriosa origem, e ela é capaz, pelo poder de Deus, de recobrá-la. A obra do

cristianismo é conduzi-lo. É verdade que o Evangelho nos apresenta o homem em estado de humilhação e de impossibilidade; porém o apresenta entre duas glórias e duas grandezas: uma glória passada, da qual foi precipitado, e a glória futura, à qual é chamado. Esta é a verdade: o homem o sabe e, por poucoque pense nisso, descobre facilmente que tudo o que lhe dizem sobre sua pureza, seu poder e sua glória atuais, não é mais do que uma mentira com a qual querem acalentar e adormecer o seu orgulho.

Lutero, em suas teses, ergue-se não somente contra a pretendida bondade da vontade do homem, mastambémcontraassupostasluzesde seu entendimento no que diz respeito às coisas divinas. Com efeito a teologia escolástica havia exaltado a razão e a vontade. Aquela teo-logia, tal qual a haviam composto alguns de seus doutores, não era em substância mais do que uma espécie de racionalismo. As proposições que temos citado o indicam. Dir-se-ia que são dirigidas contra o raéionalismo de nossos dias. Nas teses que anunciavam a reforma, Lutero atacou a igreja e as superstições populares que haviam acrescentado ao Evangelho as indulgências, o purgatório, e tantos outros abusos.

Nas que acabamos de mencionar, atacou a escolástica e o racionalismo, que haviam tirado do mesmo Evangelho a doutrina da soberania de Deus, de sua revelação e de sua graça. A reforma atacou o racionalismo antes de atacar a superstição. Pro-clamou os direitos de Deus antes de condenar as• [10] superfluidades do homem. Foi positiva antes de ser negativa. Isto é o que não se tem suficientemente reconhecido; e entretanto, sem isto não se pode observar, não se pode chegar a uma justa apreciação daquela revolução religiosa, e da sua natureza.

Seja como for, eram verdades bem novas aquelas que Lutero acabava de enunciar com tanta energia. Sustentar teses em Wítemberg houvera sido coisa fácil. Sua influência dominava aí: teriam dito que ele escolhia um campo de batalha onde sabia que nenhum combatente podia comparecer. Propondo o combate em uma outra academia, ia dar-lhes maior publicidade; e era pela publicidade que a reforma se havia de efetuar. Lançou os olhos sobre Erfurt, cujos teólogos se haviam mostrado tão irritados contra ele.

Enviou pois suas teses a João Lange, prior de Er-furt, e lhe escreveu: "Minha expectativa pelo que vós decidirdes sobre estes paradoxos é grande, extrema, excessivamente grande talvez, e cheia de cuidados. Muito temo que vossos teólogos considerem como paradoxa, e mesmo kakadoxa. O que não pode ser para mim senão muito ortodoxa. Avisai-me pois do que ocorrer, o mais depressa que puderdes. Tende a bondade de declarar à faculdade de teologia, e a todos, que estou pronto a ir a vós, e sustentar publicamente estas proposições, quer na universidade, quer no convento." Parece que não foi aceito o desafio de Lutero. Os frades de Erfurt se contentaram em lhe fazer conhecer que suas teses lhes haviam altamente desagradado.

Porém ele quis enviá-las também a outro ponto da Alemanha. Por isso fixou sua atenção sobre um homem que representa grande parte no papel da reforma, e que é digno de ser conhecido.

Um distinto professor, de nome João Meyer, ensi-nava então na universidade de Ingolstadt, na Baviera. Tinha nascido em Eck, povoação da Suábia, e geralmente o chamavam doutor Eck. Era amigo de Lutero, que apreciava seus talentos e conhecimentos. Cheio de penetração, ele havia lido muito, era dotado de memória feliz. A erudição ele ajuntava a eloqüência. Seu gesto e sua voz patenteavam a vivacidade de seu gênio. Quanto a talento, Eck era no sul da Alemanha o que Lutero era no norte. Eram os dois teólogos mais notáveis daquela época, ainda que com tendências bem diferentes. Ingolstadt era quase a rival de Wittemberg. A reputação destes dois doutores atraiu de todas as partes, às universidades onde ensinavam, uma multidão de estudantes ávidos de escutar suas lições. Suas qualidades pessoais, não menos que sua ciência, os tornavam queridos a seus discípulos. Tem-se atacado o caráter do doutor Eck. Uma passagem de sua vida mostrará que ao menos nessa época seu coração não estava fechado aos sentimentos generosos.

Entre os estudantes que seu nome havia atraído a Ingolstadt, achava-se um moço por nome Urbano Regius, nascido às margens de um lago dos Alpes. Havia em primeiro lugar estudado na universidade de Friburgo, em Brisgau. Chegado a Ingolstadt, seguiu ali seu curso de filosofia e captou a benevolência do doutor Eck. Precisando acudir ele mesmo às suas necessidades, viu-se obrigado a a encarregar-se da direção de alguns. jovens nobres. Não só devia cuidar em sua conduta e em seus estudos, mas também comprar ele mesmo os livros e a roupa de que necessitavam. Esses jovens trajavam com luxo e tinham mesa lauta. Regius, embaraçado, suplicou aos pais que chamassem seus filhos.

"Tende ânimo," lhe responderam eles. Suas dívidas aumentavam; seus credores o apertavam, e ele não sabia o que fazer. O imperador reunia então um exército contra os turcos. Os recrutadores chegaram a Ingolstadt. Em seu desespêro, Urbano assentou praça. Fardado com o uniforme militar, apareceu nas fileiras no momento em que passavam a revista da partida. O doutor Eck chegou nesse momento à praça com alguns de seus colegas. Com grande surpresa reconheceu seu discípulo no meio dos recrutas.

"Urbano Regius!"lhe disse, fixando nele umolhar penetrante. "Está presente," respondeu o conscrito. "Qual é a causa desta mudança?" perguntou o doutor. O jovem referiu sua história. "Eu me encarrego disso," respondeu Eck. Depois lhe arrebatou a alarbarda, e o resgatou das mãos dos recrutadores. Os pais, ameaçados pelo doutor de caírem no desagrado do príncipe, enviaram a quantia necessária para pagar as despesas dos filhos. Urbano Regius foi salvo, para chegar a ser mais tarde um dos sustentáculos da reforma.

Foi no doutor Eck que Lutero pensou para fazer conhecer no sul do império suas teses sobre o pelagianismo e o racionalismo escolástico. Contudo não as enviou diretamente ao professor de Ingoldstadt, mas diri-giu-as a seu amigo particular, o excelente Cristovão Scheurl, secretário da cidade de Nuremberg, rogando-lhe que as remetesse a Eck, em Ingoldstadt, cidade que não é muito. afastada de Nuremberg. "Eu vos dirijo," lhe disse ele, "as minhas proposições, inteiramente paradóxicas, e mesmo kakistodóxicas, como alguns pensam. Comunicai-as ao nosso prezado Eck, a esse homem tão erudito e de tanto talento, a fim de que eu saiba a sua opinião." Assim falava então Lutero do doutor Eck; tal a amizade que reinava entre ambos. Não foi Lutero quem a rompeu.

Entretanto não era naquele campo que devia travar-se o combate. As teses versavam sobre doutrinas de maior importância talvez que as que, dois meses depois, pereceram incendiárias à igreja; e contudo, a despeito das provocações de Lutero, elas passaram desapercebidas. Apenas foram lidas no grêmio da escola, e não causaram sensação no exterior. É porque não eram senão proposições de universidade e doutrinas de teologia; entre-tanto as teses que se seguiram referiam-se a um que havia aumentado no meio do povo, e que se derramava então por todas as partes da Alemanha. [11]

Enquanto Lutem se contentou em restabelecer doutrinas esquecidas,não se importavam. Quando ele manifestou os abusos que prejudicavam todo o mundo, todos prestaram atenção.

Entretanto Lutero, em um e outro caso, não se propôs senão a suscitar uma dessas discussões teológicas tão freqüentes então nas universidades. Este era o circulo no qual se encerrava seu desígnio. Não sonhava de maneira alguma em tornar-se reformador. Era humilde, e sua hu-mildade chegava até á desconfiança e ã ansiedade. "Eu não mereço, visto minha ignorância", dizia ele, "senão estar escondido em um canto, sem ser conhecido de nin-guém debaixo do sol." Porém uma mão poderosa o tirou desse canto, onde tinha querido permanecer desco-nhecido do mundo. Uma circunstância independente da vontade de Lutero veio arremessá-lo ao campo de batalha, e a guerra começou. É esta circunstância providencia) que a continuação dos sucessos nos convida a referir. [12]

E a do santo padre estão diante de vossas portas. Instantaneamente tudo se punha em movimento. O clero, os frades, as freiras, o conselho, os mestres de escola, os

estudantes, as corporações de artistas com seus estandartes, homens e mulheres, moços e velhos, iam ao encontro dos vendedores, tendo nas mãos tochas acesas e caminhando ao som da música~ e de todos os sinos, "de maneira", diz um historiador, que não teriam podido receber mais esplèndidamente o mesmo Deus. Feitas as primeiras saudações, todo o cortejo se dirigia para a igreja. A bula de

graça do porxtifice ia na frente sobre urna almofada de veludo em um brocado. O chefe dos vendedores de indulgências seguia logo depois, levando nas mãos uma grande cruz vermelha, de madeira. Toda a procissão caminhava do mesmo modo, no meio dos cânticos, das orações e do vapor dos perfumes. O som dos órgãos e uma música estrepitosa recebiam no templo o frade vendedor e aqueles que o acompanhavam. A cruz era colocada diante do altar: suspendiam nela as armas do papa, e, durante todo o tempo que ela ai permanecia, o corpo eclesiástico do lugar, os penitenciários e os subeomissários vinham cada dia, depois das véspe-ras ou antes do angelus, render-lhe homenagem, trazendo nas mãos umas bengalinhas brancas. Este grande acontecimento causava profunda sensação nas tranqüilas cidades germânicas.

Um personagem atraia sobretudo a atenção dos espectadores destas vendas. Era o que levava a grande cruz vermelha, e que estava encarregado do principal papel. Revestido do hábito dos dominicanos, se apresentava com arrogância. Sua voz era retumbante, e parecia ainda vigoroso, pôsto que tivesse já os seus sessenta e três anos. [13]* Este homem, filho de um ourives de Leipzig por nome Diez, chamava-se João Diesel ou Tezel. Havia estudado em sua cidade natal, foi feito bacharel em 1487, e entrou, dois anos depois, na ordem dos dominicanos.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] II Ibid.

[2]* Lut. Ep., 1. 59

[3]* Lut. Op. lat., 1, p. 56.

[4]* Ibid.

[5]* Lut. Op. lat., 1, P. 56.

[6]* Lut. Op_ lat., 1. 57.

[7]* Ibid.

[8]* Lut. Op. (Lips.), 17, p. 143, et Op. lat., 1.

[9] * Ibid.

[10]*L. Ep:, 1. 60.

[11] * Lut. Ep., 1, p. 63.

[12]* Lut. Op. (W.), 18, p. 194.

[13] Cochkeus, p. 5.

LIVRO III. AS INDULGENCIAS E AS TESES. 1517 — MAI0 DE 1518

CAPÍTULO I

Os vendedores de indulgências Tezel — Suas pregações — Os compradores — Quatro graças por dinheiro ··· Mercado — Penitência pública — Urna carta de indulgência — Contas e devassidões.

Grande agitação reinavaentão entre o povo daAle-manha; aigrejahaviaaberto umvasto mercado sobre a terra. Ao ver a multidão de compradores, e ao ouvir os gritos e chocarrices dos vendedores, dir-se-ia que erauma feira; porém Peitar aberta pelos frades. A mercadoria que apregoavam, e que ofereciam com abatimentos era, diziam eles, a salvação das almas.

Os mercadores percorriam o pais em formosas car-ruagens, acompanhadas de três lacaios, ostentando gran-deza e fazendo grandes gastos. Dir-se-ia que era algum cardeal viajando com sua comitiva e seus oficiais, e não um vendedor vulgar ou um frade mendicante. Quando o séquito se aproximava a uma cidade, um deputado se apresentava ao magistrado e lhe dizia: A graça de Deus weissen Stxblein. Instrução do arcebispo de Mogúncia aus subcomissários da indulgência, etc., art. 8. [1]

Reunia em si muitos títulos: bacharel em teologia, prior dos dominicanos, comissário apostólico, inquisidor, hoereticoe pravitatis inquisidor, e contudo não havia ces-sado, desde o ano de 1502, de exercer o ofício de vendedor de indulgências. A habilidade que havia adquirido como subordinado o fez em breve ser nomeado comissário em chefe. Tinha de salário oitenta florins por mês-, todas as despesas eram pagas; e forneciam-lhe uma carruagem de tres cavalos; porém facilmente se compreende que suas ganâncias acessórias excediam muito o seu salário.

Em1507ganhou emdoisdias, emFreiberg, doismilflorins. Se tinha o ofício de charlatão, tinha também os vícios. Convencido em Inspruck, de adultério e de conduta depravada, esteve quase a espiar seus crimes com a morte. O imperador Maximiliano havia mandado que o metessem em um saco e o lançassem no rio. O eleitor Frederico dé Saxônia interpôs sua influência e lhe obteve o perdão. O Porém a lição que acabava de receber não lhe deu mais pudor. Trazia consigo dois de seus filhos. Miltitz, legado do papa cita este fato em uma de suas cartas. Teria sido difícil encontrar em todos os conventos da Alemanha um homem mais próprio que ele para o comércio de que o haviam encarregado. À teologia de um frade, ao zelo e à astúcia de um inquisidor, reunia o mais consumado descaramento; e o que lhe facilitava sobretudo o desempenho de seu cargo era a arte de inventar essas histórias fantásticas Com as quais captava o espírito do povo. Todos os meios eram lícitos para ele, contanto que enchessem sua caixa. Empolando a voz, e fazendo uso da

eloqüência dos charlatões, oforecia as suas indulgências a quantos apareciam, e sabia, melhor do que qualquer negociante de feira, fazer valer a sua mercadoria. [2]

Quando Tezel subia ao púlpito, mostrando a cruz, na qual estavam suspensas as armas do papa, principiava a exaltar, com um tom firme, o valor das indulgências à multidão que acerimóniahaviaatraído ao santo lugar.O povo o escutava, e pasmado abria os olhos ao ouvir as admiráveis virtudes que ele anunciava. Diz um historiador Jesuíta, falando dos religiosos dominicanos associados com Tezel: "Alguns daqueles pregadores não se esqueceram, como de ordinário, de exagerar o assunto de que tratavam, e de encarecer de tal maneira o preço das indulgências, que deram motivo ao povo para crer que estavam seguros de sua salvação e do resgate das almas do purgatório no mesmo instante em que davam o dinheiro." Se tais eram os discípulos, bem se pode considerar o que seria o mestre. Escutemos uma das embrulhadas que ele pronunciou depois da elevação da cruz:

As •[3] indulgências," disse ele, "são a dádiva mais pre-ciosa e sublime de Deus. O

Esta cruz (mostrando a cruêz vermelha) tem tanta eficácia como a mesma cruz de Jesus Cristo. °[4]

Vinde, ouvintes, e eu vos darei cartas munidas de selos, pelas quais mesmo os pecados que tiverdes vontades de cometer no futuro vos serão todos perdoados.

Eu não trocaria por certo os meus privilégios pelos que tem S.' Pedro no céu; porque eu tenho salvo mais almas com as minhas indulgências do que o apóstolo com os seus discursos.

Não há nenhum pecado tão enorme, que a indulgência não possa perdoar; e mesmo se alguém, (o que éimposível semdúvida),houvesse violado apurezadasantíssimaVirgem Maria, mãe de Deus, que pague, que pague bem somente, e isso lhe será perdoado.°[5]

Considerai portanto que por cada pecado mortal vos é necessário, depois da confissão e da contrição, fazer pe-nitência durante sete anos, quer nesta vida, quer no pur-gatório: ora, quantos pecados mortais não são cometidos em uni dia, quantos numa semana, quantos em um mês, quantos num ano, quantos em toda a vidal... Esses pe-cados são quase infinitos, e fazemsofrer umtormento infinito naslabaredasdo purgatório. Eagora, por meiodestas cartasde indulgnêcias, vós podeis por umaveznavida, em todososcasos, salvo quatro que são pre-servados à sé apostólica, e depois na agonia da morte, obter plena remissão de todas as vossas aflições e pecados!...

Tezelentravatambémnoscálculosfinanceiros:"Não sabeisvós,"diziaele, "que se alguém quer ir a Roma ou a algum outro país onde os viajantes corram perigo,

manda o seu dinheiro a um bancei, e, por cada cem florins que quer receber, dá cinco, seis ou dez de mais, a fim de que por meio das letras desse banco lhe paguem seguramente o seu dinheiro em Roma ou noutra parte?... E vós, por um quarto de florim, não quereis receber estas letras de indulgências, por meio das quais podeis introduzir na pátria do paraíso, não uma vil moeda, mas a alma divina e imortal, sem que ela tenha nenhum perigo a correr!..."

Tezel passava depois a um outro assunto.

Porém ainda há mais," dizia ele: "as indulgências não salvam somente os vivos, salvam os mortos.

Para isso, nem mesmo é necessário o arrependimento.

"Sacerdote! nobre! negociante! mulher! menina! moço! escutai os vossos parentes e os vossos amigos que morreram e que vos gritam do fundo do abismo: Esta-mos sofrendo um horrível martírio! Uma esmolinha nos livraria dele: vós outros podeis, e não quereis dá-la!"

Estremeciamao ouvir estaspalavras,pronunciadascomavoz horrível do frade charlatão.

"No mesmo instante,"- continuava Tezel, em que a moeda retine no fundo da burra, a alma parte do pur-gatório, e vôo., para o céu. ° [6]

Tese 56. Positiones fratris J. Tezclii, quibus, defendit indulgentia contra Lutheruna.

"Cr gente estúpida e quase semelhante às bestas, que não comendeis a graça que vos é tão ricamente oferecidal... Agora que o céu está inteiramente aberto!... Recusais nesta hora entrar nele? Quando entrareis então? Agora podeis resgatar tantas almas! Homem duro e descuidado! com doze oitavas tu podes tirar teu pai do purgatório, e és tão ingrato que não o queres salvar! Eu hei de ser justificado no dia de juízo; mas vós, vós sereis castigados tanto mais severamente, quanto tendes negligenciado uma tão importante salvação. Eu te declaro que, ainda quando não tenhas mais do que um só vestido, és obrigado a tirá-lo e vendê-lo, a fim de obter esta graça. . O Senhor nosso Deus já não é Deus. Ele entregou todo o seu poder ao papa."

Depois, procurando fazer uso de outras armas ain-da, acrescenta: "Sabeis vós por que o nosso muito santo Senhordistribui urnatão sublime graça? Trata-se de reedificaraigreja destruída de S. Pedro e S. Paulo, de tal maneira que não haja igual no universo. Esta igreja encerra os corpos dos santos apóstolos Pedro e Paulo e os de urna multidão de mártires. Estes corpos santos, pelo estado atual do edifício, são, ai!... continuamente pisados, alagados, emporcalhados, desonrados, e reduzidos à

podridão pela chuva e pela saraiva... Ah! essas cinzas sagradas ficarão por mais tempo no lodo e no opróbrio?"

Esta pintura não deixava de fazer impressão em muitos. Ardiam em desejos de socorrer ao pobre Leão X, que não tinha com que abrigar da chuva os corpos de S. Pedro e de S. Paulo.

Então, orador erguia-se contra os altercadores e aleivosos que contrariavam a sua obra: "Eu os declaro excomungados!" vociferava.

Em seguida, dirigindo-se às almas dóceis, e fazendo um uso ímpio da Escritura, exclamava: "Bemaventurados são os olhos que vêem o que vós vedes; porque eu vos digo que muitos profetas e muitos reis hão desejado ver as cousas que vós vedes, e não as hão visto, e ouvir as cousas que vós ouvis, e não as hão ouvido!"

Instrução do arcebispo de Mogúncia, etc.

E, por último, mostrando o cofre no qual arrecadava o dinheiro, concluía regularmente o seu patético discurso, dirigindo três vêzes ao povo estas palavras: "Trazeil trazei! trazei!" "Pronunciava estas palavras com tão horrível bramido," escreve Lutero, "que parecia um touro furioso que se ar-remeçava sobre o povo e o estropeava a cornadas." Assim que acabava o discurso, descia do púlpito, corria para o cofre, e, em presença de todo o povo, lançava nele uma moeda com tal jeito que a fazia soar bem alto. +[7]

Tais eram os discursos que a Alemanha ouvia, atônita, nos dias em que Deus preparava Lutero.

Acabado isso, a indulgência era considerada como havendo estabelecido o trono nesse lugar de maneira solene." "Colocava-se confessionários ornados com as armas do papa. Os subcomissários, e os confessores que eles elegiam, eram reputados como representantes dos peni-tenciários apostólicos de Roma em tempo de grande jubileu; e em cada um desses confessionários se liam, em grandes letras, os seus nomes, apelidos e títulos.

Então corriam em tropel para os confessores. Cada um trazia uma moeda na mão. Homens, mulheres, me-ninos, pobres, mesmo aqueles que viviam de esmolas, todos encontravam dinheiro. Os penitenciários, depois de haverem explicado de novo a cada um em particular a grandeza da indulgência, faziam aos penitentes esta per-gunta: "De quanto dinheiro podeis privar-vos, em cons-ciência, para obterdes uma tão perfeita remissão?" "Esta pergunta," diz a Instrução do arcebispo de Mogúncia aos comissários, "deve ser feita neste momento, para que os penitentes estejam melhor dispostos a contribuir."

Quatro grandes graças estavam prometidas àqueles que quisessem ajudar a construir a basílica de S. Pedro. "A primeira graça que vós anunciamos," diziam os

comissários conforme a letra de sua instrução, "é o completo perdão de todos os pecados." ° Seguiam-se depois outras três graças: uma, era o direito de escolher, um confessor que, quando a hora da morte parecer soar dará a absolvição de todos os pecados e mesmo dos maiores crimes reservados à sé apostólica; a outra era a participação em todos os bens, obras e merecimentos da igreja católica, orações, jejuns, esmolas, e romarias; ° a última, finalmente, era a redenção das almas que estão no purgatório.

Para obter a primeira destas graças era indispensável a contrição do coração e aconfissão da boca, ou ao menos a intenção de se confesar. Porém, quanto às outras três podiam ser obtidas sem contrição e sem confissão, unicamente pagando. Já Cristóvão Colombo, exaltando o valor do ouro, havia dito muito seriamente: uem o possui pode introduzir as almas no paraíso." Tal era a doutrina ensinada pelo arcebispo cardeal de Mogúncia e pelos comissários do papa. "Quando àqueles" diziam eles, "que quiserem livrar as almas do purgatório e alcançar para elas o perdão de todas as suas ofensas, que metam dinheiro na caixa. E não é .necessário que tenham a contrição do coração ou a confissão da boca; tratem somente de trazer depressa o seu dinheiro, porque assim farão uma obra muito útil às almas dos defuntos e à construção da igreja de S. Pedro. Não se podiam oferecer maiores bens por mais baixo preço.

Acabada a confissão, que era feita rapidamente, os fiéis, correndo, se amontoavam junto do vendedor. Um só estava encarregado da venda. Tinha o seu balcão perto da cruz. Lançava olhares investigadores sobre aqueles que se aproximavam. Examinava seu ar, seu porte e seus vestuários; e pedia um preço proporcionado à aparência daquele que se apresentava. Os reis, as rainhas, os príncipes, os arcebispos e os bispos deviam pagar, segundo o regulamento, vinte e cinco ducados por uma indulgência comum. Os abades, os condes e os barões pagavam dez.

Tentzel Reformationsgesh. Myconii Ref. Hist. Instrução do arcebispo de Mogúncia aos subcomissários da indulgência. Teses de Lutero. Os outros nobres, os reitores; e todos aqueles 'que tinham um rendimento de quinhentos florins, pagavam seis. Aqueles que tinham duzentos florins por ano, pagavam uni, e os outros, somente meio. Quanto ao mais, se esta tarifa não pudesse ser executada ao pé na letra, o comissário apostólico se achava revestido de plenos poderes; e tudo devia ser arranjado segundo os dados da "sã razão" e a generosidade do doador. Para os pacados particulares, Tezel tinha um preço parti-cular. A poligamia custava seis ducados; o roubo de igrejae o perjúrio, nove ducados; o homicídio, oito; afeitiçaria, dois. Samsou, que fazia naSuíçaomesmo comércio que TezelnaAlemanha, tinhaurnatarifaumpoucodiferente. Por um infanticídio, fazia pagar quatro libras torpezas; por um parricídio ou um fratricídio, um ducado.

Os comissários apostólicos encontravam algumas di-ficuldades no seu negócio. Sucedia freqüentemente, tanto nas cidades como nas aldeias, que os maridos eram opostos a todo aquele tráfico, e proibiam às suas mulheres que levassem cousa alguma a esses traficantes. Que de-viam fazer suas devotas esposas? Não tendes o vosso dote ou outros bens à vossa disposição? lhes diziam os vendedores. Nesse caso, vós podeis dispor deles para uma obra tão santa, contra a vontade de vossos maridos.

A mão que entregava a indulgência não podia receber o dinheiro; isso era proibido sob as mais severas penas: tinham bastantes motivos para temerem que essa mão não fôsse fiel. O mesmo penitente devia depositar na burra o preço de seu perdão. Mostravam o rosto encolerizado àqueles que guardavam audaciosamente suas bôlsas fechadas.

Se, entre os que se comprimiam nos confessionários, se achava algum homem cujo nome fôsse público, sem que as leis civis o houvessem castigado, devia fazer pe-nitência pública diante de todos. Conduziam-no inconti-nenti a uma capela ou sacristia; ali o despojavam de seu vestuário, tiravam-lhe os sapatos, e não lhe deixavam senão a camisa. Cruzavam-lhe os braços sobre o peito; punham-lhe uma vela em urna mão e uma vara na outra. Depois o penitente caminhava na frente da procissão, que se dirigia à cruz vermelha. Aí permanecia ajoelhado até que terminasse o canto e a coleta. Então o comissário entoava o Salmo Misere mei! Os confessores se aproximavam logo do penitente, e o conduziam pelo meio da estação até ao comissário, que, tomando a vara na mão e batendo-lhe suavemente três vêzes nas espáduas, [13] § dizia: "Que Deus tenha piedade de ti, e te perdoe o teu pecado!" Em seguida entoava o Kyrie eleison. O penitente era reconduzido ante a cruz, e o confessor pronunciava a absolvição apostólica, e o declarava reintegrado na comunhão dos fiéis. Tristes bugiarias, terminadas com urna palavra santa, que em semelhante ato era uma profanação!

Eis uma das fórmulas de absolvição (Vale a pena conhecer o conteúdo daquelas letras de câmbio, que ocasionaram a reforma da igreja):

Que Nosso Senhor Jesus Cristo tenha piedade de ti, F---, e te absolva pelos merecimentos de sua santissi, ma paixão! E eu, em virtude do poder apostólico que se me há conferido, te absolvo de todas as censuras eclesiásticas, sentenças e penas em que tenhas incorrido; e também de todos os excessos, pecados e crimes que tenhas cometido, por grandes e enormes que possam ser, e por qualquer causa que seja, ainda quando fôssem dos reservados a nosso santíssimo padre, o papa, e à sé apos-tólica. Eu apago todas as manchas de incapacidade e todas as notas de infâmia de que te tenhas coberto até esta ocasião. Perdôo-te as penas que tenhas devido sofrer no purgatório. Faço-te de novo participante dos sacramentos da igreja. Imploro-te outra vez na comunhão dos santos, e te restabeleço na inocência e na pureza que tiveste no ato de teu batismo.

De maneira que, no momento de tua morte, a porta pela qual se entra para o lugar dos tormentos e das penas te será fechada, e, ao contrário, a porta que conduz ao paraíso da alegria te será aberta. E se tu não tiveres de morrer em breve, esta graça permanecerá imutável até ao momento de teu fim derradeiro.

Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

"Frei João Tezel, comissário, a assinou de seu próprio punho." [14]

Com que habilidade se acham intercaladas aqui palavras mentirosas e arrogantes, entre palavras santas e cristãs!

Todos os fiéis deviam vir confessar-se ao mesmo sítio onde se achava colocada a cruz vermelha. Não havia exceção senão para os enfermos, os decrépitos e as mulheres grávidas. Se entretanto achava-se na vizinhança algum nobre em seu castelo, ou algum grande personagem em seu palácio havia também exceção para ele; porque podia não querer misturar-se com o povo, e seu dinheiro valia bem o trabalho de o irem buscar à casa.

Se havia algum convento cujos chefes, opostos ao co-mércio de Tezel, proibissem os frades de visitar os lugares onde a indulgência havia estabelecido seu trono, achava-se também meio de remediar o mal, enviando-lhes confessores encarregados de absolvê-los, contra as regras da ordem e a vontade de seus superiores. Não deixavam um só veio da mina sem explorá-la.

Depoisprocedia-se acontaro dinheiro,objeto e fimprincipal de todo o negócio. Paramaior segurança, o cofre tinha três chaves: a primeira nas mãos de Tezel; a segunda em poder do tesoureiro delegado da casa, Fugger d'Augsburgo, a quem havia confiado esta vasta empresa; e a terceira, entregue à autoridade civil. Logo que o momento era chegado, abria-se a burra em presença de um tabelião público, e tudo era devidamente contado e Cristo para lançar profanos? [15]

Concluída a missão, os negociantes descansavam de seus trabalhos. A instrução do comissário geral lhes proi-bia, é verdade, o freqüentarem as tabernas e os lugares suspeitos•[16]' porém faziam pouco caso desta proibição. Os pecados deviam parecer mui pouco temíveis e essagente que deles fazia tão fácil comércio. "Os questores levavam má vida," díz um historiador católico-romano; "gastavam, nas tabernas, nas casas de jogo e nos lugares in-fames, tudo o que o povo arrancava às suas necessidades." •[17] Assevera-se mesmo que, quando estavam nas tabernas, chegavam a jogar aos dados a salvação das almas. '

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Mathes., p.

[2] * Lutheri Opera (W.), 15, p. 862. Melancth. Vita Lut

[3] * História do Luterianismo, por P. Mairnbourg, da Companhia de Jesus, 1601,p. 21.

[4] • Lut. Op. (W.), 22, p. 1393.

[5] • Tezel, Antíteses, 99, 100, 101. Loscher's Reformations Acten, 1„ p. 418.

[6] '11-oscher's Reforrnations Acten, 1. p, 148.

[7] * Resolução, sobre a tese 32.

[8] * Nach den Satzen der gesunden Vernunft, nach ihrer Magni-ficenz und Freígebigkeit. Instrução, etc., 26.

[9] * Müller's Relia. 3, D. 264.

[10] * Wieder den Willcn ihrs Mannes. Instrução, 27.

[11] • Ibid., 87, 90 e 91.

[12] * Lut. Op. Lips., 17. 79.

[13] § Dreimal gelind auf den Rlicken. Instrução.

[14] * Instrução do arcebispo de Mogúncia, 9.

[15’ * Ibid., 69.

[16]• Sarpi, Conc. de Trento, p. 5.

[17]• Schrock, R. G. v. d. R., 1. 116.

CAPÍTULO II

Cenas diversas — O sapateiro de Haguenau Micônio — Ele busca a indulgência — Ele suplica — Astúcia — Discurso — Censuras — Papel-moeda — Murmúrios.

Vejamos agora que cenas tiveram lugar então na Alemanha por causa daquela venda de perdão de peca-dos. Há característicos que somente por si representam os, tempos. Queremos deixar falar os homens cuja história referimos.

Em Magdeburgo, Tezel recusava absolver uma mu-lher rica, a não ser, dizia, que ela lhe pagasse adiantado cem florins. Ela consultou o confessor ordinário, que era franciscano: "Deus concede gratuitamente o perdão dos pecados," respondeu este .homem, "e não o vende." Entretanto suplicou-lhe que não dissesse nada a Tezel a respeito do conselho que lhe havia dado. Porém o vendedor, tendo, não obstante, ouvido referir estas palavras, tão contrárias aos seus ganhos, vociferou: "Semelhante conselheiro merece ser afugentado ou queimado." [1]

Tezel não encontrava senão raramente homens assás esclarecidos, e mais raramente ainda homens corajosos para resistir-lhe De ordinário fazia bom negócio com a multidão supersticiosa. Tinha inaugurado em Zwickau a cruz vermelha das - indulgêências, e os ingênuos paro-quianos aceleravam-se em fazer tinir no fundo do cofre o dinheiro que os devia libertar. Retirava-se com a bolsa cheia. Na véspera de sua partida, os capelães e seus acólitos lhe pediam um banquete de despedida. A petição era justa. Porém como aceder a ela, se o dinheiro estava contado e selado? Na manhã seguinte mandava tocar o sino grande. A multidão precipitava-se ao templo; cada um cuidava que havia sucedido alguma coisa, pois que a estação estava concluída.

"Eu estava resolvido a partir esta manhã," diz ele à multidão reunida; "porém à noite passada fui despertado por gemidos: apliquei o ouvido... era do cemitério que eles vinham... Ai de mim! era uma pobre alma que me chamava, e que me suplicava encarecidamente que a livrasse do tormento que a consumia! Eu fiquei, portanto, um dia a mais, a fim de comover às compaixão os corações cristãos, em favor daquela alma desgraçada. Eu mesmo quero ser o primeiro a dar; e aquele que não seguir o meu exemplo será merecedor da condenação!" Que coração não houvera respondido a um tal chamado? Quem sabia, além disso, que alma era aquela que gemia no cemitério? Deram pois com abundância; e Tezel ofereceu aos capelães e a seus acólitos um delicioso banquete, cujas despesas foram pagas com as ofertas apre-sentadas em favor da alma de Zwickau.

Os vendedores de indulgências haviam-se estabelecido em Haguenau em 1517. A mulher de um sapateiro, usando da faculdade que lhe concedia a instrução do comissário geral, havia comprado, contra a vontade de seu marido, urna letra de indulgência, pela qual pagou um florim em ouro. Morreu pouco depois. O marido,

não tendo mandado dizer missas pelo repouso da alma de sua mulher, foi acusado pelo vigário de desprezar a religião, e o juiz de Haguenau o intimou a comparecer à sua presença. O sapateiro meteu no bolso a indulgência de sua mulher e apresentou-a na audiência. Vossa mulher é morta? perguntou-lhe o juiz. [2]

"Sim," respondeu o sapa-teiro. "E vós, o que fizestes por ela?" "Comprei urna sepultura para o seu corpo, e encomendei a sua alma a Deus." "Porém mandastes dizer missa para a salvação de sua alma?" "Tal não fiz eu de modo algum; era inútil; pois ela entrou no céu no mesmo instante cm que morreu." "Como sabeis isso? "Tenho aqui a prova." E ao dizer estas palavras, tirou a indulgência do bolso; e o juiz, em presença do vigário, leu nela, entre outras palavras, que a mulher que a tinha recebido não iria para o purgatório quando morresse,masentrariadiretamente no céu. "Se o Sr. vigário pretende queé ainda necessária uma missa," acrescentou o sapateiro, "minha mulher foi enganada pelo nosso santíssimo padre o papa; e se ela não o foi, então é o Sr. vigário quem me engana. Não havia nada a responder; e o acusado foi absolvido. Desta maneira o bom senso do povo fazia justiça a estas velhacarias. c'[3]

Um dia em que Tezel pregava em Leipzig, e embru-lhava em sua pregação algumas fábulas de que temos dada já uma amostra, dois estudantes saíram indignados da igreja, gritando: "É impossível ouvir por mais tempo as facécias e puerilidades deste frade." +[4] Um deles era, segundo se afirma, o jovem Camerário, que depois foi íntimo amigo de Melancton, e escreveu sua vida.

Porém, de todos os jovens daquela época, aquele em quem Tezel fez mais impresão foi, sem dúvida, Micônio, célebre ao depois como reformador e historiador da re-forma. Ele havia recebido uma educação cristã. Meu fi-lho," lhe dizia muitas vezes seu pai, homem piedoso da Francônia, "ora freqüentemente; porque todas as coisas nos são dadas gratuitamente por Deus só. O sangue de Cristo," acrescentava ele, "é o único resgate dos pecados de todo o mundo. Ainda quando não houvesse ,mais do que tres homens que devessem ser salvos pelo sangue de Cristo, crê, o filho meu, e crê com toda a segurança, que tu és um desses três.;

" É uni insulto feito ao sangue do Salvador o duvidar de que ele salva." Depois, pondo seu filho em guarda contra o comércioque começava a estabelecer-se na Alemanha, dizia-lhe ainda: "As indul-gências romanas são redes de pescar dinheiro, e servem para enganar os simples. O perdão dos pecados e a vida eterna, não se compram."

Na idade de treze anos, este jovem, chamado Frederico, foi enviado à escola de Annaberg, para concluir os estudos. Pouco depois chegou Tezel àquela cidade, e aí permaneceu dois anos. Acudiam em tropel a ouvir suas pregações. "Não há," gritava Tezel com voz de trovão, não há outro meio de alcançar a vida eterna senão pela

satisfação das obras. Porém esta satisfação é impossível ao homem. Não pode, portanto, deixar de comprá-la ao pontífice romano.

Quando Tezel estava para deixar Annaberg, seus dis-cursos foram mais apertados. Em breve porei abaixo a cruz," gritava em tom ameaçador, fecharei a porta do céu, e apagarei a luz deste sol de graça que brilha a vossos olhos." Depois, prosseguindo com voz terna e persuasiva, dizia: "Eis o dia da salvação! eis o tempo favorável!" Alçando a voz de novo, o Estentor pontifical,eque sedirigiaaoshabitantesdeumpaísricopor suasminas,gritava com força: "Contribuí, boa gente de Annaberg! contribuí abundantemente em favor das indulgências, e vossas minas e montanhas se encherão de ouro puro!" Por fim, no dia de Pentecostes, declarou que distribuiria suas letras aos pobres gratuitamente e pelo amor de Deus.

O jovem Micônio se achava entre os ouvintes de Tezel. Sentiu-se com ardente desejo de aproveitar aquela oferta. Dirigiu-se aos comisários e lhes disse cm la-tim: "Eu sou um pobre pecador, e tenho necessidade de perdão gratuito." "Só aqueles," responderam os merca-dores, "só aqueles que estendem as mãos piedosas à igreja, queremos dizer só aqueles que dão dinheiro, são os que podem ter parte nos merecimentos de Cristo." [5]

Que significam então, disse Micônio, "essas promessas de dom gratuito afixadas nas portas e nas paredes dos templos?" "Dai ao menos um níquel," disseram os agentes de Tezel, depois de haverem intercedido em vão junto de seu mestre em favor do moço. "Eu não posso." Quatro moedinhas somente." "Mesmo isso não tenho." Os dominicanos, temendo então que ele tivesse vindo para surpreendê-los, lhe disseram: "Escuta, queremos fazer-te um presente de quatro moedinhas.' Então o moço, levantando a voz, respondeu com indignação: "Eu não quero indulgências compradas. Se quisesse comprá-las, não teria de fazer mais do que vender um dos meus livros de escola. Quero um perdão gratuito, e só pelo amor de Deus. Vós dareis contas a Deus de haver deixado, por quatro moedinhas, escapar a salvação de uma alma." "Quem te enviou para nos surpreender?" exclamaram os mercadores. "Só o desejo de receber a graça de Deus pôde fazer-me comparecer diante de tão grandes senhores," respondeu o moço e retirou-se.

"Eu me achava muito desconsolado," disse ele, ao ver-me assim despachado _tão sem piedade. Porém, não obstante, sentia no meu interior um consolador que me dizia que havia um Deus no céu, que perdoava, sem dinheiro nem preço, as almas arrependidas, só por amor de seu Filho Jesus. Quando me despedi daquela gente, o Espírito Santo tocou meu coração. Derramei lágrimas, e, entre suspiros, fiz ao Senhor esta oração: Meu Deusl já que os homens me hão negado o perdão dos pecados, porque me faltava dinheiro para pagá-lo. Tu, Senhor, tem piedade de mim, e perdoa minhas culpas por pura graça. Entrei no meu quarto, tornei o crucifixo que se achava na estante, coloquei-o sobre uma cadeira e me ajoelhei diante dele. Não

sei descrever o que experimentei. Pedi a Deus que fosse meu pai, e fizesse de mim tudo o que lhe agradasse. Senti minha natureza mudada, convertida, transformada. AquilO que antes me alegrava, tornou-se para mim um objeto de ayeria-b. Viver com Deus e agradar-lhe, era então o meu mais ardente, o meu único desejo. [6]•

Deste modo o mesmo Tezel preparava a reforma. Com seus escandalosos abusos abria caminho a uma doutrina mais pura; e a indignação que excitava em uma juventude generosa devia estalar um dia com força. Poder-se-á avaliar isto pela seguinte anedota:

Um fidalgo saxônio, que tinha ouvido Tezel pregar em Leipzig, ficou indignado de suas mentiras. Aproxi-mou-se do frade e lhe perguntou se tinha a faculdade de perdoar os pecados que se tencionavam cometer. "Infa-livelmente," respondeu Tezel, "hei recebido para isso pleno poder do papa." [7]

"Pois bem," continuou o cavalheiro, "eu queria exercer uma pequena vingança sobre um de meus inimigos, sem prejudicar a sua vida. Dou-vos dez escudos se quiserdes entregar-me uma bula de indulgência que me justifique plenamente." Tezel pôs algumas dificuldades: mas em fim concordaram no negócio, mediante trinta escudos. Pouco depois saiu o frade de Leipzig. O fidalgo, acompanhado de seus criados, o esperou em um bosque entre Jüterbock e Treblin; caiu sobre ele, deu-lhe algumas cacetadas e lhe arrancou a preciosa caixa das indulgências, que o inquisidor levava consigo. Tezel apregoou a violência, e levou sua queixa perante os tribunais. Mas o fidalgo apresentou a bula, firmada pelo mesmo Tezel, que o isentava com antecipação de toda a pena. O duque Jorge, a quem esta ação irritou muito a principio, mandou, á vista daquela bula, que o acusado fosse absolvido.

Por toda a parte aquele comércio agitava os espí-ritos; em todo lugar se falava dele. Era o assunto das conversações nor palácios, nas academias, nas casas particulares, assim como nas hospedarias, nas tabernas e em todos os sítios de reunião pública. + As opiniões estavam divididas; uns criam, e outros se indignavam. [8]

Quanto à parte sensata da nação, ela repelia com asco o sis-tema das indulgências. Esta doutrina era de tal maneira contrária à Santa Escritura e à moral, que todos os ho-mens que tinham algum conhecimento da Bíblia, ou al-guma luz natural, a condenavam interiormente, e só es-peravam um sinal para se oporem a ela. Por outro lado, os satíricos achavamvasto assunto de zombaria.Opovo, aquemamácondutadossacerdotesirritava desde muitos anos, e a quem só o temor dos castigos continha ainda em um certo respeito, deixava entrever todo o seu ódio. Por toda parte ouviam-se queixas e sarcasmos sobre o amor do dinheiro que devorava o clero.

E não ficavam nisso. Atacava mo poder das chaves, e a autoridade do soberano pontífice. "Por que," diziam, não liberta o papa de uma vez todas as almas do purgatório, e isto por caridade e em consideração à grande miséria das almas, visto que ele livra um tão grande número por amor do dinheiro transitório e da catedral de S. Pedro? Por que se celebram festas e aniversários pelos defuntos? Por que o papa não restitui, ou não permite que lhe tirem os beneficias e as prebendas fundadas em favor dos defuntos, visto que presentemente é inútil e mesmo repreensível rogar por aqueles que foram resgatados para sempre em virtude das indulgências? Que nova santidade de Deus e do papa é esta que lhes permite, por amor do dinheiro, conceder a um homem ímpio e inimigo de Deus a faculdade de livrar do purgatório uma alma piedosa e amada do Senhor, e não os leva aelesmesmosalivrá-lagratuitamente poramor e emconsideração àsuagrande miséria?

Referiram à conduta grosseira e imoral dos traficantes de indulgências. Para pagar, diziam, o que devem aos cocheiros que os conduzem com suas mercadorias, aos donos de estalagens onde se alojam, ou a qualquer que lhe faz algum serviço, dão uma letra de indulgência para quatro, cinco, ou mais almas, segundo os casos. Desta maneira, os

diplomas de salvação tinham, nas estalagens e nos mercados, o mesmo curso que os bilhetes do banco ou papel-mceda. [9]

"Trazeil trazei!" dizia a gente do povo; "eis a cabeça; a barriga, o fim e todo o conteúdo de seus sermões."

Um mineiro de Schneeburg encontrou um vendedor de indulgências, e lhe dise: "Dever-se-á crer o que tendes dito repetidas vêzes acerca do poder da indulgência e da autoridade do papa; e acreditar que, lançando-se um níquel na caixa, se pode resgatar uma alma do purgatório?" O vendedor de indulgências assegurou-lhe que sim. "Ah!" continuou o mineiro, "que homemtão crueldeve ser o papa, que deixaassim, por ummiserável níquel, uma pobre alma arder tanto tempo nas chamas! Se ele não tem dinheiro, que tome emprestado algumas centenas de mil escudos, e que resgate de urna vez todas essas almas. Nós outros, ainda que pobres, lhe pagaremos de boa vontade o capital e os juros". [10]

Assim a Alemanha estava cansada do tráfego vergo-nhoso que se fazia no meio dela. Não podiam mais su-portar as imposturas daqueles ladrões, donos de Roma, como disse Lutero. [11]° Entretanto, nenhum bispo nem teó-.logo se atrevia a opor-se a seu charlatanismo e às suas fraudes. Os espíritos estavam perplexos. Perguntavam uns aos outros se Deus não suscitaria algum homem poderoso para a obra que tinha de fazer; porém por nenhuma parte se via aparecer esse homem.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] • Scultet, Annal, evangel., p. 4.

[2] Loscher's Ref. Acta, 1. 404. Lut Op., 15. 443, etc.

[3]* Musculi Loci Communes, p. 362.

[4]* Hoffmann's Reformationsgesch. v. Leipzig, p. 32.

[5] (1) Melch. Adami Vita Mycon.

[6] * Carta de Micônio a Ebreus, em Hechtii Vita Tezelii, Wittemb., p. 114.

[7] Albínus, Meissn. Chronik. W. (W.), 15. 446, etc. Hechtius,

in Vit. Tczelii.

[8] * Lut. Op. (Lips.), 17, p. 1H e 116.

[9] Lut. Teses sobre as indulgências. Th. 82, 83 & 84.

[10] • Lut. Op. (Lips.), 17, p. 7o).

[11] * Lut. Op. lat., in prxf.

CAPÍTULO III

Leão X — Suas necessidades — Alberto — Seu caráter — Franciscanos, Agostinhos ou Dominicanos?

O papa que ocupava então o trono pontifical não era nenhum dos Bórgias, mas Leão X, da ilustre família dos Médicis. Era hábil, sincero, cheio de bondade e doçura. Seu trato era afável, sua liberalidade sem limite, seus costumes pessoais melhores que os de sua corte; contudo o cardeal Palivicini confessa que eles não foram isentos de toda censura. A esse caráter amável reunia muitas qualidades de umgrande príncipe. Mostrava-se amigo das ciências e das artes. Foi em sua presença que se representaram as primeiras comédias italianas; de seu tempo há poucas que ele não houvesse visto representar. Era apaixonado pela música; todos os dias seu palácio retinia ao som dos instrumentos, e ouvia-se muitas vezes ele mesmo gargantear as peças que haviam sido executadas em sua presença. Amava a pompa, e não poupava nada quando se tratava de festas, de jogos, de teatros, de donativos ou de recompensas. [1]

Nenhuma corte excedia em brilho e prazeres à do soberano pontífice. Assim, quando se soube que juliana Médicis tratava de fixar sua resi-dência em Roma com sua jovem esposa, o cardeal Bi-bliena, o mais influente dos conselheiros de Leão X, ex-clamou: Louvado seja Deus! pois que nada nos falta-va aqui senão umk. -corte de damas. Uma corte de damas era o complemento necessário da corte do papa. Porém o sentimento religioso era uma coisa completamente desconhecida a Leão. "Tinha tanta graça em suas maneiras, que houvera sido um homem completo se tivesse tido algum conhecimento das coisas da religião e um pouco mais de inclinação à piedade, da qual ele nunca se ocupou," diz Sarpi. ° [2]

Leão tinhanecessidade de muitodinheiro.Deviaprover suasvastasdespensas; satisfazer todas as liberalidades; encher de ouro a bolsa que todos os dias derramava ao povo; sustentar os licenciosos espetáculos do Vaticano; satisfazer os numerosos pedidos de seus parentes e de seus cortezãos, entregues à sensualidade; dotar sua irmã que havia casado com o príncipe Cibo, filho natural do papa Inocêncio VIII; e satisfazer as despesas ocasionadas por sua inclinação às letras, às artes e aos prazeres. Seu primo, o cardeal Pucci. tão destro na arte de acumular, como Leão na de dissipar, o aconselhou que recorresse ao expediente das indulgências. O papa publicou logo uma bula anunciando uma indulgência plenária, cujo produto seria destinado, dizia ele, à construção da igreja de S. Pedro, esse monumento da magnificência sacerdotal. Em uma carta escrita em Roma sob o anel do pescador, em novembro de 1517, Leão pede a seu comissário de indulgências 147 ducados de ouro para pagar um manuscrito do trigésimo-terceiro livro de Tito Lívio. De todosos empregosque fez dodinheiro dosGermanos, este foisem dúvida o melhor.

Mas não obstante é singular resgatar almas do purgatório para comprar o manuscrito da. história das guerras do povo romano.

Achava-se então na Alemanha um jovem príncipe que era, a muitos respeitos, a viva imagem de Leão X: era Alberto, irmão mais moço do eleitor Joaquim de Brandeburgo. Este jovem, de idade de vinte e quatro anos, havia sido nomeado arcebispo e eleitor de Mogúncia e de Magdeburgo; e dois anos depois foi feito cardeal. Alberto não tinha as virtudes nem os vícios das altas dignidades na igreja. Jovem, inconstante, mundano, mas não sem alguns sentimentos generosos, conhecia a fundo muitos abusos do catolicismo, e fazia pouco caso dos fanáticos frades que o rodeavam. Sua eqüidade o inclinava a reconhecer, ao menos em parte, a justiça do que pediam os amigos do Evangelho. No seu interior, não era muito oposto a Lutero. Capiton, um dos reformadores mais distintos, foi por muito tempo seu capelão, seu conselheiro e seu íntimo confidente. Alberto assistia regularmente às suas pregações. "Ele não desprezava o Evangelho," diz Capiton; "ao contrário o apreciava muito, e durante largo tempo impediu que os frades atacassem Lutero." Porém houvera querido que este não o comprometesse, e que, ainda que manifestasse os erros de doutrina e os vícios dos membros inferiores do clero, se guardasse bem de descobrir as faltas dos bispos e dos príncipes. Temia sobretudo ver seu nome figurar neste assunto.

"Vede," dizia mais tarde a Lutero o ousado Capiton, propenso a alucinar-se, corno sucede muitas vêzes em situações semelhantes à sua, "vede o exemplo de Jesus Cristo e dos apóstolos: censuraram aos fariseus e o incesto do Corinto; porém nunca nomearam os culpados. Vós não sabeis o que se passa no coração dos bispos. Encontra-se neles 'mais bem do que talvez pensais." Porém o espírito volúvel e profano de Alberto devia, ainda mais que as susceptibilidades e os temores de seu amor próprio, afastá-lo da reforma. Afável, espirituoso, ben-, parecido, suntuoso, dissipador, amigo das delícias da mesa, das ricas carruagens, dos magníficos edifícios, dos prazeres licenciosos e da sociedade dos literatos, este jovem arcebispo-eleitor era na Alemanha o que Leão era em Roma. Sua corte era uma das mais magnificas do império. Não vacilava em sacrificar aos prazeres e às grau-, dezas todos os pressentimentos de verdade que por ventura se insinuassem em seu coração. Contudo via-se nele, até o fim, uma certa resistência e convicções melhores; mais de uma vez deu provas de moderação e de sua eqüidade.

Alberto tinha necessidade de dinhelio, como Leão. Os Fuggers, ricos comerciantes de Augsburgo, lhe haviam feito empréstimos. Era mister pagar suas dívidas. Além disso, bem que ele tivesse sabido acumular dois arcebispadas e um bispado, não tinha com que pagar a Roma o seu palio. Este ornamento de lã branca, semeado de cruzesnegras e bento pelo papa, que o enviava- aos arcebispos como insígnia de sua dignidade, lhes custava vinte e seis mil, e dizem alguns que trinta mil florins. Ocorreu naturalmente a Alberto a idéia de lançar mão dos mesmos

meios que o papa, para obter dinheiro. Pediu-lhe o arrendamento geral das indulgências, ou como diziam em Roma, dos "pecados dos Germanos."

Algumas vêzes os mesmos papas as exploravam; outras vêzes as arrendavam, como alguns governos arrendam ainda hoje em dia as casas de jogo. Alberto ofereceu a Leão o repartir com ele os lucros do negócio. Leão, aceitou o contrato de arrendamento, exigiu que ele lhe pagasse imediatamente o preço do pálio. Alberto, que contava precisamente com as indulgências para lhe pagar, se dirigiu de novo aos Fuggers, que, achando bom o negócio, fizeramo adiantamento pedido comcertascondições,e foramnomeadoscaixeiros da empresa. Eles eram os banqueiros dos príncipes daquele tempo. Mais tarde foram feitos condes, pelos serviços que haviam prestado.

Repartidos assim de antemão entre o papa e o arcebispo os desposos da,s boas almas da Alemanha, trata-va-se de encontrar os que haviam de ser encarregados de realizar o negócio. Ofereceram-no primeiramente à ordem dos Franciscanos, nomeando-se o seu guardião sócio de Alberto. Porém aqueles frades rejeitaram, porque o dito negócio já tinha má reputação entre a gente honesta. Os Agostinhos, entre os quais se encontravam mais luzes que nas outras ordens religiosas, não teriam tido tantos es-crúpulos. Entretanto os franciscanos temiam desgostar o papa, que acabava de enviar de Forli, a seu geral,

o chapéu de cardeal, chapéu que havia custado trinta mil florins àquela pobre ordem mendicante. O guardião julgou mais prudente não recusar abertamente; porém propôs a Alberto toda a sorte de dificuldades. Nunca puderam acomodar-se; pelo que o eleitor aceitou com precipitação a proposta que lhe foi feita de se encarregar só do negócio. Os dominicanos, por seu lado, ambi-cionavam uma parte da exploração geral que ia começar. Tezel, célebre já no negócio, correu a Mogúncia para oferecer seus serviços ao eleitor. Lembravam-se do talento que haVia mostrado quando publicou as indulgências para os cavaleiros da ordem teutônica da Prússia e da Livônia; aceitaram portanto suas prcipostas, e todo este comércio passou por conseguinte às mãos de sua ordem.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Ranke, Rcemisehe Pzebste, 1, p. 71.

[2] Concilio de Trento, p. 4. Palavicini, pretendendo refutar Sarpi, confirma e mesmo aumenta seu testemunho: "suo plane officio defuit (Leo) . , . venationes, facetias, pompas adeo frequentes..." Cone. Hist., 1, p. 8 e 9.

CAPÍTULO IV

Tezel se aproxima — Lutero no confessionário — Lutero não forma nenhum plano — Fábula de rivalidade en-tre as ordens — Lutero prega — Sonho do eleitor — O frade e o leão — A pena.

Parece que Lutero ouviu falar de Tezel pela primeira vez em Grima, em 1516, quando começava a sua visita das igrejas. Um dia em que Lutero se achava com Staupitz, vieram dizer-lhes que havia em Würzen um mercador de indulgências chamado Tezel, que fazia grande estrondo. Citaram mesmo algumas de suas estravagantes palavras. Lutero indignou-se e exclamou: "Se Deus o permite, eu farei um buraco no seu pandeiro." [1]

Tezel tinha, voltado de Berlim, onde havia recebido o mais amigável acolhimento do eleitor Joaquim, irmão do rendeiro geral, quando veio estabelecer-se em Jüterbock. Staupitz, utilizando-se da confiança que nele tinha o eleitor Frederico, manifestou-lhe muitas vêzes os abusos das indulgências e os escândalos dos pedintes. Os príncipes da Saxônia, indignados contra aquele vergonhoso comércio, haviam proibido ao mercador a entrada em suas províncias. Ele devia portanto ficar nas terras de seu patrão, o arcebispo de Magdeburgo, contudo aproxi-mou-se à Saxônia o mais que pôde; Jüterbock não distava mais de quatro milhas de Witemberg. "Este grande debulhador de bolsas," disse Lutero, "se pôs a debulhar ° esforçadamente o país de sorte que o dinheiro começou a saltar, a cair e a tinir nas caixas." O povo de Wittemberg correu em tropel à feira de indulgências de Jüterbock. [2]

Lutero estava ainda, naquela época, cheio de acatamento para com à igreja e papa. "Eu era então", disse ele, "um frade, um papista dos mais insensatos, de tal modo embriagado e mesmo afogado nas doutrinas de Roma, 'que teria voluntariamente ajudado, se me tivesem pedido, a matar a todo aquele que tivesse tido o atrevimento de negar, na mais pequena coisa, a obediência ao papa. ° Eu era um verdadeiro Saulo, como o são ainda muitos." Porém, ao mesmo tempo, seu coração estava disposto a entusiasmar-se por tudo o que reconheciaser avontade, e contratudo o que criaser erro. "Eueraumjovemdoutor, acrescentou, saído recentemente da forja, ardente e alegre na Palavra do Senhor." °[3]

Lutero estava um dia sentado no confessionário em Wittemberg. Muitas pessoas da cidade se apresentaram sucessivamente, e se confessaram culpadas de grandes de-sordens. Adultério, libertinagem, usura, bens mal adquiri-dos, eis aqui as coisas que declaravam ao ministro da Palavra aquelas almas quais um dia deveria dar conta. Ele repreende, corrige e instrui. Porém qual não foi o seu assombro quando lhe responderam que não queriam abandonar os pecados!... Cheio de espanto, o piedoso frade lhes declarou que, visto que não queriam converter-se, ele não podia

dar-lhes a absolvição. Os infelizes recorreram então às suas bulas de indulgências; apresentaram-nas, e reclamaram ser absolvidos em virtude delas.

Porém Lutero respondeu que nada tinha que fazer com o papel que lhe mostravam, e acrescentou: "Se vós não vos converterdes, perecereis todos." Gritavam, reclamavam; o doutor era inflexível; é preciso que deixem de fazer o mal, e aprendam a fazer o bem; senão, não há salvação. "Guardai-vos", acrescentou ele, "de dai- ouvidos aos clamores dos vendedores de indulgências: vós tendes melhores cousas a fazer do que comprar essas licenças, que vos vendem a preço tão vil." ° [4]

Todos atemorizados, aqueles habitantes de Wittemberg se apressaram em voltar para Tezel; contaram-lhe que um frade Agostinho não fazia nenhum caso daquelas letras. Tezel, a esta notícia, rugiu de cólera. Gritou no púlpito, insultou, amaldiçoou; e, para encher mais o povo de terror fez, por várias vêzes acender uma fogueira na praça maior, e declarou que havia recebido do papa a ordem de queimar os hereges que ousassem levantar-se contra suas santíssimas indulgências.

Eis o fato que foi, não a causa, mas a ocasião primária da reforma. Um pastor, vendo as ovelhas de seu rebanho em um caminho onde terão de perder-se, busca tirá-las dai. Ele não pensa ainda em reformar a igreja e o mundo. Tinha Visto Roma e sua corrupção; porém não se subleva contra Roma. Pressente alguns dos abusos sob os quais a cristandade gemia; mas não pensa em corrigir esses abusos. Não quer fazer-se reformador. [5]+ Não tem nenhum plano para a reforma da igreja, nem para a sua própria. Deus queria a reforma, e escolheu Lutero para a reforma. Aquele mesmo remédio, que se tinha mostrado tão eficaz para curá-lo de suas próprias misérias, a mão de Deus o aplicará por êle às misérias da cristandade. Permaneceu tranqüilo no círculo que lhe estava traçado. Ia simplesmente onde seu Mestre o chamava. Cumpriu em Witemberg seus deveres de professor, pregador e pastor. Assentava-se no templo, onde os membros de sua igreja vinham abrir-lhe seus corações. Era ali, sobre aquele terreno que o mal vinha atacá-lo e que o erro vinha mesmo procurá-lo.

Queriam impedir que ele exercesse o seu ministério. Sua consciência, ligada à - Palavra de Deus, resistia. Não era Deus que o chamava?' Resistir era um dever: logo era também um direito. Devia falar. Assim foram ordenados os acontecimentos por aquele Deus que queria restaurar a cristandade pelo filho de um ferreiro, e fazer passar por suas forjas a impura doutrina da igreja, a fim de purificá-la, diz Matesius.

Depois desta exposição não é necessário refutar uma falsa imputação, inventada por alguns inimigos de Lutero, porém somente depois de sua morte. Uma rivalidade entre as ordens, disseram eles, e a dor de ver um comércio vergonhoso e reprovado confiado aos dominicanos antes que aos agostinhos, que até então haviam gozado dele, induziram ao doutor de Wittembergaatacar Tezele suasdoutrinas. O fato,

bemprovado, de que aquele tráfico foi oferecido primeiro aos franciscanos, que não o quiseram, basta para refutar esta fábula, reproduzida por escritores que se hão copiado uns aos outros. O mesmo cardeal Palavicini afirma que os agostinhos não haviam jamais cumprido esta comissão. [6]° Quanto ao mais, temos já visto o combate da alma de Lutero. Sua conduta não necessita outra explicação. Era preciso que confessasse altamente a doutrina á qual devia sua felicidade. No cristianismo, quando se tem achado um bem para si mesmo, quer-se também comunicá-lo aos outros. Em nossos dias se deve abandonar tais explicações, porque são pueris e indignas de grande revolução do décimo-sexto século. Uma alavanca mais forte é necessária para levantar o mundo. A reforma não estava em Lutero somente; seu século a devia produzir.

Lutero, a quem a obediência à verdade de Deus e a caridade para com os homens chamavam igualmente, subiu ao púlpito. Premuniu seus ouvintes, porém com doçura, •[7]

Segundo o que ele mesmo diz. Seu príncipe haviaobtido do papa indulgências particulares para a capela do palácio de Witemberg.

Alguns dos golpes que ia descarre-sobre as indulgéncias do inquisidor poderiam muito bem cair sobre as do eleitor. Não importa! expor-se-á à suacólera. Se procu-rasSe agradar aos homens não seria servo de Cristo.

"Ninguém pode provar pela Escritura que a justiça de Deus pede uma pena ou usa satisfação ao pecado," disse o fiel ministro da Palavra ao povo de Witemberg. O único dever que lhe impõe é um verdadeiro arrepen-dimento, uma sincera conversão, a resolução de levar a cruz de Jesus Cristo e de se aplicar às boas obras. Ë um grande erro pretender satisfazer por si mesmo os seus pecados à justiça de Deus; pois que Deus os perdoa sempre gratuitamente, por uma graça inestimável.

"A igreja cristã, é verdade, exige alguma coisa do pecador, e por conseqüência pode também eximi-lo. Po-rém isto é tudo... E ainda mais, estas indulgências da igreja não são toleradas senão por causa dos cristãos ne-gligentes e imperfeitos, que não querem exercitar-se com zelo nas boas obras; visto que elas não excitam ninguém à santificação, mas deixam a todos na imperfeição."

Em seguida, falando do pretexto sob o qual as in-dulgências são publicadas, continua: "Procederiam muito melhor contribuindo para a construção da igreja de S. Pedro por amor de Deus, do que comprando indulgências com esse fim... Porém, dizeis vós, não as havemos de comprar nunca? Eu já o tenho dito, e repito, o meu conselho é que ninguém as compre. Deixe-as para os cristãos que dormem; porém vós, marchai à parte e por vós mesmos! É preciso afastar os fiéis das indulgências, e exercitá-los nas obras que se descuidem de fazer."

Por fim, lançando um golpe de vista sobre seus ad-versários, Lutero concluiu dizendo: E se alguns gritam que sou herege (porque a verdade que eu prego é muito prejudicial ao seu cofre de dinheiro), eu me inquieto muito pouco com suas gritarias. São miolos obscuros e enfermos, homens que nunca conheceram a Bíblia, que jamais leram a doutrina cristã, que em tempo algum compreenderam seus próprios doutores, e que apodrecem embrulhados nos trapos esfarrapados de suas vãs opiniões • . . . Que Deus dê a eles e a nós sentido reto! . Amém. Depois destas palavras, o doutor desceu do púlpito, deixando todos os seus ouvintès assombrados de sua atrevida linguagem.

Este sermão foi impresso, e causou profundo abalo em todos os que o leram. Tezel respondeu a ele, e Lutero replicou; porém estas discussões não tiveram lugar senão mais tarde, em 1518.

A festa de todos os santos aproximava-se. As crônicas daquele tempo mencionam uma circunstância que, bem que pouco importante para a história daquela época, pode entretanto servir paradescrevê-la. Éumsonho do eleitor, que emsubstânciaé verdadeiro sem dúvida, ainda que possam ser acrescentadas algumas circunstâncias por aqueles que o hão referido. Seckendorf faz menção dele. [8]• O temor de que os adversários de Lutero disseram que a doutrina deste estava fundada em sonhos, há impedido talvez a vários historiadores o falar do dito sonho, observa este respeitável escritor.

O eleitor Frederico de Saxônia estava em seu palácio de Schweinitz, a seis láguas de Wittemberg, dizem as crônicas do tempo. A 31 de outubro, pela volta da madrugada, achando-se com seu irmão o duque João, que era então co-regente e que reinou só depois de sua morte, e com seu chanceler, disse o eleitor ao duque:

"É mistr, meu irmão, que vosconte um sonho que tive esta noite, e cuja significação muito desejaria saber. Ficou tão gravado no meu espirito, que não o esqueceria ainda que vivesse mil anos; porque sonhei por três vêzes, e sempre com circunstâncias diferentes."

Duque João: "Foi bom ou mau o sonho?"

Eleitor: "Eu o ignoro: Deus o sabe."

Duque João: "Não inquieteis com isso; tende a bondade de referir-mo".

Eleitor: Recostando-me no leito ontem à noite, triste e fatigado, adormeci depois de fazer minha oração, e repousei docemente perto de duas horas e meia. Tendo então despertado, estive até à meia-noite entregue a toda sorte de pensamentos. Refletia de que modo celebraria a festa de todos os santos, rogava pelas pobres almas do purgatório, e pedia a Deus que me conduzisse, a mim, á meus conselheiros e a meu povo, segundo a verdade. Adormeci de novo; e então sonhei que o onipotente

Deus me enviava um frade que era um filho verdadeiro do apóstolo S. Paulo. Todos os santos o acompanhavam, segundo Deus lhes houvera ordenado, a fim de acreditá-lo junto a mim, e de declarar que ele não vinha maquinar nenhuma fraude, porém que tudo o que fazia era conforme a vontade de Deus. Pediram-me que me dignasse a permitir graciosamente que ele escrevesse alguma cousa à porta da capela do palácio de Wittemberg, o que concedi pelo chanceler. Neste meio tempo o frade aí se dirigiu, e se pôs a escrever em letras tão grandes que eu de

Schweinitz podia ler o que ele escrevia. A pena de que se servia era tão grande, que a ex-tremidade chegava até Roma, traspassava as orelhas de um leão que aí estava deitado, ° e fazia cavilar a tríplice coroa sobre a cabeça do papa. Todos os cardeais e príncipes, acudindo precipitadamente, se esforçavam em sustentá-la. Eu mesmo e vós, meu irmão, que quisemos ajudar também: estendi o braço... porém naquele momento acordei, com o braço levantado, espavorido e cheio de cólera contra esse frade que não sabia governar melhor a sua pena. Sosseguei um pouco... não era mais que um sonho.

Eu estava ainda meio dormindo, e fechei de novo os olhos. O sonho recomeçou. O leão, sempre incomodado pela pena, principiou a rugir com todas as suas forças, de maneira que toda a cidade de Roma e todos os estados do sacro império correram a informar-se do que era. O papa pediu que se opusessem àquele frade, e se dirigiu sobretudo a mim, porquanto era no meu país que ele se achava. De novo despertei; recitei o "Padre nosso," pedi a Deus que preservasse Sua Santidade, e tornei a pegar no Sono. [9]

Então sonhei que todos os principes do imperio, e nós com eles, marchavamos para Roma, e nos esforçavamos, uns apor outros, em quebrar aquela pena; porem, quanto mais esforços faziamos, mais firme ela ficava: rangia como se houvesse sido de ferro; por fim nos cansamos. Então fiz perguntar ao frade (porque eu estava ora em Roma ora em Wittemberí de onde havia adquirido aquela pena e como ela veio a ser tão forte. A pena", respondeu ele, "pertenceu a um velho ganso da Boêmia, de idade de cem anos. [10]° Eu a adquiri de um ele meus antigos mestres de escola. Quanto à sua força, provem de não se lhe poder arrancar a alma ou medula, e eu mesmo tambem estou admirado..." De repente ouvi um grande grito: da longa pena do frade havia saído um garnde numero de penas. Pela terceira vez despertei: era dia".

Duque João: "Senhor chanceler, que vos parece? Oxalá que tivessemos aqui um José ou um Daniel inspirado por Deus!"

Chanceler: "Vossas altezas conhecem o provérbio popular que diz que os sonhos das meninas, dos sábios e dos grandes senhores tem ordinariamente alguma significação oculta. Porem a deste sonho não se saberá senão daqui a algum tempo,

quando as cousas aque elese referetiveremchegado.Pelo que,deixai o seucumprimento aDeus,eentregai tudo em sua mão".

Duque João: "Eu penso como vos, senhorchanceler;não é necessario quebrarmosacabeça para descobrir o que isto pode significar. Deus saberá dirigir tudo para sua gloria".

O Eleitor: "Que o nosso Deus fiel assim o façal En-tretanto eu não esquecerei nunca este sonho. Tenho pen-sado bem numa interpretação... porem guardo-a para mim. O tempo mostrará talvez se interpretei bem".

Assim se passou, segundo o manuscrito de Weimar, a manhã de 31 de outubro em Sc.hweinitz: vejamos qual poi a tarde em Witemberg. Aqui entramos de cheio no campo da história.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Op., 17.

[2] * Op. (W.), 1, in przef.

[3] * Lut. Op. (W.), 22.

[4] * Lut. Op. lat., in prEef.

[5] * Miconius, Reformationsgesch. Melanct. Vita. Lut.

[6] * Die verseurte 1-ehr durch den Ofen gehcn. P. 10. Sauberlich.

[7] * Lut. Op. (L.), 17, p. 119.

[8] * Acha-se também em Loscher, 1. 46, etc. Tenzcl's Anf. und Fortg. der Ref. Jünker's Ehrenged, p. 148. Lehmann's Beschr. d. Meissn. Erzgeb., etc.; e em um manuscrito dos arquivos de Weimar, escrito conforme a narração de Spalatin. É segundo esse manuscrito, publicado na época do último jubileu da reforma, (1817), que nós referimos este sonho.

[9] '1' Leão X.

[10] * João Huss. É esta uma circunstância que foi talvez acres-centada depois, para fazer alusão às palavras de João Huss, que já temos citado. Veja-se o primeiro livro, pág. 93.

CAPÍTULO V

Lutero corno teólogo —Afestade todososssantos — Teses— Aremissão livre dospecados — Força das teses —Moderação — Providência — Carta ao arcebispo — Admoestação — indiferença dos bispos — Disseminação das teses — A consciência pública.

As palavras de Lutero haviam produzido pouco efeito. Teiel, sem se alterar, continuava em seu comércio e seus discursos ímpios. [1] ° Lutero resignar-se-á a esses iniquos abusos? guardará silencio? Como pastor, ele tinha viva-mente exortado aos que haviam recorrido a seu ministerio; como pregador, tinha feito retinir do alto do pulpito uma voz de advertencia. Restava-lhe ainda falar como teologo; restava dirigir,se, não a alguma alma no confissionário, não àassembléiadosfiéisno templo de Witemberg,masatodosaqueles que eram, como ele, doutores da Palavra de Deus. Sua resolução estava tomada.

Não era a igreja que ele queria atacar; não era o papa que ia por em discussão: ao contrario, era o seu respeito ao papa que não lhe permitia calar-se por mais tempo sobre as pretenções que o ofendiam. Era preciso tomar o partido do papa contra os homens insolentes que se atreviam a misturar seu nome veneravel naqUele vergonhoso trafico. Bem longe de pensar em uma revolução que destruisse a primazia de Roma, Lutero acreditava ter por aliados o papa e o catolicismo contra os frades descarados.

A festa de todos os santos era dia muito importante para Witemberg, e sobretudo para a capela que o eleitor havia feito construir ali, enchendo-a de relíquias. Tiravam então aquelas reliquias enfeitadas de prata, de ouro e de pedras preciosas, e as expunham aos olhos do povo, atonito e deslumbrado de tanta magnificencia. ° Todos os que visitavam esta capela naquele dia, e nela se confes-savam, ganhavam uma rica indulgência. Por isso, nesse grande dia, os romeiros vinham em tropel a Witemberg.

Lutero, ja decidido, se encaminha corajosamente na vespera da festa, a 31 de outubro de 1517, ao meio-dia, para a capela a que se dirigia a supersticiosa multidão de romeiros, e afixou na porta daquele templo noventa e cinco teses ou proposições contra a doutrina das indulgencias. Nem o eleitor, nem Staupitz, nem Spalatin, nem nenhum de seus amigos, mesmo os mais intimos, haviam sido prevenidos daquele passo. +[2]

Lutero declarava nelas, em forma de preambulo, que tinha escrito aquelas teses com o desejo expresso de expor a verdade à luz do dia. Anunciou que se achava pronto para defende-las no dia seguinte, mesmo na aca-demia, apesar de todos e contra todos. A atenção que elas excitaram foi grande: foram lidas e repetidas. Em breve os romeiros, a academia e toda a cidade se puseram em movimento. [3]

Eis algumas das proposições escritas pela pena do frade e afixadas na porta da capela de Witemberg:

1.a Quando nosso Mestre e Senhor Jesus Cristo diz: Arrependei-vos, ele quer que toda a vida, de seus fieis na terra seja um constante e contínuo arrependimento.

2.a Esta palavra não se pode entender do sacramento da penitência (isto é, da confissão e satisfação) do modo por que é administrado pelo sacerdote.

3.a Porem O Senhor não quer falar aqui somente do arrependimento interior: é nulo se não produz exterior-mente todo o genero de mortificação da carue.

4.a O arrependimento e a dor, que é a verdadeira penitência, duram até que o homem se desgoste de si mesmo, isto é, até que ele passe desta vida para a vida eterna.

5.a O papa não pode nem quer dispensar nenhuma outra pena mais que a imposta segundo o seu beneplácito, ou conforme aos cânones, isto é, aos decretos pontifcios.

6.a O papa não pode anular nenhuma condenação, mas somente declarar e confirmar a remissão feita por Deus; a menos que seja nos casos que lhe pertencem. Se ele procede de outra maneira, a condenação fica sempre a mesma.

8. As leis da penitência eclesiástica não devem ser impostas senão aos vivos, não contemplando de modo ne-nhum os mortos.

21.a Os comissários de indulgências se iludem quando dizem que pela indulgência do papa o remem se li-berta de todo o castigo e se salva.

25.a O mesmo poder que o papa tem sobre o purgatorio em toda a igreja, cada bispo o tem particular na sua diocese, e cada cura na sua paróquia.

27.a São pregadores de loucuras humanas aqueles que pretendem que no mesmo momento em que o di-nheiro caiu no cofre a alma voa do purgatório.

28.a O que é infalivel, sim, é que no mesmo instante em que o dinheiro cai, a avareza e amor da ganancia chegam, crescem e se multiplicam. Mas o auxilio e as orações da igreja não dependem senão da vontade e do beneplácito de Deus.

32.a Aqueles que imaginam estar seguros de sua salvação pelas indulgencias, irão para o diabo com que assim os ensinam.

35.a Ensinam doutrinas anti-cristãs aqueles que pre-tendem que para livrar uma alma do purgatório, ou com-prar uma indulgência, nuo é necessário nem dor nem ar-rependimento.

36.' Cada cristão que sente verdadeiro arrependi-mento pelos seus pecados, tem uma completa remissão do castigo e da culpa, sem que para isto necessite de indulgencias.

38.a Entretanto, não se deve desprezar a distribuição e o perdão do papa; porque o seu perdão é uma declaração do perdão de Deus.

40.a O verdadeiro arrependimento e a verdadeira dor buscam e amam o cástico; porém a benignidade da indulgência absolve do castigo e faz conceber aversão a ele

42.a Convem ensinar aos cristãos que o papa não pensa nem quer que se compare em nada o ato de comprar as indulgencias a uma obra qualquer de misericordia_

43.a preciso ensinar aos cristãos que aquele que dá aos pobres, ou empresta aos necessitados, obra melhor do que aquele que compra uma indulgência.

44.a Efetivamente a obra da caridade faz aumentar a caridade e torna o homem mais piedoso; enquanto que a indulgência não o torna melhor, porém somente mais confiado em si mesmo, julgando-se abrigado do castigo.

45.a É preciso ensinar aos cristãos que aquele que ve o seu próximo na indulgência, e que, apesar disso, compra urna indulgência, não compra a indulgência do papa, mas acarreta sobre si a ira de Deus.

46. É preciso ensinar aos cristãos que, se eles não tem dinheiro superfino, são obrigados a guardar o neces-sario para suas casas, e não devem desperdiçar em indul-gencias.

47.a É preciso ensinar aos cristãos que o comprar uma indulgencia é um ato livre, e não obrigatorio.

48. É preciso ensinar aos cristãos que o papa, tendo mais necessidade de uma oração feita com fé do que de dinheiro, deseja mais a oração do que o dinheiro quando distribui as indulgencias.

49.a Ë preciso ensinar aos cristãos que a indulgencia do papa é boa se não depositarem nela a menor confiança; porém que não há nada mais prejudicial se ela faz a perder a piedade.

50.a É preciso ensinar aos cristãos que, se o papa conhecesse as exações dos pregadores de indulgências, pre-feriria que a metrópole de S. Pedro fosse queimada e re-duzida a cinzas, do que ve-la edificada com a pele, a carne e os ossos de suas ovelhas.

51.a E preciso ensinar aos cristãos que o papa, como é de seu dever, distribuiria seu proprio dinheiro entreas pessoas pobres, a quem os pregadores de indul-gências

tiram hoje até o último níquel, ainda que para isto tivesse de vender a basílica de S. Pedro.

52.a A esperança de ser salvo pelas indulgências é urna esperança embusteira e mentirosa, ainda que o co-missário das indulgências... que digo eu? ainda que o mesmo papa, para confirma-la, empenhasse a sua alma.

53.a São inimigos do papa e de Jesus Cristo todos aqueles que proibem a pregação da Palavra de Deus, por-que ela se opõe à pregação das indulgências.

55.a O papa não pode ter outro pensamento senão este: Se se publica a indulgência, que é menos que o Evangelho, com o repique de um sino, e com pompa e cerimonia, muito mais deve-se publicar e solenizar o Evangelho, que é mais do que a indulgência, com o repique de cem sinos, e com cem pompas e cem cerimonias.

62.a O verdadeiro e precioso tesouro da igreja é o santo Evangelho da glória e da graça de Deus.

65.a Os tesouros do Evangelho são redes com as quais se conseguia pescar voluntariamente os ricos e os que viviam a seu cômodo.

66.a Porém os tesouros da indulgência são agora redes com que se pescam forçosamente a riqueza do povo.

67.a É obrigação dos bispos e dos pastores receber com todo o respeito os comissários das indulgências apos-tólicas.

68.a Porem é ainda mais do seu dever certificarem-se, com seus proprios olhos e ouvidos, que os ditos comissarios não preguem os sonhos de sua propria imaginação,em lugar das ordens do papa.

71.a Seja maldito aquele que falar contra a indul-gência do papa.

72.a Porem seja bendito aquele que falar contra as palavras loucas e imprudentes dos pregadores de indulgências.

76.a A indulgência do papa não pode tirar o mais leve pecado quotidiano, do que diz respeito à culpa ou à ofensa.

79.a Dizer que a cruz guarnecida com as armas do papa é tão poderosa como a cruz de Cristo, é uma blas-femia.

80.a Os bispos, pastores e teólogos que consentem que se digam tais coisas ao povo, hão de dar conta disso.

81.a Esta descarada pregação, esses impudentes elo-gios das indulgências, pazem com que seja difícil aos sábios defenderem a diginidade e a honra do papa contra as calúnias dos pregadores e as perguntas sutis e astutas da gente do povo.

86.a Por que, diz ela, não manda o papa construir a basílica de S . Pedro com o seu proprio dinheiro, antes que com o dos pobres cristãos, tendo ele uma fortuna maior que a dos mais ricos Cresus?

92.a Oxalá que pudessemos livrar-nos de todos os pregadores que dizem à igreja de Cristo: Paz! paz! e não há paz!

94.a n preciso exortar os cristãos a que se dediquem a seguir a Cristo, seu chefe, através das cruzes, da morte e do inferno.

95.' "Porque é melhor entrarem no reino dos ceus, passando por muitas tribulações, do que descansarem numa segurança carnal produzida pelas consolações de urna falsa paz".

Eis o principio da obra. Os germens da reforma es-tavam envoltos nestas teses de Lutero. Nelas se atacavam os abusos das indulgências, e era o que mais chamava a atenção; porem, alem disso, estes ataques continham um princípio, que devia um dia derribar o edifício do papado. A doutrina evangélica da remissão livre e gratuita dos pecados aí estava pela primeira vez publicamente professada. Agora a obra devia aumentar. Realmente, era evidente que todo aquele que tivesse essa fé na remissão dos pecados anunciada pelo doutor de Witemberg, que todo aquele que tivesse esse arrependimento, essa conversão e essa santificação cuja necessidade ele expunha, não faria mais caso dos

mandamentos humanos, escaparia aos involvedouros e aos laços de Roma, e alcançaria a liberdade dos filhos de Deus. Todos os erros deviam cair em presença desta verdade. Era por ela que a luz havia começado a entrar na alma de Lutero; era igualmente por ela que a luz devia propagar-se na igreja. Um conhecimento claro daquela verdade era o que havia faltado aos precedentes reformadores. Daqui veio a esterilidade de seus esforços. O mesmo Lutero reconheceu, mais tarde, que proclamando a justificação pela fé havia posto o machado à raiz da arvore. "O que nós atacamos é a doutrina dos setários do papado," disse ele. "Husa e Wicliff não atacaram senão sua vida; porem, atacando sua dou-trina, nós agarramos o ganso pelo pescoço. Tudo depende da Palavra, que o papa nos tem tirado e falsificado. Eu hei vencido o papa, porque a minha doutrina é segundo Deus, e a sua é segundo o diabo". *[4]

Nós temos tambem esquecido em nossos dias esta dou-trina capital da justificação pela fé, se bem que em sentido contrario ao de nossos pais_ "No tempo de Lutero", diz um de nossos contemporâneos, "a remissão dos pecados ao menos custava dinheiro, mas em nossos dias cada um a administra gratuitamente a si mesmo". Estas duas extravagâncias se parecem muito. E há mesmo talvez mais esquecimento de Deus na nossa do que naquela do décimo-sexto século. O princípio da justificação pela graça de Deus, que tirou a igreja de tantas trevas na epoca da

reforma, é o unico que pode tambem renovar a nossa geração, por fim às suas dúvidas e oscilações, destruir o egoismo que a consome, estabelecer a moralidade e a jus-tiça entre os povos, em uma palavra, unir a Deus o mundo que se tem separado dele. [5]

Porém se as teses de Lutero eram sólidas pela força da verdade que nelas resplandecia, não o eram menos pela fé daquele que se declarava seu defensor. Ele tinha desembainhado com valor a espada da Palavra. A força da verdade o levou a fazer este ato de fé. Havia reconhecido que apoiando-se nas promessas de Deus podia aventurar alguma coisa, segundo a linguagem do mundo. "Aquele que quer começar alguma cousa boa", disse ele, falando daquele ousado ataque, "que a compeenda confiado na bondade dela, e de maneira nenhuma ao auxilio e na consolação dos homens. Alem disto, que não tema os homens nem o mundo inteiro; porque não mentira esta Palavra: "É bom confiar no Senhor. E, na verdade, nem um só dos que confiam nele será confundido". Porem o que não quer nem pode arriscar qualquer coisa confiando em Deus, que se guarde bem de empreender coisa alguma". [6] Sem dúvida Lutero, depois de haver afixado as suas teses na porta da igreja de Todos os Santos, se retirou para sua tranqüila cela, cheio daquela paz e daquela alegria que dá uma ação feita em nome do Senhor e pela eterna verdade.

Qualquer que seja a ousadia que predomine nessas teses, nelas se encontra também o frade que recusa ad-mitir uma só dúvida sobre a autoridade da sé de Roma. Porém, combatendo a doutrina das indulgências, Lutero tinha atacado, sem se aperceber, a muitos erros, cuja manifestação não podia ser agradável ao papa, visto que ela devia conduzir, cedo ou tarde, a pôr em questão suasupremacia. Lutero então não via tão longe; porém conhecendo quão atrevido julgou que era de seu dever moderar-lhe o arrojo, tanto quanto o permitisse o respeito à verdade. Não apresentou, pois, as suas teses senão como proposições duvidosas, sobre as quais solicitava as opiniões dos sábios; e, conpormando-se ao uso estabelecido,ajuntou aelasumsolene protesto noqualdeclaravaquenão queria dizer nem afirmar nada que não fosse baseado na Santa Escritura, nos Padres da igreja e nos direitos e de-cretos da sé de Roma.

Repetidas vêzes depois disto, Lutero, à vista das imensas e inesparadas conseqüências daquele animoso ataque, se assustou de si mesmo, e não pode compreender que se houvesse atrevido a tanto. É que uma mão invisível e mais poderosa que a sua tinha o fio condutor e dirigia o pregoeiro da verdade a um caminho que lhe ocultava ainda, e diante de cujas dificuldades ele teria talvez recuado se as houvesse conhecido e se tivese avançado só e de si mesmo. "Eu entrei nesta contenda", disse ele, "sem propósito determinado, e sem o saber nem querer; estava inteiramente desprevenido. Tomo por testemunha a Deus, que conhece todos os corações." •[7]

Lutero chegara a saber qual era a origem daqueles abusos. Haviam-lhe enviado um livrinho adornado com as armas do arcebispo de Mogúncia e de Magdeburgo, o qual continha as regras que se deviam observar na venda das indulgências. Era pois aquele jovem prelado, aquele príncipe elegante, quehavia prescrito ou ao menos sancionado todo esse charlatanismo. Lutero não vianelesenão umsuperior aquemdeviatemer avenerar. [8]° Não querendo trabalhar baldamente, porém sim dirigir-se aos que estavam encarregados de governar a igreja, enviou a Alberto uma carta cheia de franqueza e de humildade ao mesmo tempo. Foi no mesmo dia em que afixou as suas teses que Lutero lhe escreveu:

Perdoai-me, reverendíssimo padre em Cristo e muito ilustre Príncipe," lhe disse ele, "se eu, que não sou mais que a escória dos homens [9]° tenho a temeridade de escrever a Vossa sublime Grandeza. O Senhor Jesus me é testemunha que, conhecendo quão pequeno miserável sou, tenho por muito tempo duvidado de o fazer... Que Vossa Alteza, entretanto, deixe cair um olhar sobre um grão de areia, e, segundo sua benignidade episcopal, receba amorosamente minha petição.

Conduzem de uma para outra parte do país as in-dulgências pontifícias, debaixo do nome de Vossa Graça. Eu não quero queixar-me tanto dos clamores dos pregadores, a quem não tenho ouvido, como das errôneas idéias da gente simples e rústica do povo, que, comprando as indulgências, acredita estar segura de sua salvação...

Grande Deus! as almas confiadas à vossa direção, Excelentíssimo Padre, são instruídas, não para a vida, mas para a morte. A justa e severa conta que vos há de ser pedida aumenta-se dia em dia . .. Não me pude calar por mais tempo. Não! o homem não se salva pela obra nem pelo ministério de seu bispo... O mesmo justo dificilmente se salva, e o caminho que conduz à vida é estreito. Porque, pois, os pregadores de indulgências, com ridículas fábulas, enchem o povo de uma segurança carnal?

A indulgência somente, no entender deles, deve ser proclamada e exaltada... E que?... o principal e o único dever dos bispos não é ensinar ao povo o Evangelho e a caridade de Jesus Cristo? • Jesus Cristo não ordenou em parte nenhuma que se pregasse a indulgência: porém mandou com instância pregar o Evangelho. [10]+ Que horror, pois, e que perigo para um bispo, se consente que não se fale do Evangelho, e que só o ruído das indulgências sôe sem cessar aos ouvidos de seu povo?...

Digníssimo Padre em Deus: na instrução dos comissários, que foi publicáda debaixo do nome de Vossa Graça (certamente sem o vosso conhecimento), se díz que a indulgência é o mais precioso tesouro, que por ela o homem é reconciliado com Deus, e que o arrependimento não é necessário àqueles que a compram.

Que posso e devo eu então fazer, digníssimo Bispo, sereníssimo Príncipe? Ah! eu suplico a Vossa Alteza, por nosso Senhor Jesus Cristo, que se digne olhar para este assunto com um paternal cuidado, que se digne fazer de-saparecer inteiramente esse livro, e ordenar aos pregadores que anunciem ao povo outra doutrina. Se assim não o fizerdes, temei que um dia se levante alguma voz que refute a todos esse pregadores, para grande confu-são de Vossa Alteza Sereníssima.

Lutero enviou ao mesmo tempo as suas teses ao ar-cebispo, suplicando-lhe, em postscripto, que as lesse, a fim de se convencer da incerteza que havia na doutrina das indulgências.

Vê-se, pois, que todo o desejo de Lutero era que as sentinelas da igreja se despertassem e tratassem enfim de dissipar os males que a assolavam. Nada de mais nobre e mais respeitoso que aquela carta de um frade a um dos maiores príncipes da igreja e do

império. Nunca se pro-cedeu mais conforme ao espírito do preceito de Jesus Cristo: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." Não é este o modo dos fogosos revolucionários, que desprezam as autoridades e censuram as dignidades. É o grito da consciência de um cristão e de um sacerdote que respeita a todos, porém que tem o temor de Deus primeiro que tudo. Porém todos os rogos e súplicas foram inúteis. O jovem Alberto, preocupado com seus prazeres e seus planos ambiciosos, não deu resposta a um chamado tão solene. O bispo de Brandeburgo, prelado diocesano de Lutem, homem sábio e piedoso, a quem ele enviou também suas teses, respondeu que ele atacava o poder da igreja; que atrairia sobre si muitos embaraços e amarguras; que o assunto era superior às suas forças, e que lhe aconselhava muito que ficasse sossegado. [11]

Os príncipes da igreja fechavam os ouvidos à voz de Deus, que se manifestava de uma maneira tão enérgica e tão tocante por meio de Lutero. Não queriam compreender os sinais do tempo; estavam acometidos daquela cegueira que havia causado já a ruína de tantas potências e dignidades. "Ambos pensaram então," disse Lutero mais tarde, "que o papa seria demasiado forte para um miserável mendigo como eu."

Porém Lutero podia julgar, melhor que os bispos, o efeito desastroso das indulgências sobre os costumes e a Matesius, 13. vida do povo; porque estava em relação direta com ele. Via constantemente, e de perto, o que os bispos não conheciam senão por meio de informações intiéis. Se os bispos o abandonaram, Deus não o abandonou. O Chefe da igreja, que mora no céu e a quem há sido dado todo o poder sobre a terra, havia preparado o terreno e depo-sitado a semente na mão de seu servo; Ele deu asas à semente da verdade, e num instante a espalhou por toda a extensão de seu Reino.

Ninguém se apresentou no dia seguinte na universidade para atacar as proposições de Lutero. O comércio de Tezel era demasiado vergonhoso e desacreditado para que alguém senão ele mesmo ou algum dos seus se atrevesse a levantar a luva. Mas aquelas teses estavam destinadas a ecoar além das abóbadas de uma sala acadêmica. Apenas haviam sido pregadas na porta da capela do palácio de Witemberg, quando ao débil som daquelas marteladas repercutiu em toda a Alemanha um tal estremecimento que chegou até aos alicerces da soberba Roma, ameaçando com uma pronta ruína as paredes, as portas e as colunas do papado; aturdindo e espantando seus he-róis, e despertando ao mesmo tempo milhares de homens do sono do erro.

Aquelas teses se divulgaram com a rapidez do raio. Um mês não tinha ainda decorrido e já elas haviam chegado a Roma. "Em quinze dias," diz um historiador con-temporâneo, se espalharam por toda a Alemanha, e em quatro semanas percorreram quase toda a cristandade, co-mo se os mesmos anjos houvessem sido seus mensageiros e as tivessem posto diante dos olhos de todos o homens. Ninguém poderia crer o alvoroço que elas ocasionaram. [12]+ Foram depois traduzidas em holandês e em espanhol, e um viajante as vendeu em Jerusalém. "Todos se quei-xavam das indulgências," disse Lutero; e, como todos os bispos e doutores houvessem guardado silêncio e ninguém quis ser o primeiro a

interrompê-lo, o pobre Lutero che-gou a ser um famoso doutor, porque apesar de tudo, dizia-se, por fim apareceu quem se atrevesse a isso. Porém eu não queria aquela glória, e o elogio me parecia superior ao mérito.

Muitos dos peregrinos, que haviam acudido de todos os lugares a Wittemberg para assistirem à festa de TodoS> os Santos, levaram para suas casas, em lugar de indul-gnécias, as famosas teses do frade Agostinho. Contribuíram deste modo para propagá-las. Todas as liam, meditavam nelas e comentavam. Todos os conventos e uni-versidades ocupavam-se com elas. [13]+ Todos os frades pie-dosos que haviam entrado para o convento a fim de salvar sua alma, e todos os homens retos e honrados se re-gozijavam daquela simples e admirável confissão de verdade, e desejavam de todo seu coração que Lutero continuasse a obra que havia começado. Finalmente um homem teve a coragem de empreender aquela perigosa luta. Era uma reparação concedida à cristandade: a consciência pública estava satisfeita.

A piedade via nas teses um golpe dado em todas as superstições; a nova teologia saudava nelas a derrota dos dogmas escolásticos; os príncipes e os magistrados as contemplavam como uma barreira levantada contra as invasões do poder eclesiástico, e a nação se regozijava de ver um veto tão positivo oposto por aquele frade à cobiça da chancelaria romana. Um homem muito digno de fé, e um dos maiores rivais do reformador, Erasmo, disse ao duque Jorge de Saxônia: Quando Lutero atacou aquela fábula, o mundo inteiro o aplaudiu, e teve grande aceitação...

"Eu observo", di-zia ele ainda ao cardeal Campeggi, "que quanto mais pu-reza de costumes e piedade evangélica tem qualquer ho-mem, tanto menos oposto é a Lutero. Sua vida é louvada mesmo por aqueles que não podem suportar suadoutrina.O mundoestavaenjoado de umadoutrinanaqual se achavamtantoscontos pueris e decretos humanos, e tinha sede daquela água viva, pura e oculta, que sai das veias dos evangelistas e dos apóstolos. O gênio de„ Lutero era próprio para realizar aquelas coisas e seu zelo devia inflamar-se para uma empresa tão bela." [14]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Melanct., Vita Lut.

[2] + Lut. Op. lat., in prxf. Cochlceus, 4.

[3] * Lut. Ep., 1, p. 186.

[4] * Wenn man die Lehr angreift, so wird die Gans am Kragen gegriffen. Lut. Op. (W.), 22, p. 1369.

[5] * Jarras, de Kiel.

[6] * Luth. Op. (Lips.), 6, p. 518.

[7]* Lut. Op. lat., in pnef.

[8]* Ep., 1, p. 68.

[9]• Ep., 1. p. 68.

[10] * Ep., 1, p. 68. + Ibid.

[11] * Walter, Nachr. v. Luter, p. 45.

[12] Miconius, Hist. Ref., p. 23.

[13] * Lut. Op. + Mat. 13.

[14] * Erasmi Ep. Campegio Cardinali, 1, p. 652.

CAPÍTULO VI

Reuchlin — Erasmo — Flek Bibra — O Imperador — O papa — Efeito das teses em Micónio — Sensação universal — Receios — Desaprovações — Defesa de Lutero Lutero só — Sua ânsia — Seus motivos.

Convém seguir aquelas proposições por todas as partes onde elas penetraram; no gabinete dos sábios, na celas dos frades e no palácio dos príncipes, para formar-se alguma idéia dos diversos e prodigiosos efeitos que produziram na Alemanha.

Reuchlin as recebeu. Estava cansado do rude combate que teve de sustentar contra os frades. A força que o novo atleta desenvolvia em suas teses reanimou o espírito abatido do velho campeão dasletras, e restituiu aalegriaaseucoração angustiado. "Graçassejam dadas a Deus!" exclamou, depois de as haver lido, "finalmente encontravam um homem que lhe dará tanto que fazer, que se hão ,de ver obrigados a deixar que eu acabe em paz a minha velhice."

O prudente Erasmo se achava nos Países-Baixos quando as teses lhe chegaram às mãos. Alegrou-se inte-riormente de ver manifestados com tanto valor seus desejos secretos de que se corrigissem os abusos; aprovou as teses, aconselhando unicamente ao seu autor a ter mais moderação e prudência. Não obstante, havendo-se queixado algumas pessoas em sua presença da violência de Lutero, disse ele: "Deus tem dado aos homens um mé-dico que corta assim as carnes, porque, sem ele, a enfer-midade seria incurável." E mais tarde, havendo-lho o eleitor de Saxônia pedido a sua opinião sobre o assunto de Lutero, ele respondeu sorrindo-se: "Seriamente não me admiro que ele haja ocasionado tanto alvoroço; pois que cometeu duas faltas imperdoáveis, que são; haver atacado a tiara do papa e a barriga dos frades." °[1]

O doutor Fiek, prior do convento de Steinlausitz, não celebrava missa desde muito tempo; porém não havia dito a ninguém a verdadeiracausa. Uni dia achou pregadas no refeitório do seu convento astesesde Lutero: aproximou-se aelase principiou aler; não tinhaainda percorrido senão algumas, quando, não podendo mais conter-se de alegria, exclamou: "Oh! oh! chegou finalmente aquele por quem nós havíamos há tanto tempo esperado e que vos fará ver, a vós outros frades!..." Depois, lendo no futuro, diz Matesius, e comentando o sentido da palavra Witernberg, disse: "Todo o mundo virá buscar a sabedoria a esta montanha, e a achará." [2]° Escreveu ao doutor que continuase com valor aquele glorioso combate. Lutero. o chama uni homem cheio de alegria e de consolação.

Ocupava então a antiga e célebre cadeira episcopal de Wurzburgo um homem piedoso, honrado sábio, segundo o testemunho de seus contemporâneos: era Lourenço de Bibra. Quando algum gentil-homem vinha dizer-lhe que destinava sua filha para o convento, ele respondia-lhe: "Dai-lhe antes um marido.' E acrescentava

logo: "Tendes necessidade de dinheiro para isso? eu vos emprestarei." O imperador e todos os príncipes o tinham na mais alta estimação. Ele lamentava as desordens da igreja, e ainda mais as dos conventos. As teses chegaram também a seu palácio: ele as leu com grande júbilo, e declarou 'publicamente que aprovava a Lutem. Mais tarde escreveu ao eleitor Frederico: "Não deixes sair o piedoso doutor Martinho Lutero, porque o acusam injustamente. O eleitor, satisfeito com este testemunho, escreveu de seu próprio pu-nho ao reformador, dando-lhe parte diso.

O mesmo imperador Maximiliano, antecesosr de Carlos V, leu com admiração as teses do frade Witemberg; reconheceu a capacidade daquele homem; e previu que aquele obscuro Agostinho poderia chegar a ser um pode-roso aliado para a Alemanha em sua luta contra Roma. Por isso mandou. dizer ao eleitor da Saxônia, por seu enviado: "Conservai [3]• com cuidado o frade Lutero, porque poderá chegar um tempo em que tenhamás necessidade dele." E pouco depois, achando-se na Dieta com Pfefinger, conselheiro íntimo do eleitor, lhe disse: "Pois bem! o que faz o vosso Agostinho? Verdadeiramente as suas proposições não são para se desprezar! Ela fará ver boas cousas aos frades." +[4]

Até mesmo em Roma e no Vaticano, as teses não foram recebidas tão mal como se poderia crer. Leão X as julgou antes como literato de que como papa. O diverti-mento que elas lhe causaram fez esquecer as verdades severas que continham. E como Silvestre Priérias, mestre do sacro palácio e encarregado de examinar os livros, lhe tivesse aconselhado que declarasse Lutero como herege, ele respondeu-lhe: "Este irmão Martinho Lutero tem um be-líssimo talento, e tudo que se diz. contra ele não é mais do que inveja de frades." *[5]

Poucos homens houve em quem as teses de Lutero in-fluíssem mais do que no• estudante de Anaberg, a quem Tezel havia tão implacavelmente repelido. Micônia tinha entrado em um convento. Na mesma noite de sua chegada, ele creu ver em sonhos um imenso. campo, todo coberto de espigas maduras: "Sega," lhe disse aquele que o guiava; e como ele lhe mostrou um segador que trabalhava com incrível atividade, lhe disse: "Acompanha-o, e faze como ele." °[6]

E Micônio, ansioso de santidade como Lutero, se entregou no convento às vigílias, aos jejuns, às macerações e a todas as obras inventadas pelos homens. Porém afinal perdeu a esperança de chegar jamais ao ob-jeto de seus esforços. Abandonou os estudos, e entregou-se somente aos trabalhos manuais. Ora encadernava livros, ora torneava, ora fazia qualquer outra obra. Aquela atividade exterior não podia entretanto apaziguar sua

consciência perturbada. Deus lhe havia falado, e ele não podia recair em seu antigo letargo. Aquele estado de ansiedade durou muitos anos. Cuidam alguns que as sendas dos reformadores eram fáceis de andar, e que, abandonando as práticas da igreja, não lhes restava mais do que prazeres e comodidades. Esses tais não

sabem que eles chegaram à verdade depois de muitos combates interiores, mil vêzes mais penosos que as práticas a que se sujeitavam facilmente os espíritos servis.

Chegou o ano de 1517; as teses de Lutero foram pu-blicadas; percorreram a cristandade, e chegaram também ao convento onde se achava então o estudante de Anaberg. Este retirou-se para um canto do claustro, em companhia de outro frade chamado João Voit, para as ler com todo o sossego. [7]+ Estava exatamente aí a verdade que havia aprendido de seu pai; seus olhos se abriram; ouviu no seu interior uma voz parecida à que retumbava então por toda a Alemanha, e uma grande alegria encheu seu coração. "Eu enxergo perfeitamente," disse ele, "que Martinho Lutero é o segador que eu vi em sonhos, e que me ensinou 3 colher as espigas." No mesmo instante principiou a publicar a doutrina que Lutero havia proclamado. Os frades assustaram-se aos ouvi-lo: combateram-no e levantaram-se contra Lutero e contra seu convento. "Esse convento," res-pondeu Micônio, "é como o sepulcro do Senhor: quiseram impedir que Cristo ressuscitasse; porém não o consegui-ram." Por último, seus superiores, vendo que não o podiam convencer, lhe proibiram toda a comunicação ex-terior durante ano e meio, não lhe permitindo escrever nem receber cartas, e ameaçando-o com prisão perpétua.

Entretanto a hora da liberdade chegou também para ele. Nomeado depois pastor de Zwickau, foi o primeiro que se pronunciou contra o papado nas igrejas da Turíngia." En-tão eu pude." disse ele, "trabalhar com o meu venerável padre Lutero na seára do Evangelho." lonas o chamou ho-mem que podia o que queria.

Sem dúvida houve também outras almas para as quais as teses de Lutero foram o sinal da vida. Elas acenderam nova luz em muitas celas, cabanas e palácios. Enquanto aqueles que tinham ido buscar nos conventos uma boa me-sa, uma vida ociosa, ou considerações e honras, diz Mate-sius, trataram de cobrir de injúrias o nome de Lutero, os religiosos que viviam na oração, no jejum e nas mortifica-ções renderam graças a Deus desde que ouviram o grito daquela águia que João Huss havia anunciado um século antes. [8]° O mesmo povo, que não compreendia quase nada a questão teológica, e que somente sabia que aquele homem se levantava contra o domínio dos frades mendi-cantes e ociosos, o acolheu com gritos de alegria. Uma sensação imensa foi produzida na Alemanha por aquelas ousadas proposições. Contudo, alguns dós contemporâneos do reformador previram as graves conseqüências que poderiam trazer e os numerosos obstáculos que deviam encontrar. - Manifestaram claramente seus temores, e quase que não se atreviam a alegrar-se.

"Eu temo bastante", escrevia o proeminente cônego de Augsburgo, Bernardo Adelman a seu amigo Pírkheimer, "que o digno homem venha por fim a ceder à avareza e ao poder dos partidários das indulgências. Suas representações têm tido tão pouco resultado, que o bispo de Augsburgo, nosso primaz metropolitano, ° acaba de ordenar, em nome do papa, novas indulgências para S. Pedro de Roma. Ele que

se apresse a buscar o apoio dos príncipes que se guarde de tentar a Deus; porque seria preciso estar falto de juízo para não conhecer o iminente perigo em que se acha." Adelman se alegrou muito quando se espalhou a notícia de que Henrique VIII havia chamado Lutero à Inglaterra: "Ele poderá aí," consideraria ele, "ensinar em paz a verdade." Muitos se persuadiram, do mesmo modo, que a doutrina do Evangelho devia ter por apoio o poder dos prihcipcs. De certo MIO sabiam que ela caminha sem esse poder, c que, ao contrário, quando o poder a protege Hão faz as mais das vêzes senão embaraçá-la e debilitá-la.

O famoso historiador Alberto Kranz se achava em Hamburgo, sobre seu leito de morte, quando lhe levaram as teses de Lutero: "Tu tens razão, irmão Martinho!" exclamou o moribundo, "porém não conseguirás o teu intento... Pobre frade! vai para tua cela, e clama: Meu Deus! tem piedade de mim!"

Um velho sacerdote de Herter, em Westfalia, havendo recebido e lido as teses em seu presbitério, disse em baixo almão, meneando a cabeça: "Querido frei Martinho! se tu consegues destruir esse purgatório e todos esses mercado res de papel, serás verdadeiramente um grande homem!" Erbenius, que viveu um século depois, escreveu embaixo daquelas palavras. este dístico:

"Quid vero nunc, si viveret, Bonus iste clericus diceret?"

Não somente um grande número de amigos de Lu-tero conceberam temores sobre sua empresa; muitos também lhe manifestaram desaprovação.

O bispo de Brandeburgo, aflito de ver uma tão im-portante questão travar-se em sua diocese, quis sufocá-la. Resolveu fazêlo por meios brandos. Mandou dizer a Lutero pelo abade de Senin: "Eu não encontro nas teses sobre as indulgências nada que seja contrário à verdade católica; eu mesmo reprovo aquelas indiscretas proclamações; porém, por amor da paz e por consideração a vosso bispo, deixai de escrever sobre este asunto." Lutero ficou confuso, vendo que um tão ilustre abade e tão ilustre bispo se dirigiam a ele com tanta humildade. Comovido, arrastado pelo primeiro movimento de seu coração, respondeu: "Eu me submeto: antes quero obedecer do que mesmo fazer milagres, se isso me fásse possível."

Frater, abi in eellam, et dic: Miserere mei. Líndner, in Luther's Leben, o. 93.

[9]* Se, na verdade, agora vivéra.

Este bom padre, o que não dissera?

O eleitor viu com pesar o princípio de um combate, legítimo sem dúvida, porém cujo fim ninguém podia pre-ver. Nenhum príncipe desejava mais que Frederico a conservação da paz pública. Ora, que imenso incêndionão podia causar aquelepequeno fogo? que grandes discórdias, que destroço nos povos não podia

produzir aquela altercação de frades? O eleitor fez logo saber repetidas vêzes a Lutero toda a inquietação que ele experimentava. •[10]

Em sua mesma ordem, e até em seu convento de Wittemberg, Lutero encontrou desaprovadores. O prior e subprior ficaram assustados com os altos gritos que davam Tezel e seus companheiros. Foram à cela de frei Martinho, agitados e trêmulos, e lhe disseram: "Por favor, não façais a nossa ordem cobrir-se de vergonha! Já as outras, e principalmente a dominicana, saltam de alegria ao verem que não são elas somente que sofrem o opróbrio." Estas palavras abalaram Lutero; porém, tranqüilizando-se logo, respondeu: "Queridos padres! se a coisa não é feita em nome de Deus, ele cairá; no caso contrário, deixai-a caminhar". O prior e o subprior não responderam. "Entretanto a coisa caminha ainda," acrescentou Lutero, depois de haver referido aquela passagem, "e, se Deus quiser ela caminhará sempre melhor até o fim. Amém." °[11]

Lutero teve que sustentar ainda muitos outros ata-ques. Em Erfurt o acusaram de violento e orgulhoso pelo modo por que condenava as opiniões alheias; é a censura que se faz ordinariamente aos homens que tem a força de convicção que dá a Palavra de Deus. Também o acusavam de precipitação e leviandade.

Exigem modéstia de, mim," respondeu Lutero, "eles próprios a espezinham no juízo que de mim fazem!... Nós vemos sempre a aresta nos olhos dos outros, e não reparamos na trave que temos em nossos olhos.

A verdade nada ganhará por minha modéstia, e nada perderá por mi-nha temeridade. Desejo saber, continuou ele, dirigindo-se a Lange, quais são os erros que vós e os vossos teólogos hão encontrado nas minhas teses. Quem sabe que é rara a vez que alguém proclama uma idéia nova sem ser taxado de orgulhoso e acusado de procurar contendas? Se a mesma humildade quisesse empreender alguma coisa de novo, os de opinião contrária gritariam que ela era uma orgulhosa! Por que motivo Cristo e todos os mártires foram entregues à morte? Porque pareceram orgulhosos desprezadores da sabedoria do século, e porque anunciaram outra nova, sem haverem primeiro consultado humildemente os órgãos de velha opinião.

-Que não esperem, pois, os sábios de hoje, que eu tenha bastante humildade, ou antes bastante hipocrisia, para pedir-lhes seus conselhos antes de publicar aquilo que o meu dever me convida a manifestar. Neste caso, não devo consultar a prudência humana, mas sim o conselho de Deus. Se a obra é de Deus, quem a embargará? Se não é dele, quem a adiantará?... Não a minha vontade, nem a sua, nem a nossa, mas a tua vontade somente seja feita, ó Pai Santo, que estás no céu!

Que coragem, que nobre entusiasmo, que confiança em Deus, e principalmente que verdade nestas palavras, e verdade de todos os tempos!

Entretanto as queixas e acusações, que de todas as partes chegaram a Lutero, não deixavam de fazer impres-são em seu espírito. Suas esperanças foram frustradas. Ha-via crido que os chefes da igreja e os sábios mais distintos do país se tiniriam publicamente a ele; porém aconteceu o contrário. Uma palavra de aprovaçao, escapada no primeiro momento do entusiasmo, foi o que lhe concederam os mais afeiçoados; e muitos dos que ele tinha até então mais venerado o censuraram mais. Achou-se, pois, só em toda a igreja, só contra Roma, só ao pé daquele antigo e formi-dável edifício cujos alicerces penetravam as entranhas da terra, cujas muralhasse elevavamaté àsnuvens,e contrao qual acabava de descarregar um tremendo golpe. [12]

Ficou perturbado e abatido. As dúvidas que ele julgava haver dissipado, voltaram a seu espírito com mais força. A idéia de que tinha contra si a autoridade de toda a igreja o fazia tremer: subtrair-se àquela autoridade, desprezar aquela voz á qual os povos e os séculos haviam obedecido humildemente, opor-se àquela igreja a que se acostumou a venerar desde sua infância como a mãe dos fiéis... ele, mísero frade,. _ . era uma empresa superior às forças hu-manas! Nenhum passo lhe custou mais do que aquele. Porém foi esse passo quem determinou a reforma. [13]

Ninguém pode descrever melhor que ele a luta que se travava então em sua alma: Eu comecei esta obra," disse ele, "com grande temor e tremor. Quem era eu então, eu, pobre, miserável desprezível frade, mais parecido a um ca-dáver que a um homem, [14]+ quem era eu para me opor à majestade do papa, diante da qual tremiam, não somente os reis da terra e o mundo inteiro, mas também, se assim posso exprimir-me, o céu e o inferno, obrigados a obedecer aum sinal de seusolhos?... Ninguémpodesaber o que o meucoração sofreu nesses dois primeiros anos, e em que abatimento, eu poderia dizer em que desesperação, estive freqüentemente mergulhado. Não podem fazer idéia disto esses espíritos orgulhosos que depois atacaram o papa com grande audácia, bem que não houvessem podido, com toda a sua habilidade, fazer-lhe o mais pequeno mal, se Jesus Cristo não lhe houvesse já feito por mim, seu débil e indigno instrumento, uma ferida da qual não sarará jamais... Porém, enquanto que eles se contentavam em observar, e me deixavam só no perigo, eu não estava tão contente, tão tranqüilo e tão seguro do bom êxito; porque então não sabia muitas cousas que agora sei, graças a Deus. [15]

Ê verdade que houve bastantes cristãos piedosos que apro-varam e apreciaram muito as minhas proposições; porém eu não podia reconhecê-los e considerá-los como órgãos do Espirito Santo; não olhava senão para o papa, para os cardeais, para os bispos, para os teólogos, para os juris-consultos, para os frades e para os padres... Era daí que eu esperava o sopro do Espírito. Entretanto, depois de haver triunfado, com a Escritura, de todos os argumentos contrários, hei por fim vencido, pela graça de Cristo, com muitas angústias, trabalhos e grandes inquietações, o único assunto que ainda me prendia, a saber: "Que era preciso escutar a igreja;" [16]° porque eu

honrava de todo o coração a igreja do papa como a verdadeira igreja; e o fazia com mais sinceridade e veneração do que esses vergonhosos e infames corruptores, que, para me fazerem oposição, tanto a exaltam agora. Se eu houvesse desprezado o papa, como o desprezam em seus corações aqueles que o louvam tanto com os lábios, teria temido que a terra se abrisse nessa mesma hora e me tragasse vivo como a Coré e a todos os que estavam com ele. Num. 16:4-32.

Como honram a Lutero estes combates! que sinceri-dade, como patentiam a retidão de sua alma! e com aqueles penosos assaltos que ele teve que sustentar interior e exteriormente o tornam mais digno de nosso respeito do que o poderia fazer uma intrepidez sem semelhante luta! Aquele trabalho de sua alma nos mostra bem a verdade e a di-vindade de sua obra. Vê-se que a origem e a utilidade es-tavam no céu. Depois de tudo o que havemosdemonstrado, quemse atreveráadizer que areformafoi umaquestão de política Ninguém, semmentir. Ele não foi o efeito dapolítica doshomens, masdo poder de Deus. Se Lutero não houvesse sido impelido senão por paixões hu-manas, teria sucumbido a seus temores; seus equívocos e seus escrúpulos teriam apagado o fogo que se havia acen-dido em sua alma; e não teria derramado na igreja mais que um clarão passageiro, como o hão feito tantos homens dedicados e piedosos, cujos nomes têm vindo até nós. Porém tinha chegado já o tempo de Deus; a obra não devia parar; a emancipação da igreja devia efetuar-se.

Lutero devia, pelo menos, preparar aquela completa emancipação e aqueles ex-traordinários desenvolvimentos que estão prometidos ao reino de Jesus Cristo. Por isso experimentou ele a verdade desta magnífica promessa: "Os moços se cansarão, e fadi-garão: e os mancebos certamente cairão. Mas os que se atêm a Jeová, renovarão as forças, subirão com asas como águias: correão, e não se cansarão; caminharão, e não se fadigarão." Isaís 40:30, 31. Este divino poder que enchia o coração do doutor de Wittemberg, e que o havia arremessado ao combate, lhe restituiu logo toda a sua pri-mitiva resolução.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Muller's Denkw., 4, 256.

[2] • Witemberg (ou Weissenberg) significa o monte de sabedoria.

[3] * Mat., 15.

[4] * Brand. B t<ormationsgesh., p. 124.

[5] * Hist. trag. Brandehr parte 3.

[6] * Melc. Adami Vita Myconii.

[7] * Darvon Magista Johann Huss geweissaget. S. Mat. 13.

[8] "Totque uxorum vir", acrescenta o mesmo. Heuman. Documen-ta. lit., p. 167.

[9] * Melac., Vita Lut.

[10]• A4,-, 1, p. 71.

[11] Lut. Op. (L.), 6, p. 518.

[12] • Lut. Ep., 1, p. 73. -- 284 —

[13]• Lut. Op. Lat., in prxf.

[14] * Palavicini, 1. 17.

[15] Lut. Op. lat., 1. p. 49.

[16] * Lut. Op. lat., 1, p. 49.

CAPÍTULO VII

Ataque de Tezel — Resposta de Lutero — Apoios de Lutero — Spalatin — Estudo da Escritura — O secretá-rio de Nuremberg — Lutero pleiteia peio povo — Lie pede um hábito.

As queixas, a timidez ou o silêncio de seus amigos ha-viam desanimado Lutero; os ataques de seus inimigos pro-duziram nele um efeito contrário: isto acontece muitas vêzes. Os adversários da verdade, crendo servir à sua causa com sua violência, serviram à causa de Deus. [1]° Tezel levantou, porém, com mão tímida, a luva que lhe havia sido atirada. O sermão de Lutero, que tinha sido para o povo o que as teses foram para os sábios, foi o objeto de sua primeira resposta. Refutou aquele discurso ponto por ponto e a seu modo; e em seguida anunciou que se preparava para combater mais largamente seu adversário nas teses que sustentaria na universidade de Francfort-sobre-o-Oder. Então," disse ele, respondendo com estas palavras à conclusão do sermão de Lutero, "então poderão saber todos quem é o heresiarca, herege, cismático, errôneo, temerário e caluniador. Então todos hão de ver quem são aqueles que têm cérebro tenebroso, que jamais quem conhecido a Biblia, nem lido as doutrinas cri: tãs, nem compreendido seus próprios doutores... Para sustentar as proposições que avanço, estou pronto a sofrer tudo, o calabouço, o cacete, a água e o fogo.

Uma coisa se nota lendo-se aquele escrito de Tezel: é a diferença que existe entre o alemão de que ele se serve e o de Lutero. Dir-se--á que um intervalo de séculos os separa. Um estrangeiro principalmente terá muito trabalho para compreender a Tezel algumas vêzes, enquanto que a linguagem de Lutero é quase a mesma de nossos dias. Basta comparar os escritos de ambos, para conhecer que Lutem é o criador da língua alemã. Sem dúvida é este um de seus menores merecimentos, contudo é um merecimento.

Lutero respondeu sem nomear a Tezel, pois este tam-bém não o havia nomeado. Porém não havia ninguém na Alemanha que não pudesse escrever na frente de suas publicações os nomes que eles julgaram conveniente calar. Tezel procurava confundir o arrependimento que Deus pede, com a penitência que a igreja impõe, para dar mais merecimento às suas indulgências. Lutero se apressou a esclareceu este ponto.

Para evitar grande número de palavras," disse ele em sua linguagem pitoresca, "entrego ao vento (que está mais desocupado do que eu) as suas outras expressões, que não são senão flores de papel e folhas secas, e limito-me a examinar as bases de seu edifício de lambazes.

"A penitência que o santo padre impõe não é a que Jesus Cristo pede; porque o santo padre pode dispensar aquilo mesmo que impõe, e se estas duas penitências

são uma só e a mesma coisa, segue-se que o santo padre tira o que Jesus Cristo põe, e rasga o mandamento de Deus... Ah! que me maltrate se quiser," continua Lutero, depois de haver citado outras falsas interpretações de Tezel, "que me chame de herege, cismático, caluniador e tudo o que lhe agradar; eu não serei seu inimigo por isso, antes rogarei por ele como por um amigo... Porém não é possível sofrer que trate a Santa Escritura, nossa consolação (Rom. 15:4), como uma porca trata um saco de aveia..."

E necessário acostumar-se a ver Lutero servir-se às vezes de expressões acerbas e demasiado familiares para nosso século: era o uso daqueles tempos; e debaixo daque-las palavras, que em nossos dias ofenderiam as conveniên-cias da linguagem, encontram-se freqüentemente uma força e uma precisão que fazem desculpar suas asperezas. Ele continua assim:

"Aquele que compra as indulgências, dizem também os adversários, procede melhor do que o que dá uma esmola a um pobre que não esteja reduzido à última miséria. Se nos trouxessem agora a notícia de que os turcos profanam nossos templos e nossas cruzes, poderíamos sabê-lo sem es-tremecer; porque temos em nossa casa turcos cem vêzes piores, que profanam e destroem o único verdadeiro san-tuário, a Palavra de Deus, que santifica todas as cousas . . . Aquele que quiser seguir este preceito tenha muito cui-dado de não dar decomer ao que tem fome, e de nãovestir a quem está nu,até que haja exalado a alma e não tenha, por conseguinte, mais necessidade de seu socorro."

É importante comparar este zelo de Lutero pelas boas obras com o que ele disse sobre a justificação pela fé. Demais, qualquer que tenha alguma experiência e algum conhecimento de Cristianismo, não necessita desta nova prova de uma verdade cuja evidência conhece, a saber: que quanto mais alguém é unido à justificação pela fé, tanto mais conhece a necessidade das obras e sente-se atraído a praticá-las; enquanto que o afrouxamento a respeito da doutrina da fé arrasta necessariamente à relaxação dos costumes. Lutero, antes dele S. Paulo e depois dele Ho-ward, são as provas da primeira asserção. Todos os homens sem fé, dos quais o mundo está cheio, são provas da se-gunda.

Depois, chegando às injúrias de Tezel, Lutero lhas devolve a seu modo: Ao ouvir estas injúrias," disse ele, "me pareceu ouvir zurrar um grande jumento contra mim. Muito me alegrei com isso, e ficaria bem triste se tais entes me chamassem bom cristão... É mister apresentar Lutero tal qual ele é, com suas fraquezas. Esta propensão ao gracejo, e a um gracejo pesado, é uma delas f 1. O re-formador era um grande homem, um homem de Deus, sem dúvida; mas era homem e não anjo; e mesmo não era um homem perfeito. Quem tem direito de exigir dele a perfeição?

"Quanto ao mais," acrescenta ele, provocando seus ad-versários ao combate, bem que por tais questões não seja costume queimar os hereges, eis-me aqui em

Witemberg, eu o doutor Martinho Lutero! Há algum inquisidor que queira preparar a polé e fazer saltar os rochedos! eu lhe faço saber que tem um salvo-conduto para vir, as portas abertas, a casa e mesa seguras, tudo pelos cuidados liberais do estimável príncipe o duque Frederico, eleitor de Saxônia, que não protegerá jamais a heresia ...

Vê-se que não faltava coragem a Lutero. Ele apoiava-se na Palavra de Deus; a rocha que as tempestades não podem abalar. Porém Deus, em sua fidelidade, lhe concedia também outros auxílios. Às manifestações de alegria com que a multidão recebeu as teses de Lutero sucedeu em breve um profundo e triste silêncio. Os sábios haviam-se retirado timidamente ao ouvir as calúnias e os insultos de Tezel e dos Dominicanos. Os bispos, que havia anterior-mente desaprovado com vigor os abusos das indulgências, vendo-as afinal atacadas, não deixaram (por uma contra-dição de que não faltam exemplos) de achar então ino-portuno o ataque. A maior parte dos amigos do reformador estavam amedrontados. Muitos deles fugiram. Porém, logo que passou o primeiro terror, um movimento contrário se operou nosespíritos. O frade de Witemberg,que por algumtempo se achou quase só nomeio daigreja, se viu pouco depoisrodeado novamente de umgrande número de amigos e de aprovadores.

Houve um, ainda que tímido, que contudo lhe foi fiel em toda aquela crise, e cuja amizade foi para ele uma consolação e um apoio. Foi Spalatin. Sua correspondência não se interrompeu. "Eu te dou graças," lhe disse Lutero, falando de um sinal particular de amizade que dele havia recebido; porém o que não te devo eu? [2]° Foi a 11 de novembro de 1517, onze dias depois da publicação das teses, e por conseguinte na ocasião em que a agitação dos espíritos estava sem dúvida em seu auge, que Lutero quis assim derramar seu reconhecimento no coração de seu amigo.

É importante ver, nesta mesma carta a Spalatin, este homem forte, que acabava de praticar a ação a mais corajosa, declarar donde provinha a força. "Nada podemos por nós mesmos, mas podemos tudo pela graça de Deus. Toda ignorância é invencível por nós: nenhuma ignorância é invencível pela graça de Deus. Quanto mais nos esforçamos a chegar por nós mesmos à sabedoria, mais nos aproximamos à loucura. [3]+ Não é certo que esta ignorância invencível desculpa o pecador; porque se assim fôsse não haveria nenhum pecado no mundo."

Lutero não enviou suas proposições nem ao principe nem a nenhum de seus cortezãos. Parece que o capelão manifestou a seu amigo alguma adrhiração: "Eu não quis", respondeu Lutero, "que minhas teses chegassem a nosso muito ilustre principe, ou a algum dos seus, antes que as houvessem recebido aqueles que se julgam estar nelas as-sinalados, por temor de que cuidassem que eu as havia publicado por ordem do principe, ou para merecer seu favor, e opor-me ao bispo de Mogúncia. Sei que há muitos que pensam tais [4]•coisas. Porém agora posso

afirmar com toda a segurança que minhas teses foram publicadas sem o conhecimento do duque. Frederico". °[5]

Se Spalatin consolava seu amigo e o protegia com sua influência, Lutero, por sua parte, procurava responder às perguntas que lhe dirigia o modesto capelão. Entre outras questões, este lhe propôs então uma que ainda em nossos dias se repete muitas vezes. Perguntou-lhe: "Qual é a melhor maneira de estudar a Santa Escritura?"

"Até agora, respondeu Lutero, "não me haveis pergun- tado, excelentíssimo Spalatin, senão causas que estavam ao meu alcance. Porem guiar-vos no estudo das Santas Es-crituras é superior às minhas forças. Se entretanto quereis absolutamente conhecer o meu metodo, não vo-lo ocultarei. É muito certo que não se pode chegar a compreen- der as Escrituras nem pelo estudo nem pela inte.ligencia. Vosso primeiro dever é pois começar pela oração.

Pedi ao Senhor que se digne, por sua grande misericórdia, conceder-vos o verdadeiro conhecimento de suaPalavra. Não haoutro interprete daPalavrade Deussenão o mesmo autor dessa Palavra, segundo o que ele ha dito: "Todos serão ensinados de Deus". Nada espereis de vossos estudos nem de vossa inteligência; confiai-vos unicamente em Deus e na influencia de seu Espirito. Acreditai num homem que já fez a experiência disso. [6]° Aqui se vê como Lutero chegou a possuir a verdade, da qual foi pregador. Não foi, como alguns pretendem, confiando em uma orgulhosa razão; nem tão pouco, como outros sustentam, entregando-se às paixões rancorosas. Na mais pura, santa e sublime fonte, em Deus mesmo, interrogado pela humildade, pela confiança e oração, foi onde se instruiu. Porem em nosso século há poucos homens que o imitem, e por conseguinte poucos que o compreendam. Para um espirito grave, estas simples palavras de Lutero são uma justificação da reforma.

Lutero achou tambem consolações na amizade de res-peitáveis seculares. Cristoforo Scheurl, nobre secretário da imperial cidade de Nuremberg, lhe deu afetuosas demonstrações de sua amizade. + Sabe-se como são doces ao coração do homem as provas de interesse que se lhe oferecem quando ele se ve atacado por todas as partes. O secretario de Nuremberg fazia mais ainda: desejava ganhar muitos amigos para seu amigo. Ele o aconselhou que dedicasse uma de suas obras a um celebre jurisconsulto nurembergues de então, chamado Jeronimo Ebner: "Tu tens um alto conceito de meus estudos", lhe respondeu Lutero com modéstia; "porém eu não o tenho senão muito baixo. Não obstante, tenho querido aceder a teus desejos. Tenho buscado... Porem em toda a minha coleção, que nunca a achei tão mesquinha, não tenho encontrado nada que me pareça digno de ser dedicado a um tão grande homem por um homem tão pequeno como eu- ". Tocante humildade!

Lutero quem falta, e é com o doutor Ebner, cuja fama lios é desconhecida, que ele se compara desta maneira.

A posteridade não tem confirmado esta opinião.

Lutero, que nada havia feito para propagar suas teses, não as tinha enviado tambem a Scheurl, nem ao eleitor nem a seus cortezãos. O secretário de Nuremberg lhe manifestou sua admiração. "O meu intento", respondeu ele, "não era dar uma tal publicidade às minhas teses. Eu queria somente conferenciar sobre o seu conteudo com alguns daqueles que viviam conosco ou perto de nós. [7]° Se eles as houvessem reprovado, eu tencionava destrui-las. Se as hou-vessem aprovado, me propunha a publica-las. Porem agora elas estão impressas, reimpressas e espalhadas muito alem de todas as minhas esperanças; de maneira que me arre-pendo desta produção; + não que eu tema que a verdade seja conhecida do povo (porque isto, e isto só é o que tenho procurado); mas porque não é essa a maneira de instruí-lo. Encontram-se aí questões que são ainda duvidosas para mim; e, se houvesse pensado que minhastesesfariam tantasensação, hácoisasque teriaomitido, e outras que teria sustentado com mais inteira segurança". Mais tarde Lutero pensou diversamente. Longe de temer haver dito demasiado, declarou que deveria muito mais ainda. Porem os receios que ele manifestou a Scheurl honram sua sinceridade. Mostram que não havia nele nem plano feito com antecipação nem espirito de partido, que fazia pouco conceito de si; e que só buscavaa verdade. Quando plenamente a encontrou, mudou de linguagem: "Vós notareis nos meus primeiros escritos", disse ele muitos anos depois, "que eu concedi humildemente muitas coisas ao papa, e mesmo coisas importantes, que agora as enxergo e detesto como abomináveis e blasfematórias". [8]°

Scheurl não era o único secular de consideração que dava então a Lutero provas de amizade. O celebre pintor Albrecht Durer mandou-lhe um presente, talvez um de seus quadros, e o doutor lhe manifestou todo seu agradecimento.

Deste modo Lutero experimentava então por si mesmo a verdade desta palavra da sabedoria divina: "Em todo o tempo ama o amigo: e o irmão na angústia nasce". Proverb. 17:17. Porem lembrava-se dela tambem para os outros. Ele pleiteava pela causa de todo seu povo. O eleitor acabava de lançar um imposto, e assegurava-se que ia lançar outro, provavelmente segundo a opinião de Pefinger, conselheiro do principe, contra o qual Lutero soltava frequentemente palavras picantes. O doutor colocou-se ousadamen_ te na brecha: "Não despreze Vossa Alteza", disse ele, "a suplica de um pobre mendicante. Eu vos peço, em nome de Deus, que não ordeneis um novo imposto. Tenho tido o coração despedaçado, assim como muitos daqueles que vos são mais dedicados, vendo quanto o último tem prejudicado a boa reputação e a popularidade de que Vossa Alteza gozava. É verdade que Deus vos dotou com urna razão elevada, de maneira que nestas coisas enxergais mais longe que eu, e sem dúvida mais que todos os vossos súditos. Porém talvez seja a vontade de Deus que uma pequena razão instrua a um grande, para que ninguem confie em si mesmo, mas somente em Deus nosso Senhor, o qual se digna conservar para nosso bem

vosso corpo em saude, e vossa alma para a bemaventurança eterna. Amen". É assim que o Evangelho, que ensina a honrar a reis, sina tambem a defender a causa do povo. Ele prega à nação os seus deveres, e recorda ao principe os direitos da mesma. A voz de um cristão tal como Lutero, ressoando no gabinete de um soberano, podia muitas vezes substituir uma assembleia de legisladores. [9]

Naquela mesma carta, em que Lutero dava uma se-vera lição ao eleitor, não temia fazer-lhe urna petição, ou antes recordar-lhe uma promessa, a de dar-lhe um hábito novo. Esta liberdade de Lutero, no momento em que podia temer haver ofendido a Frederico, honra tanto ao príncipe como ao reformador. "Porem se é Pfefinger quem disso está encarregado", acrescenta ele, "que mo dê na realidade e não em protestos de amizade. Porque o que ele sabe fazer é ter boas palavras, porem delas não sai bom pano". Lutero julgava que, pelos fieis conselhos que havia dado a seu príncipe, tinha merecido bem seu hábito de corte.° Como quer que seja, dois anos depois não o havia recebido, e ainda o pedia. ° Isto parece indicar que Frederico não estava tanto à disposição de Lutero como hão querido dizer'

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Melanct., Vita lut.

[2] * Lut. Op. (Lips.), 17, p. 132. Lut. Ep., 1, p. 74.

[3] + Ibid.

[4] * Lut. Ep., 1, p. 76.

[5] * Lut. Ep., 1, p 88, de 18 de janeiro.

[6] "Literx twe", lhe escrevia Lutero a I l de dezembro de 1517, "animum tuum erga meam parvitatern candidum et longe ultra me-rita benevolentissimum probaverunt". Lut. Ep., 1. 79.

[7] * Non fuit consilium negue votum eas evulgari, sed cum paueis apud et circum nos habitantibus primum super ipsis conferri. Luth. Ep•, 1, D. 95.

[8] * Ut me pceniteat hujus fceturx. Ibid. Lut. Op. lat., in praef.

[9] (1) Lut. Ep., 1. 95.

CAPÍTULO VIII

Contenda erre Francfort — Teses de Tezel — Oposição de Knipstro-u; — A questão do papa — Clamores gerais —Paz de Lutero — Teses de Tezel queimadas Pezar de Lutero — Colera do bispo.

Os espíritos foram pouco a pouco se restabelecendo de seu primeiro susto. Lutero mesmo estava disposto a de_ clarar que suas palavras não tinham o sentido que se lhes havia atribuído. Novas circunstâncias podiam distrair a atenção geral e fazer com que este golpe dado na doutrina romana ficasse esquecido como tontos outros. Porém os portidários de Roma forom a cousa de que não sucedesse assim. Eles aumentaram a chama em lugar de extingui-la. [1]

Tezel e os Dominicanos responderam arrogantemente ao desafio que se lhes havia feito. Ardendo emdesejos de acabar com atrevido frade que tinhavindo transtornar seu trafico, e merecer a benevolência do pontífice romano, de-ram um grito de furor; afirmaram que ataca a indulgência ordenada peln papa era atacar o próprio papa, e chamaram em seu amparo a todos os frades e teólogos de sua escola.

Com efeito, Tezel sabia bem que um adversario como Lutero era demasiado forte para ele. Desconcer-tado com o ataque do doutor e cheio de cólera, deixou os arredores de Wittemberg e dirigiu-se a Francfort-sobre-o-Oder, onde chegou em Novembro de 1517. A universidade daquela cidade era moderna, como a de Witemberg, mas havia sido fundada pelo partido contrario. Conrado Wimpina, homem muito eloquente, antigo rival de Polich de Melerstadt, e um dos teólogos mais distintos daqueles tempo, era ai professor. Wimpina lançava olhares invejosos sobre o doutor sobre a universidade de Witemberg. Sua reputação o ofuscava. Tezel pediu-lhe uma resposta às teses de Lutero, e Wimpina escreveu duas series de antiteses, a primeira tendo por objeto defender a doutrina das indulgências, e a segunda a autoridade do papa.

A 20 de janeiro de 1518 teve lugar aquela controversia preparada muito antecipadamente, anunciada com os-tentação, e na qual Tezel fundava tantas esperanças. Ele tocou a chamada; e mais trezentos frades aí se reuniram, mandados de todos os conventos dos arredores. Tezel leu suas teses. Nelas se achava até esta declaração, que todo aquele que diz que a alma não voa do purgatório no mesmo instante em que o dinheiro tine no fundo do cofre, está em erro. [2]

Porem sobretudo estabelecia proposições segundo as quais parecia verdadeiramente estar o papa assentado como Deus no templo de Deus, conforme a linguagem de um apóstolo. 2 Tess. 2:4. Era fácil àquele impudente mercador refugiar-se, com todas as suas desordens e escândalos, debaixo da capa pontificia.

Eis o que ele disse estar pronto a defender em presença do numeroso auditório que o rodeava:

3.a Convem ensinar aos cristãos que o papa, pela grandeza de seu poder, é superior a toda a igreja universal e aos concilios, e que devem obedecer aos seus mandamentos com toda a submissão.

4.a Convém ensinar aos cristãos que só o papa tem o direito de decidir em assuntos da fé cristã; que só ele tem o poder, e que ninguem senão ele pode explicar se-às escondidas, de uma maneira desprezível e sem pudor devem todos tremer çle incorrer nas penas que acabamos de mencionar e precipitarem-se, eles e outros juntamente, no dia vindouro, na eterna condenação, e aqui embaixo em grande opróbrio desde logo. Porque todo aquele que tocar o monte será apedrejado. Ex. 19:13.

Ve-se que Tezel não atacava só a Lutero. Ele tinha provavelmente em vista, na tese 48.a, o eleitor da Saxônia. Estas proposições, enquanto ao mais, cheiram bem a Dominicano. Ameaçar a todos os adversários com cru-is castigos era um argumento do inquisidor, ao qual não era possível responder. Os trezentos frades que Tezel havia reunido abriam os olhos, e admiravam o que ele havia dito. Os teologos da universidade temiam demasiado ser postos no numero dos fautores da heresia, ou estavam muito aferrados aos princípios de Wimpina, para atacar francamente as estranhas teses que acabavam de ser lidas.

Todo aquele assunto, de que haviam feito tanta bulha parecia pois não dever ser mais do que um combate fingido; porém entre a multidão de estudantes que assistia à controvérsia achava-se um moço de perto de vinte anos de nome João Ksipstrow. Ele havia lido as teses de Lutero, e as tinha achado conforme as doutrinas da Escritura. Indignado de ver a verdade calcada publicamente aos pés, sem que ninguém se apresentasse para defendê-la, aquele moço ergueu a voz, com grande admiração de toda a assembléia, e atacou o presunçoso Tezel. O pobre Dominicano, que não contava com tal oposição, ficou inteiramente confuso. Depois de alguns esforços, abandonou o campo de batalha e cedeu o lugar a Wimpina. Este resistiu com mais vigor; porem Knipstrow o apertou de tal modo, que, para terminar urna luta imprópria a seus olhos, Wimpina, que presidia, declarou encerrada a discussão, e passou imediatamente á promoção de Tezel ao grau de doutor, recompensa daquele glorioso combate. Wimpina, para desembaraçar-se do jovem orador, o fez conduzir ao convento de Pyritz, na Pomerânia, com ordem de aí o guardarem rigorosamente. Porem aquela luz nascente não foi arrancada das margens do Oder senão para derramar mais tarde em Pomerania urna grande claridade. Deus, quando quer, serve-se dos discípulos para confundir os doutores. [3]

Tezel, querendo reparar a derrota que havia sofrido, recorrec à última ratio de Roma e dos inquisidores, que-remos dizer ao fogo. Fez levantar em um passeio dos

ar-rabaldes de Francfort um púlpito e um cadafalso. Dirigiu para ali em procissão solene com suas insígnias de inqui-sidor da fé. Descarregou do alto do púlpito o seu furor. Lançou raios, e gritoucomsuavoz estentóreaque o he-rege Lutero deviaser queimado. Depois, colocando as proposições e o sermão do doutor sobre o cadafalso, os queimou. -I- Nisto ele era mais destro do que em defender teses. Naquela ocasião não achou contraditores; sua vitória foi completa. O descarado dominicano tornou a entrar triunfante em Fraficfort. Quando os partidos poderosos são vencidos, recorrem a certas demonstrações que é preciso conceder-lhes, como uma consolação à sua vergonha.

Estas segundas teses de Tezel formam uma época importante da reforma. Elas deslocaram a controvérsia, transferindo-a dos mercados de indulgência para as salas do Vaticano, e removendo-a de Tezel para o papa. A este desprezível traficante, que Lutero havia agarrado corpo a corpo, elas substituíram a sagrada pessoa do chefe ;da igreja. Lutero estranhou. É provável que mais tarde ele mesmo houvesse dado aquele passo; porém seus inimigos lhe pouparam o trabalho. Desde então não se tratou somente de um comércio desacreditado, mas de Roma; e o golpe com que uma mão forte tinha querido derribar a tenda de Tezel foi aluir o trono do pontífice-rei até às suas bases.

Quanto ao mais, as teses de Tezel não foram senão o sinal dado à turba de Roma. Levantou-se um grito contra Lutero entre os frades, furiosos de verem aparecer um adversário ainda mais temível do que Erasmo e Reuchlin. O nome de Lutero retumbou do alto dos púlpitos dos Dominicanos. Estes se dirigiam às paixões do povo, chama-vam ao corajoso doutor de insensato, sedutor e endemo-ninhado. [4]

Sua doutrina erà proibida como a mais horrível heresia. "Esperai ainda quinze dias somente, quatro se-manas, quando muito," diziam eles "e este insigne herege será queimado." Se isso houvesse dependido só dos Do-minicanos, a sorte do doutor saxônio em breve teria sido a mesma que a de Huss e de Jerônimo; porém Deus velava sobre ele. Sua vida devia acabar o que as cinzas de Huss tinham começado; porque uns servem à obra de Deus com sua vida e outros com sua morte. Muitos já se queixavam de que a universidade de Witemberg estava contaminada de heresia, e a declaravam infame. [5]° "Persigamos a este malvado e a todos os seus sequazes!" continuavam eles. Em muitos lugares conseguiam sublevar as paixões do povo com aqueles gritos. Aqueles que partilhavam as opiniões do reformador eram indicados à vigilância pública, e em todas as partes onde os frades eram os mais fortes, os amigos do Evangelho experimentavam os efeitos de seu ódio. Assim começavam a cumprir-se para a reforma estas palavras do Salvador; "Berna venturados sois vós outros, quando vos injuriarem, e perseguirem, e contra vós todo mal falarem por minha causa, mentindo." S. Mat. 5:11. Esta retribuição do musdo não falta em tempo nenhum aos discípulos decididos do Evangelho.

Quando Lutero teve conhecimento das teses de Tezel e do ataque geral que elas anunciavam, seu valor infla-mou-se. Conheceu que era preciso resistir de frente a tais adversários: sua alma intrépida não encontrou dificulda-des em resolver-se a isso. Porém ao mesmo tempo a fra-queza deles lhe revelou sua força, e deu-lhe o sentimento do que ele ra.

Contudo não se deixou arrastar por aqueles movimentos de orgulho tão naturais ao coração do homem. Eu tenho mais trabalho, escrevia então a Spalatin, "em conter-me para não desprezar a meus adversários e pecar contra Jesus Cristo, do que terei em vencê-los. São tão ignorantes nas cousas divinas e humanas, que é uma vergonha ter de lutar contra eles. E entretanto é essa mesma ignorância que lhes dá. sua incrível audácia e sua carade bronze."

Porém o que principalmente fortalecia seu coração no meio daquele deS'encadeamento geral, era a íntima convicção de que sua causa era a da verdade. "Não vos admireis," escrevia ele a Spalatin no princípio do ano de 1518, "de que me insultem tão violentamente. Recebo com alegria esas injúrias. Se não me maldissessem, não poderíamos crer tão firmemente que a causa que hei empreendido é a causa de Deus. [6]+ Cristo foi enviado como sinal de que há de ser contradito. Eu sei," dizia ele ainda, que a Palavra de Deus tem sido de tal natureza, desde o princípio do mundo, que todos aqueles que têm querido propagá-la no mundo, têm sido obrigados como os apóstolos a abandonar todas as coisas e esperar a morte. Se não fosse assim, ela não seria a Palavra de Jesus Cristo. Esta paz, no meio da agitação, é uma cousa desconhecida aos heróis do mundo. Vêem-se homens colocados à frente de um governo ou de um partidd político sucumbirem sob o peso de seus trabalhos e aflições. O cristão adquire quase sempre novas forças na luta. É que ele conhece uma fonte misteriosa de repouso e de ânimo, que ignora aquele que tem os olhos fechados ao Evangelho.

Uma coisa, não obstante, agitava às vêzes Lutero: era a idéia das dissenções que sua enérgica oposição poderia ocasionar. Ele sabia que urna palavra pode ser suficiente para inflamar todo o mundo.Viaàsvêzespríncipescontraprínci pes, talvezpovoscontrapovos. Seu coração alemão estava magoado; sua caridade cristã estava assustada. Ele desejava a paz. Entretanto era preciso falar. Assim o queria o Senhor. "Eu vacilo", dizia ele, "estremeço à idéia de que poderia ser causa de discórdia entre tão grandes príncipes." *[7]

Não obstante, guardou silêncio sobre as proposições de Tezel concernentes ao papa. Se a paixão o houvesse guiado, sem dúvida ter-se-ia arrojado imediatamente e com impetuosidade sobre aquela estranha doutrina, a cujo abrigo pretendia ocultar-se seu adversário. Porém não o fez. Há em sua espera, em sua reserva e em seu silêncio alguma coisa de grave e solene que revela bastantemente o espírito que o animava. Ele esperou, mas não por fraqueza, porque o golpe foi tanto mais forte.

Tezel, depois de seu auto de fé em Francfort-sobre-oOder, apressou-se a enviar as suas teses a Saxônia. Ali servirão de antídoto às de Lutero, dizia ele. Chegou a Witemberg um homem vindo de Bale, encarFegado pelo inquisidor para espalhar ali suas proposições. Os estudantes da universidade, que ainda se achavam indignados de Tezel haver queimado as teses de seu mestre, apenas souberam da chegada do mensageiro, foram buscá-lo, cercaram-no, apertaram-no e o amendrontaram: "Como te atreves a trazer tais coisas aqui?" Alguns compraram-lhe uma porção dos exemplares que levava, e outros apoderaram-se do resto; deste modo apropriaram-se de toda a fatura, que se compunha de oitocentos exemplares; depois, sem co-nhecimento do leitor, do senado, do reitor, de Lutero e de todos os professores, [8]+ afixaram nos pilares da universidade estas palavras: "Quem quiser assistir à queimada e funeral das teses de Tezel compareça às duas horas na praça do Mercado."

Ali se reuniram em tropel a essa hora, e entregaram às chamas as proposições do Dominicano, no meio de es-trondosos aplausos. Um exemplar, que escapou ao incên-dio, foi enviado depois por Lutero a seu amigo Lange de Erfurt. Aquela mocidade generosa, mas imprudente, se-guiu o preceito dos antigos: "olho por olho, e dente por dente," e não o de Jesus Cristo: "a qualquer que te der em tua face direita, vira-lhe também a outra". S. Mat. 5:38-39.. Porém quando os doutores e os professores davam tal exemplo em Franscfort, estranhar-se-á que jovens estudantes o seguissem em Witemberg? A noticia desta execução acadêmica espalhou-se por toda a Alemanha, e causou grande alvoroço. ° Lutero sentiu um profundo pezar.

"Admiro-me, escreveu ele a seu antigo mestre Jodo-cus em Erfurt, "de que tenhais podido crer que fui eu quem fiz queimar as teses de Tezel. Pensais então que eu tenha de tal maneira perdido o juízo? Mas que posso eu fazer? Quando se trata de mim, todos acreditam tudo o que se diz. + Posso eu atar as línguas do mundo inteiro? Pois bem, que digam, que ouçam, que vejam, que creiam o .que quiserem. Eu trabalharei enquanto o Senhor me der forças, e, como favor de Deus, nada temerei jamais. "O que há de suceder", disse ele a Lange, "eu o ignoro; se não é que o perigo em que me acho torna-se por isso mesmo maior." + Este ato manifesta como os corações dos moços ardiam já pela causa que Lutero defendia. Era um indício de alta importância; porque um movimento que se efetua na juventude necessariamente se estende logo por toda a nação.

As teses de Tezel e de Wimpina, ainda que pouco estimadas, produziram algum efeito. Aumentavam a controvérsia, alargavam a rotura feita na capa da igreja e apresentavam na contenda questões de maior interesse. Do mesmo modo os chefes da igreja começaram a ocupar-se mais do assunto e a declarar-se com força contra o reformador. "Não sei verdadeiramente em que se fia Lutero", disse o bispo de Brandeburgo, "para atrever-se a atacarassimo poder dosbispos".Conhecendo o bispo que aquelanovacircunstânciapedia novos passos, foi ele mesmo a Witemberg. Porém

encontrou a Lutero animado daquela alegria interior que uma boa consciência dá, e decidido a arrostar o inimigo. O bispo compreendeu que o frade Agostinho obedecia a um poder superior ao seu, e retirou-se enraivecido para Brandeburgo. Um dia, era ainda durante o inverno de 1518, estando sentado diante de suachaminé, ele disse, voltando-se paraos que orodeavam: "Não quero deixar minha cabeça em paz enquanto não houver arremessado Martinho ao fogo, como este tição;" e arrojou ao braseiro o tição que empunhava. A revolução do décimo-sexto século não devia ser cumprida pelos chefes da igreja, assim como a primeira não o foi pelo sanhedrim e pela sinagoga. Os chefes do clero, no déci-mo-sexto século, foram opostos a Lutero, à reforma e a seus ministros, assim como o haviam sido a Jesus Cristo, ao Evangelho e a seus apóstolos, e como o são em todos os tempos à verdade. "Os bispos", diz Lutero falando da visita que lhe havia feito o prelado de Brandeburgo, começam a compreender que deviam ter feito o que eu faço, e estão envergonhados. Chamam-me orgulhoso e audaz, e não nego que o sou. Porém não podem saber o que é Deus, e o que somos nós. •

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Suum senatum convocat; monachos aliquot et teologos sua sophistica utcunque tinctos. IvIelancht., Vita Luth.

[2] * Tezelii, pos. 56, Lut. Op., 1, p. 94.

[3] * Spieker, Gesch. Dr. M. Luthers. Beckmani. Noticia Univ. Francfurt., 8, etc.

[4] Melanchth., Vita Lut.

[5] * Lut. Ep., 1. 92.

[6] * Lut. Ep., 1, p. 92.

[7] * Lut. Ep., 1, p. 85. * Lut. Ep., 1, p. 93.

[8] * Lut. Ep., 1, p. 99. Ibid, 109. Ibid., 98.

CAPÍTULO IX

O censor romano — Aautoridade na igreja — Grosserias do censor — Sistema da reforma — Os príncipios da reforma — Roma — O monaquismo e a reforma — Lutero a Hochstraten — Eck — Os Obeliscos — Sentimentos de Lutero Os Asteriscos — Rompimento entre a velha e a nova ciência.

Uma resistência mais grave que a de Tezel tinha já se oposto a Lutero. Roma havia respondido. Uma réplica tinha partido das muralhas do sacro palácio. Não era Leão X que havia condescendido a falar de teologia: "Contenda de frades," disse ele um dia; "o melhor é não fazer caso." E em outra ocasião. "É um alemão ébrio quem escreveu estas teses; quando sua embriaguês tiver passado, ele falará de outro modo." [1]• Um Dominicano de Roma, Silvestre Mazolini de Priero ou Prierias, mestre do sacro palácio, exercia as funções de censor, e nessa qualidade foi o primeiro que teve conhecimento na Itália das teses do frade sax8nio.

Um censor romano e as teses de Lutero, que encon-tro! A liberdade da palavra, a liberdade de exame e a liberdade da fé vão tropeçar, na cidade de Roma, como aquele poder que pretende ter em suas mãos o monopólio das inteligências e a faculdade de abrir e fechar, como lhe aprouver, a boca da cristandade. A luta 3a liberdade cristã, que engendra filhos de Deus, como él despotismo pontifical que produz escravos de Roma,, está como simbolizada, desde os primeiros dias da refoma, no encontro de Lutero e de Priério.

O censor romano, prior geral dos Dominicanos, encar-regado de decidir o que a cristandade deve dizer ou calar, saber ou ignorar, apressou-se a responder. Publicou um escrito, que dedicou a Leão X. Nele falava com desprezo do frade alemão, e declarava com presunção inteiramente romana que seria curioso certificar-se se o tal Martinho tinha um nariz de ferro ou uma cabeça de bronze, que não se pudessem despedaçar! ... Depois, em forma de diálogo, atacava as teses de Lutero, empregando alternativamente a zombaria, as injúrias e as ameaças.

Este combate ente o Agostinho de Witemberg e o Dominicano de Roma deu-se mesmo sobre a questão que é o princípio da reforma, a saber: "Qual é a única autoridade infalível para os cristãos?" Eis aqui o sistema da igreja, exposto segundo seus órgãos mais independentes. +[2]

A letra ou palavra escrita é morta sem o espírito de in-terpretação, que faz conhecer o sentido oculto. Ora, este espírito não é concedido a cada cristão, mas à igreja, isto é, aos sacerdotes. É uma grande temeridade pretender que aquele que prometeu à igreja estar sempre com ela até o fim do mundo tenha podido abandoná-la a influência do erro. Dir-se-á talvez que a doutrina e a constituição da igreja não são já as mesmas que constam dos santos oráculos. Sem dúvida; porém esta

diferença não é mais que aparente: ela refere-se à forma e não ao fundo. E de mais, esta alteração é um progresso.

A força vivificante do Espírito divino tem dado realidade ao que não era mais do que idéia na Escritura; tem dado corpo às formas da Palavra; tem aperfeiçoado seus primeiros traços, e completado a obra para a qual a Bíblia não havia apresentado mais do que desenhos. É preciso, pois, compreender o sentido da Santa Escritura do modo que a igreja dirigida pelo Espírito Santo o tem determinado. Aqui os doutores católicos discrepam. Os concílios gerais, dizem uns, e Gérson e deste número, são os representantes da igreja. O papa, dizem outros, é o depositário do espírito de interpretação, e nin-guém tem o direito de compreender a Escritura diversa-mente doque determinao pontífice romano. Era esta a opinião de Priério.

Tal foi a doutrina que o mestre do sacro palácio opôs à nascente reforma. Avançou tais proposições sobre o poder da igreja e do papa, que mesmo os aduladores mais descarados da corte de Roma deviam ter corado. Eis um dos pontos que colocou no princípio do seu escrito: "Todo aquele que não se apoia sobre a doutrina da igreja romana e do pontífiue romano, como sobre a infalível regra da fé, da qual a mesma Santa Escritura tira sua força e sua autoridade, é um erége."

Depois, em um diálogo, cujos interlocutores são Lutero e Silvestre, este trata de refutar as proposições do doutor. Os sentimentos do frade saxônio eram uma coisa inteiramente nova para um censor romano; por conseguinte Priério mostra que não compreendia nem as emoções de seu coração nem as causas de sua conduta. Priério media o doutor da verdade com a pequena medida dos lacaios de Roma. "Oh querido Lutero!" dise-lhe, "se tu recebesses de nosso senhor, o papa, um bom bispado e uma indulgência plenária para a reparação de tua igreja, andarias com mais tato e exaltarias a mesma indulgência que agora te comprazes em difamar!" O italiano, tão inchado de sua elegante educação, usa às vêzes de estilo o mais grosseiro: "Se a índole dos cães é morder," disse ele a Lutero, "eu receiobem que tu tenhas tido por pai umcão." [3] O Dominicano tem tal opinião de si mesmo, que quase se admira de haver tido a condescendência de falar com um frade rebelde, e conclui mostrando a seus adversários os cruéis dentes de um inquisidor:

"A igreja romana," disse ele, que tem no papa o fastígio de seu poder espiritual e temporal, pode obrigar pelo braço secular àqueles que, tendo já recebido a fé, se apartam dela. Ela não é obrigada a empregar razões para combater e vencer os rebeldes. +[4]

Estas palavras, traçadas pela pena de um dos dignatários da corte romana, tinham um sentido muito positivo. Contudo não assustaram a Lutero. Acreditou, ou fingiu acreditar, que aquele diálogo não era de Priério, mas sim de Ulrich de Hütten, ou de um dos outros autores das Cartas de alguns homens obscuros, que, dizia ele, havia compilado aquele montão de necedades em seu humor satírico e para evitar

Lutero contra Priério. Não tinha vontade de ver a corte de Roma indignada contra ele. Contudo, depois de haver guardado silêncio por algum tempo, suas dúvidas, se as tinha, foram dissipadas, meteu mãos à obra, e, dois dias depois sua resposta estava pronta. §[5]

A Bíblia tinha formado o reformador e começado a reforma. Lutero não tece necessidade do testemunho da igreja para crer. Sua fé provinha da mesma Bíblia, de dentro e não de fora. Achava-se tão intimamente convencido de que a doutrina evangélica estava solidamente fundada sobre a Palavra de Deus, que toda a autoridade exterior era inútil a seus olhos. Aquela experiência que Lutero havia feito prometia à igreja um novo porvir.

A fonte viva que acabava de brotar para o frade de Witemberg devia chegar a ser um rio que saciasse os povos.

Para compreender a Palavra é preciso que o Espirito de Deus nos dê a inteligência dela, disse a igreja, e teve razão até aqui. Porém seu erro consistiu em considerar o Espírito Santo como um monopólio concedido a uma certa casta, e em pensar que Ele podia ser encerrado exclusivamente em certas assembléias, em certos colégios, em uma cidade ou em um conclave. "O vento sopra aonde quer," S. João 3:8, disse o Filho de Deus, falando do Espírito de Deus; e em outra ocasião: "E serão todos ensinados de Deus." S. João 6:45. A corrupção da igreja, a ambição dos

pontífices, as paixões dos concílios, as altercações do clero e a pompa dos prelados tinham arrojado para longe das moradas sacerdotais a este Espirito Santo, a este sopro de humildade e de paz. Ele havia abandonado as assembléias dos soberbas e os palácios dos príncipes da igreja, e se havia refugiado nas casas dos simples cristãos e do modesto sacerdote. Separou-se de uma hierarquia dominadora, que vivia do sangue e da espada; e era encontrado ora nas seitas menosprezadas, ora entre os homens de inteligência e de saber. A nuvem santa, que se tinha afastado das so-berbas basílicas e orgulhosas catedrais, havia descido aos lugares obscuros habitados pelos humildes, ou aos gabinetes de estudo, tanqüilas testemunhas de um trabalho consciencioso. A igreja, aviltada, por seu amor ao poder e riquezas, desonrada aos olhos do povo pelo uso venal que fazia da doutrina da vida, a igreja, que vendia a salvação para acumular tesouros que eram esgotados com seu fausto e suas dissoluções, tinha perdido toda a consideração, e os homens sensatos não davam já valor a seu testemunho. Desprezando uma autoridade tão envilecida, o povo dirigia-se com júbilo para a Palavra divina e sua autoridade infaWel, como para o único refúgio que lhes restava em uma desordem tão geral.

O século achava-se preparado. O arrojado movimento com que Lutero mudou o ponto de apoio das mais nobres esperanças do coração humano, e com poderosa mão o transportou dos muros do Vaticano para a rocha da Palavra de Deus, foi saudado

com entusiasmo. este o objeto a que se propôs o reformador em sua resposta a Priério.

Deixa de parte os princípios que o Dominicano havia estabelecido na frente de sua obra: "Porém," diz, a vossa imitação, vou também estabelecer alguns princípios.

O primeiro é esta palavra de S. Paulo: "Porém ainda que nós, ou um anjo do céu, vos anunciar outro Evangelho além do que já vos temos anunciado, seja maldito." Gálatas 1:8.

"O segundo é esta passagem de S. Agostinho a S. Jerônimo: "Tenho aprendido a não dar senão aos livros canônicos a honra de crer muito firmemente que nenhum deles tem errado; quanto aos outros, não creio o que dizem só porque o dizem.

Lutero estabelece pois aqui, com mão firme, os prin-cípios essenciais da reforma: a Palavra de Deus, toda a Palavra de Deus, nada mais que a Palavra de Deus. "Se compreendeis bem estes pontos," continua, "compreendeis também que todo o vosso diálogo está completamente des-truído; porque vós não haveis feito outra cousa mais do que repetir "as palavras e as opiniões de S. Tomaz." De-pois, atacando os axiomas de adversário, declara franca-mente que pensa que os papas e os concílios podem errar. Queixa-se dasadulaçõesdoscortezãosromanos, que atri-buemao papaambosospoderes. Declara que a igreja não existe virtualmente senão em Cristo, e representativamente nos concílios. Chegando depois à suposição do que Priério havia feito, lhe diz: "Sem dúvida me julgais por vós mesmo: porém, se eu aspirasse aos bispado, seguramente não pronunciaria esses discursos que soam tão mal a vossos ouvidos. Cuidais que eu não sei como se consegue em Roma os bispados e o sacerdócio? Os membros guem em Roma os bispados e o sacerócio? •0s mesmos meninos não cantam em todas as praças dessa cidade estas palavras tão conhecidas:

Hoje o Vaticano é mais imundo

Do que tudo o que se vê no mundo? +[6]

Eram canções que corriam em Roma antes da eleição de um dos últimos papas. Não obstante, Lutero fala de Leão com apreço: Eu sei," diz, "que temos nele como um Daniel em Babilônia; sua inocência tem pôsto mais de uma vez sua vida em perigo." Conclui respondendo com algumas palavras às ameaças de Priério: "Dizeis finalmente que a papa é ao mesmo tempo pontífice e imperador, e que é poderoso para compelir pelo braço secular... Tendes sede de homicídio?... Pois vos declaro que não assustareis nem com vosas palavras. Se me matam, Cristo vive, Cristo meu Senhor e Senhor de todos, bendito eternamente. Amém.

Desta maneira Lutero levanta, com uma mão firme, contra o altar infiel do passado, o altar da Plavra de Deus, único santo, único infalível, ante o qual ele quer que todo o joelho se dobre, e sobre o qual está pronto a imolar sua vida. [7]

Priério publicou uma réplica, e depois um terceiro livro sobre "a verdade irrefragável da igreja e do pontífice romano", no qual, apoiando-se no direito eclesiástico, dizia que, ainda quando o papa levasse o povo em massa ao diabo consigo mesmo, nem por isso poderia ser julgado ou destituído. O papa viu-se obrigado, por último, a impôr silêncio a Priério.

Dali a pouco um novo adversário se apresentou na estacada; era ainda um Dominicano. Tiago Hochstraten, inquisidor em Colônia, a quem temos visto já levantar-se contra Reuchlin e contra os amigos das letras, estremeceu de cólera quando viu a ousadia de Lutero. Era bem preciso que o obscurantismo e o fanatismo monacal chegassem às mãos com aquele que devia dar-lhes o golpe mortal. O monaquismo se formou quando se começou a perder a verdade primitiva. Desde então os frades e os erros cres-ceram a par. O homem que devia apressar sua ruína tinha aparecido; porém aqueles robustos campeões não podiam abandonar o campo de batalha sem lhe haverem dado vio-lento combate. Assim o fizeram durante toda sua vida; po-rém é em Hochstraten que este combate estáparticular-mente personificado: Hochstraten e Lutero;o cristão livre eforte, e o fogoso escravo das superstições monacais! Hochstraten se irrita, se arrebata e pede em altos gritos a morte do herege... É com a fogueira que ele quer fazer Roma triunfar. É um crime de alta traição contra a igreja ,exclama ele, "deixar viver mais uma hora um tão horrível herege! Sem demora levanta-se um cadafalso para ele!" [8]

Aquele conselho de sangue, ai! foi exatamente seguido em muitos lugares, as vozes de muitos mártires, como nos primeiros tempos da igreja, do meio das labaredas deram tes-temunho à verdade. Porém o ferro e o fogo foram em vão invocados contra Lutero. O anjo do Eterno estava continuamente junto dele e o defendia.

Lutero respondeu a Hochstraten em poucas mas enérgicas palavras: "Anda," lhe disse terminando, "delirante assassino, que só te sacias com o sangue de teus irmãos; meu sincero desejo é que te guardes bem de chamar-me cristão e fiel, e que, ao contrário, não cesses de tratar-me como herege. Compreende bem estas coisas, homem sanguinário! inimigo da verdade! e se tua sanha furibunda te arrasta a empreender alguma coisa contra mim, tem cuidado em obrar com circunspeção, e depois de maduro exame. Deus sabe ao que me proponho, se me concede a vida... Minha esperança e minha paciência, se Deus quiser, não me enganarão." Hochstraten calou-se.

Um ataque mais penoso esperava o reformador. O célebre professor de Ingoltadt, o libertador de Urbano Régio, o amigo de Lutero, o doutor Eck enfim, havia recebido as famosas teses. Eck não era homem que quisesse defender os abusos das indulgências; porém era doutor da Escola e não da Bíblia, versado nos autores escolásticos e não na Palavra de Deus. Assim como Priério representava Roma, e

Hochstraten os frades, Eck, representava a Escola. Essa Escola, que desde quase cinco séculos dominara a cristandade, longe de ceder aos primeiros golpes do reformador, levantou-se orgulhosa para esmagar aquele que ousava derramar sobre ela rios de desprôzo. Eck e Lutero, a

Escola e a Palavra, chegaram mais de uma vez às mãos; porém foi daquela ocasião que o combate se abriu.

Eck achava erros em muitas asserções de Lutero. Ele defendia com entusiasmo as opiniões escolásticas, como Lutero as declarações da Palavra de Deus. Pode-se mesmo supor que sentiu alguma pena vendo-se obrigado a opor-se a seu antigo amigo; entretanto, o modo por que o atacou parece indicar que a paixão e a inveja não foram estranhas à sua determinação.

Deus o nome de Obeliscos à suas observações sobre as teses de Lutero. Querendo em primeiro lugar salvar as aparências não publicou sua obra, e contentou-se em comunicá-la confidencialmente a seu ordinário, o bispo de Eichstad. Porém, ou fosse por indiscrição do bispo oupeladodoutor, osObeliscosforamimediatamente divulgadosportodaaparte. Chegou um exemplar as mãos de Link, amigo de Lutero e pregador em Nuremberg. Este o enviou apressadamente ao reformador. Eck era um adversário muito mais terrível que Tezel, Priério e Hocstraten: quanto mais superiores eram seus escritos em ciência e sutileza aos dos três citados, tanto mais perigosos eram. Tratava com um tom de compaixão a seu "débil adversário," sabendo que a compaixão faz mais mal do que a cólera. Insinuva que as proposições de Lutero espargiam o veneno boêmio, que tinham o cheiro da Boêmia, e com estes malignas alusões, atraía sobre Lutero o desfavor e o ódio, unidos na Alemanha ao nome de Huss e dos cismáticos de sua pátria.

A malignidade que se deixava ver naquele escrito indignou Lutero; porém a idéia de que aquele golpe provinha de um íntimo amigo o afligia ainda mais. preciso defender a verdade com detrimento do afeto dos seus! Lutero desafogou seu coração a sua tristeza em uma carta a Egranus, pastor de Zwickau. "Chamam-me nos Obeliscos homem venenoso," disse ele, "boêmio, herege, sedicioso, insolente, temerário... Não falo das injúrias mais leves, como descuidado, imbecil, ignorante, desprezador do soberano pontífice, e outras. Este livro está cheio de insultos os mais feios. Entretanto aquele que os escreveu é um homem distinto ,de um espírito cheio de ciência, de uma ciência cheia de espírito, e, o que me causa mais sentimento, um homem que me profesava uma grande amizade recentemente con-traída:*[9] é João Eck, doutor em teologia, chanceler de Ingolstadt homem célebre e ilustre por seus escritos. Se eu não conhecesse os pensamentos de Satanaz, admirar-me-ia do furor que levou este homem a romper uma amizade tão doce e tão recente,+ [10] e isto sem advertir-me, sem escrever-me, sem dizer-me uma só palavra."

Porém se Lutero tinha o coração despedaçado, sua intrepidez não havia diminuído. Ao contrário se inflamava para o combate. "Regozija-te, meu irmão," diz ele a Egranus, que também havia sido atacado por um impetuoso inimigo, "regozija-te, e que todos essas folhas soltas não te espantem! Quanto mais se entregam à sua fúria os meus adversários, mais avanço. Deixo as coisas que estão atrás de mim, para que ladrem contra elas, e sigo aquelas que estão na minha frente, para que ladrem contra elas a seu turno."

Eck reconheceu tudo o que havia de vergonhoso em sua conduta, e procurou justificar-se em uma carta a Carlstadt. Nela chamava a Lutero "seu amigo comum." Lançava toda a culpa sobre o bispo de Eichstadt, a pedido do qual dizia ele haver escrito sua obra. Sua intenção não havia sido publicar os Obeliscos. Em tal caso teria tido mais consideração aos laços de amizade que o uniam a Lutero. Por fim pedia que, em lugar de lutar publicamente com ele, Lutero voltasse antes de suas armas contra os teólogos de Frankfort. O professor de Ingolstadt, que não havia temido dar o primeiro golpe, começou a tremer quando pensou na força do adversário a quem teve a impudência de provocar. De boa vontade teria evitado a luta, porém, já era tarde.

Todas essas belas palavras não persuadiram a Luteo; entretanto ele estava disposto a calar-se: "Tragarei com paciência," disse, "este bocado digno do cão Cérbero." Porém seus amigos foramde outroparecer. Solicitarame mesmo o obrigaramaresponder.Respondeu pois aos Obeliscos com os seus Asteriscos, opondo disse ele jogando com esta palavra, a luz e a alvura resplandecente das estrelas do céu, à ferrugem e à cor lívida dos Obeliscos do doutor de Ingolstadt. Naquela obra tratava a seu novo adversário com menos dureza do que aos outros a quem tinha combatido antes; porém sua indignação aparecia através de suas palavras. [11]

Ele mostrava que no caos dos Obeliscos não havia nada das Santas Escrituras, nada dos padres e da igreja, nada dos cânones eclesiásticos; que só se encontravam neles eram comentários escolásticos, opiniões e mais opiniões, e puros senhores; + em uma palavra, tudo o que Lutero havia atacado. Os Asteriscos são cheios de movimento e de vida. O autor irrita-se com os erros do livro de seu amigo; porém se compadece do homem.°[12] Professa de novo o princípio fundamental que estabeleceu na resposta a Priério: "O soberano pontífice é homem; e pode errar; porém Deus é a verdade, e nunca pode."-i- Mais adiante, valendo-se contra o doutor escolástico de um argumento ad hominem, lhe diz: "Seguramente é uma impudência ensinar na filosofia de Aristóteles aquilo que não pode provar com a au-toridade desse antigo autor. Nisto concordais. Pois bem, e com muito mais razão, é a mais impudente de todas as temeriadades afirmar na igreja e entre os cristãos aquilo que Jesus Cristo não ensinou. Logo em que parte da Bíblia se acha que o tesouro dos merecimentos de Cristo está nas mãos do papa?"

Acrescenta ainda: Quanto à maliciosa increpação de heresia boêmia, sofro com paciência este opróbrio, por amor de Jesus Cristo. Vivo em uma célebre universidade, em uma cidade estimada, em um bispado considerável, em um poderoso ducado, onde todos são ortodoxos, e onde sem dúvida não haviam de tolerar um herege tão mau. Lutero não publicou os Asteriscos; só os comunicou aos amigos. Não foi senão mais tarde que eles se impri-miram.

Aquele rompimento entre o doutor de Ingolstadt e o doutor de Witemberg fez sensação na Alemanha. Eles ti-nham amigos comuns. Schurl principalmente,que parecia haver sido aquele por meio de quem os dois doutores se tinham unido, Schurl inquietou-se. Era dos que desejavam ver efetuar-se a reforma em toda a extensão da igreja germânica por meio de seus órgãos mais distintos. Porém, se desde o princípio os mais eminentes teólogos da época viriam às mãos; se, juando Lutero se apresentava com causas novas, Eck se fazia o representante das causas antigas, que destroço não se devia temer?! Numerosos partidários não se reuniriam ao redor de cada um daqueles dois chefes? e não se veriam dois campos inimigos formar-se no meio do império? [13]

Schurltratou poisde reconciliar Eck eLutero.Este declarou queestavapronto aesquecer tudo, que apreciava o talento e admirava a ciência do doutor Eck. [14]• e que aquilo que seu amigo lhe havia feito tinha-lhe causado .«mais pena que cólera. "Estou disposto," disse a Shurl, para a paz e para a guerra; porém prefiro a paz. Ponde-vos pois à obra afligi-vos conosco de que o diabo tenha semeado entre nós este principio de discórdia, e regozijai-vos depois de que Cristo por sua misericórdia a tenha destruido. Na mesma ocasião escreveu a Eck uma afetuosa carta; [15]+ porém Eck não respondeu à carta de Lutero; nem mesmo um recado lhe mandou. já não era tempo de reconciliar os ânimos. O combate se travava da vez mais. O orgulho de Eck e seu espírito implacvel em breve romperam inteiramente os últimos laços da amizade que se esfriavam de dia em dia. [16]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Sylv. Prieratis Dialogus.

[2] Gersonis Propositiones de sensu litterali S. Scripturae. Op., t. 1.

[3] * SyIv. Prieratis Dialogus.

[4] + Ibid.

[5] • Ep•, 1, p. 87, de 14 de janeiro. § T., 1 (W.), lat., p. 170.

[6] * Lut. Op. lat., p. 174. -3- Ibid., p. 183.

[7] Lut. Op. lat., p. 186.

[8] Lut. Op. (Lips.), 17, p. 140.

[9] * Lut. Ep., 1, p. 100.

[10] + Ibid.

[11] * Lut. Ep., 1, p. 100.

[12] Asterici, Op. (L.) lat., 1, p. 145. * Aster., Op. (L.) lat., 1. 150.

[13] Ibid., p.

[14] * Ibid., p. Lut. Ep., 155. 156. 1, p. 126.

[15] Lut. Ep., ad Scheurium, 15 de junho de 1518, 1, p. 125.

[16] * Ibid.

[17] * Ibid.

CAPÍTULO X

Escritos populares -- A oração — Pai nosso — O pão de Deus — Sermões sobre o arrependimento — O perdão vem de Cristo — Todo o fiel o pode anunciar.

Tais eram as lutas que o campeão da Palavra de Deus tinha que sustentar desde sua entrada nacarreira dareforma. Porémaqueles combates com as sumidades da sociedade, aquelas contovérsias acadêmicas, são pouca coisa para o cristão. Os doutores humanos crêm haver lançado o maior triunfo se conseguem encher alguns jornais e salões com o ruído de seus sistemas. Como entre êles se trata mais de um assunto de amor próprio ou de partido do que do bem da humanidade, as glórias do mundo lhes bastam. Também seus trabalhos não são mais do que o fumo, que, depois de haver ofuscado, passa sem deixar vestígios. Eles se esquecem .de infundir nas massas o fogo sagrado; não fazem mais do que instruir superficialmente a espécie humana.

Não é asim com o cristão; ele trata da salvação das almas, e não de uma vitória da sociedade ou de academia. Deixa, voluntariamente o brilhante combate que poderia sustentar facilmente com os campeões do mundo, e prefere os obscuros trabalhos que levam a luz e a vida às cabanas do campo e às moradas do povo. Eis o que Lutero fez, ou antes, segundo o preceito de seu Mestre, fez estas coisas, sem deixar aquelas. Sem deixar de combater os inquisidores, os chanceleres de universidade, os mestres do sacro-palácio, esforçou-se em propagar por entre a multidão os sãos conhecimentos em matéria de religião. Era aeste objeto que se dirigiam diversos escritos popularesque pu-blicou então, tais como os seus Discursos sobre os Dez Mandamentos, pronunciados dois anos antes na igreja de Witemberg e dos quais havemos falado já, e também sua Exposição da oração Dominical para os seculares simples e ignorantes.°[1] Quem não quererá saber como se dirigia então ao povo o reformador? Citaremos algumas das palavras que ele enviava "a correr o país" como ele mesmo o disse no prefácio do segundo dos ditos escritos.

A oração, ato íntimo do coração, será sem dúvida sempre um dos pontos por onde deverá começar uma reforma de verdade e de vida; por isso Lutero se ocupou dele sem demora. É impossível numa tradução apresentar seu estilo enérgico, e a força daquele idioma que se formava, por assim dizer, de sua pena, à medida jue escrevia; entretanto ensaiaremos

Quando fizeres oração," diz ele, "faze-o com poucas palavras, porém com muitos pensamentos e afetos saídos do mais profundo de teu interior. Quanto menos falares, melhor rogarás. Poucas palavras e muitos pensamentos, constituem o cristão. Muitas palavras e poucos pensamen-tos, constituem o pagão...

A oração exterior e do corpo, é de sussurro dos lábios, o palavrório sem fundamento, que fere a vista e os ouvidos dos homens; porém a oração em espírito e

em verdade, é o desejo intimo, o movimento, os suspiros, que saem das profundezas do coração. A primeira é a oração dos hi-pócritas e de todos os que confiam em si mesmos. A se-gunda é a oração dos filhos de Deus, que vivem no seu temor...

Depois, chegando às primeiras palavras da oração do Senhor, "Pai nosso," assim se exprime: Entre todos os no-mes, não há nenhum que nos disponha melhor para com Deus do que o nome de Pai. Não haveria para nós tanta ventura e consolação em chamá-lo Senhor, ou Deus, ou Juiz. . . A este nome de Pai as entranhas do Senhor se comovem; porque não há voz mais amorosa e mais terna do que a de um filho a seu pai.

"Que estás nos céus." Aquele que confessa que tem um pai que está nos céus, considera-se por conseguinte como abandonado sobre a terra. Dali vem a sentir em seu coração um desejo tão ardente como o de um filho que vive apartado de seu pai, em país estranho, na miséria e na aflição. É como se dissesse: Ai! de meu pai! Tu estás nos céus, e eu, teu miserável filho, aqui sobre a terra, longe de ti, rodeado de perigos, de necessidades e de tristezas.

"Santificado seja o teu nome". Aquele que é colérico, ou invejoso, ou maldizente, ou caluniador, deshonra o nome de Deus, sob que foi batizado. Fazendo um uso ímpio do vaso que a Deus é consagrado, assemelha-se a um sacerdote que se servisse do cálice para dar de beber a uma porca, ou para enchê-lo de esterco...

"Venha o teu reino.' Aqueles que acumulam bens, que fazem construir edifícios magníficos, que buscam tudo o que o mundo pode dar, e pronunciar com os lábios esta oração, são semelhantes aos grandes tubos de orgão que ressoam nas igrejas sem que sintam nem saibam o que fazem..."

Mais adiante Lutero ataca o erro das peregrinações, tão propagado nesse tempo: "Um vai a Roma, outro a S. Tiago; este faz construir uma capela, aquele funda uma instituição, paar alcançar o Reino de Deus; porém todos descuidam do ponto essencial, " que é formarem eles mesmos o seu Reino. Porque vais procurar o Reino de Deus além dos mares, quando deves encontrá-lo em teu próprio coração?!

"É uma coisa terrível", prossegue ele, "ouvir fazer-se esta petição: "Seja feita a tua vontade!" Onde se vê fazer na igreja esta vontade de Deus?... Um bispo" levanta-se contra outro bispo, uma igreja contra outra igreja. Padres, frades e freitas se enfadam,. combatem, guerreiam; não se vê senão discórdia em toda parte. E entretanto cada par-tido exclama que tem uma boa vontade e uma intenção reta; e desta maneira, em honra a glória de Deus, fazem todos juntos uma obra do diabo...

"Por que dizemos -'pão nosso?" continua ele explicando estas palavras; "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje?" É porque pelo pão comum que os pagãos comem e Deus dá a todos os homens; mas pelo pão que é nosso em razão de sermos filhos do Pai Celestial.

"E qual é esse pão de Deus? É Jesus Cristo, nosso Senhor: "Este é o pão que desce do céu para que o homem dele coma, e não morra. Eu sou o pão vivo, que desceu do céu;... as palavras que eu vos digo espírito e vida são.' S. João 6:50-63. Portanto, repare-se bem nisto, todos os sermões e todas as instruções que não nos representam nem nos fazem conhecer a Jesus Cristo, não podem ser o pão quotidiano e o sustento de nassas almas...

De que serve que tenha sido preparado para nós um tal pão, se não nos dão, e por conseguinte não podemos saboreá-lo?. . É como se houvesse preparado um esplêndido banquete e não aparecesse ninguém para repartir o pão, para levar os pratos, e para dar de beber, de sorte que os convidados devessem alimentar-se com a vista e com o cheio... É preciso, portanto, pregar a Jesus Cristo só.

"Porém perguntas o que se entende por conhecer a Jesus Cristo, e que utilidade se tira disso?... Respondo: Aprender aconhecer aJesusCristo, é comprender o que diz o apóstolo: "Mas dele sois vós em Jesus Cristo, o qual de Deus nos foi feito sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção." 1 Cor. 1:30. Portanto, comprenderás isto quando reconheceres que toda a tua sabedoria é uma loucura desprezível, tua justiça uma iniquidade repreensível, tua santidade uma impureza vergonhosa, tua 'redenção uma condenação ignominiosa; quando conheceres que diante de Deus e dos homens és verdadeiramente um louco, um pecador, um impuro, um homem condenado, e quando mostrares, não somente com palavras, mas com tuas obras e do fundo de teu coração, que não te resta nenhuma consolação nem salvação senão em Jesus Cristo. Crer não é outra coisa senão comer esse pão do céu."

Essa assim que Lutero permanecia fiel à sua resolução de abrir os olhos a um povo cego, a quem os sacerdotes levavam aonde queriam. Seus escritos, propagados em pouco tempo por toda a Alemanha, produziam uma nova claridade, e semeavam abundantemente a semente da ver•[2] dade em uma terra bem preparada. Porém, ao mesmo tempo que pensava naqueles que estavam longe, não se esquecia dos que se achavam perto.

Os Dominicanos, do alto de seus púlpitos, anatema-tizavam o infame herege. Lutero, homem do povo, e que, se houvesse querido, teria podido com quatro palavras sublevar a multidão, desdenhou sempre semelhantes triunfos, e nuncapensou senão em instruir seu auditório.

Sua reputação, que aumentava de dia em dia, e o valor com que levantou a bandeira de Cristo no meio da igreja avassalada, faziam frequentar suas pregações cada vez com mais interesse. Nunca havia sido tão grande a concorrência. Lutero ia direto ao alvo. Um dia, tendo subido ao púlpito de Witemberg, tratou de estabelecer a doutrina do arrependimento, e pronunciou um discurso, que depois chegou a ser mui célebre, no qual estabeleceu muitas bases da doutrina evangélica.

Em primeiro lugar opôs o pedão dos homens ao perdão do céu: "Há duas remissões," disse: "a remissão da pena, e a remissão da falta. A primeira reconcilia exterior-mente o homem com a igreja cristã. A segunda, que é a indulgência celestial, recpncilia o homem com Deus. Se um homem não acha em si a consciência tranquila, a alegria que a remisão de Deus dá, não há indulgências que o possam ajudá-lo, ainda que comprasse todas as que há na terra."

Em seguida continua: "Querem fazer boas obras antes de•[3] lhes serem perdoados os pecados, quando é indispen-sável que os pecados sejam perdoados antes de se fazerem as boas obras. Não são as obras que lançam forao pecado; porém: lançafora o pecado, e terás as obras! Porque as boas obras devem ser feitas com um coração alegre, e com uma. boa consciência para com Deus, isto é, com a remissão dos pecados."

Entra depois no objeto principal de seu sermão, o qual objeto foi também o de toda a reforma. A igreja havia substituído a Deus e a sua Palavra; êle a rejeita, e faz depender tudo da fé e da palavra de Deus.

"O perdão da culpa," diz Me, não está em poder do papa, nem do bispo, nem do sacerdote, nem de nenhum homem; mas descansa unicamente na palavra de Cristo e na própria fé. Porque Cristo não quis edificar a nossa consolação e a nossa salvação, sobre uma palavra ou uma obra humana, mas unicamente sobre si mesmo, sobre sua obra e sua Palavra... Teu arrependimento e tuas obras podem enganar-te; porém Cristo, teu Deus, não te mentirá, êle não vacilará, e o diabo não destruirá suas palavras.° [4]

Um papa e um bispo não têm mais poder que o menor sacerdote, quando se trata de perdoar uma culpa. E, mesmo não sendo sacerdote, todo o cristão, ainda que seja uma criança, +[5] pode fazer a mesma coisa. Porque se um simples cristão te diz: Deus perdoa o pecado em nome de Jesus Cristo,' e se tu recebes esta palavra com fé firme, é como se Deus mesmo ta dirigisse, está absolvido...

Se tu não crês que teus pecados te são perdoados, fazes mentiroso a teu Deus, e declara estar mais seguro de teus vãos pensamentos do que de Deus e de sua Palavra...

"No Velho Testamento, nem o sacerdote, nem o rei, nem o profeta tinha o poder de anunciar o perdão dos pecados. Porém no Novo, todo o fiel tem este poder. A igreja está cheia de remissões de pecados! Se um cristão piedoso consola tua consciência com a palavra da cruz, seja homem ou mulher, jovem ou velho, recebe essa consolação com uma tal fé, que antes te deixes matar mil vezes do que duvidar que seja assim diante de Deus... Arrepende-te; faze todas as obras que puderes; porém que a fé que tens no perdão de Jesus Cristo ocupe o primeiro lugar, e mande exclusivamente no campo de batalha."§ [6]

Assim falava Lutero a seu auditório assombrado e encantado. Todos os tablados que os impudentes sacerdotes haviam levantado, por seu interese, entre Deus e a alma do homem, eram derrubados, e o homemposto face à face com seu Deus. A palavra de perdão descia pura do alto, sem passar por mil canais corruptores. Para que o testemunho de Deus fosse monopólio da casta sacerdotal estava abolido, e a igreja emancipada.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Op. (Lips.), 7, p. 1086.

[2] * Irut- Op. (L.), 17, p. 162.

[3] * Lut. Op. (L.), 17. p. 162.

[4] * Ibid.

[5] * Ibid.

[6] § Ibid.

CAPÍTULO XI

Viagem a Heidelberg — A pé e de carro — O castelo Palatino — Os Paradoxos — Controvérsia — Martinho Bucer — João Brenz Ehrhad Snepf — Trabalhos destes jovens doutores — Lutero animado — Seu antigo mestre.

A chama ateada em Witemberg devia necesariamente propagar-se por outras partes. Lutero, não contente com anunciar a verdade do Evangelho no lugar de sua residência, tanto à juventude acadêmica como ao povo, desejava espalhar em outros sítios a semente da santa doutrina. A ordem dos Agostinhos devia reunir seu capítulo geral em Heidelberg na primavera do ano de 1518. Lutero foi chamado a ele como um dos homens mais distintos de sua ordem. Seus amigos fizeram o possível para dissuadi-10 de emprender aquela viagem. Com efeito os frades haviam-se esforçado por tornar odioso o nome de Lu-tero em todos os pontos que devia atravessar. Aos insultos juntavam ameaças. Pouco era preciso para excitar em sua pasagem um tumulto popular, do qual ele podia ser vítima. Seus amigos lhe diziam: "O que não se atreveram a fazer com a violência, o farão à traição." Por-m Lutero não detinha jamais no cumprimento de um deve pelo temor do perigo. Rejeitou pois os tímidos conselhos de seus amigos: fez-lhes ve que confiava n'Aquele debaixo de cuja proteção queria empreender aquela viagem tão temível. E, apenas terminaram as festas da Páscoa, pôs-se em marcha tranquilamente, a pé,-I- a 13 de abril de 1515. [1]

Levava consigo um guia, por nome Urbano, que conduzia sua pequena bagagem e que devia acompanhá-lo até Wurzburgo. Quantos pensamentos deveriam acumular-se na mente do servo do Senhor! Em Weissenfels, o pastor, que lhe era desconhecido, o reconheceu logo pelo doutor de Witemberg, e lhe fez bom acolhimento.°[2] Em Erfurt se

reuniram a êle outros dois frades da ordem dos Agostinhos. Em Judenbach eles três encontraram o conselheiro íntimo do eleitor,Degenhard Pfeffinger, que lhes fez as honras da pousada em que o acharam. Tive o prazer," escreveu Lutero a Spalatin, "de fazer esse rico senhor mais pobre em algumas moedinhas; vós sabeis quanto me agrada em toda ocasião o fazer alguma brecha aos ricos em benefício dos pobres, principalmente se os ricos são meus amigos.-I [3]

Chegou a Coburgo prostrado de cansaço. "Tudo vai bem, pela graça de Deus," escreveu, "porém confesso que pequei empreendendo a pé esta viagem. Contudo penso que para tal pecado não necessito a remissão das indulgências; porque a contrição é perfeita e a satisfação plena. Estou abatido de fadiga, e todos os carros acham-se ocupados. Não é isto suficiente e mesmo demasiada penitência, contrição e satisfação?" [4]

O reformador da Alemanha não encontrando lugar nos carros publicos, nem ninguem que quisesse ceder-lhe o seu, viu-se obrigado, na manhã seguinte, e apesar de seu cansaço, a seguir de Coburgo, moderadamente, a pé. Chegou a Wurzburgo no, segundo domingo depois da Pascoa, quase ao anoitecer. Ali despediu-se de seu guia . [5]

Era naquela cidade que se achava o bispo de Bibra, que havia acolhido as suas teses com tanta aprovação. [6]

Lutero levava para ele uma carta do eleitor de Saxônia. O bispo, cheio de júbilo pela ocasião que se apresentava de conhecer pessoalmente aquele denodado campeão da verdade,apressou-se emfazer que ele fosse ao palácio episcopal. Foi aseu encontro,falou-lhe com toda a afeição e ofereceu-se a dar-lhe um guia até Heidelberg. Porem Lutero haviaencontrado emWurzburgo seusdoisamigos, o vigario geral Staupitz, e Lange, prior de Erfurt, que lhe haviam oferecido um lugar em seu carro. Agradeceu pois a Bibra o oferecimento; e no dia seguinte partiram de Wurzburgo os tres amigos. Viajaram assim durante tres dias, conversando juntos. A 21 de abril chegaram a Heidelberg. Lutero foi hospedar-se no convento dos Agostinhos. [7]

O eleitor de Saxônia havia-lhe dado tambem uma carta para o conde palatino Wolfgang, duque de Baviera. Lutero dirigiu-se a seu soberbo castelo, cuja situação é ainda hoje a admiração dos estrangeiros. O frade das planícies de Saxônia tinha um coração que sabia admirar aquela posição de Heidelberg, onde se reuniam os dois formosos vales do Rheno e do Neckar. Entregou sua carta a Tiago Simler, intendente da corte. Este, havendo-a lido, lhe disse: -Verdadeiramente tendes aqui uma preciosa carta credencial. O conde palatino recebeu a Lutero com muita benevolência. Convidou-o muitas vezes à sua mesa, assim como a Lange e a Staupitz. Um recebimento tão amigável era uma grande consolação para Lutero. "Nós nos alegramos e nos divertimos uns e outros em doces e agradaveis conversações", disse ele, "comendo, bebendo, passando em revista todas as magnificencias do palacio palatino, admirando os ornamentos, as armaduras, as couraças, e enfim tudo o que continha de notavel este castelo ilustre a verdadeiramente real". [8]

Entretanto, Lutero tinha outra obra a fazer. Devia trabalhar enquanto era tempo. Transportado a urna uni-versidade que exercia grande influencia no leste e sul da Alemanha, devia descarregar um golpe que comovesse às igrejas daquelas regiões. Decidiu-se pois escrever teses e a sustentá-las em um debate público. Debates eram então muito comuns; porem Lutero conheceu que, para que este fosse útil, devia cativar vivamente os espíritos. Seu caráter o inclinava, por outra parte, a apresentar a verdade sob uma forma paradoxal. Os professores da universidade não quiseram consentir que a controvérsia tivesse lugar no salão da mesma. Por

conseguinte foi destinada uma sala do convento dos Agostinhos. O dia 26 de abril foi o de-terminado para o combate.

Heidelberg recebeu mais tarde a palavra evangelica: quem houvesse assistido à conferencia do convento poderia prever desde logo que a semente do Evangelho daria frutos naquela cidade.

A reputação de Lutero atraiu muitos ouvintes: pro-fessores, cortezãos, cidadãos, estudantes, aí se acharam em grande numero. Eis alguns dos Paradoxos do doutor: é ...

O nome que ele deu sà suas teses; talvez se lhes desse o mesmo em nossos dias; contudo seria fácil converter-los em proposições evidentes.

1. A lei de Deus é uma salutar doutrina da vida. Entretanto ela não pode ajudar o homem na investigação da justiça; ao contrario, o prejudica.

3. As obras do homem, por boas e belas que possam ser, não são, contudo, segundo toda a aparência, mais de que pecados imortais.

4. As obras de Deus, por más e disformes que pos-sam parecer, tem, não obstante, um mento imortal.

7. As obras dos mesmos justos seriam pecados mortais se, cheios de santo respeito ao Senhor, não temessem que suas obras fossem com efeito pecados mortais. ° [9]

9. Dizer que as obras feitas sem Cristo são, sim, mortas, mas não mortais, é um esquecimento perigoso do temor de Deus.

13. O livre arbítrio, depois da queda do homem, não é mais do que uma simples palavra; e, se o homem faz o que lhe é possível fazer, peca mortalmente.

16. "Um homem que crê chegar a conseguir a graça fazendo tudo o que lhe é possível, acrescenta um pecado a outro, e é duas vezes culpado".

18. É certo que o homem deve desesperar inteiramente de si mesmo, afim de fazer-se capaz de receber a graça de Cristo.

21. Um teólogo de honra chama mal ao que é bem, e bem ao que é mal; porem um teologo da cruz fala da coisa retamente.

22. A sabedoria que ensina a conhecer as perfeições invisiveis de Deus em suas obras, incha o homem, cega-o e o endurece.

23. A lei provoca a ira de Deus, mata, amaldiçoa, acusa, julga e condena tudo o que não está em Cristo. + [10]

24. Contudo, esta sabedoria (§ 22 não é má, e a lei (§ 23) não é de desprezar; porem o homem que não estuda a ciencia de Deus na cruz, converte em mal o que é bom.

25. Não é justificado aquele que faz muitas obras, mas aquele jue, sem obras, crê muito em Jesus Cristo.

26. A lei diz: Faze isto! e o que elas manda não se faz jamais. A graça diz: Crê n'Este! e desde logo todas as coisas estão cumpridas. •

28. "O amor de Deus não encontra nada no homem; porem produz nele o que o mesmo homem ama . O amor do homem provém de seu bem-amado". + [11]

Cinco doutores em teologia atacaram as teses. Eles tinham-as lido com a admiração que a novidade excita . Aquela teologia, lhes parecia excessivamente singular. En.• [12] tretanto discutiram, segundo o testemunho do mesmo Lutero, com uma afabilidade que lhe inspirou muito apreço para com eles, porem ao mesmo tempo com força e discernimento. Lutero, por sua parte, mostrou admirável doçura em suas respostas, incompaável paciência em escutar as objeções de seus adversários, e toda a vivacidade de S. Paulo em resolver as dificuldades que se lhe propunham.

Suas respostas, curtas, porém cheias da Palavra Deus, causavam admiração em todos os que as escutavam. "É em tudo semelhante a Erasmo", diziam muitos; "porem numa coisa o excede, e é em profesar abertamente o que Erasmo só insinua".

A controvérsia aproximava-se do fim. Os adversários de Lutero haviam-se retiradO com desonra do campo de batalha: o mais jovem dentre eles, o doutor Jorge Niger, ficara só, lutando com o vigoroso atleta: assustado das proposições arrojadas do frade Agostinho, e não sabendo mais a que argumentos recorrer, exclamou cheio de susto: Se nossos aldeões ouvissem tais coisas, vos apedrejariam e matariam! °[13] A estas palavras, uma risada geral estre-pitou no auditório.

Entretanto nunca se reuniram ouvintes que escutassem com tanta atenção uma controvérsia teológica. As primeiras palavrras do reformador despertaram os espíitos. Questões que pouco antes teriam olhado com indiferença, inspiravam nesse momento muito interesse. Nos rostos de muitos dos assistentes liam-se as novas ideias que as atrevidas asserções do doutor saxônio faziam nascer em seus espiritos.

Tres jovens, com especialidade, estavam vivamente comovidos. Um, de nome Martinho Bucer, era um dominicano de vinte e sete anos, que apesar das preocupações de sua ordem, parecia não querer perder uma palavra do doutor. Nascido em uma pequena cidade da Alsácia, tinha entrado aos dezesseis anos para um convento. Mostrou logo tais disposições, que os frades mais instruidos conceberam grandes esperanças dele: +[14] Ele será um dia o ornamento de nossa

ordem, diziam. Seus superiores o haviam enviado a Heidelberg, para entregar-se aí ao es-tudo da filosofia, da teologia, do grego e do hebraico. Naquele tempo estava Erasmo publicando muitas de suas obras, e Bucer as leu com avidez. [15]

Pouco depois apareceram os primeiros escritos de Lutero. O estudante alsaciano dedicou-se a comparar a doutrina do reformador com as Santas Escrituras. Algumas dúvidas nasceram em seu espírito sobre a verdade da religião do papa. Era desta maneira que a luz se derramava naquele tempo. O eleitor palatino distinguiu o jovem estudante. Sua voz forte e sonora, a amenidade de suas maneiras, a eloqüência de sua palavra, e a liberdade com que atacava os vicios dominantes, fazim dele um pregador distinto. Foi nomeado capelão da corte, e desempenhava suas funções quando anunciaram a viagem de Lutero a Heidelberg. Que alegria para Bucer! Ninguem se apresentou com mais solicitude na sala do convento dos Agostinhos. Tinha-se munido de papel, pena e tinta: que-ria pôr por escrito tudo o que o doutor dissesse. Porém, enquanto sua mão traçava com rapidez as palavra de Lutero, a mão de Deus escrevia em seu coração, com caracteres mais indeléveis, as gandes verdades que ouvia. Os primeiros resplendores da doutrina da graça se derramara em sua alma naqueles momentos memoráveis, ° e o dominicano foi convertido a Cristo.

Não longede Bucerse achavaJoão Brenz,ouBren-tius, que contavaentão dezenove anos. Brenz, filho de um magistrado de uma cidade da Suábia, havia sido inscrito aos treze anos no registro dosestudantes de Heidelberg. Ninguem era mais aplicado que ele. Assim que dava meia noite Brenz levantava-se e punha-se a trabaIhâr. Contraiu tal costume, que durante toda a sua vida não pode mais dormir depois dessa hora. Mais tarde consagrou seus momentos tranqüilos à meditação das Escrituras. Brenz foi um dos primeiros que perceberam a nova luz que aparecia então na Alemanha. Ele a acolheu com a alma cheia de amor. +[16] Leu avidamente os escritos de Lutero. Porem qual não foi o seu contentamento quando pode ouvir a ele mesmo em Heidelberg! Uma das proposições do doutor comoveu principalmente o jovem Brenz; e foi esta: Não é justificado aquele que faz muitas obras, mas aquele que, sem obras, crê muito em Jesus Cristo.

Uma piedosa mulher de Heilbronn, sobre o rio Neckar, esposa de um senador daquela cidade, chamado Snepf, havia, à imitação de Ana, consagrado ao Senhor seu filho primogenito, com o desejo de ve-lo dedicar-se à teologia. Este jovem, nascido em 1495, fez rápidos progressos nas letras; porém, ou fosse por inclinação, ou por ambição, ou por cumprir o desejo de seu pai, dedicou-se ao estudo da jurisprudência. A piedosa mãe via com pezar o filho, o seu Ehrhard, seguir uma carreira diferente daquela para a qual o havia consagrado. Ela o advertia, instava com ele, intimava-o sem cessar o que se lembrasse do voto que ela havia feito no dia de seu nascimento. [17]° Por fim, vencido pela constância de sua mãe, Ehrdard

Snept rendeu-se. Em breve afeiçoou-se de tal maneira a seus novos estudos, que nada no mundo houvera podido separa-lo deles.

Era amigo intimo de Bucer e Brenz, e durante toda a sua vida conservou a mesma amizade: porque", diz um de seus historiadores, "as amizades fundadas sobre o amor às letras e a virtude jamais se extinguem. Ele assistia, com seus dois amigos, à conferencia de Heidelberg. Os paradoxos e a animosa luta do doutor de Witemberg lhe inspiraram novo fervor. Abandonando a vã opinião dos merecimentos humanos, abraçou a doutrina da justificação gratuita do pecador.

No dia seguinte Bucer foi visitar Lutero. "Tive com ele", disse, "uma conversação familiar e sem testemunhas, a comida a mais delicada, não pelas iguarias, mas pelas verdades que me eram propostas. A qualquer objeção que eu fizesse, o doutor respondia, e tudo explicava comper-feitaclareza.Oh!prouvera-te mais!..."°O mesmo Lutero se enterneceu ao ver os sentimentos de Bucer: "É o único frade de sua ordem", escreveu a Spalatin, que tem boa fé; é um jovem de grandes esperança. Tratou-me com sinceridade, e mostrou muito interesse em minha conversação. É digno de nossa confiança e de nosso amor. [18]

Brenz, Snepf, e outros mais, impelidos pelas novas ver-dades que começavam a nascer em seu espirito, foram tambem visitar Lutero; falavam, conferenciaram com ele, . e lhe pediram esclarecimentos sobre o que não haviam comprendido. O reformador lhes respondeu, apoiando-se na Bíblia; cada palavra sua, fez brotar uma nova luz; um mundo novo se apresentava diante deles.

Depois da partida de Lutero, aqueles homens gene-rosos principiaram a ensinar em Heidelberg. Era preciso continuar o que o homem de Deus tinha começado, e não deixar apagar-se o facho que ele havia acendido. Se os doutores se calarem, os discipulos falarão. Brenz, posto que fosse ainda jovem, explicou o Evangelho segundo S. Mateus, primeiramente em seu próprio aposento, e depois, tornando-se este demasiadamente pequeno, na sala de filosofia. Os teólogos, cheios de inveja ao verem o grande concurso de ouvintes que aquelejovem atraia, enraiveceram-se. Brenz tomou então as ordens, e estabeleceu suas leituras no colégio dos conegos do Espírito Santo. Deste modo, o fogo aceso já na Sax8nia, ateou-se igualmente em Heidelberg. A luz multiplicava seus focos. Era, como ja se dise, o tempo da sementeira para o Palatinado.

Porém não foi só o Palatinado que recolheu os frutos da conferencia de Heidelberg. Aqueles ardentes amigos da verdade chegaram a ser bem depressa grandes luzeiros na igreja. Todos ocuparam lugares eminentes, e tomaram parte em muitos debates a que a reforma deu lugar. Strasburgo, e mais tarde Inglaterra, deveram aos trabalhos de Bucer um conhecimento mais puro da verdade. Snepf a professou logo em Marburgo, depois em Stuttgard, em Tubingue e em Jena. Brenz,

depois de haver ensinado em Heidelberg, o fez por largo tempo em Halle, na Suabia e em Tubingue. Tornaremos a falar ainda destes três homens. [19]

Aquela conferência produziu adiantamentos em Lu-tero. Ele crescia de dia em dia no conhecimento da verdade. Eu sou", dizia, "um daqueles que hão feito progresso escrevendo e instruindo os outros, e não daque-les que do nada chegam a ser de repente grandes e sábios doutores. [20]

Estremecia de júbilo ao ver com que avidez a ju-ventude das escolas recebia a verdade nascente, e assim se dissipava sua angústia de ver os velhos doutores tão fortemente arraigados nas opiniões. "Tenho a esperança", dizia ele, "de que, do mesmo modo que Cristo, rejeitado pelos judeus, foi para os gentios, veremos também agora a verdadeira teologia, que estes velhos de opiniões vãs e fantásticas rejeitam, acolhida pela nova geração." [21]

Havendo-se encerrado o capítulo, Lutero tratou de voltar para Witemberg. O conde palatino entregou-lhe para o eleitor, uma carta datada do 1.° de maio, na qual dizia "que Lutero tinha mostrado tanta habilidade na conferência, que dava à universidade de Witemberg uma glória extraordinária". Não quiseram consentir que ele voltasse a pé. [22]• Os agostinhos de Nuremberg o acompanharam até Wurzburgo. Dali seguiu para Erfurt com os frades daquela cidade. Apenas aí chegou, dirigiu-se à casa de Jodocus, seu antigo mestre. O velho professor, muito afetado e muito escandalizado do rumo que seu discípulo havia tomado, tinha o costume de por diante de todas as sentenças de Lutero uma teta, letra de que se serviam os gregos para indicar a condenação. [23]+ Havia escrito ao jovem doutor dirigindo-lhe censuras, e este queria responder vocalmente às suas cartas. Porém não recebendo-o Jodocus, Lutero lhe escreveu: 'Toda a universidade a exceção de um só licenciado-pensa comoeu. Aindamais: o príncipe, o bispo, muitos outros prelados, e todos os cidadãos instruídos que temos, são unânimes em declarar que até a presente não haviam conhecido nem entendido a Jesus Cristo e seu Evangelho. Estou pronto a receber vossas correções; e, mesmo quando sejam duras, elas me parecerão muito brandas. Desafogai pois vosso coração sem temor; descarregai vossa cólera. Eu não quero nem posso irritar-me contra vós. Deus e minha consciência me são testemunhas r ° [24]

O velho doutor ficou enternecido dos sentimentos de seu antigo discípulo. Quis verificar se não haveria meio de tirar o teta condenador. Mestre e discípulo tiveram uma explicação; porém, sem resultado. "Ao menos eu lhe fiz compreender," disse Lutero, "que todas as suas sentenças eram semelhantes àquele animal que, segundo dizem, come-se a si mesmo. Porém é em vão falar a um surdo. Estes doutores agarram-se obstinadamente às suas frívolas distinções, se bem que confessem não terem em seu apoio mais do que as luzes da razão natural, como dizem, caos

tenebroso para nós que não anunciamos outra luz senão Jesus Cristo, única e verdadeira luz."[25]

Lutero saiu de Erfurt no carro do convento, o qual o conduziu a Eisleben. Dali, os Agostinhos do lugar, or-gulhosos com um doutor que dava tanta fama à sua ordem e à sua cidade, na qual ele havia nascido, o fizeram levar a Witemberg com seus próprios cavalos e à sua custa. Todos queriam dar uma prova de afeto e estima àquele homem extraordinário, que cada dia se tornava mais célebre.

Chegou a Witemberg no sábado depois da Ascensão. A viagem lhe havia feito bem, e seus amigos o acharam mais forte e de melhor semblante que antes de sua partida. [26]+ Alegraram-se de tudo o que lhes referia. Lutero descansou algum tempo das fadigas' de sua viagem e da conferência de Heidelberg; porém aquele descanso não foi mais do que uma preparação para empreender mais ásperos trabalhos.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. E., 1, p. 98.

[2] + Ibid.

[3] * Lut. Ed., 1, p. 105.

[4] Ibid., p. 106.

[5] Ibid.,p. 104.

[6] Lut. Ep., 1, p. 104.

[7] * Ihr habt bei Gott einem kostlichem Credenz. Lut. Ep., I, p. 111.

[8] * Ibid.

[9] • Lut. Op. lat., 1, p. 55.

[10] * Ibid.

[11] * Lut. Op. lat., 1, p. 55.

[12] * Ibid.

[13] * Annal., evangel. renovai.. p. 22.

[14] * Lut. Ep.. 1. p. 111.

[15] * Melch. Adarni Vita Buceri. p. 211.

[16] * Itn Duccri, p. 211.

[17] • Melch. Adami Snepfii Vita.

[18] * Gerdealus, Monument., antq., etc.

[19] -I- Lut. Ep., 1, p. 412.

[20] • Lut. Ep„ 1, p. 112.

[21] • Lut. gp., 1, p. 110.

[22] * ibid., p. 111.

[23] ~Mio 335 .–...

LIVRO IV. LUTERO ANTE O LEGADO. MAIO A DEZEMBRO DE 1518

CAPÍTULO I

Explicação das teses — O papa — É preciso urna reforma — Lutero dirige-se a seu bispo — Lutero dirige-se ao papa — Aprova ou reprova Lutero ao vigário geral — O papa ao eleitor Lutero prega sobre a excomunhão — Influência de Lutero — Sua força.

A verdade havia finalmente levantado a cabeça no seio do cristianismo. Vitoriosa dos órgãos inferiores do papado, ela devia entrar em luta com seu mesmo chefe. Vejamos. Lutero debatendo-se com Roma.

Foi na sua volta de Heidelberg que ele deu aquele passo. Suas primeiras teses sobre às indulgências tinham sido mal compreendidas. Resolveu-se pois a expor com mais clareza o seu sentido. Os clamores que .um ódio cego arrancava a seus inimigos lhe fizeram conhecer quanto era importante ganhar para a verdade a parte mais instruída da nação: decidiu-se invocar a sua opinião, apresentando-lhe as bases sobre que descansavam suas novas convicções. Era preciso provocar já as decisões de Roma e não hesitar em mandar-lhe explicações. Mostrando-as com uma mão aos homens imparciais e ilustrados de seu povo, com a outra as punha ante o trono do soberano pontífice.

As explicações de suas teses, que ele chamou Resoluções, ° estavam escritas com muita moderação. Lutero procurava atenuar as passagens que mais irritação haviam causado, e nisso dava provas de verdadeira modéstia. Porém ao mesmo tempo mostrava-se inalterável nas convicções, e defendia com valor todas as proposições que a verdade o obrigava a sustentar. Repetia de novo que todo o cristão que tem uma verdadeiro arrependimento possui sem indulgência, a remissão dos pecados; que o papa, tanto como último dos sacerdotes, não pode senão declarar simplesmente aquilo que Deus tem já perdoado; que o tesouro dos merecimentos dos santos, administrado pelo papa, é uma quimera; e que a Santa Escritura é a única regra da fé. Porém ouçamos a ele mesmo sobre alguns destes pontos.

Começa por estabelecer a natureza da verdadeira pe-nitência, e opõe este ato de Deus, que renova o homem, às bugiarias da igreja romana. "A palavra grega", diz ele, significa: Revesti-vos de um novo espírito, de um novo sentimento, tende uma nova natureza, de sorte que, deixando de ser terrestres, chegueis a ser homens do céu. Cristo é um doutor do espírito, e não da letra; e suas palavras são espírito e vida. Ele ensina, pois, um arrependimento segundo o espírito e a verdade, e não essas penitências exteriores que os pecadores mais orgulhosos podem cumprir sem se humilharem; Ele quer um arrependimento que possa efetuar-se em todas as situações da vida, sob a púrpura dos reis, como sob a sotaina dos sacerdotes; no meio

dessas pompas de Babilônia onde se achou um Daniel, como sob os andrajos dos mendigos.

Mais adiante encontram-se estas intrépidas palavras: Eu não me importo com o que pode agradar ou desagradar ao papa. Ele é homem como os outros. E tem havido muitos papas que amaram, não somente osvíciose oserros,como tambémcousas maisextraordinárias. Eu escuto o papa como papa, isto é, quando fala nos cânones, segundo os cânones, ou quando estabelece algum artigo em união com um concílio; porém não quando ele fala segundo sua imaginação. Se eu procedesse de outra maneira, não deveria dizer, como aqueles que não conhecem Jesus Cristo, que os horríveis assassinatos de cristãos com que Júlio II se manchou foram benefícios de um piedoso pastor para as ovelhas do Senhor?... °[1]

"Eu me assombro," continua ele, ao ver a simplicidade daqueles que dizem que as duas espadas do Evangelho representam o poder espiritual e o poder material. Sim, o papa tem uma espada de aço; e apresenta-se com ela à cristandade, não como um terno pai, mas como ter-rível tirano. Ahl Deus, em sua ira, nos deu a espada que nós quisemos, e nos tirou aquela que rejeitamos. Em parte nenhuma do mundo há guerras mais terríveis do que entre os cristãos... Porque o espírito hábil que descobriu este belo comentário não interpreta de maneira igualmente sutil a história das duas chaves entregues a S. Pedro, estabelecendo como dogma da igreja, que uma delas serve para abrir os tesouros do céu, e a outra os tesouros do mundo? "É imposível," diz ele ainda, "que um homem seja cristão sem posuir Cristo; e se o possui tem ao mesmo tempo tudo o que está em Cristo. O que dá paz às nossas consciências é que, pela fé, os nossos pecados já não são nossos, mas de Cristo, sobre quem Deu os tem lançado; e que, por outra parte, toda a justiça de Cristo está conosco, a quem Deus a tem dado. Cristo põe sua mãe sobre nós, e somas curados. Lança sobre nós o seu manto, e estamos cobertos: porque Ele é o Salvador de glória, bendito eternamente." ° [2]

Entretanto silencioso e retirado. Porém as coisas chegaram a tal ponto, que a santidade do papa se achou comprometida.

Que devia eu fazer? Pensei que não devia aprovar nem reprovar aquelas doutrinas, mas estabelecer uma con-trovérsia sobre aquele importante ponto, até que a santa igreja se houvesse pronunciado.

"Não se havendo apresentado ninguém ao combate para o qual convoquei todo o mundo, e tendo sido consideradas as minhas teses, não como matéria de discus-são, mas como proposições resolvidas, ° vejo-me obrigado a publicar uma explicação. Dignai-vos pois de receber estas inépcias ° que vos apresento, clementíssimo. E, para que todo o mundo possa ver que não procedo com audácia, suplicó a Vossa Reverência que tenha a bondade de tomar a pena e riscar, ou mesmo lançar ao fogo, tudo o que possa desagradar-lhe. Eu sei que Jesus Cristo não tem necessidade de

meu trabalho e de meus ser-viços, e que Ele saberá bem, sem mim, anunciar boas novas à sua igreja. Não que as bulas e as ameaças de meusinimigos me metammedo; muito ao contrário. Se elesnão fossemtão impudentes e tão desavergonhados, ninguém ouviria falar de mim: retirar-me-ia para um canto e estudaria para mim só. Se esta causa não é a de Deus, por certo não será a minha nem a de homem nenhum, mas coisa de nada. Que a honra e a glória sejam dadas Àquele a quem unicamente pertencem!"

Lutero estava cheio de respeito para com o chefe da da igreja. Supunha em Leão a justiça e o amor sincero à verdade. Quis, pois dirigir-se também a ele. Oito dias depois, a 30 de maio de 1518, domingo da Trindade, es-creveu-lhe uma carta, da qual transcrevemos algumas passagens:

Ao muito bemaventurado Padre Leão X, soberano bispo, o frade Martinho Lutero, Agostinho, deseja a sal-vação eterna!

Tenho sabido, santíssimo Padre, que correm boatos maus a meu respeito, e que põem meunome emmauodor perante VossaSantidade. Chamam-me herege,após-tata, pérfido e mil outros nomes injuriosos. O que vejo me assombra; o que ouço me espanta. Porém o único fundamento de minha tranqüilidade está firme; é a consciência pura e sossegada. Dignai-vos escutar-me, ó santíssimo Padre, a mim que não sou mais que um menino e um ignorante.

Lutero refere a origem de toda a questão, e continua logo:

Não se ouviam em todas as tavernas senão queixas sobre a avareza dos sacerdotes, não se escutavam senão ataques contra o poder das chaves e do soberano bispo. Toda a Alemanha é testemunha disso. Ao ouvir tais coisas, o meu zelo pela glória de Cristo me parece haver-se inflamado, ou, si se quer explicar de outro modo, o meu jovem e ardente sangue ficou agitado.

Adverti a alguns príncipes da igreja. Porém uns es-carneceram de mim, e outros se fizeram surdos. O temor de vosso nome parecia reter a todos. Então publiquei esta controvérsia.

E eis, ó santíssimo Padre, eis-aí o incêndio que di-zem haver convertido em chamas o mundo inteiro.

Em tal estado, que devo eu fazer? não posso retratar-me, e vejo que aquela publicação atrai sobre mim, de todas as partes, inconcebível ódio. Não desejo aparecer à face do mundo; porque careço de ciência e de espírito, e sou demasiado pequeno para coisas tão grandes principalmente neste século tão ilustre que o mesmo Cí-cero, se vivesse, seria obrigado a esconder-se em um canto obscuro. ° [3]

Porém, a fim de aplacar meus adversários e res-ponder às solicitações de muitas pessoas, eis que publico meus pensamentos. E os publico, santo Padre, para estar

mais seguro ao abrigo de vossas asas. Assim pois, todos os que o quiserem, poderão compreender com que simplici-dade de coração tenho pedido à autoridade eclesiástica que me instrua, e que respeito tenho manifestado ao po-der das chaves. ° [4] Se eu não me houvesse conduzido neste asunto como se deve, fora imposível que o sereníssimo Frederico, duque e eleitor da Saxônia, que brilha entre os amigos da verdade apostólica e cristã, houvesse tolerado jamais em sua universidade de Witemberg a um homem tão perigoso como pretendem que sou.

Por tanto, santíssimo Padre, caio aos pés de Vossa Santidade, e me submeto a ela com tudo o que tenho e tudo o que sou. Arruinai a minha causa ou abraçai-a; concedei-me a razão ou negai-ma; dai-me a vida ou tirai-ma, como vos agradar. Reconhecerei vossa voz pela de Jesus Cristo, que preside e fala por vossa boca. Se tenho merecido a morte, não me recuso a morrer; [5]• a terra pertence ao Senhor, com tudo oque ela contém. Que Ele seja louvado por toda a eternidade! Amém. Que Ele vos mantenha eternamente! Amém.

Dado no dia da Santíssima Trindade, no ano de 1518.

"Frei MARTINHO LUTERO, Agostinho".

Quanta humildade e verdade naquele temor ou antes na confissão de Lutero, que faz de que seu sangue, jovem e ardente, ficou talvez demasiado agitado! Nisto se vê o homem sincero, que, não confiando em si mesmo, teme a influência das paixões em seus atos, ainda os mais confonnes à Palavra de Deus. Esta linguagem dista muito da de um fanático orgulhoso. Vê-se em Lutero o desejo que tinha de atrair Leão à causa da verdade, de prevenir todo rompimento, e de fazer dimanar do ápice da igreja a reforma cuja necessidade proclama. Certamente não é a ele a quem se pode acusar de quebrar no Ocidente a unidade que tantos homens de todos os partidos hão sentido mais -tarde. Para a conservar ele sacrificou tudo: tudo, menos a verdade. Foram seus adversários e não ele, que, negando-se a reconhecerem a plenitude e suficiência da salvação consumada por Jesus Cristo, rasgaram, ao pé da cruz, a túnica do Senhor.

No mesmo dia em que escreveu a carta já mencionada, Lutero dirigiu-se também a seu amigo Staupitz, vi-

Suas Resoluções.

Bário geral de sua ordem. Era por intervenção deste que ele queria fazer chegar a Leão as suas Resoluções e sua carta.

"Eu vos rogo", lhe disse ele, que aceiteis com be-nevolência as mesquinhas teses, que vos envio, e que as façais chegar ao excelente papa Leão X. Não pretendo com isto arrastar-vosaoabismo emqueme acho;queroincorrer sónoperigo. JesusCristo,

semcujavontade a língua do papa não pode mover-se, nem o coração dos reis resolver nada, Jesus Cristo verá se o que eu digo vem d'Ele ou de mim.

Quanto àqueles que me ameaçam, nada tenho a responder-lhes senão as palavras de Reuchlin: O pobre nada tem que temer, porque nada tem que perder. [6]+ Eu não tenho bens, nem dinheiro, nem peço nada. Se tive em outro tempo alguma honra e boa fama, aquele que começou a tirar-mas acabe sua obra. Não me resta mais que este miserável corpo, debilitado por tantas provas: que o matem, pela força ou pela astúcia, para maior glóriade Deus!Assimabreviarão talvez umaou duashorasdo tempo de minhavida. Para mim é bastante ter um pre cioso Redentor, um poderoso Sacrificador, Jesus Cristo, meu

Senhor. Eu o louvarei enquanto tiver um sopro de vida. Se há alguém que não o quer louvar comigo, que me importai

Estas palavras nos fazem sentir perfeitamente o co-ração de Lutero!

Enquanto ele, cheio de confiança, dirigia assim suas vistas para Roma, esta pensava já em vinganças contra ele. A 3 de abril escreveu o cardeal Rafael de Rovère ao eleitor Frederico, em nome do papa, dizendo-lhe que havia alguma desconfiança sobre sua fé, e que ele devia abster-se de proteger Lutero. "O cardeal Rafael," disse este, "teria tido grande prazer em ver-me queimado pelo duque Frederico." Deste modo começava Roma a aguça- suas armas contra Lutero. E era no espírito de seu protetor que ela queria descarregar o primeiro golpe. Se ela conseguisse destuir aquele abrigo sob o qual descan-sava o frade de Witemberg, facilmente houvera chegado a fazê-lo sua presa.

Os príncipes alemães eram mui zelosos de sua repu-tação de príncipes cristãos. Uma leve suspeita de heresia os enchia de terror. A corte de Roma sabia habilmente aproveitar-se daquela disposição. Por outro lado Frederico havia sido sempre muito afeiçoado à religião de seus pais. A carta de Rafael fez viva impressão em seu ânimo. Porém o eleitor tinha por princípio não precipitar as coisas. Ele sabia que a verdade não está sempre da parte do mais forte. As relações do império com Roma lhe haviam ensinado a desconfiar das vistas interesseiras daquela cor-te. Tinha chegado a conhecer que para príncipe cristão não era necessário ser escravo do papa.

Ele não era desses espíritos profanos," disse Melancton, "que pretendem sufocar todas as inovaçõeslogo que .se vê o princípio delasFrederico submeteu-se aDeus.Leucomatenção os escritos que se publicavam, e não consentiu que destruíssem o que ele julgava verdadeiro. ° Tinha poder para isso. Soberano em seus estados, gozava no império de uma consideração ao menos tão grande como a que tributavam ao mesmo imperador. [7]

É provável que Lutero houvesse sabido alguma coisa daquela carta do cardeal Rafael, entregue ao eleitor a 7 de julho. A perspectiva de excomunhão que a missiva

romana parecia pressagiar foi talvez o que o excitou a subir ao púlpito em Witemberg, a 15 do mesmo mes e pronunciar sobre o assunto um discurso que fez profunda impressão. Distinguiu aí a excomunhão interior da excomunhão exterior; a primeira, que exclui da comunhão de Deus, da segunda que só exclui das cerimonias da igreja. "Ninguém pode," disse ele, reconciliar com Deusa alma decaída senão o Eternounicamente. Ninguém pode separar um homem da comunhão com Deus senão esse mesmo homem, por seus próprios pecados. Bemaventurado aquele que morre excomungado injustamente! Porque ao mesmo tempo que sofre grave castigo da parte dos homens, por amor da justiça, recebe da mão de Deus a coroa da eterna felicidade. [8]

Alguns aprovaram muito aquela linguagem animosa; porém outros a desaprovaram demasiado.

Porém já Lutero não se achava só; pois ainda que sua fé não tivesse necessidade de outro apoio senão o de Deus, formou-se em torno dele uma falange que o defendia contra seus inimigos. O povo alemão tinha ouvido a voz do reformador. De seus discursos e de seus escritos saíam centelhas que despertavam e iluminavam seus con-temporâneos. A energia de sua fé precipitava-se em tor-rentes de fogo sobre os corações adormecidos. A vida que Deus pôs naquela alma extraordinária comunicava-se ao corpo morto da igreja. A cristandade, imóvel desde tantos séculos, animava-se de religioso entusiasmo. A devoção do povo às superstições de Roma diminuía de dia em dia; cada vez tornavam-se mais raras as mãos que oferecessem dinheiro para comprar o perdão, e, ao mesmo tempo, a fama de Lutero não cessava de aumentar. Voltavam-se para ele, e o saudavam com amor e respeito, como o intrépido defensor da verdade e da liberdade. Sem dúvida nem todos alcançavam a profundidade das doutrinas que ele anunciava. Bastava ao maior número o saber que o novo doutor pregava contra o papa, e que sua poderosa palavra fazia treme: o império dos padres e frades.

O ataque de Lutero era para eles como um desses fogos que se acendiam sobre .is montanhas para anunciar à nação inteira o momento de quebrar cadeias. O reformador não pressentia ainda o que fizera, e já tudo o que havia de generoso entre os seus o tinha reconhecido com aplauso por seu chefe. Porém, para muitos, o aparecimento de Lutero foi ainda mais. A Palavra de Deus, que ele manejava com tanto poder, penetrou nos espíritos como uma espada de dois gumes. Em muitos corações se viu atear-se um ardente desejo de obter a segurança do perdão e a vida eterna. Desde os primeiros séculos não tivera a igreja tanta fome e sede de justiça. [9]

Se a palavra de Pedro, o Ermitão e de Bernardo havia influído nos povos da idade média para fazê-los tomar uma cruz transitória; a palavra de Lu-tero excitou os povos de seu tempo a abraçarem a verdadeira cruz, a verdade que salva. As

formas da igreja lhe haviam destruído a vida, e a palavra vigorosa, concedida a este homem, deramou um sopro vivificante sobre ,) solo da cristandade. A princípio, os escritos de Lutero arrebataram tanto aoscrentescomo aos incrédulos; aestes porque as doutrinas positivas, que deviam estabelecer-se mais tarde, não estavam ainda plenamente desenvolvidas aí; e àqueles porque essas doutrinas achavam-se em germen na fé viva que se enunciava com tanta força. Desta sorte a influência daqueles escritos foi imensa; eles inundaram num momento a Alemanha e o mundo. Em toda a parte reinava a convicção de que se presenciava, não o estabelecimento de uma seita, mas um renascimento da igreja e da sociedade. Os que nasceram então do sopro do Espírito de Deus colocaram-se ao redor daquele que era seu órgão. A cristandade foi dividida em dois campos: uns combateram com o espírito contra a forma, e outros com a forma contra o espirito. Do lado da forma, estavam, é verdade, todas as aparências da força e da grandeza; e do lado do espírito estavam a insuficiência e a pequenez. A forma, destituída do espírito, não é mais do que um corpo fraco, que pode ser derribado ao primeiro sopro. A aparência de seu poder não serve senão para causar irritação contra ela e apressar seu fim. Desta maneira, a simples Palavra da verdade havia criado para Lutero um poderoso exército.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Ep., 1, p. 114.

[2] 'o Ineptias.

[3] Lut. Ep., 1, p. 121.

[4] Lut. Ep., 1, p. 121.

[5] Lut. Ep., 1, p. 118.

[6] Lut. Op. (W.), 15, p. 339.

[7] * Melanct., Vita Lut.

[8] * Ibid.

[9] Cochloeus, 7. 4- Ibid.

CAPÍTULO II

Dieta de Augsburgo — O imperador ao papa; o eleitor a Rovere Lutero chamado a Roma — Intercessão da universidade — Ordens do papa — Excomu'nhão e desterro — Procedimentos iníquos — O papa ao eleitor —Conjuração.

Tal exército era bem necessário; porque os grandes começavam a mover-se, o império e a igreja uniam já seus esforços para desembaraçarem-se daquele frade importuno. Se um príncipe forte e animoso houvesse ocupado então o trono imperial, teria podido, aproveitando-se daquelas agitações religiosas, e apoiando-se na Palavra de Deus e na nação, dar novo impulso àantiga oposição contra o papado. Porém Maximiliano era bastnte idoso, e de mais estava disposto a fazer todos os sacrifícios para conseguir aquilo que contemplava como o fim principal de sua vida — a grandeza de sua casa e por conseguinte a elevação de seu neto. O imperador Maximiliano celebrava então uma dieta imperial em Augsburgo. Seis eleitores em pessoa haviam acudido a seu chamado. Todos os estados germânicos se achavam representados.

Os reis de França, de Hungria e da Polônia ai tinham seus embaixadores. Todos aqueles príncipes e enviados ostentavam grande magnificência. A guerra contra os turcos era um dos motivos por que se havia convocado a dieta. O legado de Leão X exortou a dieta a levar essa guerra avante; mas os estados, inteirados do mau uso que anteriormente haviam feito de suas con-tribuições, e prudentemente aconselhados pelo eleitor Fre-derico, contentaram-se com declarar que pensariam sobre o assunto, e expuseram ao mesmo tempo novos agravos contra Roma. Um discurso em Latim, publicado durante as sessões da dieta, indicava corajosamente aos príncipes alemães o verdadeiro perigo. "Vós quereis," dizia o autor, "por em fuga o Turco. Está bem; porém temo muito que vos equivoqueis acerca de sua pessoa. E na Itália, e não na Ásia, onde deveis buscá-lo." [1]

Um outro assunto não menos importante devia ocupar adieta. Maximiliano desejava fazer proclamar rei dos romanos e seu sucessor na dignidade imperial, a seu neto Carlos, que era já rei de Espanha e de Nápoles. O papa conhecia muito bem seus interesses para desejar ver o trono imperial ocupado por um príncipe cujo poder na Itália poderia tornar-se temível para ele. O imperador acre-ditava ter já atraído a seu favor a maior parte dos eleitores e dos estados; porém encontrou enérgica oposição em Frederico. Em vão o solicitou; em vão os ministros e os melhores amigos do eleitor uniram seus rogos aos do imperador; ele manteve-se firme, e mostrou naquela ocasião que, como se disse já, era dotado de alma forte, e não desistia jamais de uma resolução tomada, uma vez reconhecida a sua justiça. O plano do imperador frustrou-se.

Desde então este monarca procurou cativar a benevo-lência do papa, a fim de o tornar favorável a seus planos; e, para dar-lhe uma prova particular de sua dedicação, escreveu-lhe, a 5 de agosto, a seguinte carta: Santíssimo Padre, soubemos, há alguns dias, que um frade da ordem dos agostinhos, chamado Martinho Lutero, tem-se metido a sustentar diversas proposições sobre o comércio das indulgências; o que nos desagrada tanto mais, quanto que o dito frade acha muitos protetores, entre os quais há poderosos personagens. [2]

Se Vossa Santidade os digníssimos Padres da Igreja (os cardeais) não empregarem imediatamen-te a autoridade para por fim a tais escândalos, estes per-niciosos doutores não só seduzirão as pessoas simples, como arrastarão também grandes príncipes à sua ruína. Nós cuidaremos em que tudo o que Vossa Santidade ordenar a este respeito, para a glória do Deus Onipotente, seja observado por todos em nosso império.

Estacartaprovavelmente foi escritaemconseqüênciadealgumadiscussão umpouco viva entre Maximiliano e Frederico. No mesmo dia o eleitor escreveu a Rafael de Rovère. Havia sabido sem dúvida que o imperador se di-rigia ao pontífice romano, e, para desviar o golpe, punha-se também em comunicação com Roma.

"Eu não terei jamais outra vontade," dise ele, senão a de mostrar-me submisso à igreja universal.

"Por isso não tenho defendido nunca os escritos e ser-mões do doutor Martinho Lutero. Tenho sabido, aliás, que ele se temoferecido sempre acomparecer, comumsalvo-conduto, perante juízes imparciais, sábios e cristãos, a fim de defender sua doutrina, e submeter-se, caso o conven-cessem pela mesma Escritura."

Leão X, que até então havia deixado correr o assunto, movido pelos gritos dos teólogos e dos frades, instituiu em Roma um tribunal supremo eclesiástico encarregado de jul-gar Lutero, e no qual era ao mesmo tempo acusador e juiz Silvestre Priério, o grande inimigo do reformador. O processo foi imediatamente instaurado e o tribunal intimou Lutero a comparecer pessoalmente perante ele, no termo de sessenta dias.

Lutero esperava tranqüilamente, em Witemberg, o bom efeito que pensava dever produzir a submissa carta que tinha dirigido ao papa, quando, a 7 de agosto, dois dias somente depois da remessa das cartas da Maximiliano e de Frederico, lhe entregaram a citação do tribunal romano. "No momento em que eu esperava a bênção," disse ele, "vi cair o raio sobre mim. Eu era a ovelha que turvava a água ao lobo. Tezel escapou, e eu devia deixar-me devorar." [3]

Aquele mandado espalhou a consternação em Witem-berg; porque, qualquer que fosse o partido que Lutero to-masse, não podia escapar ao perigo. Se ele se apresentasse em Roma, devia ser aí vítima de seus inimigos. Se recu-sasse

comparecer, seria, segundo o costume, condenado por contumácia, sem poder fugir; pois sabia-se que o legado havia recebido do papa ordem de fazer tudo para irritar o imperador e os príncipes alemães contra ele. Seus amigos estavam trespassados de dor. O doutor da verdade irá entregar sua vida naquela grande capital "bêbada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhasde Jesus?"Apoc.17:6.No meio dacristandade subjugado não poderá erguer-se uma só cabeça sem que tenha logo de cair? Este homem, a quem Deus parecia haver formado para resistir a um poder ao qual até o presente ninguém pôde resistir, será também imolado? O mesmo Lutero não via quem o pudesse salvar, a não ser o eleitor; porém, antes queria morrer do ciae comprometer seu príncipe. Seus amigos imaginaram, por fim, um expediente para não exporem a Frederico; era que ele negasse a Lutero um salvo-conduto: assim este teria motivo legítimo para não comparecer em Roma.

A 8 de agosto escreveu Lutero a Spalatin para suplicar ao eleitor que interpusesse sua influência a fim de que ele fosse citado para algum ponto de Alemanha. "Vêde," escreveu também a Staupitz, "de que embuste se servem para aproximaram-se de mim, e como estou rodeado de espinhos. PorémCristo vive e reina, ontem, hoje, e eter-namente. Minha consciência me assegura que é a verdade o que eu tenho ensinado, bem que ela se torna mais amarga ainda por ser eu quem a ensine. A igreja é o ventre de Rebeca. Convém que os _filhos. se empuxem (Gen. 25:22) até pôrem a mãe em perigo. [4]° Quanto ao mais, pedi ao Senhor que eu não me vanglorie demasiado nesta prova. Que Deus não lhes impute .mall"

Os amigos de Lutero não se limitaram somente a con-sultas e queixas. Spalatin escreveu, da parte do eleitor, a Rener, secretário do imperador: O doutor Martinho con-sente de boa vontade em ter por juízes a todas as univer-sidades da Alemanha, excetuando as de Erfurt, de Leipzig e de Francfmt-sôbre-o-Oder, que se hão tornado suspeitas. É-lhe impossível comparecer em Roma pessoalmente.

A universidade de Witemberg escreveu ao mesmo papa uma carta de intercessão: A debilidade de seu corpo," dizia ela falando de Lutero, "e os perigos da viagem lhe tornam difícil e mesmo imposivel obedecer a ordem de Vossa Santidade. Seus sofrimentos e seus rogos nos movem a ter compaixão dele. Vos suplicamos, pois, Santíssimo Padre, corno filhos obedientes, que vos digneis tê-lo por umhomem que não tem sido manchado jamais com doutrinas opostas à opinião da igreja romana.

A universidade, em sua solicitude, dirigiu-se no mes-mo dia a Carlos de Miltitz, gentilomem saxônio e cama-rista do papa, muito amado de Leão X. Nesta carta ele rendia a Lutero um testemunho ainda mais forte que o que havia ousado tributar-lhe na primeira. "O digno padre Martinho Lutero, Agostinho," dizia ela, "é o mais nobre e o mais honrado membro de nossa universidade. Há muitos anos que vemos e conhecemos sua habilidade, seu saber, sua alta inteligência nas artes e nas letras, seus costumes irrepreensíveis, e sua conduta inteiramente cristã." [5]

Esta ativa caridade de todos os que rodeavam a Lu-tero, é o seu mais belo elogio.

Enquanto esperavam com ansiedade o êxito do assunto, sua terminação verificou-se mais facilmente do que se houvera podido esperar. O legado De Vio, humilhado por não haver conseguido seu fim na comissão que havia recebido de preparar uma guerra geral contra os Turcos, desejava realizar e ilustrar sua embaixada na Alemanha com algum outro ato ruidoso. Acreditava que, se extinguisse a heresia, poderia reaparecer em Roma com glória. Pediu pois ao papa que lhe confiasse a questão. Leão, por sua parte, agradecia a Frederico o haver-se oposto tão decididamente à eleição do jovem Carlos. Conhecia que poderia ainda ter necessidade de seu auxilio. Sem falar mais da citação, encarregou a seu legado, por um breve datado de 23 de agosto, de examinar a questão [6]•na Alemanha. O papa nada perdia procedendo desta maneira, e, mesmo no caso de obrigar Lutero a uma retratação, evitava-se o ruído e o escândalo que seu comparecimento em Roma teria ocasionado.

"Nós vos encarregamos," dizia ele, "de fazer compa-recer pessoalmente perante vós, de perseguir e constranger sem demora, logo que tiverdes recebido esta nossa carta, ao dito Lutero, que há sido já declarado herege pelo nosso prezado irmão Jerônimo, bispo de Asculan."

Em seguida o papa prescrevia contra Lutero as mais severas medidas:

"Invocai para este efeito o braço e o auxílio de nosso caríssimo filho em Cristo, Maximiliano e dos outros príncipes da Alemanha, de todas as comunidades, universidades e potentados, eclesiásticos ou seculares. E, se dele vos apoderardes, fazei-o guardar com segurança, a fim de que seja conduzido à nossa presença." +

Vê-se que aquela indulgente concessão do papa não era senão um meio seguro para levar Lutero a Roma. Seguem logo as medidas suaves:

"Se ele tornar a entrar em si mesmo, e pedir perdão por tal crime, espontâneamente e sem ser convidado, nós vos damos o poder de recebê-lo na unidade da santa ma-dre igreja."

O papa volta imediatamente às maldições:

"Se persistir em sua obstinação, e se não puderdes apoderar-vos dele, vos damos o poder de o proscrever de todos os lugares da 'Alemanha, de desterrar e amaldiçoá-lo, de excomungar a todos aqueles que lhe são afeiçoados, e de ordenar a todos os cristãos que evitem sua presença."

Isto, porém, não é bastante ainda: E a fim," continua o papa, "de que este contágio seja tanto mais facilmente extirpado, excomungareis a todos os prelados, ordens religiosas, universidades, congregações, condes, duques e potentados, exceto o imperador Maximiliano, que -não capturarem o dito Martinho Lutero e seus

aderentes, e não vê-los enviarem debaixo de boa e fiel custódia. *[7] Breve Lconis X ad Thomam. Ibid.

E se, o que Deus não permita, os ditos principes, congregações, universidades e potentados, ou alguém que deles dependa, oferecerem por qualquer maneira um asilo ao dito Martinho e a seus aderentes, lhe derem publicamnte ou em segredo, por si ou por outros,. auxílios conselhos, pomos em interdito esses príncipes, congregações, universidades e potentados, com suas cidades, vilas, povos e aldeias; igualmente as cidades, vilas, povos e aldeias em que o dito Martinho possa refugiar-se, por todo o tempo que ele aí permanecer, e mais tres dias depois que se houver ausentado.

Essa sede impudente, que pretende representar na terra Aquele que disse: 'Meus não mandou a seu Filho ao mundo para que condenasse ao mundo; mas para que o mundo por ele fosse salvo, João 3:17, prossegue em seus anátemas, e, depois de haver pronunciado as penas contra os eclesiásticós, diz:

"Pelo que toca aos seculares, se não obedecerem no mesmo instante às vossas ordens, sem demora e sem a menor oposição, nós os declaramos infames, à exceção do dig-níssimo imperador, inábeis para cumprirem todo o ato legítimo, privados da sepultura dos cristãos,; e despojados de todos os feudos que tenham, sejam da sé apostólica, ou de qualquer senhor que possa ser." °[8]

Tal era a sorte reservada a Lutero. O monarca de Ro- ma tudo conjurou para sua perda. Tudo revolveu, até a paz dos sepulcros. Sua ruína parecia inevitável. Como es- capará ele àquela imensa conjuração?... Porém Roma en- ganou-se; o movimento produzido pelo Espírito de Deus não .só antes de ser ouvido, mas também antes da expira- Não guardaram nem mesmo as aparências de uma inquirição justa e imparcial. Lutem foi declarado herege, não só antes de ser ouvido, mas também antes da expira- ção do prazo que se lhe deu para comparecer. As paixões, que em caso algum se mostram tão fortes como nas dis- cussões religiosas, fazem desprezar todas as formas da jus- tiça. Não só na igreja romana, mas também 'nas igrejas protestantes que se hão desviado do Evangelho, e em toda a parte onde não se acha a verdade enxergam-se tão iníquos procedimentos.

Tudo é bom contra o Evangelho. Fre-qüentemente se encontram homens que têm escrúpulo de cometer a menor injustiça, porém que, tratando-se do cris tianismo e do testemunho que se lhe rende, não receiam calcar aos pés todas as regras e. todos os direitos.

Algum tempo depois, quando Lutero teve conhecimento do citado breve, manifestou sua indignação: "Eis aqui," disse ele, "o mais notável do asunto: o breve foi dado a 23 de agosto, e eu fui citado a 7 do mesma; de sorte que entre a citação e o breve hão decorrido dezesseis dias. Agora faça-se a conta, e ver-se-á que o

ilustríssimo Jerônimo, bispo de Asculan, há procedido contra mim, setenciandome, condenando-me e declarando-me herege, antes que eu recebesse a citação, ou quando muito, dezesseis dias depois que me foi comunicada. Logo, pergunto eu, onde estão os sessenta dias que me concederam na citação? Tles começaram. a 7 de agosto, e deviam acabar a 7 de outubro... Citar, exortar, acusar, julgar, condenar e declarar condenado, em um mesmo dia, a um homem que vive tão distante de Roma, e que ignora todas estas cousas, é este o estilo e o costume da corte de Roma? Que respondem a tudo isto? Sem dúvida que se esqueceram de purgar a cabeça com o heléboro antes de porém tais mentiras em execução."

Porém ao mesmo tempo em que Roma, clandestina-mente, depositava seus raios nas mãos de seu legado, ela procurava, com suaves e lisonjeiras palavras, separar da causa de Lutero ao príncipe, cujo poder temia. No mesmo dia, 23 de agôsto de 1516, o papa escreveu ao eleitor de Saxônia. Havia recorrido aos ardis da velha política, e esmerava-se em lisonjear o amor-próprio do príncipe.

"Caro filho," dizia o pontífice de Roma, quando pensamos em vossa nobre e louvável prosápia, da qual sois o chefe e o ornamento; quando recordamos como haveis desejado sempre, vós e vossos antepasados, manter a fé cristã, e a honra e a dignidade da santa Sé, não podemoscrer que umhomem que abandona a fé possa apoiar-se no favor de Vossa Alteza, e soltar audazmente as rédeas à sua malignidade.

Entretanto nos avisam de to-das as partes que um certo frade, Martinho Lutero, er-mitão da ordem de Santo Agostinho, se tem esquecido, como filho da malícia e desprezador de Deus, de seu há-bito e de sua ordem, que consiste na humildade e na obediência, e que se vangloria de não temer nem a autoridade nem o castigo de homem algum, seguro como está de vosso favor e proteção.

"Porém como sabemos que ele se engana, temos achado bom escrever a Vossa Alteza e exortar-vos, em nome de Senhor, a velar pela honra do nome e de um príncipe tão cristão como vós, a defender-vos de suas calúnias. Vós, o ornamento, a glória e o bom aroma de vossa nobre prosápia, e a guardar-vos não só de uma falta tão grave como a que se vos atribui, mas também da mesma suspeita que a insensata ousadia desse frade faz cair sobre vós."

Leão X, ao mesmo tempo, anunciava a Frederico que havia encarregado ao cardeal de Santo-Sixto de examinar o assunto, e lhe ordenava que entregasse a Lutero nas mãos do legado, "por temor," acrescentava ele voltando ainda ao seu argumento favorito, "de que as pessoas piedosas, de nosso tempo ou do vindouro, possam lamentar-se um dia e dizer: A heresia mais perniciosa de que tem sido atormentada a igreja de Deus levantou-se com o auxílio e favor desta alta e louvável casa." ° [9]

Desta maneira Roma havia tomado todas as medidas. Com uma mão oferecia o perfume do elogio, sempre embriagante, e com a outra ocultava suas vinganças e seus terrores.

Todos os poderes da terra, imperador, papa, príncipes e legados, começaram a mover-se contra o humilde frade de Erfurt, cujos combates interiores havemos já presenciado. "Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntamente consultam, contra Jehová, e contra o seu Ungido." Psa. 2:2.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Raynald, ad an. 1518.

[2] Luth. Op. (1-), 17, p. 169.

[3] * Lut. Ep., 1, p. 138.

[4] * Lut. Op. (L.), 17, p. 173.

[5] * Lut. Op. lat., 1, p. 183 e 184.

[6] Lut. Op. (L.), l7, p. 171 e 172.

[7] * Breve Lconis X ad Thomam.

[8] * Lut. Op. (L.), 17, p. 176.

[9] * Lut. Op. (L.), 17, p. 173.

CAPÍTULO III

O armeiro Sclztvarzed — Filipe Melancton — Seus estudos — A Bíblia — Chamada a Witemberg — Engano e admiração — Lutero e Melancton — Revolução no ensino — Influência mútua dos dois doutores.

Aquela carta e aquele breve não havia ainda chegado à Alemanha, e Lutero estava receioso de ver-se obrigado a comparecer a Roma, quando um feliz sucesso veio consolar seu coração. Faltava-lhe um amigo no seio do qual pudesse desafogar suas penas, e cujo fiel afeto o consolasse na hora do abatimento. Deus lhe fez encontrar tudo isto em Melancton.

Jorge Schwarzerd era um hábil mestre armeiro de Bretten, pequena cidade do Palatinado. A 14 de fevereiro de 1497 nasceu-lhe um filho, que foi chamado Filipe, e que mais tarde se tornou ilustre sob o nome de Melancton' Bem visto dos príncipes palatinos, e dos de Baviera e de Saxônia, Jorge era dotado da mais perfeita retidão. Muitas vezes recusava dos compradores o preço que eles lhe ofereciam; e, se sabia que eram pobres, devolvia-lhes o dinheiro. Tinha o costume de levantar-se à meia noite, e então, de joelhos, fazia sua oração. Se por casualidade amanhecia sem a haver feito, ficava descontente de si durante todo o dia . Bárbara, mulher de Schwarzerd, era filha de um honrado magistrado de nome João Reuter. Ela de terno carater, um pouco inclinada à superstição, e quanto ao mais cheia de honestidade e de prudencia. Dela são estas antigas rimas alemãs:

Não empobrece esmola dar

Não estorva no templo estar.

Não embaraça o carro untar.

Não aproveitar mal ganhar.

Livro de Deus não pode errar.

E estas outras:

Todo aquele que despende Mais do que seu campo rende,

Busca só arruinar-se

E por fim há de enforcar-se.* [1]

O jovem Filipe não tinha ainda onze anos quando seu moreu. Dois dias antes de sua morte, Jorge fez ir filho para junto de seu leito e exortou a conservar a Deus sempre presente ao seu pensamento. "Eu prevejo.", disse o moribundo armeiro, "que terríveis tempestades virão comover o mundo. Tenho visto grandes coisas; porém maiores são as que se preparam. Que Deus te conduza e te dirija!" Depois de ter

Filipe recebido a benção paterna, foi enviado a Spira, para que não presenciasse a morte de seu pai. Ele separou-se derramando lagrimas.

O avô do menino, o digno Juiz Reuter, que tambem tinha um filho, serviu de pai a Filipe, e o recebeu em sua casa com seu irmão Jorge. Pouco tempo depois, deu por mestre aos tres meninos a João Hungarus, excelente homem, que depois, e até a idade mais avançada, anunciou o Evangelho com grande fervor. Ele nada perdoava aos meninos. Por cada falta os castigava, porem comprudencia. "Foi assim", dizia Melancton em 1554, "que ele fez de mim um gramatico. Queria-me como .a um filho. eu o amava como a um pai, e nós nos tornaremos a ver na vida eterna, eu o espero". + [2]

Filipe distinguiu-se pela excelência de seu espírito, pela facilidade com que aprendia e recitava o que havia aprendido. Não podia estar ocioso, e buscava sempre alguem com quem pudesse discutir sobre o que tinha ouvido. Passavam frequentemente por Breten estrangeiros instruidos, e visitavam a Reuter. O neto do juiz imediatamente che-gava-se a eles, entrava em conversação, e apertava-os de tal modo na discussão, que ficavam admirados. Ao vigor do talento ele reunia a doçura do carater, conciliando-se desta maneira ao afeto de todos. Era tartamudo; porem, como o ilustre orador dos gregos, aplicou-se com tanto empenho em corrigir-se daquele defeito, que por fim conseguiu extirpa-lo inteiramente.

Havendo falecido seu avô, o jovem Filipe, foi enviado com seu irmão e seu jovem tio João, à escola de Pforzheim. Aqueles jovens viviam em casa de uma parente sua, irmã do famoso Reuchlin. Ancioso de instruir-se, Filipe fez, sob a direção de Jorge Simler, rápidos progressos nas ciências, e principalmente no estudo da língua grega, para a qual tinha muita inclinação. Reuchlin vinha muitas vezes a Pforzheim. Conheceu, em casa de sua irmã, os jovens pupilos, e ficou logo surpreendido das respostas de Filipe. Deu-lhe.uma gramatica grega e uma Bíblia. Estes dois livros deviam fazer o estudo de toda sua vida.

Quando Reuchlin voltou de sua segunda viagem da Itália, seu jovem parente, que tinha então doze anos, celebrou o dia de sua chegada, representando em sua presença, com alguns amigos, uma comedia latina, composta por ele mesmo. Reuchlin, encantado do talento do jovem, abraçou-o ternamente, chamou-o seu amado filho, e deu-lhe, sorrindo-se, o barrete encarnado que recebeu quando foi nomeado doutor. Foi nessa ocasião que Reuchlin lhe mudou o sobrenome de Sehwarzed para Melancton. Estas duas palavras significam terra negra, uma em alemão e a outra em grego. A maior parte dos sabias traduziam então seus nomes em grego ou em latim.

Melancton, aos doze anos, entrou na universidade de Heidelberg. Foi aí que le começou a apagar a sede de ciencia que o devorava. Foi recebido bacharel na idade de quatorze anos. Em 1512 Reuchlin o chamou a Tu-bingue, onde se achavam

reunidos muitos sabios distintos. Ele freqüentava ao mesmo tempo as preleções dos teólogos, as dos médicos e as dos juris-consultos. Não havia co-nhecimento que não julgasse dever ter. Não procurava o aplauso, mas a posse e os frutos da ciência. [3]

A Santa Escritura o ocupava principalmente. Aqueles que freqentavam a igreja de Tubingue haviam notado que ele tinha quase sempre nas mãos um livro, no qual lia du-rante o serviço divino. Aquele desconhecido volume pa-recia maior que os manuais de orações, e divulgou-se o boato de que Filipe lia então obras profanas. Porem viu-se que o livro que havia sido o objeto de. tais suspeitas era um exemplar das Santas Escrituras, impresso pouco antes em Basiléia por João Frobenius. Durante toda a sua vida ele continuou aquela leitura com assídua aplicação. Sempre trazia consigo o precioso volume e levava-o a todas as assembléias públicas a que era chamado.°[4] Desprezando os vãos sistemas dos escolásticos, ligava-se à simples palavra do Evangelho. Erasmo escrevia então a Oecolampade: "Tenho os mais distintos sentimentos e as mais magnificas esperanças de Melancton. Que Cristo faça somente que este jovem sobreviva largo tempo. Ele eclipsará totalmente a Erasmo". ° [5]

Não obstante, Melacton participava dos erros de seu século. "Eu estremeço", dizia ele "quando penso na ado-ração que dava às estátuas no tempo em que pertencia ainda ao papismo".

Em 1514 foi nomeado doutor em filosofia, e começou a ensinar . Tinha então dezessete anos. A graça e o atrativo que sabia dar à seus ensinos, faziam o mais notavel contraste com o método falto de gosto que os doutores, e especialmente os frades, haviam seguido até então. Tomou parte muito ativa no combate em que Reuchlin se achava empenhado com os ignorantes de seu século. De um trato agradável, maneiras afáveis e elegantes, querido de todos os que o conheciam, gozou imediatamente de grande autoridade e de sólida reputação entre os sábios. [6]

Foi naquele tempo que o eleitor Frederico teve a ideia de chamar um sabio distinto para professor de linguas an-tigas na sua universidade de Witemberg. Dirigiu-se a Reu-chlin, e este lhe indicou a Melancton. Frederico conheceu que este jovem helenista daria muito brilho à instituição que lhe era tão cara. Reuchlin, extasiado de ver apre-sentar-se tão bela perspectiva para seu jovem amigo, es-creveu-lhe estas palavras de Jehová a Abrão: Sai-te de tua terra, e de tua parentela, e da casa de seu pai... e abençoar-te-ei, e engrandecerei teu nome". Gen. 12:1,2. Sim", continua o ancião, "eu espero sucederá o mesmo contigo, meu querido Filipe, minha obra e minha consolação". [7]+ Melancton reconheceu naquela vocação umchamado de Deus. Auniversidade sentiu profundamente a sua separação; não obstante ele tinha aí invejosos e inimigos. Deixou sua patria exclamando: Climpra-se a vontade do Senhor! Tinha então vinte e um anos.

Melancton fez a viagem a cavalo, agregando-se a al-guns mercadores saxônios, como é costume ajuntar-se a uma caravana no deserto; porque, disse Reuchlin, não conhecia o lugar nem os caminhos. ° Apresentou suas homenagens ao eleitor, que se achava em Augsburgo.EmNurembergviuo excelente Pirckheimer, aquemconheciajá; eemLeipzig travou amizade com o sabio helenista Moselanus. Neste ultimo lugar deu a universidade um festim em sua honra. Era um banquete verdadeiramente academico. Os pratos sucediam-se em grande numero ,e a cada novo prato um dos professores se levantava e dirigia a Melancton um discurso em latim, preparado de antemão. Este improvisava no mesmo instante urna resposta. Por fim, cansado de tanta eloquência: "Varões ilustríssimos", lhes disse ele, "permiti-me que responda de uma vez a todas as vossas arengas; porque, não estando preparado, não poderei variar tanto as minhas respostas como vós as vossas alocuções". Desde então chegaram os pratos sem acompanhamento de discurso. +[8]

O jovem parente de Reuchlin chegou aWitemberg a 25 de agosto de 1518, dois dias depois que Leão X havia firmado o breve dirigido a Cajetan e a carta ao eleitor.

Os professores de Witemberg não receberam a Me-lancton com tanta consideração como o haviam feito os de Leipzig. A primeira impressão que este produziu neles não correspondeu ao que imaginavam. Viram um jovem que parecia ainda mais moço do que era, de estatura pouco avantajada, e de aparência débil e tímida. Ë este o ilustre doutor que Erasmo e Reuchlin, os homens mais celebres da epoca, tanto exaltam?... Nem Lutero, com quem se relacionou desde logo, nem seus colegas, conceberam grandes esperanças dele, vendo sua juventude, sua pequenez e suas maneiras.

Quatro dias depois de sua chegada, a 29 de agosto, pronunciou ele o seu discurso de inauguração. Toda a universidade se achava reunida. O menino, como o chama Lutero, falou em um latim tão elegante, e mostrou tanta ciencia, um entendimento tão cultivado e um juizo tão reto, que todos os seus ouvintes ficaram admirados.

Terminando o discurso, todos correram a felicita-lo, porem vinguem sentiu mais alegria que Lutero. Ele -apressou-se a comunicar a seus amigos as emoções que enchiam seu coração. "Melancton", escreveu a Spaltin a 31 de agosto, "pronunciou, quatro dias depois de sua chegada, um discurso oratório tão belo e tão sábio, que todos o ouviram com aprovação e surpresa. Imediatamente ficamos desenganados das ideias que haviamos formado dele pelo seu exterior; elogiamos e admiramos as suas palavras e damos graças ao príncipe e a vós pelo serviço que nos haveis feito. Não peço outro mestre de grego. Porém temo que seu delicado corpo não possa suportar nossos alimentos, e que não o conservaremos muito tempo, por causa da modicidade de seu ordenado. Sei que os habitantes de Leipzig se vangloriam já de atraí-lo a seu seio. O meu querido Spalatin! guardai-vos de desprezar a idade e a pessoa deste jovem! Ele é digno de toda a honra" . +[9]

Melancton dedicou-se logo a explicar Homero e a Epístola de S . Paulo a Tito. Estava cheio de ardor. "Em-pregarei todos os meus esforços", escreveu ele a Spalatin, "para merecer em Witemberg a estimação de todos aqueles que amam as letras e a virtude". [10]° Quatro dias depois da inaugura, Lutero escreveu ainda a Spalatin: "Recomencla,:y-os Mui particularmente o muito sabia e muito amavel grégo Filipe. Seu auditório é sempre numeroso. Todos os teólogos principalmente vão ouvi-lo. Ele inspira tal gosto à lingua grega, que todos, grandes e pequenos, se dedicam a aprende-la"...

Melancton sabia apreciar a corresponder a esta afeição de Lutero. Em breve descobriu nele urna bondade de carater, uma força de espirito, um valor e uma sabedoria que não tinha encontrado até então em nenhum homem. Ele o venerou e o amou. "Se ha alguem", dizia, "a quem eu ame do intimo do coração, é Martinho Lutero". [11]

Assim se encontraram Lutero e Melancton; eles foram amigos até à morte. Não se pode admirar bastante a bondade e a sabedoria de Deus, ao ver que reunia dois homens tão diferentes, e contudo tão necessários um ao outro. O que Lutero tinha de ardente, de veemente e forte, tinha Melancton de plácido, de prudente, de afável. Lutero animava a Melancton, e Melancton moderava a Lutero. Eram como substâncias carregadas de eletricidade negativa é positiva, que atuam uma sobre a outra mutuamente. Se Melancton houvesse faltado a Lutero, pode ser que o rio tivesse transbordado. Quando Lutero faltou a Melancton, este vacilou, e mesmo cedeu até onde não teria devido ceder. [12]° Lutem fez muito com sua força e energia. Melancton não fez talvez menos seguindo um caminho mais lento e mais pacíficos. Ambos eram retos, francos e generosos; ambos, cheios de amor à Palavra da vida eterna, serviram-na com uma fidelidade e uma dedicação que predominaram durante toda sua vida.

Calvino escreveu a Sleidan: "Dominus eum fortiore spiritu instruat» ne' gravem ex ejus timiditate facturam sentiat posteritas." Plank. •

Quanto ao mais, a chegada de Melancton causou uma revolução, não só em Witemberg, masemtodaaAlemanhae entretodososSabios. O estudo que ele haviafeito dosclássicos gregos e latinos, e da filosofia, lhe deu uma ordem, uma clareza e uma precisão de ideia, que difundia, sobre todos os pontos de que tratava, urna nova luz e um encanto indizível. O desse espírito de Evangelho fecundava e animava suas meditações, e as ciencias mais andas se achavam adornadas, em suas exposições, de uma graça infinita que cativava a todos os ouvintes. Desapareceu a esterilidade que a escolástica havia causado no ensino. Um novo método de ensinar e de estudar começou com Melancton. "Graças a ele", diz um ilustre historiador alemão. "Witemberg chegou a ser a escola da nação".

Era com efeito muito importante que um homem que conhecesse a fundo o grego ensinasse naquela universidade, onde os novos desenvolvimentos da teologia chamavam mestres e discípulos a estudar, na lingua original, os documentos primitivos da fe cristã. Desde então Lutero dedicou-se com todo o zelo a este trabalho. O sentido de algumas palavras gregas, que até aí havia ignorado, esclareceram de repente suas ideias teológicas. Que alivio e que alegria não teve quando soube, por exemplo, que o termo grego (que segundo a igreja latina designava uma penitência, uma satisfação exigida pela igreja, uma expiação humana), significava uma transformação ou uma conversão do coração! Dissipou-se então a espessa nuvem que cobria seus olhos. Os dois sentidos dados à dita palavra bastam para caracterizar as duas igrejas.

O impulso que Melancton deu a Lutero para a tra-dução da Bíblia é uma das circunstâncias mais notáveis da amizade daqueles dois grandes homens. Já em 1517 Lutero havia começado alguns ensaios da dita tradução. Procurava obter todos os livros gregos e latinos que podia. Agora, com o auxilio de seu caro Filipe, seu trabalho adquiria novo alento. Lutero obrigava Melancton a tomar parte em suas indagações; consultava-o sobre as passagens dificeis; e aquela obra, que devia uma das grandes produções do reformador, avançava com mais prontidão e segurança.

Melancton, por sua parte, principiava a conhecer uma nova teologia. A bela e profunda doutrina da justificação pela fé o enchia de assombro e de gozo; porem ele recebia com independencia o sistema que Lutero professava, amoldando-o a forma particular de sua inteligencia; porque, posto que não tinha mais do que vinte e um anos, era um daqueles talentos precoces que adquirem antes de tempo todas as suas forças.

Em breve o zelo dos mestres comunicou-se aos dis-cípulcts. Pensou-se em reformar o método. Suprimiram, com o consentimento do eleitor, certos cursos que só tinham importância escolásticas; e ao mesmo tempo deram um novo aos estudos clássicos. A escola de Witemtemberg ia-se transformando, e o contraste que formava com as outras universidades tornava-se cada vez mais notavel. Entretanto conservava-se ainda dentro doslimitesdaigreja, e ninguempressentiaestar emvesperasde umabatalha como papa.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Mulier's Reliquien. Melaet., Explicai Evang.

[2] * Camerarius, Vita Melanct., p. 7.

[3] * Camerarius, Vita Filip. Melanctonis, p. 16.

[4] * Eras. Ep., 1, p. 405.

[5] * Explicat. Evang.

[6] * Corp. Ref., 1, p. 33.

[7] Des Wcgs und der Orte unbekannt. Corp. Ref., 1, p. 30.

[8] Camerairus, Vita Melanct., p. 26.

[9] * Lut. Ep., 1, p. 141.

[10] Ut Wittembergam litteratis ac bonis omnibus conciliem. Corp. Ref., 1, p. 151.

[11] Summos cum mediis et infimis, studiosos facit graecitatis. Lut. Ep., 1, p. 140.

[12] Martinum, si omnino in rebus humanis quidquam, vehemen-tissime diligo et animo integerrimo complector. Melanchth., Ep., 1, p. 411.

CAPÍTULO IV

Sentimentos de Lutem e de Staupitz — Ordem de conparecer — Temores e intrepidez — Lutem parte a pé Lutero em Weimar — Lutero em Nuremberg — Chegada a Augsburgo.

A chegada de Melancton causou sem dúvida uma agradável distração a Lutero, em momentos tão críticos para ele; nas doces efusões de uma amizade nascente, e no meio dos trabalhos bíblicos a que se entregava com todo o ardor, por certo que às vezes se esquecia de Roma, de Priério, de Leão e do tribunal eclesiastico perante o devia comparecer. Entretanto essas ocasiões não eram senão momentos passageiros; seus pensamentos se voltavam sempre para o temível tribunal a que o haviam citado implacáveis inimigos. De que terrores aquela idéia não teria enchido a qualquer que houvesse buscado outra coisa que não fosse a verdade! Porem Lutero não temia: cheio de fé e poder de Deus, permanecia firme e disposto a afrontar só, a cólera de inimigos mais terríveis do que os que haviam acendido a fogueira de João Huss.

Poucos dias depois da chegada de Melancton, e antes que se pudesse saber a resolução do papa que transferia de Roma ppara Augsburgo a citação de Lutero, escreveu este a Spalatin: Eu não desejo, que o nosso soberano faça a menor' coisa em defesa das minhas tésess; quero ser apresentado e arremessado, só, para entre as mãos de todos os meus adversários. Que estale sobe mim toda a tempestade. O que tenho empeendido defender, espero poder sustentar com o socorro de Cristo. Quanto à violeneia, é preciso ceder a ela; porem sem abandonar a verdade. ° [1]

O valorde Lutero se comunicava aoutros; osho-mensmaisbrandose maistímidos, vendo o perigo em que se achava o tstmunho da verdade, proferiam pala-vras cheias de força e de indignação. O prudente e pa-cífico Staupitz escreveu a Spalatin, a 7 de setembro: "Não cesseis de exortar ao principe, vosso amo e meu, a não se deivar assustar pelo rugido dos leões. Que defenda a verdade, sem inquietar-se nem com Lutero, nem com Staupitz, nem com a ordem. Que haja um lugar onde possa falar livremente e sem temor. Sei que a peste de Babilonia (quase que ia dizendo de Roma), ataca todo aquele que ,se opõe aos abusos dos que vendem a Jesus Cristo. Eu mesmo hei visto precipitar do público a um pregador que ensinava a verdade, amarra-lo e arrasta-lo a um calabouço, e isto em um dia de festa. Outros hãovistocoisas mais crueis ainda. Portanto, ó caro amigo, procura que Sua Alteza persista em seus sentimentos". +[2]

Chegou por fim a ordem de comparecer em Augs-burgo perante o cardeal legado. Era um principe da igreja romana, com quem Lutero tinha que haver-se então. Todos os seus amigos lhe suplicaram que não partisse. Temiam que, mesmo durante a viagem, lhe armassem laços e tentassem contra sua vida. Alguns se ocupavam em

esquadrinhar um asilo para ele. O mesmo Staupitz, o timido Staupitz, alterou-se ao pensar nos perigos a que ia expor-se o irmão Martinho, a quem ele havia tirado da obscuridade do claustro e lançado a um teatro agitado, que ameaçava sua vida. Ah! não teria sido melhor para o pobre irmão haver permanecido sempre desconhecido?! Ja não era tempo.

Ao menos queria fazer todo o possível para salvá-lo. Escreveu-lhe de seu convento de Salzburgo, em 15 de setembro, instando a que fugisse e bus-casse um asilo junto dele. Parece-me", dizia-lhe, "que o mundo inteiro está enraivecido e coligado contra a ver-dade. Jesus crucificado foi tambem aborrecido. Vejo que não deveis esperar outra coisa senão a perseguição. Nin-guem poderá daqui em diante, sem a permissão do papa, examinar as Escrituras e buscar nelas a Jesus Cristo, não obstante Cristo assim o [3]

ordenar. Tendes poucos amigos, e oxalá que o temor de vossos adversários não impeça ainda a esses poucos de declararem-se em vosso favor! O mais prudente é que deixeis por algum tempo a Witemberg e vos retireis para onde estou. Então viveremos e morreremos juntos. Este é tambem o conselho do principe.

De variaspartesrecebiaLutero osmaisassustadores avisos.Oconde Alberto de Mansfeld mandou-lhe dizer que se guardasse de por-se a caminho, porque alguns grandes senhores haviam jurado apoderar-se dele e estrangula-lo ou afoga-lo. [4]+ Porem nada podia amedontra-lo. Não pensou em utilizar-se da oferta do vigariogeral. Não irá de modo algum ocultar-se na obscuridade do convento de Salsburgo. Permanecerá fiel naquele teatro tempestuoso onde a mão de Deus o colocara. É perseverando, a despeito dos adversários, é proclamado em alta voz a verdade à face do mundo, que se adiante o reino desta verdade. Por que havia de fugir? Ele não era dos que se retiram para morrer, mas dos que guardavam a fé para salvar sua alma. Retiniam sem cessar em seu coração estas palavras do Mestre, a quem ele queria servir e amar mais do que a vida: "qualquer que me confessar diante dos homens, tambem eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos ceus". Mat. 10:32. Encontra-se por toda parte, em Lutero e na reforma, aquele valor intrépido, aquela alta moralidade, aquela caridade imensa, que a primeira aparição do cristianismo fez ver ao mundo.

"Eu sou como Jeremias", disse Lutero no tempo de que tratamos, o homem das contendas e das discordias; porem quanto mais argumentam suas ameaças, mais acrescentam minha alegria. Minha mulher e meus filhos estão bem providos; meus campos, minhas casas e todos os meus bens estão em boa ordem.[5] ° Ja destruiram a minha honra e a minha reputação. Uma só coisa me resta; é o meu miseravel corpo: que o tomem; abreviarão assim a minha vida em algumas horas. Mas quanto à minha alma, eles não a tomarão. Aquele que quer propagar a Palavra de Cristo no

mundo, deve esperar a morte a cada instante; porque nosso Esposo é um Esposo do sangue. ° [6]

O eleitor se achava então em Augsburgo. Pouco antes de deixar a cidade e a dieta, julgou conveniente fazer uma visita ao legado. O cardeal, mui satisfeito desta atenção de um príncipetão ilustre,prometeu aoeleitor que,se ofradeapresentasse perante ele, oouviria paternalmente e o despacharia com benevolência. Spalatin escreveu a seu amigo, da parte do príncipe, que o papa havia nomeado uma comissão para •uví-lo na Alemanha; que o eleitor não permitiria que o levassem a Roma, e que ele devia preparar-se para ir a Augsburgo. Lutero resolveu-se a obedecer. O aviso que lhe havia dirigido o conde de Mansfield o induziu a pedir a Frederico um salvo-conduto. Este respondeu que não era necessário, e enviou-lhe somente recomendações para alguns dos conselheiros mais distintos de Augsburgo. Mandou entregar-lhe dinheiro para a viagem, e o reformador, pobre e sem defesa, partiu a pé, para i rentregar-se a seus adversários. ° [7]

Que sentimentos seriam os seus ao sair de Witemberg e dirigir-se para Augsburgo, onde o esperava o legado do papa! Aquela viagem não tinha por objeto, como a que fez a Heidelberg, uma reunião amigavel; ia comparecer à presença do legado de Rama, sem salvo-conduto. Caminhava talvez à morte; porem sua fé não era uma fé aparente; era uma realidade. Por isso, com a paz que ela lhe dava, ele pode avançar sem temor, em nome do Deus dos exercitas, para dar testemunho ao Evangelho.

Chegou a Weimar a 28 de setembro, e hospedou-se no convento dos franciscanos. Um dos frades não podia apartar a vista dele; era Miconius. Via pela primeira vez Lutero; queria aproximar-se dele, dizer-lhe que lhe era devedor da paz de sua alma, e que todo o seu desejo era trabalhar com ele. Porem Miconius estava vigiado por seus superiores: não lhe permitiam falar a Lutero. +[8]

O eleitor da Saxônia tinha então sua côrte em Weimar, e foi provavelmente por essa causa que os Franciscanos acolheram o doutor. No dia seguinte ao de sua chegada celebrava-se a festa de S. Miguel. Lutero disse a missa, e foi tambem convidado a pregar na igreja do castelo. Pregou sem preparação, em presençada corte, sobre o texto do dia, que era tirado do Evangelho segundo S. Mateus, cap. 18, vers. 1 a 11. Falou com força contra os hipócritas; e contra os que se jatam de sua própria justiça. Porém nada falou dos anjos, posto que fosse e costume do dia de S. Miguel. [9]

Aquela intrepidez do doutor de Witemberg, de acudir, tranquilamente e a pe, a uma chamada que a tantos ou-tros antes dele havia conduzido à morte, assombrava os que o viam. O interesse, a admiração e a compaixão reinavam nos corações. João Kestner, provisor dos Franciscanos, cheio de espanto à ideia dos perigos que corria seu hospede, lhe disse: Irmão, em Augsburgo achareis italianos, sábios e sutis

antagonistas, que vos darão muito que fazer. Temo que não possais defender vossa causa contra eles. Lançar-vos-ão ao fogo, e suas chamas vos consumirão". Lutero respondeu com gravidade: "Caro amigo, rogai a Deus nosso Senhor, que está no ceu, dizendo-lhe um Pai nosso por mim e por seu querido Filho Jesus, cuja causa é a minha, a fim de que me proteja. Se ele sustentar sua causa, a minha está sustentada. Porem se não quiser sustenta-la, certamente que não serei eu quem a sustentará e é Êle quem sofrerá opróbiom. [10]

Lutero continuou sua viagem a pé, e chegou a Nuremberg. Como ia apresentar-se a um príncipe da igreja, quis vestir-se convenientemente. O habito que levava, alem de ser velho, havia sofrido muito na viagem. Emprestou-lhe pois outro o seu fiel amigo Wenceslau Link, pregador de Nuremberg.

Lutero por certo não visitou unicamente Link, mas a seus outros amigos de Nuremberg, tais como Scheurl, o secretario da cidade, o ilustre pintor Alberto Durer, a quem' Nuremberg levanta atualmente uma estatua, e mais alguns. Estes excelentes amigos o animaram muito, enquanto que muitos frades e seculares se assustavam daquele seu passo e procuravam amedrontá-lo, instando com ele a que retrocedesse. As cartas que escreveu então daquela cidade mostram o espirito de que estava animado: "Tenho encontrado", disse ele, "homens pusildânimes que querem persuadir-me a não ir a Augsburgo; porem eu estou resolvido a chegar até lá. Que se cumpra a vontade verdadeira, e o homem faz",

Link, e um frade Agostinho de nome Leonardo, não poderam do Senhor! Mesmo em Augsburgo, mesmo no meio de seus inimigos, Jesus Cristo reina. Que viva Cristo; que morra Lutero, e todo o pecador, segundo está escrito! Que seja exaltado o Deus de minha salvação! Passai bem; sede constante; permanecei firme; porque é necessario ser reprovado eu pelos homens ou por Deus: porem Deus é decidir-se a deixar Lutero partir só ao encontro dos perigos que o ameaçavam. Conheciam seu carater, e sabiam que, destemido e valente como era, poderia talvez não ter bastante prudência. Acompanharam-no pois. Estando ja a cinco leguas só de Augsburgo, Lutero, que sem dúvida estava enfraquecido pelas fadigas da viagem, e pelas agitações de seu coração, sentiu tão fortes dores de estomago, que cuidou morrer. Seus dois amigos, ex-tremamente aflitos, alugaram um carro, no qual transportaram o doutor. Chegaram a Augsburgo na sexta-feira, 1 de outubro, à noite, e apearam no convento dos Agostinhos. Lutero estava muito • fatigado; porem sossegou daí a pouco. De certo a sua fé e a atividade de seu espirito restabeleceram tão prontamente seu debilitado corpo. [11]

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Ep., 1, p. 139.

[2] -h Jen., Aug., 1, p. 384.

[3] • Lut. Ep., 1, p. 61.

[4] + Ibid., p. 129.

[5] * Lut. Ep., 1, p. 129. Ele não teve então nem mulher nem filhos.

[6] + Ibid. Vide Exodo 4:25.

[7] * Lut. Op., lat., in praef.

[8] * M. Adami Vita Miconii, p. 176.

[9] * Melob. Adami Vita Miconii, p. 176

[10] * Niconii Ref. Hist. p. 30.

[11] * Weismanni Hist. sonr. Novi Test., p. 1465. Weismann havia lido esta carta em manuscrito. Não existe na coleção do M. de Wette.

CAPÍTULO V

O legado Tomaz de Vio, por apelido Cajetan, ou Caetano — Visita de Serra Longa — Dialogo — Visitas de amigos — Um salvo-conduto - Volta de Serra—Longa — O novo Erostrato — Debaixo do ceu — O salvo-conduto — Lutem e Melancton.

Assim que chegou a Augsburgo, e antes mesmo de ir visitar alguem, Lutero quis apresentar ao legado os respeitos que lhe eram deviclos, e para isso pediu a Wenceslau Link que fosse anunciar sua chegada. Link o fez, e declarou humildemente ao cardeal, da parte do doutor de Witemberg, que este se achava pronto a comparecer em sua presença, quando o ordenasse. O legado ale. rouse com a noticia. Finalmente estava já em seu [1]• er o fogoso herege! e tinha a certeza de que não sairia de Augsburgo como havia entrado. Ao mesmo tempo em que Link ia à casa do legado, o frade Leonardo dirigia-se a anunciar a Staupitz a chegada de Lutero a Augsburgo. O vigario-geral havia escrito ao doutor que iria imediatamente ve-lo apenas soubessé que tinha chegado àquela cidade. Lutero não quis retardar em informa-lo de sua vinda.

A dieta estava encerrada. O imperador e os eleito-res tinham-se ja separado. É verdade que ainda o impe-rador não havia partido; mas entrelinha-se na caça pelos arredores. O embaixador de Roma ficava pois só em Augsburgo. Se Lutero tivesse vindo durante a dieta, teria encontrado poderosos defensores; porem, na atualidade, tudo parecia dever ceder ao peso da autoridade papal.

O nome do juiz diante do qual Lutero devia com-parecer não era próprio para inspirar-lhe confiança. Tomaz De Vio, por apelido- Cajetan, (Caetano) dacidade de Gaeta, no reino de Napoles, onde tinha nascido em 1469, havia dado grandes esperanças desde sua juventude. Na idade de dezesseis anos entrou para a ordem dos dominicanos, contra a vontade de seus pais. Depois chegou a ser geral de sua ordem e cardeal da igreja romana. Poremo pior paraLutero erase aquele sábio doutor umdosmaiszelososdefensores dessa teologia escolástica que o reformador havia tratado sempre tão implacávelmente. Afirmavam que suamãe, achando-se gravida, sonhara que S. Tomaz em pessoa instruiria o menino que ela devia dar à luz, e o introduziria no ceu.

Por isso, tornando-se dominicano, De Vio mudou seu nome de Tiago para Tomaz. Havia defendido ardentemente asprerrogativasdo papado e asdoutrinasde Thomaz de Aquino, a quem considerava como o mais perfeito dos teólogos. [2]° Amigo da pompa e da ostentação, tomava quase ao pé da letra a máxima romana, de que os legados são superiores aos reis, e fazia-se rodear de grande aparato. No primeiro de agosto tinha ele celebrado missa solene na catedral de Augsburgo, e, em presença de todos os principes do imperio, tinha posto o capelo de cardeal na cabeça do arcebispo de Mogúncia, ajoelhado em frente ao altar, e entregue ao mesmo imperador o

chapeu e a espada consagrados pelo papa. Tal era o homem diante do qual ia comparecer o frade de Witemberg, vestido com um habito que nem mesmo era seu.

De mais, a ciência do legado, a severidade de seu carater e a pureza de seus costumes lhe asseguravam na Alemanha uma influencia e autoridade que não teriam consegido facilmente outros cortesões romanos. Foi sem dúvida a esta reputação de santidade que ele leveu sua missão. Roma conhecia que semelhante raputação era útil a seus fins. Por conseguinte, essas mesmas qualidades de Cajetan o tornavam mai stemível ainda. E. alémde tudo,o assuntode queestavaincumbido não eramuitocomplicado. Lutero estava já declarado herege. Se não quisess retratar-se, o legado devia faze-lo encercerar; e se lhe escapasse, devia fulminar de excomunhão .a todo aquele ousasse' dar-lhe asilo. Eis o que tinha a fazer, da parte de o príncipe da igreja, ante o qual estava citado Lutero.

Lutero havia recobrado suas forças durante a noite. Na manhã de sábado 8 de outubro, ja descansado de sua viagem, pôs-se a considerar sua estranha situação. Estava submisso, e esperava que a vontade de Deus se manifestasse pelos acontecimentos. Não tinha esperado muito tempo quando um personagem desconhecido, mandou-lhe dizer, como se fosse inteiramente dedicado aele, que iafalar-lhe, e que ele, Lutero, se abstivesse de comparecer perante ò legado antes da entrevista. Este recado era de um cortezão italiano, chamado Urbano de Serra-Longa, que havia estado muitas vezes na Alemanha, como enviado do margrave de Montferrat. Tinha conhecido o eleitor da Soxônia, junto do qual esteve acreditado, e, depois da morte de margrave, uniu-se ao cardeal De Vio.

As maneiras e a astúcia deste homem faziam notável contraste com a nobre franqueza e a generosa retidão de Lutero. O italiano chegou daí a pouco ao convento dos Agostinhos. O cardeal o enviava para experimentar o reformador e prepara-lo à retratação. Serra-Longa persuadia-se de que a residenciaque tinha feito na Alemanha dava-lhe grandes vantagens sobre os outros cortezões da comitiva do legado; esperava fazer o que quisesse do fradealemão. Chegou,acompanhadodedoiscriados,eapresentou-se comoquemvinha de seu motu-próprio, por causa da amizade que consagrava a uc válido do eleitor da Saxônia, e de seu apego à santa igreja. Depois de haver feito a Lutero as saudações mais afetuosas, o diplomata acrescentou com toda a solicitude: [3]

"Venho dar-vos um bom e prudente conselho. Li-gai-vos à igreja. Submetei-vos sem reserva ao cardeal. Retratai vossas injúrias. Lembrai-vos do abade Joaquim de Florença: ele havia dito coisas heréticas, vós o sabeis, e entretanto não foi declarado herege, porque retratou seus erros."

Lutero falou então de justificar-se.

SERRA-LONGA: Guardai-vos de fazê-lol ... que-reis combater como em um torneio o legado de Sua Santidade?...

LUTERO: "Se me provarem que tenho ensinado alguma coisa contrária à igreja cristã, eu serei meu próprio juiz e me retratarei no mesmo instante. Tudo consiste em saber se o legado se apoia em S. Thomás além do que a fé a isso o autoriza. Se é assim, eu não cederei."

SERRA-LONGA: "Ólá! ólál quereis romper lanças?"

Em seguida pôs-se o italiano a dizer coisas que Lu-tero chama horríveis. Afirmou que se podiam sustentar proposições falsas, .com tanto que elas rendessem dinheiro e enchessem os cofres; que não convinha discutir nas universidades a autoridade do papa; e que, ao contrário, se devia asseverar que o pontífice pôde, num abrir e fechar de olhos, mudar e suprimir artigos de fé e coisas semelhantes. [4]• Porém o astucioso italiano conheceu logo que havia sido muito fácil em falar; voltou às palavras doces, esforçou-se por persuadir Lutero que se submetesse em tudo ao legado, e retratasse sua doutrina, seus juramentos e suas teses.

O doutor, que ao principie deu algum crédito aos encantadores protestos do orador Urbano (como ele o chama em suas relações), convenceu-se que tudo isso reduzia-se a pouca cousa, e que ele era mais do partido do legado do que do seu. Guardou pois mais reserva, e contentou-se com dizer que estava disposto a mostrar sua humildade, provar sua obediência, e dar satisfação das coisas em que se houvesse enganado.

A estas palavras, Serra-Longa exclamou, cheio de gozo: "Vou já à casa do legado e vós me seguireis. Tudo irá perfeitamente, e o as-sunto será sem demora concluído..." ° Saiu. [5]

O frade saxônio, que tinha mais discernimento do que o cortezão romano, disse consigo: Este astuto Sinon foi muito mal instruído e mal adestrado por seus Gregos. • [6]+ Lutero flutuava entre a esperança e o temor. Porém a esperança preponderou. A visita e as estranhas proposições de Serra-Longa, a quem mais tarde ele chama inepto mediador, + lhe fizeram recobrar ânimo.

Os conselheiros, e os outros habitantes de Augsburgo, aos quais o eleitor havia recomendado Lutero, apressaram-se a ir ver o frade, cujo nome ressoava já em toda a Alemanha. Peutinger, conselheiro do império e um dos patrícios mais distintos da cidade, que convidou muitas vêzes Lutero à sua mesa, o conselheiro Langemantel, doutor Auerbach de Leipzig, os dois irmãos Adelman, ambos cônegos, e muitos outros, dirigiram-se ao convento dos Agostinhos. Com toda a efusão do coração cumprimentaram esse homem extraordinário, que havia feito tão longa viagem para vir entregar-se às mãos dos agentes de Roma. "Tendes um salvo-conduto?" perguntavam-lhe. "Não," respondeu o destemido frade. "Que audácia!" exclamaram.

"Era," disse Lutero, "uma palavra razoável para indicar minha temerária loucura.'" Todos a uma voz lhe suplicaram que não se apresentasse ao legado sem ter obtido primeiro um salvo-conduto do mesmo imperador. É provável que o público houvesse sabido já alguma coisa a respeito do breve do papa, de que era portador o legado.

"Porém," replicou Lutero, "eu vim muito bem até Augsburgo sem salvo-conduto, e cheguei a salvamento."

"O eleitor vos recomendou a nós; deveis portanto obedecer-mos e fazer o que vos dizemos," continuou Langemantel, afetuosamente, porém com firmeza. [7]

O doutor Auerbach, unindo-se àquelas representa-ções: "Nós sabemos," disse, "que no fundo de seu coração, o cardeal está exacerbado no mais alto ponto contar vós. [8]° Não se pode confiar em italianos."

O cônego Adelman insistiu da mesma forma: "En-viaram-vos sem defesa, e esqueceram-se absolutamente de munir-vos daquilo de que tínheis mais necessidade." +[9]

Aqueles amigos encarregaram-se de obter do imperador o salvo-conduto necessário. Depois disseram a Lutero que havia muitas pessoas, mesmo de alta classe, que se inclinavam a seu favor. "O próprio ministro de França, que há poucos dias saiu de Augsburgo, falou de vós do modo mais honroso." [10]° Esta notícia fez impressão em Lutero, e lembrou-se dela mais tarde. Desta maneira, as pessoas mais respeitáveis de uma das primeiras cidades do império estavam já decididas pela reforma.

Estavam neste ponto, quando Serra-Longa, apareceu de novo. "Vinde," disse ele, dirigindo-se a Lutero, "o cardeal vos espera. Eu mesmo vou conduzir-vos a ele. Aprendei como devei apresentar-vos em sua presença: Quando entrardes na sala onde se acha. vos prosternareis diante dele, encostando a cara no chão; quando ele vos mandar levantar, colocar-vos-eis de joelhos; e, para vos pôrdes em pé, esperareis também que vô-lo ordene." [11]+ "Recordai-vos de que ides comparecer perante um príncipe da igreja. Quanto ao mais, nada deveis temer: tudo se concluirá depressa e sem dificuldade."

Lutero que havia prometido àquele italiano que o seguiria logo que o convidasse, achou-se embaraçado. Entretanto não hesitou em comunicar-lhe o conselho de seus amigos de Augsburgo, e lhe falou de um salvo-conduto.

"Guardai-vos de pedi-lo," replicou imediatamente Serra-Longa; não tendes necessidade dele. Tudo está pronto, e o legado acha-se inteiramente disposto a ter-minar a coisa amigavelmente. Se pedis um salvo-con-duto, deitareis a perder toda a vossa causa.

"Meu ilustre amo, o eleitor de Saxônia," respondeu Lutero, "me recomendou a muitos homens honrados desta cidade. Eles me aconselham que nada empreenda sem salvo-conduto: devo seguir esse conselho; porque, se não o fizer e suceder alguma coisa, eles participarão ao eleitor meu soberano que eu não os quis escutar."

Lutero persistiu em sua resolução, e Serra-Longa viu-se obrigado a voltar para seu chefe a fim de anun-ciar-lhe o escolho em que haviatropeçado sua missão no momento em que ele se lisonjeava de vê-la coroada do melhor êxito.

Assim terminaram as conferências daquele dia com o orador de Montferrat.

Outro convite foi feito também a Lutero, porém com intensão bem diferente. O prior dos Carmelitas, João Frosche, era seu antigo amigo. Havia sustentado teses, dois anos antes, como licenciado em teologia, sob a presidência de Lutero. Veio visitá-lo, e encarecidamente o convidou a que fosse assistir em seu convento. Reclamava a honra de ter por seu hóspede o doutor da Alemanha. Já não temiam obsequiá-lo à face de Roma; já o fraco se havia transformado no mais forte. Lutero aceitou, e passou do convento dos Agostinhos para o dos Carmelitas.

Não se acabou o dia sem que ele fizesse sérias re-flexões. As solicitações de Serra-Longa e os temores dos conselheiros lhe faziam ver a um mesmo tempo a posição difícil em que se achava. Entretanto ele tinha por protetor a Deus que está no céu, e, guardado por ele, podia dormir sem susto.

O dia seguinte era domingo; houve um pouco mais de repouso. Contudo ele teve de sofrer outro gê-nero de fadiga. Em toda a cidade não se tratava senão do doutor Lutero, e todo o mundo queria ver, como ele mesmo escreve a Melancton, a este novo Erostrato que havia ateado tão vasto incêndio. O Corriam ao seu en-contro, e o bom doutor sem dúvida sorria-se daquele singular empenho. [12]

Teve também de sujeitar-se a outra espécie de im-pertinência. Não só estavam ansiosos de vê-lo: por toda a parte lhe pediam que pregasse. Lutero não tinha maior alegria do que anunciar a Palavra. Ter-lhe-ia sido muito agradável o pregar a Jesus Cristo naquela grande cidade, e nas solenes circunstâncias em que elese achava. Porém naquelaocasião, como em muitas outras, mostrou um sentimento muito justo de consideração e respeito a seus superiores. Recusou pregar, para não dar ao legado motivo de supor que o fazia a fim de causar-lhe desgosto e ofendê-lo. Aquela moderação e prudência valiam, sem dúvida, tanto como um sermão. [13]

Porém os familiares do cardeal não o deixavam sossegar. Voltaram à carga, e lhe disseram: "O cardeal vos manda assegurar toda a graça e todo o favor: por que temeis " Com mil outras razões procuravam fazer comque ele se decidisse apresentar-se ao legado. "É um pai che i o de misericórdia," lhe disse um dos enviados.Porém outro, aproximando-se, lhe disse ao ouvido: "Não creiais o que vos

dizem. Ele não cumpre sua palavra." [14]+ Lutero permaneceu firme em sua resolução.

Na segunda-feira 10 de outubro, pela manhã, Ser-ra-Longa voltou de novo ao ataque. O cortezão havia feito questão de honra o triunfar em sua negociação. Apenas apresentou-se, disse em latim: "Por que não ides ao palácio do cardeal ... Ele vos espera com a maior benignidade. Não se trata agora senão de sete letras: Revogai, Retratai, Vinde! nada tendes a temer!"

Lutero considerou que aquelas sete letras eram muito importantes; e, sem entrar em discussão profunda, res-pondeu-lhe: "Logo que eu tiver obtido o salvo-conduto, comparecerei." [15]

Serra-Longa enfureceu-se ao ouvir estas .palavras Insistiu; solicitou de novo; porém achou Lutero inflexível. Então, mais furioso ainda, exclamou: "Tu te persuades por ventura que o eleitor tomará as armas em teu favor, e se arriscará assim a perder, por sua causa, o país que recebeu de seus pais?!"

LUTERO. "Deus me defenda!"

SERRA-LONGA. Abandonado de todos, onde te refugiarás então?

LUTERO. Levantando para o alto o seu olhar cheio de fé. "Debaixo do céu". *[16]

Serra-Longa ficou por um momento silencioso, tocado daquela sublime resposta, que não esperava; depois continuou assim:

Que faria se tivesse em teu poder o legado, o pa-pa e todos os cardeais, assim como eles te têm agora a ti?

LUTERO. Tributarllhe-ei todo o respeito e toda a honra. Porém, para mim, a Palavra de Deus está acima de tudo.

SERRA-LONGA. Rindo e movendo um de seus de-dos à maneira italiana). Ohl ohl toda a honra! ... eu não creio nada...

Então saiu, saltou à sela e desapareceu.

Serra-Longa não voltou mais à residência de Lute-ro; porém recordou-se por muito tempo da resistência que encontrou no reformador, e da que seu mesmo amo devia também experimentar em breve. Mais tarde o ve-remos pedindo a altos gritos o sangue de Lutero.

Não havia tempo que Serra-Longa tinha-se aparta-do do doutor, quando este recebeu finalmente o s conduto que que desejava. Seus amigos o haviam obtido dos conselheiros do império. É provável que estes tivessem consultado a esse respeito o imperador, que não estava longe de Augsburgo

. Parece mesmo, segundo o que disse o cardeal depois, que, não querendo ofendê-lo, lhe pediram consentimento. Talvez fosse por isso que de Vio mandasse experimentar Lutero por Serra-Longa; porque opôr-se abertamente a que se lhe desse um salvo-conduto seria revelar as intenções que queriam conservar ocultas. Era mais seguro induzir Lutero •a desistir por si mesmo de sua petição. Porém bem depressa conheceram que o frade saxônio não era homem que se dobrasse.

Lutero ia comparecer. Ao pedir um salvo-conduto não pretendeu apoiar-se a um braço carnal; porque sa-bia muito bem que um salvo-conduto imperial não sal-vou das chamas a João Huss. Quis somente cumprir seu dever submetendo-se ao conselho dos amigos do amo. O Eterno decidiria. Se Deus lhe pedisse a vida, estava pronto a dá-la alegremente. Naquele momento solene, sentiu a necessidade de conversar ainda com seus ami-gos, . principalmente comesse Melancton,queerajátão caroaseucoração, eaproveitou alguns instantes de recolhimento para escrever-lhe.

"Comporta-te como homem," lhe disse, como cos-tuma fazê-lo. Ensina à nossa cara juventude o que é reto e aceito a Deus. Quanto a mim, vou ser imolado para ti e para ela, se é vontade do Senhor. Antes quero mor-rer, e mesmo (o que para mim será a maior desgraça) estar privado eternamente de tão doce companhia, do que retratar aquilo que devia e devo ensinar, e destruir assim, talvez por minha culpa, os excelentes estudos a a que atualmente nos-dedicamos.

"A Itália está submergida, como noutro tempo o Egito, em trevas tão grossas que se podem apalpar. Êxodo 10:21. Todos ignoram a Cristo e a tudo o que tem relação com Ele; e entretanto são nossos senhores e mestres, quanto à fé e aos costumes. Desta maneira se cumpre em nós outros a ira de Deus, como disse o profeta: "E lhes darei mancebos por príncipes, e rapazes dominarão sobre eles." Isafas 3:4. Cumpre com os teus deveres para com Deus, ó meu querido Filipe, e afasta a cólera de Deus por meio de ardentes e puras orações."

O legado, informado de que Lutero devai compare-cer perante ele no dia seguinte, convocou os italianos e alemães de sua maior confiança, a fim de concordar com eles no modo de proceder com o frade saxônio. As opiniões foram diferentes. preciso, disse um, constrangia a retratar-se. Outro obesrvou que era melhor desfazer-se dele. E outro era de opinião que se devia pocurar curar ganhá-lo com doçura e bondade. Parece que o cardeal adotou desde logo este último voto.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Ep., 1, p. 144.

[2] * Divi Thomae Summa cum commentariis de Vio. Lugduni, p. 1587.

[3] Bula do papa. Lut. Op. (L.), 17, p. 174.

[4] * Lut. Ep. 1, p. 144.

[5] * Lut. Op. (L.), 17, p. 179.

[6] + Lut. Ep., 1, p. 144. Vide Eneida da Virgílio, canto 2.

[7] * Lut., Ep., 1, p. 144.

[8] * Lut. Ep., 1, p. 143.

[9] * Lut. Op. (L.), 17, p. 143. Ibid., P. 203.

[10]* Seckend., p. 144.

[11] * Lut. Op. (L.), p. 179. Ibid., p. 130.

[12] * 9 de outubro.

[13] * Lut. Ep., 1, p. 146.

[14] • Lut. Ep., 1, 146.

[15] * Lut. Op. (L.), 17, p. 205.

[16] * Lut. Op. in praef.

CAPÍTULO VI

Primeiro comparecimento — Três artigos de Roma —Duas proposições a retratar — Sua importância para Roma — Debate entre Lutero e de Vio — Cólera do cardeal — Lutero retira-se — Staupitz desliga Lutero.

O DIA de conferência chegou finalmente. [1]• O le-gado, sabendo que Lutero havia declarado estar pronto a retratar o que lhe provassem ser contrário à verdade, estava cheio de esperança, e não duvidava que seria fácil, a um homem de sua classe e de seu saber, condu-zir esse frade à obediência da igreja.

Lutem dirigiu-se à presença do legado, acompa-nhado do prior dos camelitas (que lhe havia dado hos-pedagem e era 2cu amigo), de dois frades daquele con-vento, do doutor Link e de um Agostinho, provavelmente o mesmo que tinha vindo com ele de Nuremberg. Apenas entrou no palácio do legado, todos os italianos que formavam a comitiva daquele príncipe daigrejaaproximaram-se dele;todosqueriamvero famoso doutor,e agrupavam-se de tal modo ao redor dele, que com dificuldade podia a gente mover-se. [2]

Lutero encontrou o núncio apostólico e Serra-Longa na sala onde o cardeal o esperava. A recepção foi fria, porém, cortez, e conforme a etiqueta romana. Lutero, seguindo o conselho que Serra-Longa lhe havia dado, prosternou-se diante do cardeal; quando este lhe disse que se levantasse, pôs-se de joelhos; e a uma nova ordem do legado levantou-se inteiramente. Muitos dos italianos mais distintos e aditos ao legado penetraram na sala para assistir à entrevista; desejaram especialmente ver o frade germano humilhar-se ante o representante do papa.

O legado guardou silêncio. Odiava Lutero, como ad-vesário da supremacia teológica de S. Tomás e chefe de um partido novo, ativo, contrário, em uma universidade nascente, cujos primeiros passos inquietavam excessiva-mente aos tomistas. Comprazia-se em vê-lo humilhado em sua presença, e (diz um contemporâneo) pensava que Lutero ia cantar a palinódia. Lutero, por sua parte, aguardava humildemente que o príncipe lhe dirigisse a palavra; porém, vendo que não o fazia, tomou seu silêncio por um convite a falar em primeiro lugar; e o fez nestes termos:

"Digníssimo padre, em virtude da citação de sua santidade pontifia, e a pedido de meu ilustre amo e eleitor de Saxônia, compareço em vossa presença como um filho submisso e obediente da santa igreja cristã, e confesso que fui eu quem publicou as proposições e as teses de que se trata. Estou pronto a escutar com toda a humildade aquilo de que se me acusa, e, se me tenho enganado, a deixar-me instruir segundo a verdade".

O cardeal, querendo parecer um pai terno e compassivo para um filho extraviado, tomou então um tom mais amigável; louvou a humildade de Lutero; manifestou-lhe todo o seu regozijo, e disse-lhe: "Meu caro filho, tu tens sublevado toda a Alemanha com tuas questões sobre as indulgências. Consta-me que és um doutor muito entendido nas Escrituras, e que tens muitos discípulos. Pelo que, se queres ser membro da igreja, e achar no papa um senhor cheio de benevolência, escuta-me".

Depois deste exórdio, o legado não hesitou em ma-nifestar-lhe abertamente tudo o que esperava dele; tanta era a confiança que tinha em sua submissão. Eis aqui", disse-lhe ele, "três artigos que, por ordem de nosso santíssimo padre o papa Leão X, devo apresentar-te: primeiramente, é preciso que tornes a entrar em ti mesmo, que reconheças tuas faltas e que retrates teus erros, tuas proposições e teus discursos; em segundo lugar, deves prometer que daqui em diante te absterás de divulgar tuas opiniões; e, em terceiro lugar, é necessário que te obrigues a ser mais moderado e a evitar tudo o que possa entristecer ou perturbar a igreja".

LUTERO. "Peço, digníssimo padre, que me seja co-municado o breve do papa em virtude do qual haveis recebido pleno poder para tratar deste assunto."

Serra-Longa e outros italianos da comitiva do cardeal arregalavam os olhos ao ouvirem semelhante pedido; e bem que o frade alemão lhes parecia um homem muito singular, não puderam esconder o assombro que lhes causou petição tão atrevida. Os cristãos, acostumados às idéias de justiça, querem que se proceda justamente para com os outros e tambémparacomeles; porém aquelesque por costume portam-se de maneira arbitrária ficam muito admirados que se lhes pede que procedam conforme as regras, formas e leis.

DE VIO. Essa petição, caríssimo filho, não pode ser concedida. Deves reconhecer teus erros, ter cuidado daqui em diante em tuas palavras, e não cai novamente nas mesmas faltas, de sorte que possamos dormir sem inquietação e sem cuidado; então, segundo a ordem e a autoridade de nosso santíssimo padre o papa, eu arranjarei a coisa.

LUTERO: "Dignai-vos pois fazer-me conhecer em que eu tenho errado."

Ouvindo esta nova petição, os cortezãos italianos, que esperavam ver o pobre alemão pedir misericórdia de joelhos, assombraram-se ainda mais do que antes. Nenhum deles houvera querido abaixar-se a responder a um pedido tão audaz. Porém de Vio, que acreditava haver pouca generosidade em esmagar aquele infeliz frade com o peso de toda sua autoridade, e que confiava de mais em sua ciência para não julgar que conseguiria facilmente uma vitória, consentiu em manifestar a Lutero os fatos de que o acusavam, e mesmo em entrar em discussão com ele. É preciso fazer justiça àquele geral dos Dominicanos. Deve-se reconhecer nele mais

eqüidade, mais coerência e menos paixão do que noutrosemiguaiscircunstâncias. Revestiu-se de maneirascondes-cendentes, e disse-lhe:

"Caríssimo filho! eis aqui duas proposições que avançaste, e que deves retratar antes de tudo: 1.a O tesouro das indulgências não se compõe dos merecimen-tos e sofimentos de nosso Senhor Jesus Cristo: 2.a O homem que recebe os santos sacramentos deve ter fé na graça que se lhe oferece." [3]

Estas duas proposições davam, com efeito, um golpe mortal no comércio romano. Se o papa não tinha poder para dispôr a seu gosto dos merecimentos do Salvador; se, recebendo-se os bilhetes que os corretores da igreja negociavam, não se recebia uma parte da justiça infinita, esses papéis perdiam todo o valor, e não se devia fazer mais caso deles do que de qualquer outro pedaço de papel. Outro tanto se pode dizer dos sacra-mentos. As indulgências eram, mais ou. menos, tim ra-mo extraordinário do comércio de Roma; os sacramentos eram seu comércio usual. Os rendimentos não eram pequenos. Pretender que era necessária a fé para que esses sacramentos fossem verdadeiramente úteis à alma cristã, era privá-los de todo seu atrativo aos olhos do povo; porque não é o papa quem dá a fé: ela está fora de seu poder, e procede somente de Deus. Declará-la necessária, era pois arrancar das mãos de Roma a especulação e todos os seus lucros. Lutero, atacando estas duas doutrinas, havia imitado Jesus Cristo, o qual, no princípio de seu ministério, transtornou as mesas dos cambiadores e lançou fora do Templo os vendedores. "Não tomeis em casa de venda, a casa de meu Pai" disse Nosso Senhor. S. João 2:16.

"Para combater estes erros", continuou Cajetan, "não quero invocar a autoridade de S. Tomás e. de outros doutores escolásticos; não quero apoiar-me senão na Santa Escritura, e falar contigo amigavelmente."

Porém De Vio, apenas começou a desenvolver suas provas, desviou-se logo da regra que havia declarado querer seguir. ° Combateu a primeira preposição de *Lutero com uma "extravagante" do papa Clemente, e a segunda com todo o gênero de opiniões dos escolásticos. A discussão se estabeleceu incontinenti sobre a constituição do papa em favor das indulgências. Lutero, indignado de ver a imensa autoridade que o legado atribuía a um decreto de Roma, exclamou:

"Eu não posso receber semelhantes constituições como provas suficientes para assuntos de tamanha monta; porque elas alteram a Santa Escritura, e não a citam jamais a propósito."

DE VIO. "O papa tem autoridade e poder sobre to-das as coisas".

LUTERO (com vivacidade). "Menos sobre a Escri-tura!" +[4]

DE VIO (fazendo escámeo). "Menos sobre a Es-critura! . . . Não sabes? o papa é superior aos concílios; ainda recentemente condenou e castigou o concílio de Basiléa."

LUTERO. "A universidade de Paris apelou sobre isso".

DE VIO. "Os senhores da universidade de Paris receberão a pena".

A discussão entre o cardeal é Lutero seguiu depois sobre o segundo ponto, isto é, sobre a fé, que Lutero declarava ser necessária para que os sacramentos fossem úteis. Lutero, conforme seu costume, citou muitas pas-sagens da Escritura em favor da ôpinião que sustenta-va; porém o legado as recebia com gargalhadas. "Estás falando af da fé geral", disse ele. Não!' respondeu Lutero. [5]

Um dos italianos, mestre de cerimônias do legado, impaciente da resistência de Lutero e de suas respostas, estava desesperado por falar. A cada instante queria tomar a palavra; porém o legado lhe impunha silêncio.

Por fimteve dereprendê-lo tão fortemente,que o mestre decerimônias, cheiode confusão, retirou-se da sala. °[6]

Quanto às indulgências", disse Lutero ao legado, "se puderem mostrar-me que me engano, estou pronto a deixar-me instruir. Sobre este ponto pode-se omitir alguma coisa sem ser por isso mau cristão. Porém, quanto ao artigo da fé, se eu cedesse o mais pequeno

ponto, seria negar a Jesus Cristo. Por conseguinte, não posso nem quero ceder a este respeito, e, com a graça de Deus, nunca cederei.

DE VIO (começando a encolerizar-se). "Quer tu queiras, quer não queiras, é preciso que hoje mesmo retrates este artigo, quando não, por ele só, vou rejeitar e condenar toda a tua doutrina."

LUTERO. "Eu não tenho outra vontade senão a do Senhor. Ele fará de mim o que quiser. Porém ainda que eu tivesse quatrocentas cabeças, preferiria perdê-las todas antes que retratar o testemunho que tenho dado à santa fé dos cristãos".

DE VIO. Eu não vim aqui a disputar contigo. Re-trata, ou prepara-te para sofrer as penas que tens me-recido.

Lutero, viu perfeitamente que era impossível termi-nar o assunto em uma conversação. Seu adversário estava à sua frente como se fosse o mesmo papa, e pretendia que ele aceitasse humildemente tudo o que lhe disdesse, enquanto que não ouvia suas respostas, por mais fundadas que fossem na Santa Escritura, senão levantando os ombros e manifestando com seus gestos a ironia e o desprezo. Julgou, pois que o partido mais acertado seria responder por escrito ao cardeal. Este meio, dizia ele consigo, deixa ao menos uma consolação aos oprimidos. Outros poderão

julgar do assunto, e o injusto adversário, que com seus clamores fica senhor do campo de batalha, pode ser amedrontado. +[7]

Havendo Lutero manifestado a intenção de se reti-rar, disse-lhe o legado: "Queres que te dê um salvo-conduto para Roma?"

Nada houvera sido mais agradável a Cajetan do que a aceitação daquela oferta. Ter-se-ia assim desembaraçado de uma tarefa cujas dificuldades começava a compreender; e Lutero e sua heresia teriam caído em mãos que saberiam por tudo em boa ordem. Porém o reformador, que enxergava todos os perigos, mesmo em Augsburgo, guardou-se bem de aceitar uma proposta cujo resultado seria entregá-lo, atado de pés e mãos, à vingança de seus inimigos. Rejeitou-a pois todas as vêzes, e foram muitas, que aprouve a De Vio renová-la. O legado dissimulou a contrariedade que lhe causava a negativa de Lutero; encheu-se de sua dignidade, e despediu o frade com um sorriso de compaixão, sob o qual procurava ocultar seu desapontamento, e ao mesmo tempo com a urbanidade de um um homem que espera obter melhor resultado em outra ocasião.

Quando Lutero passava pelo páteo do palácio, aproximou-se dele o italiano charlatão, mestre de cerimônias, a quem as repreensões de seu senhor haviam obrigado a sair da conferência; Contente de poder falar de Vajetan, e ardendo em desejos de confundir com [8] seus luminosos argumentos a esse abominável herege, começou a atacá-lo com seus sofismas, sem deixar de andar. Porém Lutero, aborrecido daquele ridículo personagem, respondeu-lhe com uma dessas palavras mordazes que lhe ocorriam tão a miúdo, e o pobre mestre de cerimônias, envergonhado, parou e entrou perturbado no palácio do cardeal.

Lutero nqo formou muito altá idéia de seu adver-sário. Ouviu dele, como escreveu depois a Spalatin, proposições que eram contrárias à teologia, e que em boca de outro teriam sido consideradas como arquieréticas. E, isso, De Vio era reputado como o mais sábio dos Dominicanos. O segundo depois dele era Priério. "Por aqui se pode julgar," diz Lutero, "o que deviam ser os da décima ou centésima classe!"

Poroutro lado, o porte nobre e decidido do doutorde Witemberg havia surpreendido muito o cardeal e seus cortesãos. Em lugar de um pobre frade implorando per-dão por favor, encontraram um homem livre, um cristão firme, um doutor instruido, que pedia que apoiassem com provasas injustas acusações, e que defendia vitoriosamente sua doutrina. No palácio de Cajetan todos estavam escandalizados do orgulho, da obstinação e da impudência do herege. Lutero e De Vio aprenderam a conhecer mutuamente, e ambos se preparavam para a segunda entrevista.

Uma surpresa bem agradável espera Lutero em sua volta ao convento dos Carmelitas. O vigário-geral da or-dem dos Agostinhos, seu amigo, seu pai, Staupitz, havia chegado a Augsburgo. Não tendo podido impedir que Lutero fosse àquela cidade, Staupitz dava a seu amigo um novo e afetuoso testemunho de sua amizade dirigindo-se ele mesmo para lá com a esperança de ser útil. Aquele excelente homem previa que a conferência com

O legado teria graves conseqüências. Seus temores e o amor que professava a Lutero o agitavam igualmente. Depois de uma audiência tão penosa, foi um grande alivio para o doutor o estreitar em seus braços a um amigo tão querido. Referiu-lhe como lhe havia sido impossível conseguir uma resposta que valesse alguma coisa, e como se haviam contentado com exigir dele uma re-tratação, sem terem tratado de convencê-lo. "É indispen-sável", disse Staupitz," responder ao legado por escrito". [9]

Em vista do que acabava de saber da primeira conferência, Staupitz não esperava das outras nada de bom. Resolveu-se pois a um at.o que julgou desde logo necessário; decidiu-se a desligar Lutero de obediência para com sua ordem. Staupitz considerava por este modo alcançar dois fins: se, como tudo parecia indicar Lutero sucumbisse naquele pleito, evitava que a vergonha de sua condenação manchasse a ordem; e, se o cardeal lhe mandasse obrigar Lutero ao silêncio ou à retratação, teria uma excusa para não fazê-lo. A cerimônia efetuou-com as formalidades do costume. Lutero conheceu tudo o que devia esperar dai em diante. Sua alma comoveu- se vivamente vendo rotos os laços que havia formado no entusiasmo de sua juventude. A ordem que escolhera, rejeitava-o. Seus protetores natos o abandonavam. Tornava-se desde logo estranho a seus irmãos. Contudo, ainda que estes pensamentos tivessem entristecido seu coração, recobrou toda alegria olhando para as promessas do Deus fiel, que disse: "Eu não te desampararei, eu não te abandonarei."

Quando os conselheiros do imperador fizeram saber ao legado, por intermédio do bispo de Trento, que Lutero estava munido de um salvo-conduto imperial, e que nada intentassem contra ele, De Vio enfureceu-se, e respondeu bruscamente com palavras verdadeiramente romanas: "Está bem; mas eu farei o que o papa manda." + [10] Nós sabemos o que o papa havia mandado.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Op. (L.), 17, p. 183.

[2] * Terça-feira I1 de outubro.

[3] * Lut. Op. (L.), 17, p. 180.

[4] + Assim são chamadas certas constituições dos papas, recolhidas e enxertadas no corpo do direito canônico.

[5] + Salva Scriptura.

[6] * Lut. Op. (L.), p. 180,. 183, 206, etc.

[7] + Ibid., p. 209.

[8] * Lut. Ep., 1, p. 173.

[9] * Mat., 15.

[10] Lut. Op. (L.), 17, p. 201.

CAPÍTULO VII

Segundo comparecimento — Declaração de Lutero — O legado teme as formas — Volubilidade do legado —Apreensão de Lutero.

No dia seguinte ' preparam-se, de ambas as partes, para a segunda entrevista, que parecia dever ser decisiva. Os amigos de Lutero, resolvidos a acompanhá-lo ao palácio do legado, foram ao convento dos Carmelitas. O deão de Trento, Peutinger, os dois conselheiros do imperador, e Staupitz, chegaram sucessivamente. Pouco depois o doutor teve a alegria de ver juntarem-se a eles o cavalheiro Filipe de Feilitzsch e o doutor Ruhel, conselheiros do eleitor, que haviam recebido ordem de seu amo para assistirem ás conferências e protegerem a liberdade de Lutero, e tinham chegado na véspera a Augsburgo. Eles deviam estar a seu lado, diz Matésius, como o cavaleiro de Chlum esteve ao lado de João Huss em Constança. O doutor tomou um escrivão, e, acompa-nhado de todos os seus amigos, dirigiu-se ao palácio do legado. [1]

Naquele momento Staupitz aproximou-se-lhe: conhecia toda a situação de Lutero; sabia que, se suas esperanças não 'estivessem fixas no Senhor que é a redenção, de seu povo, ele devia sucumbir. "Meu querido irmão", lhe disse com gravidade, "lembrai-vos constantemente que haveis começado estas coisas em nome do Senhor Jesus Cristo." [2]+ Desta maneira rodeava 'Deus o seu humilde servo de consolações e estímulos.

Lutero encontrou um novo adversário no palácio do cardeal: era o prior dos Dominicanos de Augsburgo, que estava sentado ao lado de seu chefe. Lutero conforme a resolução que havia tomado, tinha escrito, sua resposta. Depois das saudações do costume, leu com voz forte a declaração seguinte:

Declaro que venero a santa igreja romana, e que continuarei a venerá-la. Tenho buscado a verdade nas discussões públicas, e tudo quanto tenho dito até este momento considero ainda como justo, verdadeiro e cristão. Entretanto sou homem e posso enganar-me. Por conseguinte estou disposto a deixar-me instruir e corrigir, nas coisas em que pudesse haver errado. Declaro estar pronto a responder, de viva voz ou por escrito, a todas a objeções e a todas as censuras que possa fazer-me o senhor legado. Declaro estar pronto a submeter minhas teses às quatro universidades de Basiléia, de Friburgo em Brisgau, de Lovâ'nia e de Paris, e a retratar o que elas declararem errôneo. Em uma palavra, estou pronto a tudo o que se pode exigir de um cristão. Porém protesto solenemente contra o giro que se tem querido dar a este assunto, e contra a estranha pretensão de me constrangerem a retratar- me sem haver sido refutado. [3]°

Nada mais razoável, sem dúvida, do que estas proposições de Lutero, e elas deviam embaraçar fortemente ao juiz a quem se havia prescrito de antemão a

sentença semelhante protesto. Procurou ocultar sua perturbação afeque devia dar. O legado, que não esperava semelhante protesto, procurou ocultar sua perturbação afetando rir dele e revestindo-se da maior doçura. Esse protesto, disse ele a Lutero, sorrindo-se, "não é necessário; não quero discutir contigo nem em público nem em particular; porém proponho-me a arranjar o assunto com bondade e como um pai".

Toda a política do cardeal consistia em por de parte as formas severas da justiça que protegem aos que são perseguidos, e em tratar a coisa como um assunto de administração entre um superior e seu inferior: comada estrada, que abre à arbitrariedade o mais vasto campo.

Continuando, com a maneira a mais afável, disse De Vio: Meu caro amigo, abandona, eu te rogo, teu inútil desejo; entra primeiro em ti mesmo, reconhece a verdade, e eu estou pronto areconciliar-te comaigreja,e comosoberano bispo... Retrata,meu amigo,retrata, tal é a vontade do papa. Que tu queiras ou que não queiras, pouco importai Ser-te-ia difícil dar -coices contra o aguilhão...

Lutero, vendo-se tratado como um filho rebelde e excluído da igreja, exlamou: Não posso retratar-me; porem estou pronto a responder por escrito. Por hoje temos assas debatido. [4]°

De Vio irritou-se com esta expressão, que lhe recordava o não haver ele procedido com bastante prudência; porem, voltando a si e com o sorriso nos labias, lhe disse: Debatido!?

Meu caro filho, eu não tenho debatido contigo, nem quero tão pouco debater; mas estou pronto, por comprazer ao sereníssimo eleitor Frederico, a ouvir-te e exortar-te amigavel e paternalmente.

Lutero não compreendeu por que o legado se tinha escandalizado tanto com a expressão que havia usado; porque, imaginava ele, se eu não houvesse querido falar cortezmente, deveria ter dito, em vez de debater, disputar e altercar; pois verdadeiramente foi isto o que fizemos ultimamente.

Entretanto De Vio, que bem sabia que em presença das respeitaveis testemunhas que assistiam à conferencia era necessário ao menos aparentar que tratava de convencer Lutero, voltou às duas m proposições que havia as sinalado como erros fundamentais, inteiraente decidido deixar o reformador falar senão o menos possível

Versado em sua volubilidade italiana, o atropelava com objeções e não dava lugar ás respostas. Ora gracejava, ora repreendia, ora declamava com fervor apaixonado, fazendo uma mistura das coisas mais disparatadas; citava S. Tomaz e Aristoteles; gritava e se enfurecia contra todos os que não pensavam como ele; e apostrofava Lutero. Este por muitas vezes quis tomar a palavra, porem o legado o

interrompia no mesmo instante, e o enchia de ameaças. Retratação! retratação! eis tudo o que ele exigia; vozeava, mandava, queria falar só. [5]° Staupitz tratou de conter o legado: "Dignai-vos de permitir", lhe disse, 'que o doutor Martinho tenha tempo de responder-vos. Mas o legado recomeçou seus discursos: citou as extravagantes e as opiniões de S. Tomaz; estava decidido a perorar durante toda a entrevista. Não podendo convencer seu adver-sário, nem se atrevendo à condená-lo, queria ao menos aturdir, embrulhar.

Lutero e Staupitz viram claramente que era preciso renunciar à esperança, não só de instruir De Vio em uma discussão, mas tambem se fazer uma profissão de fé util. Lutero voltou pois à petição que havia feito no principio da audiência, a qual foi aludida então pelo cardeal. já que não se lhe permitia falar, pedia que ao menos se lhe concedesse escrever e entregar suas respostas escritas ao legado. Staupitz o apoiou; muitos outros assistentes uniram suas instâncias às dele, e Cajetan, apesar de toda a sua repugnância a escrever, porque sabia que os escritos permanècem, por fim consentiu. Assim se separaram. Estava desvanecida a esperança que tinham de concluir o assunto naquela conferência. Era preciso aguardar os resultados da seguinte.

A permissão que o geral dos Dominicanos havia dado a Lutero para tomar tempo de responder por escrito sobre as duas acusações claramente pronunciadas por ele a respeito das indulgências e da fé, não era mais do que mera .justiça; e não obstante devemos agradecer a De Vio, como uma prova de moderação e imparcialidade,

Lutero saiu do palacio do cardeal contente por ha-verem concordado com sua petição. Tanto na ida como na volta, foi o objeto da atenção pública. Todos os homens instruidos se interessavam em sua questão, como se eles mesmos houvessem de ser julgados. Conheciam que a causa que se pleiteava então em Augsburgo era a do Evangelho, da justiça e da liberdade. Somente a plebe era por Cajetan, e ele deu sem dúvida algumas provas significativas ao reformador, porque delas fala este. [6]•

Cada vez se tornava mais evidente que o legado não queria ouvir de Lutero mais do que esta palavra:

"Retrato-me"; e Lutero estava resolvido a não pronunciá-la. Qual será o resultado de uma luta tão desigual?

Como acreditar que todo o poder de Roma, em combate contra um só homem, não conseguirá esmaga-lo? Lutero veé isso, sente o peso dessa mão terrível, debaixo da qual tinha ido colocar-se; perde a esperança de voltar jamais a Witemberg, de tornar a ver seu caro Filipe, de acha-se outra vez no meio daquela generosa juventude, em cujos corações tanto se comprazia de espalhar as sementes da vida. Ve a excomunhão suspensa sobre sua cabeça, pre e não lhe resta duvida de que ela o

alcançará. [7]° Estas - visões afligem sua alma,, porem não a abatem. Sua confiança em Deus não se altera. Deus pode quebr r a o instrumento que houve por bem empregar até então; porem Ele sustentará a verdade. Aconteça o que acontecer, Lutero deve defendê-la até o fim. Pés-se logo a preparar o protesto que queria apresentar ao legado. Parece que consagrou a este trabalho uma parte do dia 13.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Quarta-feira 12 de outubro.

[2] Sec end., p. 137.

[3] * Loscher, p. 2 e 463. Lut. Op. (L.). 17, p. 181 e 209.

[4] Digladiatum, batalhado. Lut. Ep., 1, p. 181.

[5] * Lut. Op. (L.), 17. p. 181 e 209.

[6] * Lut. Op. (L.), 17, p. 186.

[7] * Lut. Op. (L.), 17, p. 185.

CAPÍTULO VIII

Teceiro comparecimento — Os merecimentos dos santos — A fé do justo — Lutero apela para a constituição —De Vio confuso — Retrata-te, ou não voltes mais.

Na sexta-feira 14 de outubro Lutem voltou ao palácio do cardeal, acompanhado dos conselheiros do eleitor. Os italianos o rodearam, como sempre, e assistiram em grande numero à conferencia. Lutero adiantou-se e apresentou ao legado o seu protesto. Os familiares do cardeal contemplavam com assombro aquele escrito, tão atrevido a seus olhos. Eis que o doutor de Witemberg declarava nele a seu amo: [1]

Vós me atacais sobre dois pontos. Incontinenti me opondes a constituição do papa Clemente VI, na qual se diz que o tesouro das indulgencias é o merecimento do Senhor Jesus Cristo e dos santos, o que eu nego nas minhas teses.

"Panormitanus" (Lutem designava com este nome a Tres, autor de famoso compendio de direito eclesiástico intitulado Panórmia; e bispo de Chartres no fim do decimo-primeiro seculo), Panormitanus declara, em seu pri meiro livro, que, no que diz respeito à santa fé, não só um concilio geral, mas qualquer fiel, é superior ao papa, se puder citar as declarações da Escritura e melhores razões que as do papa. [2]

A voz de nosso Senhor Jesus Cristo está muito acima das vozes de todos os homens, tenham eles o nome que tiverem.

O que me causa maior pena, e me dá mais que pennsar, é que essa constituição encerra doutrinas inteirame te contrárias à verdade. Ela declara que o merecimento dos santos é um tesouro, enquanto que toda a Escritura dá testemunho de que Deus recompensa muito alem do que temos merecido. O profeta exclama: "Senhor, não entres em juízo com teu servo: porque nenhum vidente se achará justo perante tua face". Por mais honrosa e digna de louvor que possa ser a vida dos homens, desgraçados deles, diz Santo Agostinho, se devessem ser julgados sem misericordial.

Por conseguinte, os santos não são salvos por seus merecimentos, mas unicamente pela misericordiaedo Deus, como tenho declarado. Sustento esta verdade, nela me mantenho firme. As palavras da Santa Escritura, que declaram que os santos não teem bastantes merecimentos, devem ser superiores às palavras dos homens que afir-mam que os teem de sobra. Porque o papa não é superior, mas inferior à Palavra de Deus.

Lutero não se contenta com isto: mostra que, se as indulgências não podem ser o merecimento dos santos, muito menos serão o merecimento de Cristo. Faz ver que as indulgências são estéreis e inúteis, pois que não tem outro efeito senão o de dispensar os homens de fazer boas obras, tais como a oração e a esmola. "Não!" exclama ele, o merecimento de Cristo não é um tesouro de indul-gencias que isenta

do bem, é sim um tesouro de graças que vivifica! O merecimento de Cristo é aplicado aoto ieis, sem indulgências e sem chaves, pelo Espírito San s6, e não pelo papal Se há alguém que não tenha opinião mais bem fundada que a minha, acrescenta ao terminar o que toca ao primeiro ponto, "que a faça conhecer,e então me retratarei". [3]

Eu tenho afirmado, 'disse chegando ao segundo ar-tigo, "que nenhum homem pode ser justificado diante de Deus senão pela fé, de maneira que é necessario que o homem creia com toda a certeza que tem obtido miseri-córdia. Duvidar desta misericórdia, é rejeitá-la. A fé do justo é sua justiça e sua vida". [4]*

Lutero prova sua proposição com uma multidão de declarações da Escritura. "Dignai-vos pois de interceder por mim junto de nosso santíssimo senhor o papa Leão X", acrescenta êle, "a fim de que não me trate com tanto desfavor... Minha alma busca a luz da verdade. Eu não sou tão orgulhoso, nemtão cobiçado de vanglória, que tenhavergonhade retratar-me, no caso de haver ensinado coisas falsas. Minha maior alegria será ver triunfar o que é segundo a palava de Deus. Só peço que não me forcem a fazer nada contra o grito de • minha consciencia".

O legado tomou a declaração das mãos de Lutero. Depois de have-la percorrido, disse-lhe friamente: Fizestes um acervo de palavras supérfluas; escrevestes uma chusma de disparates; respondestes estouvadamente aos dois artigos, e sujaste o teu papel com muitas passagens da Santa Escritura que não vêm ao caso". Depois, com modo desdenhoso, De Vio atirou para um lado o protesto de Lutero, como se não fizesse caso dele; e, recomeçando no tom que havia produzido bastante efeito na última entrevista, pós-se a gritar com todas as forças que Lutero devia retratar-se. Este permaneceu invariável. "Irmão! irmão!" exclamou então De Vio em italiano, "a última vez estiveste muito bom; porém hoje estás absolutamente mau. Em seguida o cardeal começou um longo discurso, tirado dos escritos de S. .Tomaz; exalta de novo, com todo o empenho, a constituição de Clemente VI; insiste em sustentar que, segundo a dita constituição, os merecimentos que se distribuem aos fiéis por meio das indulgências são os mesmos de Jesus Cristo. Crê haver reduzido Lutem ao silencio: este toma a palavra por varias vezes; porem De

Vio grita, troveja sem cessar, e pretende, como na antevespera, operar só sobre o campo de batalha.

Este procedimento produzira algum efeito pela pri-meira vez; porém Lutero não era homem que sofresse outro tanto na segunda. Sua indignação estalou por fim;[5]• era chegada sua vez de assombrar os espectadores, que o julgavam já vencido pela volubilidade do prelado. Ergue sua voz ressonante, aceita a objeção favorita do cardeal, e lhe faz pagar caro a temeridade de entrar em luta com ele. Retrata! retratar repetia De Vio, mostrando-lhe a constituição do papa. "Pois beml" disse Lutero, "se me podeis provar por essa constituição que o tesouro das

indulgências é o merecimento mesmo de Jesus Cristo, consinto em retratar, conforme a vontade e o gosto de Vossa Eminência..."

Os italianos, que não esperavam semelhante coisa animaram-se ouvindo estas palavras, e não podiam conter sua alegria ao verem o adversário caído por fim no laço. Quanto ao cardeal, estava como fora de si; ria às gargalhadas, porém seu riso era misturado de indignação e cólera; saltou e agarrou no livro que continha a famosa constituição; folheou e encontrou-a; e, orgulhoso da vitória que julgava segura, leu em alta voz, com todo o fervor e anhelo. Os italianos triunfavam; os conselheiros do eleitor estavam inquietos e perplexos; Lutero atendia a seu adversário.

Por fim, quando o cardeal chegou a estas palavras: O Senhor Jesus Cristo adquiriu este tesouro com seus padecimentos," Lutero o deteve, dizendo: "Digníssimo padre, considerai e meditai com atenção nesta palavra: adquiriu. [6]* Cristo adquiriu um tesouro por seus merecimentos; logo os merecimentos são são o tesouro; porque, para falar segundo os filósofos, a causa é diferente daquilo que dela deriva. Os merecimentos de Cristo adquiriam ao papa o poder de dar indulgências ao povo; porém o que a mão do pontífice distribuiu não são os mesmos merecimentos do Senhor. Assim, pois, a minha conclusão é verdadeira, e essa constituição, que invocais com tanto império, dá testemunho comigo à verdade que proclamo.

De Vio conservava ainda o livro nas mãos; . seus olhos estavam fitos na fatal passagem: nada tinha a responder. Ei-lo apanhado na mesma rede que havia estendido; e Lutero aí o retinha com vigorosa mão, dei-xando inexprimivelmente assombrados os cortezãos italianos que o rodeavam. Ainda que o legado houvesse que-rido escapar à dificuldade, não havia meio: tinha aban-donado há muito tempo os testemunhos da Escritura e dos Padres; refugiou-se na extravagante de Clemente VI, e ei-lo preso. Contudo ele era demasiado destro para deixar ver sua turbação. Querendo ocultar sua vergonha, o príncipe da igreja muda bruscamente para outros artigos. Lutero, que conheceu a hábil manobra, não lhe permitiu fugir: fechou e comprimiu por todos os lados o cerco em que tinha lançado o cardeal, tornando im-possível a evasão: "Reverendíssimo padre," disse-lhe com uma ironia revestida de todas ás aparências de respeito, "vossa eminência não pode pensar, sem dúvida, que nós os alemães não saibamos a gramática: ser um tesouro e adquirir um tesouro são coisas muito diferentes." [7]

Retrata!" lhe disse de Vio, "retrata! ou, se não o fazes, envio-te a Roma para compareceres perante os juízes que estão encarregados de tomar conhecimento dp tua causa. Eu te excomungo,ati, atodososteusseqgazes,e atodososque te são ouvierem aserfavoráveis e os lanço fora da igreja. Estou revestido, pela santa Sé Apostólica, de plenos poderes para isso. ° Pensas que teus protetores me impedirão?

Cuidas que o papa faz caso da Alemanha? O dedo mínimo do papa é mais forte do que todos os príncipes alemães. + [8]

"Tende a bondade," respondeu Lutero, "de enviar ao papa Leão X, com as minhas humildes súplicas, a resposta que vos entregarei por escrito." [9]

O legado, ao ouvir estas palavras, contente por achar um momento de descanso, revestiu-se de novo do sentimento de suadignidade, e,cheio de soberbae de cóle-ra, disse aLutero: [10]

Estas palavras impressionaram Lutero. Desta vez ele respondeu, não por discursos, mas de outro modo: in-clinou-se e saiu. Os conselheiros do eleitor o seguiram. O cardeal e seus italianos ficaram olhando uns para os outros, todos confusos do resultado do debate.

Deste modo o representante do sistema dominicano, coberto com o esplendor da púrpura romana, havia or-gulhosamente despedido a seu humilde adversário. Lu-tero, porém, sabia que há um poder, a doutrina cristã, a verdade, que não poderá ser nunca subjugada por ne-nhuma autoridade temporal ou espiritual. Dos dois combatentes, o que se retirou ficou senhor do campo de batalha.

Eis o primeiro passo pelo qual a igreja desprendeu-se do papado. Lutero e De Vio não tornaram a ver-se; porém o reformador fez no legado uma tão forte impressão, que não se apagou jamais. O que Lutero havia dito sobre a fé, e o que De Vio leu nos posteriores escritos do dou-tor de Witemberg, modificou muito os sentimentos do cardeal. Os teólogos de Roma viram com surpresa e desgosto o que ele afirmou sobre a justificação, no seu Comentário de Epístola aos Romanos. A reforma não recuou nem se retratou; porém seu juiz, aquele que não havia cessado de gritar: Retrata! mudou de idéias, e retratou indiretamente seus erros. Assim foi coroada a inal-terável fidelidade do reformador.

Lutero voltou para o convento onde havia achado hospitalidade. Manteve-se firme; deu testemunho da verdade; fez o que lhe tocava fazer: Deus fará o mais! Seu coração estava cheio de paz e alegria.

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Op. (L.), 17, p. 187.

[2] * Lut. Op. lat., 1, 209.

[3] * Salmos 143: 2, na versão de Almeida; 142: 2, na de Figueiredo. Confess., 9

[4] * Lut. Op. lat., 1, p. 211.

[5] * Lut. Ep., 1, p. 145.

[6] * Acquisivit. Lut. Ep., 1, p. 145.

[7] * Lut. Op. (L.), 17, p. 197.

[8] + Ibid, (W.), 22, p. 1331.

Revoca, aut non revertore.

[9] Ibid. (L.), 17, p. 202.

[10] "Retrata-te, ou não voltes mais." *

CAPÍTULO IX

Perigo — O cardeal e Staupitz Staupitz e Lutero — Lutero a seus amigos de Wittemberg — Comunhão em Augsburgo — Entrevista. de Link e do legado -- Lutero ao legado — Condescendência — • Silêncio do legado — Despedida de Luteró ao legado — Partida

Apelação ao .papa. Entretanto, as noticias que lhe anunciavam não eram muito satisfatórias; em toda a cidade torria o rumor de que, se não quisesse retratar-se, deviam agarrá-lo e en-cerrá-lo num calabouço. Afirmavam mais , que o mesmo Staupitz, vigário-geral da ordem, havia. consentido nisso. [1]• Lutero não pôde crer o que se dizia de seu amigo: Não! Staupitz não o atraiçoaria! Quanto abs desígnios do cardeal, a julgar-se por suai próprias palavras, quase que se não podia duvidar. Contudo, não quis fugir do perigQ; sua vida, 'asirn como , a mesma verdade, estava em mãos pdderosas; e, apesar do perigo em. que se achava, déOdiu-se a não sair de Augsburgo.

O. legado bem depressa arrependéu,sè de sua vio-lência; conheceu que havia saído de séús limites, e pro-curou tornar a entrar neles.

Apeúas Staupitz havia acabado de jantar (a entrevista teve lugar de manhã, e costumavam jantar ao meio dia, recebeu um recado do cardeal, convidando-o a que fosse a seu palácio. Staupitz imediatamente foi, acompanhado de Wenceslau Link. [2]+ O vigário-geral achou o legado só com Serra-Longa. De Vio aproximou-se logo a Staupitz, e lhe dirigiu afetuosas palavras. "Esforçai-vos pois," lhe disse, "em aconselhar e induzir o vosso frade a fazer uma retratação. Verdadeiramente estou muito satisfeito com ele, e ele não tem melhor amigo que eu."

STAUPITZ. "Já o tenho feito, e ainda outra vez o aconselharei a que se submeta com toda a humildade à igreja."

DE VIO. "É preciso que respondais aos argumentos que ele tira da Santa Escritura."

STAUPITZ. "Devo confessar-vos, Eminentíssimo Senhor, que isso está acima de minhas forças; porque o doutor Martinho tem mais talento do que eu, e mais co-nhecimento das Santas Escrituras."

Ocardeal sorriu,semdúvidaàvistadestafranquezado vigário-geral. De mais,ele mesmo bem sabia quanto era. difícil convencer a Lutero. Continuando, disse a Staupitz e a Link:

"E acaso não sabeis que, como sectários de uma doutrina herética, estais também expostos às penas da igreja?"

STAUPITZ. "Dignai-vos continuar a conferência com Lutero; estabelecei uma discussão pública sobre os pontos controversos."

DE VIO (assustado com semelhante, pensamento). "Eu não quero mais discutir com esse animal; porque ele tem na cabeça olhos penetrantes e assombrosas especulações." +[3]

Por fim, Staupitz obteve do cardeal que ele entre-gasse por escrito a Lutero o que este devia retratar.

O vigário-geral dirigiu-se dali para onde se achava Lutero. Perplexo pelas representações do cardeal, tratou de induzi-lo a alguma acomodação. "Então refutai," lhe disse Lutero, as declarações da Escritura que tenho afirmado.

"Isso é superior às minhas faculdades," disse Staupitz. "Pois bem," replicou Lutero, "é contra a minha consciência o retratar-me enquanto não me pude-rem Lxplicar essas passagens da Escritura. Como!" continuou ele, "o cardeal diz, segundo me assegurais, que quer acomodar o assunto sem que resulte para mim vergonha nem desvantagem?! Ah! tudo isso são palavras romanas, que em bom alemão significam que seria o meu opróbrio e a minha eterna ruína. Que outra coisa deve esperar aquele que, por temor dos homens e contra a voz de sua consciência, renega a verdade?" [4]°

Staupitz não insistiu; somente fez saber a Lutero que o cardeal havia consentido em entregar-lhe, por es-crito, os pontoscuja retratação solicitava. Em seguida participou-lhe, sem dúvida, sua resolução de deixar Au-gsburgo,onde nada tinha já que fazer. Lutero lhe comu-nicou um desígnio que havia formado, para consolar e fortificar suas almas. Staupitz prometeu voltar, e sepa-raram-se por pouco tempo.

Ficando só em sua cela, Lutero voltou seus pensa-mentos para seus queridos amigos. Trasladou-se mentalmente a Weimar, em Witemberg. Desejava informar ao eleitor do que se passava; e, temendo ser indiscreto dirigindo-se ao mesmo principe, escreveu a Spalatin, o capelão, suplicando-lhe que fizesse conhecer a seu amo o estado das coisas. Referiu-lhe todo o assunto, até a promessa feita pelo legado de dar por escrito os pontos controvertidos, e concluiu dizendo: Eis o estado em que a coisa se acha; porém_não tenho esperança nem confiança no legado. Eu não quero retratar nem uma só silaba. Hei de publicar a resposta que lhe entregarei, para que, se ele chegar a usar de violencia para comigo, seja coberto da vergonha em toda a cristandade' [5]°

O doutor aproveitou depois alguns momentos que ainda lhe restavam para mandar noticias a seus amigos de Witemberg.

Paz e felicidade", escreveu- ele ao doutor Carlstadt. "Aceitai estas poucas palavras como se fossemumaestiradacarta;porque o tempo e osacontecimentosme

aper-tam.Emoutra ocasião escreverei, a vós e a outros, mais extensamente. Ha tres dias que se trata do meu assunto, e as coisas tem chegado a tal ponto, que, não me deixando mais nenhuma esperança de tornar a ver-vos, só me prometem com certeza a excomunhão. O legado não quer que eu discuta de maneira alguma, nem em público nem em particular. Não quer ser para mim um juiz, diz ele, mas um pai; e entretanto não quer ouvir de mim mais do que estas palavras: "Eu me retrato, e declaro que me hei enganado". E eu não quero pronunciá-las.

Os . perigos de minha causa tornam-se maiores por que ela tem por juizes não só a inimigos implacáveis, mas a homens incapazes de compreendê-la.. Mas, não obstante isso, o Senhor Deus vive e reina: é à sua proteção que eu me recomendo, e não duvido que, acedendo às orações de algumas almas piedosas, Ele me' enviará auxilios• creio sentir que velam por mim.

Ou voltarei para junto de vós sem lesão, ou, ao con-trário, ferido de excomunhão, terei que buscar refugio em outra parte. Seja como for, comportai-vos animosamente, perseverai firmes, e exaltai a Cristo intrepida e alegremente...

"O cardeal me chama sempre seu caro filho. Mas eu sei. o que significa isto. Entretanto estou persuadido que eu [6]• Seria. -para ele ci homem mais agradavel e Mais caro se quisesse pronunciar "somente esta palavra:. Rëi.soco, isto é, retrato-me. Porem eu não me converterei em herege retratando a fé que me tem feito cristão. Antes desejo ser expulso, maldito, queimado, morto...

"Passai bem, meu querido doutor, e mostrai esta carta a nossos teologos, a Amsdorff, a Filipe,. a Otten, . e aos mais, a fim de que todos rogueis por mim, e igualmente por vós; porque é tambem vossa a causa de que aqui se trata.. E a causa da fé no Senhor Jesus Cristo, e da graça de Deus". [7]

"A fé no Senhor Jesus Cristo é a nossa causal" Que doce pensamento! Como ele enche sempre de consolação e de paz aos que têm dado testemunho a Jesus Cristo, à sua divindade e à sua graça, quando o mundo faz chover sobre eles por toda a parte seus juizos, suas exclusões e seu desfavor! E quanta doçura, tambem, nesta convicção que manifesta o reformador: "Creiosentir que rogam por mim!" A reforma foi a obra daoração e da piedade. A luta de Lutero e de Cajetan foi a do elemento religioso, que reaparecia cheio de vida, contra os restos moribundos da loquaz dialética da idade média.

Desta maneira se entretinha Lutero com seus amigos ausentes. Staupitz não tardou em voltar: o doutor Ruhel e o cavaleiro de Feilitzsch, ambos enviados do eleitor, che-garam tambem ao convento, depois de se haverem des-pedido do cardeal. Alguns outros amigos do Evangelho se reuniram a eles. Lutero, vendo assim congregados aqueles homens generosos, próximos a se dispersarem e dos quais ele mesmo ia talvez separar-se para sempre, lhes propôs celebrarem, todos juntos, a

ceia do Senhor. Aceitaram; e aquele pequeno rebanho de fieis participou do sacramento 'do corpo e do sangue de Jesus Cristo. [8]

Que sentimentos enchiam os corações daqueles amigos do re-formador no momento em que, celebrando com ele a eu-caristia, pensavam que era talvez a ultima ocasião em que lhes fosse permitido faze-lol Que alegria e amor animavam o coração de Lutero vendo-se recebido por seu Di-vino Mestre, com tanta liberalidade, no momento em que os homens o repeliam! Quão solene devia ser aquela ceia! Quão santa aquela noite!

No dia seguinte [9]+ Lutero esperava os artigos que o legado devia enviar-lhe. Porem, não recebendo dele participação alguma, pedia a seu amigo o doutor Wenceslau Link que fosse ao palacio do cardeal. De Vio recebeu a Link da maneira a mais afavel, e assegurou-lhe que queria proCeder amigavelmente. "Ja não considero", disse ele, o doutor Martinho Lutem como herege.

Não quero ainda por esta vez excomunga-lo, a não ser que me ve-nham outras ordens de Roma. Enviei por um expresso a sua resposta ao papa. Depois, para dar provas de suas boas disposições, acrescentou: Se o doutor Lutero quisesse retratar somente o que diz respeito às indulgencias, o assunto seria sem demora concluído; pois, pelo que toca à fé e aos sacramentos, são artigos que cada um pode interpretar e entender a seu modo". Spala'tin, que refere estas palavras, faz esta maliciosa porem justa observação: "Segue-se evidentemente daí, que Roma busca antes o dinheiro do que a santa fé e a salvação das almas.

Link voltou à cela de Lutero onde encontrou Staupitz, e lhes deu conta de sua visita. Quando falou da con-cessão inesperada do legado, disse Staupitz: "Houvera bem valido a pena que o doutor Wenceslau tivesse tido con-sigo testemunhas e um notário para pôr por escrito essas palavras; porque uma tal declaração, se chegasse a ser conhecida, causaria grande prejuízo aos romanos".

Porem, quanto mais suaves eram as palavras do prelado, tanto menos se fiavam nele os honrados germanos. Muitos dos homens de bem, aos quais Lutero havia sido recomendado, reuniram-se em conselho. "O legado", disseram, "prepara alguma desgraça por esse correio de que fala, e é muito de temer que sejais todos agarrados e encarcerados".[10]

Staupitz e Wenceslau decidiram-se, pois, a deixar a cidade, abraçaram Lutero, que persistia em querer ficar em Augsburgo, e sairam apressadamente, por dois caminhos diferentes, para irem a Nuremberg, levando consigo vivas inquietações sobre a sorte do corajoso testemunho que deixavam atrás.

O domingo passou-se tranquilamente. Lutero esperava uma mensagem do legado, porem em vão: este não lhe mandou dizer nada. Resolveu por fim escrever-lhe. Staupitz e Link, antes de partir, lhe haviam suplicado que mostrasse ao cardeal

toda a condescendência possível. Lutero não havia ainda experimentado Roma e seus. enviados: era seu primeiro ensaio. Se a condescendência não sortisse efeito, ficaria advertido para outra vez. Ao menos agora deve fazer a prova. Pelo que toca a si mesmo, não ha dia em que não se repreenda e gema pela facilidade com que se deixa arrastar a expressões fortes: e por que deixará de confessar ao cardeal o que todos os dias confessa a Deus? Lutero tinha, por outro lado, um coração fácil de abrandar-se e que não suspeitava o mal. Tomou pois a pena, e, com o sentimento do mais respeitoso afeto, escreveu ao cardeal o seguinte: e

Digníssimo padre em Deus, venho ainda uma vez, não de viva voz, mas por escrito, suplicar, por vossa bondade paternal, que me escuteis com benevolência. O reverendo doutor Staupitz, meu carissimo pai em Cristo, me tem exortado a humilhar-me, a renunciar a meu próprio sentimento, e a submeter minha opinião ao juizo dos homens piedosos e imparciais. Ele tem elogiado tambem a vossa bondade paternal, e me tem convencido inteiramente dos favoraveis sentimentos de que vós estais animado a meu respeito. Esta noticia me tem enchido de alegria.

"Agora, pois, dignissimo padre, eu confesso como já anteriormente o fiz, que não hei mostrado, segundo dizem, bastante modestia, bastante doçura, nem bastante respeita ao nome do soberano pontifice; e, bem que eu haja sido fortemente provocado, compreendo que seria muito melhor para mim o tratar do assunto com mais humildade, mansidão e acatamento, e "não responder ao louco segundo sua loucura; para que tambem me não fizesse semelhante a ele. Prov. 26:4.

Isto me aflige fortemente, epeçoperdão.Quero, doalto do púlpito, manifestar estascoisas ao povo, como por outros motivos ja o tenho muitas vezes feito. Quero aplicar-me, com a graça de Deus, a falar melhor. Ainda mais: estou pronto a prometer, sem que me peçam, não dizer uma só palavra sobre o assunto das indulgencias, se este ponto está arranjado. Mas, tambem, que aqueles que me hão forçadó .a tratar dele se obriguem, por sua parte, a moderarem-se daqui em diante em seus discursos, ou a calarem-se.

Quanto ao que pertence à verdade de minha doutrina, a autoridade de S. Tomaz e de outros doutores não me pode satisfazer. É preciso que eu ouça, se sou digno disso, a voz da esposa, que é a igreja; porque é certo que ela ouve a voz do Esposo, que é Cristo.

Rogo, pois, com toda a humildade e submissão, a vosso paternal amor, a graça de transmitir toda esta ma-teria, tão incerta até hoje, a nosso santissimo senhor Leão X, a fim de que a igreja decida, pronuncie, ordene, e que eu possa retratar-me com boa consciência, ou crer com sinceridade. [11]°

Lendo-se esta carta apresenta-se naturalmente uma reflexão. Vê-se que Lutero não procedia em consequência de um sistema formado de antemão, mas unicamente

em virtude de convicções araigadas sucessivamente em seu espirito e em seu coração. Bem longe de haver nela uma regra fixa, uma oposição calculada, achava-se às vezes, sem sabe-lo, em contradição consigo mesmo. Não obstante, reinavam em seu espirito convicções antigas, bem que outras contrárias houvessem já tomado lugar nele. E, é nestas provas de sinceridade e de verdade que se tem ido buscar armas contra a reforma; e porque ela tem seguido a lei obrigatória do progresso, imposta em todas as coisas ao espírito humano, escreveram a história de suas variações; e, nos mesmos rasgos que mostram sua sinceridade e que por conseguinte a tornam honrosa, um dos mais eminentes genios do cristianismo foi encontrar suas mais fortes objeções! [12]+ Incompreensiveis aberrações do espirito humano!

Lutero não recebeu resposta de sua carta. Cajetan e seus cortezãós, depois de tanto se haverem agitado, tornaram-se repentinamente imoveis. Qual poderia ser a razão? Seria acaso a calma que precede a tempestade? Alguns são da opinião de Palavicini, que diz: "O cardeal julgava que o orgulhoso frade, à maneira de um fole entumescido, perderia pouco a .pouco o ar de que estava cheio e ficaria inteiramente humilde". [13]

Outros, que pensavam conhecer melhor o manejo de Roma, acreditavam estar seguros de que o legado queria apoderar-se de Lutaro, porem que, não se atrevendo a chegar a tal extremo por sua propria autoridade, em razão do salvo-conduto imperial, esperava de Roma a resposta à sua mensagem. Outros, finalmente, não podiam admitir que o cardeal quisesse esperar tanto tempo. OimperadorMaximiliano, diziameles, eisto poderiamuito bem ser a verdade, não terá mais escrupulo em entregar Lutero ao juizo da igreja, apesar do salvo-conduto, do que teve Sigismundo em entregar Huss ao concilio de Constança. O legado estava talvez agora em negociações com o imperador. A autorização de Maximiliano podiá chegar por momentos. Se antes mostrava ele tanta oposição ao papa, presentemente, e até que' a coroa imperial cingisse a cabeça de seu neto, parecia querer adula-lo. Não havia instante a perder. "Preparai' , disseram a Lutero os homens generosos que o rodeavam, "preparai uma apelação ao papa, e saí de Augsburgo sem demora.

Lutero, cuja presença naquela cidade era já inteiramente inútil havia quatro dias, e que tinha sobejamente mostrado, ficando ali depois da partida dos conselheiros saxônios enviados pelo eleitor para velarem sobre sua segurança, que nada temia e que estava pronto a responder a tudo, cedeu por fím aos conselhos de seus amigos. Porem primeiramente quis informar a De Vio a sua resolução; escreveu-lhe na terça-feira, vespera da partida. Esta segunda carta é mais positiva que a primeira. Parece que Lutero; vendo que todas as suas condescendências eram vãs, queria levantar a cabeça, possuído do sentimento de seu direito e da injustiça de seus inimigos.

Dignissimo padre em Deus, escreveu a De Vio, `vossa paternal bondade tem visto, sim, digo eu, e suficien-temente reconhecido minha obediência. Empreendi uma viagem tão longa, rodeado de grandes perigos, com o corpo excessivamente debilitado, e apesar de minha ex-trema pobreza, em cumprimento da ordem de nosso san-tissimo senhor Leão X, e compareci em pessoa diante de vossa eminência; por fim, lancei-me aos pés de sua san-tidade, e estou esperando o que houver por bem resolver, disposto a aceitar sua sentença, quer me condene, quer me justifique. .Tenho pois a convicção de não omitir nada do que convem a um filho obediente à igreja.

Por conseg"inte, julgo não dever prolongar aqui inu-tilmente a minha residencia; por outra parte ser-me-ia isso impossivel: estou falto de recursos; e vossa bondade paternal me ordenou, em alta voz, que não aparecesse mais à sua vista, se não queria retratar-me.

"Assim, parto, em nome do Senhor, em busca de um asilo onde, se me fôr possível, possa viver em paz.. Vários personagens, de mais valor que eu, me hão aconselhado a apelar de vossa bondade paternal, e ainda de nosso santíssimo senhor Leão X, mal informado, ao mesmo, melhor informado. Posto que eu saiba que esta apelação será muito mais agradável a nosso sereníssimo eleitor do que uma retratação, contudo, se eu consultasse só a mim mes-mo, não a teria feito... Não tenho cometido falta, e por conseguinte nada devo temer."

Lutero, havendo escrito esta carta,, que não foi entregue ao legado senão depois de sua partida, dispôs-se a deixar Augsburgo. Deus o havia guardado ali até então, e seu coração louvava ao Senhor por isso; mas não devia tentar a Deus. Apraçou seus amigos, Peutinger, Langemantel, os Adelman, Auerbach, e o prior dos Carmelitas, que lhe havia dado uma hospitalidade tão cristã. Na quarta-feira, antes de amanhecer, estava já levantado e pronto a partir. Seus amigos lhe haviam recomendado que tomasse precauções, por temer de que, sabendo-se o seu projeto, lhe pussessem obstáculo. Seguiu aqueles conselhos o quanto pôde. Um cavalinho, que Staupitz lhe havia deixado, foi levado à porta do convento. Tornou a despedir-se dos irmãos; depois montou e partiu sem que tivesse rédeas para seu cavalo, sem botas, sem esporas e sem armas.

O juiz da cidade lhe deu para o acompanhar um oficial de justiça, a cavalo, que conhecia o caminho. Este guia o conduziu, no meio da obscuridade, pelas silenciosas ruas de Augsburgo. Dirigiram-se para um postigo feito na muralha da cidade.' Langemantel, um dos conselheiros, dera ordem para que lhe fosse ele aberto. Não obstante, achava-se em poder do legado. A mão de Roma podia ainda estender-se sobre ele. Sem dúvida que os italianos, se houvessem sabido que sua presa lhes escapava, soltariam gritos de furor. Quem sabe se o intrépido adversário de Roma não será ainda agarrado e metido num calabouço! Lutero e seu companheiro

chegaram finalmente ao postigo, e sairam por ele. Estando já fora de Augsburgo, puseram imediatamente os cavalos a galope, e afastaram-se com toda a velocidade.

Lutero, ao partir, deixara em poder do prior de Pomesaw a apelação ao papa. Seus amigos não quiseram que ela fosse entregue ao legado. O prior ficou incumbido de fazê-la afixar, dois ou três dias depois da saída do doutor, na porta da catedral, em presença de um notário e testemunhas, o que se efetuou.

Lutero declarava, naquele escrito, que apelava do san-tíssimo papa, mal informado, para o santíssimo senhor e padre em Cristo, Leão X de nome, pela graça de Deus, melhor informado. [14]* Aquela apelação havia sido redigida no estilo e formas devidas, com intervenção do notário imperial Call de Herbrachtingen, e em presença de dois frades Agostinhos, Bartolomeu Utzmair e Wenzel Steinbies. Estava datada de 16 de outubro.

Quando o cardeal soube da partida de Lutero, ficou assombrado; e, segundo se afirma, em uma carta ao eleitor, irritou-se e enfureceu-se. Com efeito havia motivo para irritar-se. Aquela partida, que tão bruscamente punha fim a todas as negociações, frustrava as esperanças de que por tanto tempo se havia lisonjeado o seu orgulho. Ele ambicionava a honra de curar as chagas da igreja, e de restabelecer na Alemanha a vacilante influência do papa, e não só escapava-se-lhe o herege sem ser castigado, mas sem que ele houvesse conseguido humilhá-lo. A conferência não tinha servido senão para mostrar com toda a evidência,, por um lado, a sinceridade, retidão e firmeza de Lutero, e, por outro, a imperiosa e desarrazoada conduta do papa e de seu embaixador. Visto- que Roma nada ganhou nela, devia necessariamente perder; sua autoridade, não havendo sido firmada, teve de sofrer nova derrota. O que iriam dizer no legado, e atribuiriam à sua inaptidão o mau resultado do negócio. Serra-Longa e os italianos, hábeis, estavam furiosos de se verem burlados por um fra que se julgavam tão breve exalar a cólera na carta que escreveu ao leitor.fra-de alemão.

De Vio tinha trabalho em ocultar sua irritação. Semelhante afronta pedia vingança; e nós o veremos em Vaticano? Que mensagens deveriam chegar a Roma? Des-conheceriam, sem dúvida, as dificuldades da situação do

---

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lat. Op. (I...), 17, p. 210. p. 204.

[2] * Lut. Op. (L.), 17, p. 185.

[3] Miconius, p. 33,

[4] * Lut. Op., 17, p. 240.

[5] * Lut. Ep., 1, p. 149.

[6] • Lut. Ep., p. 158.

[7] * Lut. Op. (L.), 17, p. 178.

[8] Sábado, 15 de outubro. Lut.

[9] Op. (L.), 17, p. 182.

[10] * A carta está datada de 17 de outubro.

[11] * Lut. Op. (L.), p. 198.

[12] + História das variações, de Bossuet. Livro 1, p. 25, etc.

[13] * P. 40. -- 410 –

[14] * Melius informandum. Lut. Op. lat., 1, p. 219.

CAPÍTULO X

Fuga de Lutero — A Alemanha vingada — Volta a Witemberg — O legado ao eleitor — Lutero ao eleitor — Ele escolhe o desterro — O eleitor o protege.

Lutero continuava, com seu guia, a fugir para longe de Augsburgo. Forçava o cavalo, e o fazia andar. Lembrava-se da fuga real ou suposta de João Huss, da maneira pela qual ó alcançaram, e da asserção de seus adversá-rios, que pretenderam que, havendo Huss, com aquela fuga, anulado o salvo-conduto do imperador, tinham o direito de condená-lo às chamas. Porém aquelas inquietações mo-lestaram só superficialmente o coração de Lutero. [1] Fora da cidade onde havia passado dez dias debaixo do terrível poder de Roma, que tinhajáesmagado tantosmilharesde testemunhasdaverdade e feito correr emredor de si tanto sangue, sentindo-se agora livre, respirando o ar puro dos campos, atravessando povoações e planícies, e vendo-se tão admiravelmente libertado pelo braço do Senhor, toda a sua alma rendia graças ao Eterno. Com toda sinceridade podia então dizer: Como ave, nossa alma escapou do laço dos passarinheiros: quebrou-se o laço, e nós escapamos. Nossa ajuda é. em nome de Jeová, que fez o céu e a terra. [2]*

O coração de Lutero achava-se, cheio de alegria. Porém seus pensamentos voltavam-se também para De Vio: "O cardeal," disse ele consigo, "houvera querido ter-me em seu poder, e enviar-me a Roma. Sem dúvida está pesaroso de que eu me haja escapado. Afigurava-se-lhe que era meu senhor em Augsburgo; acreditava ter-me em suas mãos: porém tinha a enguia pela cauda. Não é uma vergonha que esses sujeitos me avaliem por tão alto preço? Dariam muitas moedas de ouro para terem-me entre eles, enquanto que Nosso Senhor Jesus Cristo foi vendido apenas por trinta moedas de prata." [3]

Lutero caminhou quatorze léguas naquele primeiro dia. À tarde, quando chegou à pousada onde pretendia passar a noite, estava tão fatigado (seu cavalo tinha trote mui duro, diz-nos um historiador), que, apeando-se não se pôde suster em pé, e estendeu-se sobre a palha. Entretanto des-frutou algum repouso. No dia seguinte continuou a via-gem. Em Nuremberg encontrou a Staupitz, que visitava os conventos de sua ordem. Foi naquela cidade que viu pela primeira vez o breve que o papa tinha enviado a Cajetan a seu respeito. Ficou indignado quando o leu; é muito provável que, se o tivesse visto antes de sua partida de Witemberg, não teria jamais comparecido ante o cardeal. "É impossível acreditar," disse ele, "que uma coisa tão mons-truosa emane de um soberano pontífice."

Por todo o caminho Lutero era o objeto do interesse geral. Em nada havia cedido. Uma vitória semelhante, conseguida por um pobre frade sobre um representante de Roma, [4]• enchia_de admiração todos os corações. A Alemanha parecia vingada dos desprezos da Itália. A palavra eterna foi mais honrada do que a do papa. Aquele

vasto poder, que desde tantos séculos dominava o mundo, sofreu formidável derrota. A marcha de Lutero foi um triunfo. Gloriavam-se da obstinação de Roma, esperando que ela causaria sua ruína. Se Roma não tivesse querido conservar lucros vergonhosos, se houvesse tido bastante prudência para não desprezar os alemães, se houvesse reformado os intoleráveis abusos, talvez que, segundo as vistas humanas, tudo fosse continuado nesse estado de letargia do qual Lutero havia despertado. Porém o papado não quis ceder; e o doutor viu-se obrigado a descobrir aqueles e outros erros, e a avançar no conhecimento e na manifestação da verdade.

Lutero chegou a 26 de outubro a Graefenthal, situada na extremidade das florestas da Turíngia. Ali encontrou o conde Alberto de Mansfeld, o mesmo que lhe havia tão fortemente dissuadido de que fosse aAugsburgo. Oconde riu-se muito ao ver suasingular equipagem. Abraçou-o, e o obrigou a ser seu hóspede. Pouco depois Lutero seguiu seu caminho.

Apressava-se, com o desejo de estar em Witemberg a 31 de outubro, julgando que o eleitor se acharia ali para a festa de todos os santos, e que o poderia ver. O breve que havia lido em Nuremberg lhe fez ver todo o perigo de sua situação. Com efeito, condenado já em Roma, não podia mais ter esperança de permanecer em Witemberg, nem de conseguir refúgio em convento algum, nem de encontrar em nenhuma outra parte, segurança e paz. A proteção do eleitor poderia talvez defendê-lo; porém não estava seguro dela. Não podia esperar mais nada dos dois amigos que teve até então na côrte daquele príncipe. Staupitz havia perdido o favor de que gozou por tão longo tempo e se retirara da Saxônia; e Spalatin, ainda que amado de Frederico, não tinha muita influência sobre ele.

O mesmo eleitor não conhecia bastante a doutrina do Evangelho para «pôr-se, por ela, a perigos manifestos. Apesar de tudo, Lutero julgou que o melhor que podia fazer era voltar a Witemberg, a esperar ali o que o Deus eterno e misericordioso determinasse a seu respeito. Se, como pensavam muitos, o deixassem tranqüilo, queria consagrar-se inteiramente ao estudo e ao ensino da juventude.

Lutero esteve de volta em Witemberg a 30 de outu-bro; porém inutilmente se havia apressado. Nem o eleitor, nem Spalatin tinham vindo à festa. Seus amigos se alegraram por tornar a vé-Io entre eles. [5]

No mesmo dia da chegada teve o cuidado de escrever a Spalatin: Tornei a vir hoje a Witemberg são e salvo, pela graça de Deus, porém ignoro quanto tempo estarei aqui... Estou cheio de alegria e de paz, de sorte que muito me admiro de que a prova que sofro possa parecer tão grande a tão altas personagens.

De Vio não esperou muito tempo, depois da partida de Lutero, para manifestar ao eleitor toda a sua indignação. Sua carta respira vingança. Dá conta da conferência a Frederico, com um ar de confiança: Visto que o irmão Martinho," disse

ele ao terminar, "não pode ser levado, por meios paternais, a reconhecer seu erro, e a permanecer fiel à igreja católica, rogo a Vossa Alteza que o envie a Roma, ou o lance fora de seus estados. Convém que saibais que este assunto difícil, mau e cheio de veneno, não pode já durar muito tempo; porque, logo que eu faça conhecer a nosso santíssimo senhor tanta astúcia e malícia, imediatamente dará fim a ele. Em um post-scriptum, de sua própria letra, o cardeal recomendava ao eleitor que não manchasse vergonhosamente sua honra e a de seus ilustres antepassados por causa de um miserável frade. [6]+

Nunca sentiu, talvez, a alma de Lutero mais nobre in-dignação que quando leu a copia daquela carta, que o eleitor lhe enviou. A consideração dos padecimentos que estava destinado a sofrer, o preço da verdade pela qual combatia, e o desprezo que lhe inspirava o procedimento do legado de Roma,enchiamseucoração ao mesmo tem= po. Suaresposta, escrita nesta agitação d'alma, mostra o valor, a elevação e a fé que se encontram sempre nele nas épocas mais difíceis da vida. Dá conta, por sua vez, da conferência de Augsburgo; expõe em seguida o procedimento do cardeal, e depois continua assim: Se eu fosse o eleitor responderia ao legado:

Prova que falas com ciência," lhe diria; "que ponham por escrito todo o assunto: então eu enviarei o frade Martinho a Roma, ou por minha ordem será apreendido e morto. Eu terei cuidado de minha consciência e de minha honra, e não permitirei que seja manchada a minha glória. Porém, enquanto tua ciência certa fugir da luz e só se der a conhecer com clamores, eu não posso orer' nas trevas. Ë desta maneira que eu quisera responder, Excelen-tíssimo Príncipe.

Que o reverendo legado, ou o mesmo papa, especi-fiquem por escrito meus erros; que exponham suas razões; que me instruam, a mim que desejo ser instruído, que o peço, quero, e espero com tanta instância que um Turco mesmo não se negaria a fazê-lo. Se eu não me retratar, e não me sentenciar a mim mesmo, logo que me houverem provado que aspassagensque tenhocitado devemsercompreendidasdiversamente do queeuastenho compreendido então, oh Excelentíssimo Eleitor, que Vossa Alteza seja o primeiro a perseguir-me e a lançar-me fora de seus estados; que a universidade me repila e me oprima com sua ira... Ainda mais, e tomo o céu e a terra por testemunhas, que o Senhor Jesus Cristo me rejeite e me condenei... As palavras que eu digo não são inspiradas por uma vã presunção, mas por indestrutível convicção. Quero que o Senhor Deus me retire sua graça, e que toda a criatura de Deus me negue seu favor, se, quando me mostrarem doutrina melhor, eu não a abraçar.

Se me desprezam demasiado por causa da humildade de meu estado, a rttim, pobre e débil frade mendicante, e se não querem instruir-me no caminho da verdade, suplique Vossa Alteza ao legado que lhe indique por' escrito em que tenho eu errado; e, se negarem este favor a Vossa Alteza mesmo, que escrevam sua opinião à Sua

Majestade Imperial, ou a algum arcebispo da Alemanha. O que devo ou posso eu dizer mais Vossa Alteza ouça a voz de 'sua consciência e de sua honra, e não me envie a Roma; porque é impossivel que eu possa' estar com segurança ali, pois que o mesmo papa não o está. Homem nenhum pode exigir semelhante coisa de Vossa Alteza; isso seria mandar-vos que .vendesse o sangue de um cristão. Eles têm papel, penas e tinta; e têm também notários- em número infinito. Ser-lhe-ia muito fácil escrever em que e por que tenho eu errado. Estando eu ausente, custará menos instruirem-me por escrito, do que imolarem-me com astúcia achando-me presente.

Eu me resigno ao desterro. Meus adversários me preparam lagos por toda a parte, de sorte que não posso viver seguro em lugar nenhum. Para que não vos venha nenhum mal por minha causa, abandono, em nome de Deus, vossos estados. Vou para onde o Eterno e misericordioso Deus quer levar-me. Que faça de mim o que for de sua vontade!

"Assim pois, Sereníssimo Eleitor, vos saúdo com vene-ração; vos recomendo ao Deus Eterno, e vos rendo incessantes ações de graças por todos os benefícios que me haveis dispensado. Qualquer que seja o povo no meio de quem eu fixe minha futura residência, me recordarei eternamente de vós, e, cheio de gratidão, rogarei continuamente por vossa felicidade e pela dos vossos [7]° ... Estou ainda, graças a Deus, cheio de alegria, e bendigo ao Senhor porque Cristo, seu Filho, me julga digno de sofrer por uma causa tão santa. Que Ele guarde sempre a vossa ilustre Alteza! Amém."

Esta carta, tão cheia de verdade, fez profunda impressão no eleitor. "Foi comovido por uma eloqüente carta," diz Maimburgo. O eleitor nunca pensou em entregar um inocente ao poder de Roma; talvez houvesse convidado Lutero a permanecer algum tempo oculto; porém não quis, nem mesmo aparentemente, mostrar que cedia de modo algum às ameaças do legado. Escreveu a seu conselheiro Pfefinger, que se achava junto do imperador, que fizesse conhecer ao dito príncipe o verdadeiro estado das coisas, e lhe suplicasse que escrevesse à Roma para terminar aquele assunto, ou, ao menos, para o fazer julgar na -Alemanha por juízes imparciais.

Alguns dias depois, o eleitor respondeu ao legado: "Visto que o doutor Martinho já compareceu perante vósemAugsburgo, deveisestar satisfeito. Nósnão esperávamosque, sem havê-lo convencido, pretendesseis obrigá-lo retratar-se. Nenhum dos sábios que se acham em nossos principados nos tem dito que a doutrina de Martinho fosímpia, anti-cristã e herética." O príncipe recusa, em seguida, enviar Lutero a Roma e afastá-lo de seus estados. [8]

Esta carta, que foi comunicada a Lutero, o encheu de contentamento. "Bom Deus!" escreveu ele a Spalatin, com que prazer eu a tenho lido e relido! Sei quanta

confiança se pode ternestaspalavras,cheiasao mesmo tempo de umaforçae modéstiatão admiráveis!

Temo que os romanos não compreendam tudo o que elas significam; porém compreenderão, ao menos, que aquilo que julgavam já concluído não está nem ainda começado. Dignai-vos apresentar ao príncipe minhas ações de graça. É singular que aquele (DeVio) queaindahápoucotempo erafrade mendicante comoeu,não tenhareceio de dirigir-se sem respeito aos mais poderosos príncipes, interpelá-los, ameaçá-los, ordenar-lhes e tratá-los com tão incrível orgulho! Que aprenda que o poder temporal é de Deus, e que não é permitido tratar com desprezo a glória. [9]*

O que sem dúvida animou Frederico a responder ao legado em um tom que este não esperava, foi uma carta que a universidade de Witemberg lhe havia dirigido. Ela tinha boas razões para pronunciar-se em favor do doutor; porque cada dia tornava-se mais florescente, e eclipsava todas as outras escolas. De todos os pontos da Alemanha corriam para ela estudantes em grande número, a fim de ouvirem aquele homem extraordinrio, cujas preleções pareciam assinalar à religião e. à ciência uma nova era. Os jovens, vindos de todas as províncias, ficavam parados assim que avistavam de longe as torres de Witemberg; levantavam então suas mãos para o céu, e louvavam ao Senhor, porque Ele fazia brilhar a luz da verdade, como noutro tempo em Sião, e a enviava até aos mais remotos países. + Uma vida e uma atividade desconhecidas até então animavam a .universidade. "Aqui excitam-se ao estudo como as formigas," escrevia Lutem. [10]+

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Weissmann, Hist. Ecl., 1, p. 1237,

[2] * Salmo 124:7 e 8, (123:7, 8, em Figueiredo.)

[3] * Lut. Op. (L.), 17, p. 202.

[4] + Lut. Ep., 1, p. 166.

[5] * Lut. Op. (L.), 17.

[6] * Ibid., p. 203.

[7] Lut. Ep., 1, p. 187.

[8] Lut. Qp. (L.), 17, p. 244.

[9] * Lut. Ep., 1, p. 198. Seultet. Annal., p. 17.

[10] * Lut. Ep., 1, p. 193. •

CAPÍTULO XI

Lutero prepara-se para partir — A França — Refeição de despedida — Momendo crítico — Coragem de Lutero — Bula em favor das indulgências — Apelação para um concílio geral — Nova fase.

Lutero, considerando que podia ser expelido subitamente da Alemanha, t•cupavaziê, da publicação das atas das conferências de Augsburgo. • Queria qúe.elas ficassem como testemunho da luta entre Roma e de. Via a tempestade quase a estalar, porém não a tefflia. Esperava a cada momento as maldições de Roma, e dispunha e ordena0fiudo, afim de estar aparelhado quando elas chegassem. "Havendo arregaçado meu hábito e apertado meu cordão", dizia ele, "estou pronto a partir como Abraão, sem saber aonde irei, ou antes sabendo-o perfeitamente, pois que Deus está em toda a parte". [1]* Tinha a intenção de deixar uma carta de despedida. "Em tal caso tende ânimo", escrevia ele a Spalatin, "para ler a carta de um homem maldito e excomungado". Seus amigos,-esivam muito aflitos e temerosos por ele. Suplicavam-file que se constituísse prisioneiro em poder do eleitor, a fim de que aquele príncipe o fizesse guardar em algum lugar seguro.

Seus inimigos não podiam compreender o que lhe inspirava tanta confiança. Um dia conversavam a respeito dele na côrte. do bispo de Brandeburgo, e perguntavam em que apoio podia ele fundar-se. "Em Erasmo", diziam alguns; "é em Capiton e em diversos homens sábios que ele confia", diziam outros. "Não, não", respondeu o bispo, o papa inquietar-se-ia bem pouco com essa gente. É na universidade de Witemberg e no duque de Saxonia que ele descansa... Desta maneira uns e outros ignoravam qual o castelo em que se refugiara o reformador. [2]

Osprojetosdepartidaapresentavam-se ao espírito de Lutero. Nãoerao temordosperigos que os sugeria, era a previsão dos obstáculos interminaveis que a livre profissão da verdade encontraria na Alemanha. Se permaneço aqui", dizia ele, "tirar-me-ão a liberdade de dizer e escrever muitas coisas. Se me ausento, desafogarei livremente os pensamentos de meu coração, e oferecerei minha vida a Jesus Cristo.

A França era o país onde Lutero esperava poder anunciar a verdade sem obstáculos. A liberdade de que gozavam os doutores e a universidade de Paris lhe pa-recia digna de ser desejada. Estava, por outro lado, de acordo com eles sobre muitos pontos. O que teria suce-dido se tivesse passado Witemberg para França? Ter-se-ia estabelecido a reforma ali como na Alemanha? O poder de Roma haveria sido derribado do trono naquela França que estava destinada a ver combater em seu seio, por largo tempo, os princípios hierárquicos de Roma e os ruino-sos princípios de uma filosofia irreligiosa, tornado-se aquela nação o grande foco de luz evangélica?

É inútil fazer sobre isto vãs suposições; porém talvez que Lutero, em Paris, houvesse produzido alguma transformação nos destinos da Europa e da França. [3]

A alma de Lutero estava vivamente agitada. Ele pregava muitas vezes na igreja da cidade, em lugar de Simão

HeyensPontanus, pastor de Witemberg, que estava quase sempre enfermo. Julgou dever, em todo o caso, despedir-se daquele povo a quem havia anunciado com frequência a salvação eterna. -Sou um pregador pouco estável, muito incerto", disse um dia no púlpito. "Quantas vezes não tenho partido de repente sem despedir-une de vós?! Se tal ocorrência tornar a apresentar-se ainda, e que eu não haja de voltar, recebei agora a minha despedida". Depois, havendo acrescentado algumas outras palavras concluiu di-zendo, com moderação e doçura: "Advirto-vos por fim, que não vos deixeis amedrontar se desencadearem com fúria sobre mim as censuras papais. Não o imputeis ao papa, e não desejeis mal nem a ele nem a outro mortal: mas entregai todas as coisas a Deus. [4]°

Pareceu por fim chegado o momento. O príncipe fez saber a Lutero que desejava que ele se ausentasse de Witemberg. Os desejos do eleitor eram-lhe muito sagrados, para que deixasse de conformar-se com eles. Fez, pois, seus preparativos de partida, sem saber para onde dirigiria seus passos. Quis, entretanto, reunir seus amigos pela últiina vez, e preparou-lhes, com este fim, uma refeição de despedida. Sentado com eles à mesa, desfrutava ainda a sua grata conversação e a sua terna e solícita amizade, quando lhe trouxeram uma carta... Vinha da córte. Abriu-a e leu-a; seu coração comprimiu-se: ela continha nova ordem de partir. O príncipe lhe perguntava "por que tardava tanto em ausentar-se?" Sua alma ficou submergida na maior tristeza . Não obstante, recobrou valor, e, levantando a cabeça, disse com firmeza e alegria, olhando para todos que o rodeavam: Pai e mãe me desampararam: mas o Senhor me recolherá. [5]+ Era preciso partir. Seus amigos estavam comovidos. Que será feito dele? Se- seu protetor o. repele, quem quererá recebe-lo? E o Eimngèlho, e a verdade, e aquela obra admirável... tudo vai •cair, sem dúvida, com a ilustre testemunha. A reforma parecia estar pendente de um fio, e no momento em que Lutero deixasse as muralhas de Witemberg não se rebentaria esse fio? Lutero e seus amigos falavam pouco.

Feridos do golpe que seu irmão recebia, seus olhos der-ramavam lágrimas .

Mas, alguns instantes depois, chegou outra mensagem. Lutero abriu a carta, não duvidando encontrar nela nova intimação. Porém, ó poderosa mão do Senhor! já está salvo repentinamente. Tudo mudou de aspecto. "Como o novo enviado do papa", espera que tudo poderá arranjar-se por meio de uma conferência, demorai-vos ainda". [6]° Quão importante foi aquela hora! e o que teria acontecido se Lutero, sempre desvelado em obedecer à vontade de seu príncipe, tivesse deixado Witemberg logo que recebeu sua primeira carta? Nunca Lutero e a obra da reforma

estiveram mais arriscados do que naquela ocasião. Pareciam já rotos os seus destinos; e um instante bastou para mudá-los. Chegado ao mais baixo grau de sua carreira, o doutor de Witemberg tornou ra-pidamente a subir, e, desde então sua influência cresceu sem cessar. Falando o Eterno, segundo a linguagem de um profeta, seus servos "sobem aos ceus ou descem aos abismos. [7]

Spalatin fez chamar Lutero a Lichtemberg, para ter uma entrevista com ele, segundo as ordens de Frederico. Nessa entrevista falaram largamente sobre o estado das coisas. Se chegarem as censuras de Roma", disse Lutero, "eu por certo não permanecerei em Witemberg". "Guardai-vos", respondeu Spalatin, "de precipitar a vossa viagem à

França..." [8]° Separou-se dele, dizendo-lhe que esperasse por seu aviso. "Só vos peço que encomendeis minha alma a Cristo", dizia Lutero a seus amigos. "Vejo que meus adversários se firmam na ideia de perderem-me; porém Cristo me firma ao mesmo tempo no propósito de não ceder. [9]

Lutero publicou então as Atas da Conferência de Augs-burgo. Spalatin lhe havia escrito, da parte do eleitor, que não o fizesse; porém já era tarde. Uma vez feita a publicação, o príncipe deu sua aprovação a ela. Grande Deus! dizia Lutero no prefácio, "que novo, que espan toso crime, o buscar a luz e a verdade! ... e principalmente na igreja, isto é, no reino da verdade!" [10]

"Eu te envio minhas Atas", escrevia a Link: elas são, sem dúvida, mais decisivas do que esperava o Sr. legado; porém minha pena está preparada para produzir muito maiores coisas.

Eu mesmo não sei de onde me vêm tais pensamentos. Em minha opinião, o assunto nem ainda está começado, e por conseguinte falta muito para que os grandes de Roma possam esperar seu fim. Mandar-te-ei o que tenho escrito, paraqkke vejas se tenho acertado crendo que o Anti4cristo, de qüe fala S. Paulo, 2 Thess. 2:3, 4, reina atualmente na côrte de Roma. Creio poder demonstrar que ele é hoje pior que os mesmos turcos.

De todas as partes chegavam sinistros avisos a Lu-tero. Um de seus amigos lhe escrevia que o novo en- viado de Roma tinha recebido ordem de apoderar-se dele e entregá-lo ao papa. Outro lhe referia que, estando de viagem, encontrou-se com um cortezão, e que conversando sobre os assuntos que preocupavam então a Alemanha, o tal cortezão declarou-lhe haver-se comprometido a en-tregar Lutero nas mãos do soberano pontífice. "Porém quanto mais aumenta sua violência e sua fúria", escrevia o reformador, "tanto'menos temo". [11]

Achavam-se em Roma mui descontentes de Cajetan. O desPeito por haverem saido mal no negócio descarregou-se logo sobre ele. Os cortezãos romanos julgaram-se autorizados para imputar-lhe à falta de prudência e sagacidade que, segundo eles,

deviam ser as primeiras qualidades de um legado, e o não haver sabido abrandar, numa ocasião tão importante, o rigor de sua teologia escolástica. O erro' é .todo seu, diziam. Seu tosco pedantismo deitou tudo-- a perder. Por que razão irritou Lutero com injúrias é ameaças, em lugar de atrai-lo com pomessas de um bom bispado, oiti mesmo de um capelo de cardeal? [12]+ Aqueles mercenários julgavam o reformador por si mesmos. =

Não obstante, era preciso reparar a falta. Por um lado, Roma devia pronunciar-se; e por outro, devia atender ao eleitor, que podia ser-lhe muito útil para a eleição de um imperador que brevemente se devia fazer. Como era impossível aos eclesiásticos romanos saberememque consistaaforçae o valor de Lutero,persuadiam-se de que o eleitorestava muito mais implicado no assunto do que realmente o era. O papa resolveu-se, pois, a seguir outro rumo. Fez publicar pelo seu- legado, na Alemanha, uma bula, confirmando a doutrina das indulgências, precisame.pte sobre os pontos impugnados, porém sem mencionar [13]• o eleitor nem Lutero. Como o reformador havia dito sempre que se submetera à decisão da igreja romana, o papa cuidou que devia, naquelas circunstâncias, ou manter sua palavra, ou mostrar-se abertamente perturbador da paz da igreja, e desprezador da santa sé apostólica.

Em qualquer dos casos, parecia dever ganhar o papa; porém não se ganha nada em opôr-se obstinadamente à verdade. Em vão o papa havia ameaçado com a excomunhão a todo o que ensinasse outra coisa que não fosse o que .ele ordenou; a luz não se detém com tais ordens. Houvera sido mais prudente morigerar com certas restrições os desígnios dos traficantes de indulgências. Esse decreto de Roma foi, por conseguinte, um novo erro. Legalizando erros insuportáveis, provocou todos os homens honestos, e tornou impossível a volta de Lutero ao seio da igreja romana. "Acreditou-se," diz um historiador católico, grande inimigo da reforma, "que aquela bula não foi publicada senão para o interesse do papa e dos mercenários procuradores, que começavam a ver que ninguém lhes 'querias dar nada por aquelas indulgências."

O cardeal De Vio publicou o decreto em Lintz, na Áustria, a 13 de dezembro de 1518; porém já Lutero havia-se posto fora do alcance de seus golpes. A 28 de novembro, na capela do Corpo de Cristo, em Witemberg, tinha apelado do papa para um concílio geral da igreja. Previa a tempestade que vinha a descarregar sobre ele; sabia que só Deus podia conjurá-la; porém o que a ele tocava fazer, fez.

Devia sem dúvida abandonar Witem-berg, ainda que não fosse senão por causa do eleitor, lo-go que chegassem ali as maldições romanas: contudo não queria separar-se de Saxônia e da Alemanha sem fazer um estrondoso protesto. Redigiu-o, pois; e, a fim de que estivesse pronto para ser clivulgddo no momento em que viessem contra ele os furores de Roma, como ele mesmo o disse, os fez imprimir, debaixo da expressa condição de que o livreiro lhe entregaria todos os exemplares.

Porém aquele homem cobiçoso de interesse, os vendeu quase todos, enquanto Lutero esperava tranqüiamente a entrega. Lutero incomodou-se; porém a coisa estava feita. Aquele atrevido protesto espalhou-se por toda parte. Lutero nele declarava de novo que não tinha intenção de dizer nada contra a santa igreja, nem contra a autoridade da sé apostólica e do papa bem aconselhado. "Porém," continuaele,"visto queopapa, queéovigário de Deusnaterra,pode,comotodo o homem, errar, pecar, mentir, e que a apelação a um concílio geral é o único meio de salvação contra as ações injustas ã quais é impossível resistir, eu me vejo obrigado a recorrer. a ela."

Eis, pois, a reforma colocada em um novo terreno. Já não é do papa, nem de suas resoluções, que ela depende agora; porém de um concílio universal. Lutero dirigiu-se a toda a igreja, e a voz que saiu da capela do Corpo de Cristo devia ser ouvida por todos 'os rebanhos do Senhor. Não faltava ânimo ao reformador; deu umanova provadisso. Faltar-lhe-á Deus?

NOTAS DE RODAPÉ

[1] * Lut. Ep., 1, p. 188.

[2] * Ibid., p. 189.

[3] * ut. Ep., 1, p. 190.

[4] * Lut. Ep., 1, p. 191.

[5] + Salmo 27:10, (26:10, Ria.).

[6] Salmo 108:25 e 26 (107, Fig.) .

[7] * Lut. Op., 15, p. 824.

[8] * Lut. Ep., 1, p. 195.

[9] + Ib., p. 193.

[10] * Ibid., p. 193.

[11] * Lut. Ep., 1, p. 191.

[12] * Serpi, Concílio de Trento, p. 8.

[13] * Maimburgo, p. 38.